

Romances da Távola Redonda



Chretien de Troyes

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Chrétien de Troyes
**Romances da
Távola Redonda**

Formatado por: Reliquia

Fonte: Digital Source



Sumário

Prefácio

Os romances arturianos ou romances bretões

A lenda de Artur

Os lais

A Távola Redonda

Vida e obra de Chrétien de Troyes

A arte do romancista e os problemas de tradução

O encantamento

Eric e Enide

Cliges ou a que fingiu de morta

Lancelot, o cavaleiro da charrete

Resumo da continuação segundo Geoffroy de Lagny

Ivain, o cavaleiro do leão

Apêndice

Quadro dos séculos

Alguns dos personagens principais

Alguns lugares

Bibliografia

Prefácio

Os romances arturianos ou romances bretões

Os quatro séculos que denominamos “Idade Média” viveram intensamente seus instintos, seus ideais, seus sonhos. Daí a guerra e todas as formas do tão apreciado combate. Daí as múltiplas criações da fé, a embriaguez da aventura e da façanha. Esses quatro séculos os celebraram de todos os modos: em canções épicas, em prodigiosos campanários e naves, em poemas e romances de aventuras amorosas e místicas.

Por toda parte ressoam apelos profundos. O sangue fala: o sangue da Redenção guardado no Santo Graal, aquele que derramam o cruzado e o infiel. E que dizer do sangue de Amor, que é também filtro de vinho perfumado que sela para sempre o pacto entre duas vidas? Sangue bom, que se embriaga com as histórias prodigiosas que inventa. Então a alma acorre ao encontro de si mesma e descobre os espaços de seus desejos.

Sangue bom, que não poderia mentir, nem mesmo – e sobretudo – em suas invenções mais fabulosas: ao ditar a nossos primeiros escritores os primeiros romances em versos. A lenda grega, “Roma a grande”, são os primeiros a fornecer assunto, cenários e personagens. Entre estes triunfa Alexandre; mas em breve o campo fechado da imitação antiga já não basta. As cavalgadas penetram em terras fantásticas, além de todas as fronteiras. Os ventos do norte encrespam o mar. Ilhas e florestas oferecem novos abrigos. Fontes demasiado quietas espreitam o aventureiro.

O sangue generoso é o mais forte. Então, sob novas figuras e nomes, surgem os deuses, os heróis e os gênios dos celtas. A imagem de Nossa Senhora abençoa o escudo do rei Artur. Com cruzes pintadas ou esculpidas cristianizam-se os menires. O eremita toma assento a mesa dos bardos. Pouco a pouco, com muita segurança, a mulher descobre e consolida seu reinado. Nas cortes da Aquitânia e da Inglaterra, a soberba Leonor dita os decretos de amor e comanda os preparativos da Távola Redonda.

É assim que nasce o romance cortês arturiano, também chamado romance bretão.

Discute-se se foram compostos romances arturianos “antigos” que teriam servido de modelos para os de Wace e Chrétien de Troyes. Nada autoriza a afirmá-lo (deve-se porém fazer uma ressalva, pois é sempre possível que alguns textos não tenham chegado até nós). Os quatro grandes romances “antigos” – Roman de Thèbes, Roman de Pirame et Tisbe, Roman de Troie, Roman d’Enéas – certamente influenciaram a composição dos primeiros “romances bretões”. Os personagens desses romances, as situações que apresentavam, puderam sugerir adaptações e aclimações bretãs. Também é preciso notar, com Edmond Faral, que “os romances do final do século XII diferem sensivelmente dos primeiros romances ‘antigos’, não apenas pela matéria mas também, em certa medida, pela forma. Mais ainda, examinando as coisas com atenção, vê-se que o romance cortês já recebeu das mãos de Chrétien de Troyes alterações de alguma consequência”. Pode-se mesmo considerar que elas são tão conseqüentes que proporcionam aos romances de Chrétien uma originalidade única.

Numerosos e diversos são os defensores da “tese céltica”. Afirmam eles que os romances cortesios provêm de lendas, relatos e poemas épicos muito antigos e de “lais” narrativos como os que compôs Marie de France. Trabalhando essa matéria de diferentes maneiras, a imaginação dos romancistas-poetas teria dado origem aos romances cortesios bretões. Certos eruditos celticistas, tais como W. Foerster, H. Zimmer, W. Golther, asseguram que a matéria bretã desses romances é essencialmente armoricana, isto é, que sua proveniência deve ser situada na Bretanha Menor continental. Outros, entre os quais G. Paris, J. Loth, F. Lot, consideram-nos oriundos

sobretudo da Grã-Bretanha insular (País de Gales e Cornualha).

Em 1929 foi publicado o magistral estudo de Edmond Faral L'origine de la legende arthurienne. O autor empenha-se em definir o papel fundamental do historiador fantástico Geoffroy de Monmouth. Antes de escrever uma célebre vie de Merlin (1148), Geoffroy publicou por volta de 1137 uma Histoire des rois de Bretagne. Para atender a diversas causas (basicamente políticas), Geoffroy cria nela o personagem do rei, soberano ideal, novo Alexandre cercado de vassalos heróicos, senhor de uma corte renomada entre todas pelo esplendor das festas, dos jogos cavaleirescos, pela beleza insuperável das mulheres; uma corte cujos cavaleiros vivem e aventuram-se com o único objetivo de merecer o amor.

Vendo na Histoire des rois d'Angleterre de Guillaume de Malmesbury e sobretudo na Histoire des rois de Bretagne de Geoffroy de Monmouth a fonte básica dos romances arturianos franceses, atribuindo assim apenas uma importância muito restrita à matéria bretã armoricana ou insular, a tese de Edmond Faral atrairia os ataques conjuntos dos defensores da “tese céltica” gaulesa e armoricana. Estes reconheciam tudo o que o romance arturiano deve à viva e cativante narração de Geoffroy de Monmouth; mas acreditavam – e ainda acreditam – haver razões fundamentais para se atribuir às tradições célticas e armoricanas o primeiro papel inspirador.

Seria preciso com isso negligenciar ou subestimar a influência do lirismo provençal inteiramente dedicado ao elogio da mulher, da “senhora”? Chrétien e os outros romancistas cortesões recorrerão amiúde a uma metafísica do amor originária da dos “provençais”.

Na obra anteriormente citada, Edmond Faral critica a legitimidade da distinção tradicional: romances antigos, romances bizantinos, romances bretões, romances de aventura. Considera que sua única consequência é lançar “uma luz muito ilusória sobre um gênero, o romance, que é perfeitamente uno e cujas obras pertencem todas ao mesmo estilo”.

A asserção parece estranha para quem acaba de ler o Roman de Thèbes., o Roman d'Enéas, Guillaume d'Angleterre ou Le chevalier au lion. Sem dúvida existe um espírito comum a todas essas obras, mas cada qual representa um universo particular. Parece-me que as distinções não são apenas cómodas para o historiador de literatura; também se fundamentam em características específicas.

A lenda de Artur

Em meados do século XII, a lenda de Artur foi transcrita em versos franceses por um trovador normando, Robert Wace, no Roman de Brut (isto é, Brutus). Pela mesma época, Élie de Boron e Rusticien de Pise redigiram a lenda em prosa.

O Roman de Brut narra, entre outros episódios, como o príncipe Artur nasceu de um príncipe da Armórica, Uterpendragon, que graças a um prodígio conseguira assumir a personalidade do rei da Cornualha Gorlois. A mãe de Artur tornou-se esposa desse rei de transformações. O jovem príncipe tinha como antepassados bretões os mais ilustres dos diversos ramos da raça. Bastaria isso para torná-lo o príncipe mais renomado? Parea que não, pois o romancista não hesita em fazê-lo descender também do pai dos romanos, o “piedoso Enéias”! Ele recorda as façanhas com que o príncipe se celebrou desde a mocidade, quando surge nos campos de batalha. Em breve a ilha da Bretanha já não lhe basta. Não descansa enquanto não subjuga a Irlanda; depois leva a luta à Dinamarca e à Noruega, logo conquistadas. Arrebata a França ao general romano governador de Paris. Até na Itália leva a vitória um imenso exército. Em caminho, ataca os grandes senhores do Mal. Extermina os gigantes e os monstros. Deve as vitórias às virtudes guerreiras de sua espada, que tem o nome de Excalibur (presente da

fadas da ilha de Avalon a seu protegido), e ao escudo ornado com uma imagem “feita à semelhança da Senhora Santa Maria”.

O príncipe feito rei reúne as cortes ordinárias em um ou outro de seus castelos preferidos e a corte plena em Carlion, no atual País de Gales. O trovador descreve longa e minuciosamente a celebração das grandes festas. Os mais ilustres e os mais valentes da Europa não deixam de vir prestar homenagem ao rei Artur, supremo monarca europeu:

“... Não havia um só escocês, um só bretão, francês, normando nem angevino, tampouco um flamengo, borgonhês ou loreno, nem um único cavaleiro do Oriente ou do Ocidente que não se considerasse obrigado a aparecer na corte de Artur. Quem procurava Glória e Renome para ela se dirigia com certeza, tanto para formar juízo sobre a cortesia de Artur como para admirar seus Estados, conhecer seus barões e receber ricos presentes. Os pobres amavam-no, os ricos honravam-no. Os reis estrangeiros o invejavam e temiam. Receavam que ele chegasse a conquistar o mundo inteiro e a arrebatá-lhes a coroa.”

O Roman de Brut descreve os ritos da corte plena. Narra como os visitantes que vieram prestar homenagem sentem-se honrados e jubilosos de conhecer o senescal mestre Kai, de Mans; Beduier o Angevino, escansão do mestre; Gawain, homem do Norte; e o rei dos bretões da Armórica, Hoel, primo e aliado de Artur Wace explica as razões que levaram o rei a criar a ordem da Távola Redonda, “da qual os bretões contam muita fábula”. Sentados ao redor dessa mesa nas ocasiões importantes da corte plena, “todos os cavaleiros eram iguais, independentemente de posição social ou título. Todos eram servidos à mesa da mesma maneira. Nenhum podia gabar-se de ocupar um lugar mais honroso que o vizinho. Dentre eles não havia primeiro nem último”.

As provações do rei tomam toda a última parte do Roman de Brut. Arthur vê-se traído por seu amado sobrinho Mordred. Arrebatam-lhe a esposa, a rainha Guinevere. Ele próprio é mortalmente ferido na batalha de Camelot. Mas a obra de Wace não se encerra com a lamentação dessa morte, e sim com a certeza de uma ressurreição: sob um outeiro sagrado da ilha de Avalon, velado pelas fadas, Artur dorme um sono que é apenas o prólogo de uma nova, heróica e maravilhosa história.

Precedendo de pouco o romance em prosa sobre o mesmo assunto, esse Roman de Brut em versos é a primeira obra literária composta em francês que apresenta o rei Artur, os personagens da corte, suas características, as situações, os principais acontecimentos da vida senhorial.

Evidentemente, é impossível que os elementos do Roman de Brut sejam unicamente da invenção do trovador normando. É verdade que ele não se refere explicitamente a alguma fonte; mas seus ouvintes e leitores eram pessoas bem informadas. Podiam perceber que a obra recitada era um eco de obras mais antigas; hoje temos prova disso. Essas obras antigas – armoricanas e galesas – atestam a altíssima antiguidade do personagem Artur e uma certa autenticidade de seu caráter heróico. Já na alta Idade Média Artur aparece como o defensor dos bretões, o mais famoso dos chefes guerreiros que comandaram a luta contra o invasor saxão.

Na compilação mais antiga de todas, a Historia Brittonum, de Nennius (século IX), o autor descreve as doze batalhas que Artur empreendeu vitoriosamente contra os saxões. Situa em 516 a vitória principal, do monte Badon. Os Annales Cambriae, que datam aproximadamente do ano mil, rememoram a batalha de Camelot (537), em que o chefe guerreiro encontra a morte. (Talvez ele comandasse uma cavalaria de mercenários, terror desses saxões vindos da bacia do Tâmis e que impeliavam suas tropas para o oeste da ilha.)

A literatura galesa mais antiga oferece-nos as primeiras grandes imagens épicas do herói. Elas surgem no Livre d’Aneurin, no Livre de Taliésin, no Livre noir de Carmarthen. De obra em obra e de século em século, essas imagens transformam-se e se enriquecem. Fica patente já na origem que a tradição épica, simultaneamente histórica e lendária, deriva de representações míticas. Tornando fabuloso, o herói descende de um pai que não o é menos: Uterpendragon (Uter-cabeça-de-dragão) é um personagem mitológico que se designa como “Rei das trevas, mistério velado, grande ordenador da guerra”. Por causa de suas façanhas é cognominado “Milagre da espada”. Ele dizima os exércitos. Arrasa os castelos. Seu escudo é o arco-íris. É celebrado com os

mesmos louvores que o sol. Mas a sorte do rei muda quando ele pretende conquistar regiões do Outro Mundo. No “Poème des dépouilles”, trigésimo poema do Livre de Taliésin, o bardo cambriano relata o desastre sofrido pelo rei e três grandes naus que partiram à conquista da ilha das Fadas, com o desígnio de se apoderar do “caldeirão maravilhoso” e libertar um prisioneiro eminente, o príncipe Gweir, condenado a cantar ininterruptamente até a hora do Juízo Final. Mas a expedição fracassa, fatalmente para a maior parte dos audaciosos. Outro poema bárdico afirma que o rei foi arrebatado para o céu, onde reina sob a forma da constelação da Ursa Maior, que em língua galesa é chamada “Carro de Artur”.

Assim, a lembrança sempre muito presente do Artur histórico, enaltecido pela imaginação heróica, logo deu origem ao Artur mitológico, que cinco a seis séculos depois iria inspirar os primeiros romances franceses.

Em um movimento inverso, por volta do século IX, a sabedoria bárdica iria humanizar a figura mitológica do rei Artur e mesmo substituir o Artur histórico por um Artur bárdico humano, bem humano, de quem os romancistas futuros deveriam conservar muitos traços. (Trata-se do mesmo movimento que, na mesma época, no primeiro romance galês arturiano, Culhwch et Olwen, humaniza e heroíza simultaneamente as figuras mitológicas dos Mabinogion.)

Os lais

Se foi imensa a participação britânica na elaboração da matéria da Bretanha, que tanto deve aos poemas bárdicos, às sagas e aos contos galeses, por outro lado é preciso valorizar a parcela dos bretões da Armórica, definida mais recentemente.

Celebrizados por Marie de France, que no século XII compõe com esse nome peças literárias perfeitas, os “lais” bretões foram primeiramente invenções de harpistas. As escolas armoricanas desses músicos-poetas eram famosas e rivalizavam com as de Gales e da Cornualha. Muitos harpistas da Armórica passaram para a Inglaterra com os senhores normandos que os mantinham e que, tão logo se estabeleciam além-Mancha, distribuíam-lhes generosamente todo tipo de bens. Sob muitos aspectos, os harpistas deram continuidade à obra poética dos bardos. Eram bilíngües; e os encontros que tiveram com os colegas galeses ou cômicos deram ocasião para muitas influências recíprocas.

Assim, histórias tradicionais, episódios fantásticos e misteriosos e sobretudo episódios de amor foram contados pelos harpistas em forma de lais formados de versos regulares e curtos. As grandes figuras da literatura arturiana aparecem neles apenas fugazmente e sempre em segundo plano. Os heróis dos lais são sobretudo Yweneç, Eliduc, Lanval.

Seja Marie de France, um de seus precursores literários ou harpistas bretões que iam de corte em corte, nunca o poeta narrador situa precisamente a ação de seus lais em determinada região celta ou normanda. Em vez disso, ela acontece no comum “reino dos lais”.

Os harpistas que recitavam esses poemas tanto em galês como em francês enriqueciam-nos com empréstimos e acréscimos de sua imaginação. Seu papel — já literário — torna-se mais importante quando, a fim de melhor atenderem às expectativas do auditório, relacionavam diferentes episódios, diferentes lais, para comporem a matéria do que seria um curto romance, também ele sujeito a todo tipo de ampliações e metamorfoses. Foi o que aconteceu com a história de Tristão, cujas versões mais antigas — de Béroul e da Folie Tristan de Berne — mostram claramente o que devem muito de perto aos lais que as inspiraram.

Dessa rica literatura dos lais, conservamos apenas as peças mais literárias. Tantos textos desapareceram totalmente que as considerações de história literária medieval devem usar de extrema prudência.

Basta pensar, como escreve Jean Marx, que “não conservamos uma só biblioteca real ou senhorial, nenhum catálogo de alguma dessas bibliotecas antes do século XIV... A enumeração dos cavaleiros da corte arturiana no Érec de Chrétien de Troyes, a cada um dos quais devia corresponder um ou vários lais, é uma indicação disso. E, finalmente, a relativa antiguidade das referências à lenda de Tristão entre os trovadores mostra que existia também daquele lado uma literatura bretã e arturiana, da qual o Jauffré é a única sobra. Embora pareça verdade que esses textos não constituíam longos romances, nem por isso deixou de haver perda total...”

São perdas desse gênero que nos impedem de precisar como um certo lai ou uma certa composição de vários lais pôde dar origem a certos episódios de um romance, fornecendo feição e caráter aos personagens, situando no mundo da magia suas aventuras de amor, expressão de um “*fatum amoroso*” sempre soberano: “... Assim, de nós. Nem vós sem mim nem eu sem vós...”

É pela graça perpétua desse mundo feérico que gostaríamos de encontrar os lais de Ivain ou de Sagremor, os de Mordred “que nunca deveria ter nascido”, ou talvez do Rei-Pescador, da Senhora de Malehaut, de Gawain filho do rei e da rainha da Orcânia. Mas dispomos de bastantes elementos seguros para confirmar que, através dos poemas narrativos dos lais, os bretões da Armórica desempenharam um papel de primordial importância na criação e na difusão da literatura cortês arturiana.

A Távola Redonda

A maior parte das façanhas dos cavaleiros de Artur tem como ponto de partida sua reunião ritual ao redor de uma Mesa dos Festins, logo representada como uma Mesa Maravilhosa: a Távola Redonda. É dela que, pela honra, parte-se para a aventura heróica. A ela o cavaleiro aventureiro retorna para tomar assento e reve seus pares. No ciclo da Demanda do Graal, é apresentada como um trabalho de Merlin, o Mágico. Em várias obras, os poetas bárdicos mostram o rei e seus cavaleiros à mesa. Não dizem uma palavra sobre sua forma específica. Wace, o Normando relata, em seu Roman de Brut, que ela foi talhada e construída por ordem de Artur para seus barões familiares. Mas ele também nada diz quanto à forma. Entretanto, menciona em dois versos que “os bretões dizem muita fábula” a respeito dessa “redonda tábola”.

Considerando-se as obras contemporâneas ou posteriores, constata-se toda uma elaboração da famosa mesa (elaboração amiúde bem misteriosa e desconcertante).

Desta vez, não há debates. Nenhuma outra obra apresenta coisa alguma que se assemelhe a essa “redonda tábola”: nem os mais antigos poemas galeses, as tríades, os contos, e tampouco os lais armoricanos.

Na origem da Távola arturiana há certamente várias tradições célticas. A mais geral é a da “Mesa dos Festins”. Em determinadas regiões e em determinadas ocasiões, essa mesa podia justamente ter forma redonda, a acreditar-se no testemunho de um viajante grego, Posidonios, que, por volta de 50 a.C, visitou a Gália (mas não a Bretanha insular). O Layamon e o Festin de Bricriu, contos épicos irlandeses, relatam um episódio de disputa de precedências. Nesse Festin, o rei Conchobar toma assento em uma mesa solene e misteriosa (mas não “mesa redonda”), cercado de doze pares. Teriam os romancistas do século XIII conhecido esses contos épicos irlandeses? Através de todo um jogo de tradições, isso nada tem de impossível. Os caminhos indiretos são amiúde os mais seguros.

Relacionar com mitos solares a invenção da Távola Redonda não é ceder a especulações extravagantes. Sabe-se o papel que os símbolos solares desempenham na arte decorativa irlandesa. (A “Cruz céltica” não é a imposição de uma cruz sobre um círculo?) Assim Artur, em sua origem um mítico herói solar, poderia ser muito justamente considerado inventor da muito solar Távola Redonda.

Dessa mesa os convivas guerreiros lançavam-se aos jogos de combate. Assim aconteceu que para os convivas cavaleiros o termo “távola redonda” designasse no século XII um torneio de grande festividade.

No ciclo arturiano, a Távola das aventuras será dotada, mais tarde, de um poder moral que Robert de Boron menciona em seu Merlin. Os cavaleiros que nela tomam lugar vêem-se imediatamente unidos, desde a primeira refeição em comum, por tão grande afeição que jamais desejaram separar-se. A partir daí, amam-se “como um filho deve amar o pai”. Sentar-se a Távola Redonda para participar de seus benefícios expressa então o ideal da cavalaria.

No Tristan de Béroul lêem-se dois versos que talvez digam tudo sobre a Távola Redonda:

Ja verroiz Ia Table Ronde
Qui tournoie comme le monde^[1]

Tal representação é confirmada por um comentário do século XIII: essa mesa “significa a redondez do mundo e a circunstancia e os elementos do firmamento”. Interpretação evidentemente platônica, que, não deve causar surpresa quando se conhece o prestígio do Timeu no século XII e a quantidade de comentários que esse diálogo suscitou. Nele Platão afirma que o mundo é “esférico e circular”. Deus o fez segundo essa forma, “sendo as distâncias em toda parte iguais desde o centro até as extremidades. De todas as figuras, é a mais perfeita e a mais constantemente igual a si mesma... Quanto à alma, tendo-a colocado no centro do corpo do mundo, estendeu-a através do corpo todo e mesmo além dele, e com ela envolveu o corpo. Formou assim um céu circular, céu único, solitário, capaz, por sua virtude própria, de permanecer em si mesmo, sem necessitar de nada mais, porém conhecendo-se e amando, a si mesmo suficientemente”.

Pouco a pouco a mesa-de-nenhuma-precedência foi considerada a Mesa perfeita, Mesa a imagem do mundo e do céu perfeito. Colocado no centro do corpo da Mesa, o vaso místico do Graal é como sua alma irradiante. Chegara um tempo da “Demanda” em que os aventureiros, os heróis da proeza, não mais terão lugar nela. Apenas serão admitidos à Mesa mística os muito puros, os Parsifal, os Galaad.

A passagem extraída do Timeu, que os romancistas do século XIII devem ter conhecido muito bem, sugere também que a Mesa convoca ao seu redor a reunião fraternal e mística de uma elite vinda de todos os pontos do universo cristão e pagão.

Essa “mesa que gira” é também uma mesa que fala. Mesa dos encantamentos, estaria em comunicação com uma Mesa do outro mundo. Não é feita da “pedra que clama”, da pedra que fala? (Mais uma tradição céltica. Pensa-se na “pedra do destino” irlandesa, que gritava quando tocada pelo guerreiro que devia ser rei de Irlanda.) Cabe a essa “mesa falante” designar o herói, o único digno de sentar na cadeira proibida e, mais tarde, de proclamar o fim dos encantamentos.

A Mesa do Graal é a mesma que a Távola Redonda? Sem dúvida relações constantes as unem e ambas também à Mesa da Ceia. O século XIII foi obsedado pelo mistério da Trindade. As relações místicas que se estabeleceram pouco a pouco (e cada vez mais explicitamente) entre as três mesas podem ser consideradas como uma expressão dessa obsessão.

Vida e obra de Chrétien de Troyes

Como acontece com a maioria dos escritores da Idade Média, sabemos muito pouco sobre a vida de

Chrétien, admirável mestre-de-obra e criador da epopéia cortês francesa. Em torno de alguns dados confirmados, estamos reduzidos a solicitar os textos e a conjecturar sobre muitos pontos dela.

Chrétien é da região de Champagne, provavelmente nascido em Troyes por volta de 1135. Escreveu sete romances, seis dos quais referem-se à lenda arturiana: Érec et Enide, Cligès ou la fausse morte, Lancelot le chevalier à la charrette, Yvain le chevalier au lion compõem o ciclo amoroso de Chrétien. Perceval trata da aventura mística. Tanto Le chevalier à la charrette como Perceval são inacabados. O romance Guillaume d'Angleterre, inspirado na lenda de santo Eustáquio, é a mais valorosa e mais bem-sucedida precursora das obras de juventude. Poderíamos consolar-nos das perdas inevitáveis se fossem apenas imitações de Ovídio. Mas até hoje ninguém conseguiu encontrar o primeiro Tristan da literatura francesa, que no entanto é indiscutivelmente obra de Chrétien e, sem dúvida, a que lhe era mais cara...

O certo é que Chrétien de Troyes colocou-se sucessivamente sob dois patronatos: a corte de Champagne e depois a corte de Flandres. O esplendor inigualável da rainha Leonor da Aquitânia, sua atração, sua soberania sobre as letras levam a pensar que Chrétien foi primeiramente tentado por esse patronato tão disputado. Porém as circunstâncias políticas, mais uma certa desconfiança de Leonor “a provençal” com relação a um homem do Norte, certamente se prestaram mal à empresa.

O que não pudera conseguir da proteção de Leonor, Chrétien de Troyes deveria obter mais naturalmente, por volta de 1162, de Henrique I de Champagne, que dois anos depois se tornaria esposo de Marie, uma das duas filhas de Leonor. Assim governada, a corte de Champagne apegava-se às suas prerrogativas literárias. Marie podia intuir que Chrétien seria um elemento ilustre. Por volta de 1165 ela propôs o perigoso tema de Lancelot le chevalier à la charrette, romance que aliás ele não terminaria, confiando a conclusão a um conterrâneo de talento muito menor, Geoffroy de Lagny.

Em março de 1181, seu protetor de Champagne morreu. Como Marie de Champagne abandonou a cortesia pela devoção, Chrétien de Troyes transferiu sua homenagem para a corte mais opulenta e mais insigne pelas tradições de protetora das artes: a corte de Flandres, onde reinava o conde Filipe da Alsácia. Não há o que admirar nessa escolha de Chrétien: as relações políticas, mercantis e literárias entre Champagne e Flandres eram assíduas.

Esse novo patronato corresponde a uma nova orientação espiritual e literária na obra de Chrétien. Pode-se perceber nela a influência de Filipe da Alsácia. Este ofereceu ao romancista uma obra da qual deveria nascer o romance místico Perceval. Se também esse romance permaneceu inacabado, foi devido à morte do romancista, que aconteceu antes da partida de seu protetor para uma cruzada da qual não deveria retornar. Assim, pode-se considerar que Chrétien de Troyes encontrou seu fim em terras de Flandres, antes de 1190.

São esses os elementos certos ou muito prováveis da biografia do romancista. O que foi dito a mais não passa de conjectura ou efeito da imaginação: foi Chrétien clérigo? É bem possível. Foi arauto d'armas? O grande erudito Gaston Paris assim supõe, com base em uma passagem do Chevalier à la charrette. Se é certo que o romancista foi, durante algum tempo, familiar da corte de Champagne, nada autoriza a afirmar que mais tarde também o tenha sido da corte de Flandres. Teria ele residido na Inglaterra? Acredita-se perceber isso através de seus conhecimentos geográficos e dos detalhes que fornece sobre várias cidades inglesas (mas tais detalhes poderiam bem ser de segunda mão).

Existiam relações assíduas entre as cortes de Champagne e da Bretanha. Seria muito bom saber com certeza se o autor de Érec e de Yvain viajou para a Bretanha e residiu algum tempo em Nantes, capital do ducado soberano. Não é na catedral de Nantes que o rei Artur coroa Eric e Enide? Não teria Chrétien vindo a essa cidade em 1158, quando nessa mesma catedral foi coroado Godofredo, irmão de Henrique II Plantageneta? Não teria se inspirado nas festas dessa ocasião para narrar, um pouco mais tarde, os fastos da coroação dos jovens heróis? Durante essa estadia, não teria Chrétien tomado contato vivo com a “matéria da Bretanha”? Não teria frequentado ali os famosos harpistas galeses e bretões da Armórica, que inevitavelmente participaram dessa.

festas? Teria assim ouvido na própria Bretanha suas rapsódias de lais e outros poemas. Os eruditos como Ph. Aug. Becker e St. Hofer (*Zeitschrift für romanische Philologie*, 1928) consideram como certa a visita de Chrétien a Nantes. Becker chega a pensar que ele teria permanecido por tempo suficiente para lá compor *Érec* e *Énide*. Isso é apenas hipótese.

Vários medievalistas muito justamente conceituados estão de acordo quanto à realidade e à importância dessa estadia de Chrétien na capital bretã. Entre seus melhores argumentos figuram argumentos de topografia comparada.

A arte do romancista e os problemas de tradução

Creio que não se pode captar em sua essência a arte inventiva e expressiva de Chrétien sem ter sempre em mente que o costume da época era ler os romances, arturianos e outros, diante de auditórios. A partir disso, tudo se explica: narração e poesia. A partir disso compreende-se a razão dos reforços e das repetições (que não são apenas procedimentos retóricos), a razão de uma certa prolixidade e também de certos silêncios; o papel dos diálogos que dão vida à leitura introduzindo cenas representadas; o porquê de tantos detalhes descritivos. O leitor deve obter ininterruptamente a adesão, a cumplicidade de quem escuta; deve fazer o ouvido ver, a mente e o coração participarem juntos. Para a arte do romancista-leitor, o essencial é utilizar e dominar a diversidade. Composição para o ouvido, diversidade e unidade: é a mesma regra que hoje vale para o autor de obras radiofônicas.

Aconteceu assim que os primeiros romances franceses foram o que se pode chamar de “romances contados” ou “romances falados”. Tendo sempre em mente essa característica é que realizamos a tradução das quatro obras aqui apresentadas (duas delas adotando uma seleção de episódios, as outras duas integralmente).

Em Chrétien, magnífico operário das letras, a narração atraía naturalmente esse metro privilegiado, o octossílabo. Repleto de recursos orais para o “recitador”, ele é graça variada, movimento natural, canto discreto ou insistente, sempre cúmplice da memória. Nunca pesa na expressão do essencial nem nas invenções do ornamento. Familiar, didático ou dramático, o diálogo adota com desembaraço essa forma que pode ser tanto razão como poesia.

Todos os tradutores sabem que nenhuma prosa, por mais fiel e hábil que seja, jamais se aproximará da forma ao mesmo tempo poética e romanesca de Chrétien de Troyes.

Mal é possível ousar “traduzir”:

Cerf chassé qui de soif alainne
ne désire tant la Fontaine
n'éperviers ne vient à reclain
si volontiers, quand il a faim
que plus volontiers ne venissent
A ce que nu entretenissent...^[2]

E a perfeição deste diálogo desarma:

En ce vouloir m'a mon coeur mis
– Et qui le coeur, beau doux ami?
Dame, mes yeux – Et les yeux qui? –
La grand beauté qu'en vous je vis¹³¹

Sem dúvida o tradutor, apelando para os recursos da prosa ritmada, pode tentar transcrever com bastante fidelidade o canto do diálogo (do “duo”, seria melhor dizer). Mas já constitui uma traição inevitável transcrever em prosa esta impressão tão delicada e tão sabiamente sugerida:

Et la nuiz et li bois li font
Grand ennui, et plus li ennui
Que li bois ne la nuiz la pluie...¹⁴¹

Todos os tradutores de nossos primeiros romances (que eram também poemas) sempre estiveram dolorosamente conscientes da mutilação que o abandono da forma poética octossilábica inevitavelmente representa. Obviamente, porém, a prosa é preferível a qualquer outra transcrição em qualquer outro metro (foram tentado alguns detestáveis no século XIX).

O muito bom e muito erudito mestre que foi Gustave Cohen realizou obras-primas de tradução em octossílabos. Trata-se apenas de fragmentos ou de episódios. Sem dúvida é permitido sonhar com obras integrais, em papel-bíblia, traduzidas com um senso igualmente prodigioso. Mas nossos hábitos de leitura seriam obstáculo para os efeitos desse mesmo prodígio (sobretudo porque lemos essas obras, ou então as lemos para nós mesmos, e não mais as ouvimos da boca de um intérprete). Nada poderia evitar uma certa sensação de monotonia. Assim, é preciso sacrificar o instrumento – perfeito porém – da versificação original e entregar-se a prosa. Neste caso, não será de fato o mais importante encontrar o equivalente natural mais próximo da originalidade?

Sabe-se também que toda língua (ou todo estágio histórico de uma língua) é diretamente informada por uma determinada visão do mundo, por uma determinada concepção das relações entre os homens e entre as coisas. Por causa disso, uma situação comum expressa em duas línguas (ou mesmo em dois estágios de uma mesma língua) não pode ser transcrita simplesmente de forma autêntica. Quando um escritor do século XIII fala de “pôr a mesa”, é indiscutível que ao usar tal expressão está caracterizando situações concretas com traços diferentes das que empregará o escritor do século XX. O mesmo ocorre com situações psicológicas e morais. Falar uma língua, escrever nessa língua é necessariamente ver o mundo de determinada maneira. Cada palavra, cada expressão representa uma idéia do mundo. É o que torna cada língua um tesouro absolutamente único. Toda vez que uma língua é atacada em sua existência, toda vez que uma língua se empobrece, se degrada e morre, é uma insubstituível concepção do mundo que desaparece.

Quanto ao grupo das línguas célticas, é indiscutível que a extinção do cornoico (língua da Cornualha insular) e do manquês (língua da ilha de Man) representaram uma perda grave. A resistência popular e erudita do bretão armoricano, do gaélico da Escócia, a conservação do galês, a restauração do gaélico da Irlanda são e serão testemunhos de uma vida do universo comum a todas as nações célticas soberanas ou que o foram. Retornando, ao problema da tradução, convém acrescentar que toda língua comporta um determinado número de unidades lingüísticas básicas (fonemas, monemas, características de sintaxe). Mesmo nos casos mais felizes (entre os quais o caso presente, em que se trata de dois estágios de uma mesma língua), muito falta para que essas unidades básicas sejam comensuráveis. Daí os desvios, a invenção das necessárias aproximações e o fato de tal operação obter um sucesso sempre relativo e de qualidade variável.

Ao empreender esta obra pensei primeiro em transcrever em sua forma original algumas passagens que me “convidavam” expressamente a tratá-las assim. (Em certas páginas o tradutor sente esse convite de forma muito insistente, muito tentadora e reconfortante: esse procedimento permitiria mesmo ocasionalmente o contato mais autêntico possível com a obra.) Por fim desisti, em benefício da unidade de tradução, sempre essencial; mas o canto do octossílabo continua audível – assim espero – em cada uma dessas passagens privilegiadas.

O encantamento

Os romances arturianos de Chrétien de Troyes representam um momento da tentativa cuja história é toda a história do homem. Acima das instituições, acima de todas as razões e de todas as loucuras, trata-se de conjurar os efeitos de um pecado original, de uma separação e de todas suas conseqüências mortais. Trata-se de concretizar a Idade de Ouro, a era gloriosa em que o homem estará reconciliado com Deus, com o mundo, consigo mesmo. A voz de Virgílio está muito próxima tanto do escritor medieval como do homem de todos os tempos:

É hoje que nasce o grande orbe dos séculos
Um novo universo desce do alto dos céus...

Cabe à corte de Artur prefigurar a ordem dos belos tempos por vir. Preside-a um soberano, encarnação da Potência que um dia reunirá as nações como ele soube reunir, ao redor da Távola Redonda, os cavaleiros transformados em barões seus. A lembrança de Alexandre e mais ainda a de Carlos Magno, imperador do Ocidente, obsedam as mentes. Os dois imperadores recuperam vida e missão na pessoa do rei Artur. É indiscutível que esses romances de amor e de façanhas expressam uma intenção política e, ainda mais, a nostalgia metafísica da Unidade recuperada.

Atualmente lêem-se esses romances para encantamento e recreio da imaginação maravilhada. E, ao lermos uma determinada passagem, ao vivermos um certo episódio de uma aventura, acontece de nos sentirmos tomados por um sentimento muito estranho: no âmago dessa passagem, dessa aventura, acreditamos captar confusamente o eco de algo verdadeiramente misterioso, o eco de um ensinamento secreto. Ele manifesta o pensamento das origens, das idades célticas longínquas. Não estamos menosprezando Chrétien quando supomos que ele não podia ser sensível ao pensamento que sustentava as obras galesas e armoricanas em que se inspirou, entretanto, de tal pensamento subsistiu esse eco que perturba e inquieta nas obras francesas do romancista.

A maior maravilha é a generosidade desses romances que se entregam intimamente para serem partilhados. Não é o bastante dizer que eles nos fazem penetrar no mundo perigoso da busca do júbilo. Eles nos multiplicam, arrastam-nos para o mundo das metamorfoses, como era celebrado pelo bardo Taliesin em seu canto: “Fui uma torrente na encosta. Fui um salgueiro, um javali. Fui um brado na batalha. Fui uma onda quebrando na imensa praia...” Também nós entramos no ciclo das metamorfoses. Podemos dizer: Fui Eric que por pouco não mergulhou no olvido da valentia. Fui Ivain, fui Lancelot que partiu para libertar a rainha. Fui Cliges e Soredamor...

No decurso de tantas vidas adquirimos mais vida. É esse o Encantamento com que nos arrebatamos a voz de ouro.

Jean-Pierre Foucher

Nota à tradução francesa

Estas traduções para o francês moderno baseiam-se no texto estabelecido por Wendelin Foerster (Christian von Troyes: *Sämtliche erhaltene Werke*, Halle, Niemeyer, 4 volumes, 1884-1898).

Naturalmente, levei em consideração o que podiam fornecer-me os textos de Chrétien de Troyes publicados na coleção “Classiques français du Moyen Age” (Champion, 1952-1960).

Eric e Enide

O poeta-romancista de Troyes vangloriou-se de que os séculos conservariam a lembrança de seu romance Erec et Enide “enquanto perdurasse a Cristandade”. Antes de o compor ele cometera diversas imitações de Ovídio, entre os quais Philomena, que se conservou. Havia escrito Guillaume d’Angleterre, que possuímos, e provavelmente um Tristan, cujo manuscrito lamentamos ainda não haver conseguido encontrar.

Erec et Enide é para nós uma obra especialmente valiosa e cara, porque representa o primeiro romance do ciclo arturiano e bretão, literatura que brilhará em toda a Europa durante vários séculos. Não tardarão a surgir versões desses romances em todas as línguas meridionais, germânicas, escandinavas; e o próprio Oriente trabalhará sobre os temas dos romances arturianos.

Na literatura francesa, Erec et Enide é a primeira grande obra pessoal, confirmada e reivindicada como tal por seu autor. Por alguns versos, este faz questão de se definir como um escritor erudito em sua arte e nada tendo em comum com os jograis que vivem do penoso ofício de contar histórias. A vaidade que transparece em tais afirmações poderia dar uma imagem pouco simpática de Chrétien. Convém lembrar porém que, vangloriando-se assim, o autor estava apenas adotando um costume herdado da Antiguidade. Estava pagando na mesma moeda aos jograis e outros rapsodos que não perdiam oportunidade de zombar dos “escritores” incapazes de seduzir oralmente um auditório.

Este primeiro romance arturiano foi escrito entre 1160 e 1164. Assim como os romances posteriores que compõem o ciclo, também nele Chrétien não inventou a matéria: tomou-a de empréstimo ao “fundo bretão”, britânico e armoricano. No preâmbulo, vangloria-se de trabalhar de acordo com as regras de uma arte sincera que lhe proíbe “despedaçar e corromper” um conto original, como costumam fazer os jograis tanto bretões como franceses.

Acontece portanto com Erec o que acontecerá com Cligès, Yvain e Lancelot: o romance de Chrétien é baseado em um conto galês e em alguns lais dos bretões da Armórica. Aquém dessa inspiração próxima, é preciso remontar à tradição heróica dos celtas, aos eruditos de Câmbrria e da Cornualha.

Assim, é certo que na origem longínqua da obra em questão está a epopéia de Ghereint, chefe do exército galês, inimigo dos saxões, amigo dos santos, designado como companheiro de Artur no poema do bardo Llywarch-Hen (século VI): “Canto de morte de Ghereint, filho de Erbin”. Os poetas bardicos dão-lhe por mulher Enit, filha de Enioul, conde da Cornualha, que louvam como uma das três mais belas mulheres da corte de Artur.

Se Ghereint tornou-se Guerec e depois Erec e o rei Erbin tornou-se o rei Lac, a culpa está na invenção dos bretões. Chrétien faz com que Erec diga:

Erec filho de Lac tenho nome

Assim me chamam os bretões.

Pode-se lembrar aqui que Erec foi o nome de um chefe de guerra vêneta da alta Idade Média (aliás, a região de Vannes chama-se em bretão “Bro-Erech”, “país de Erec”). Quanto ao nome de Enide, sem recorrer a hipóteses temerárias pode-se observar que ele apresenta parentesco com o nome bretão da cidade de Vannes. Gwened, “a branca”.

Cerca de seis séculos depois, a epopéia de Ghereint, filho de Erbin, irá inspirar uma “história” ou um

“conto de Ghereint filho de Erbin”. À maneira galesa, simplesmente, claramente, sem utilizar artifícios, esse conto relata uma seqüência de aventuras heróicas e fabulosas das quais Chrétien, tratando-as a sua maneira francesa, fará o “romance de Eric e Enide”. Uma tese recente mas muito hipotética supõe que o romance galês e o romance francês, aproximadamente contemporâneos, representariam duas adaptações de um conto anterior cujo texto desapareceu.

Basta ler os inícios do conto galês e do romance de Chrétien para avaliar o que separa as duas obras, tanto em conseqüência de alterações materiais como de uma concepção francesa e cortês.

O conto galês começa sem preâmbulo:

“Artur tinha costume de reunir sua corte em Carlion-sobre-o-Osk. Ali a reuniu sete vezes na Páscoa e cinco vezes no Natal, e mesmo ás vezes em Pentecostes, pois em seu reino Carlion era a cidade mais acessível por terra e por mar...”

Chrétien, por sua vez, compõe primeiramente um prólogo moral, descritivo de sua intenção; depois escreve muito livremente:

“No dia de Páscoa, no tempo novo, o rei Artur reuniu a corte em seu castelo de Cardigan. Homem jamais vira corte tão rica...”

Outro exemplo é o episódio do encontro entre o “anão desleal” e a aia da rainha Guinevere: o anão va direto à aia e atinge-a em pleno rosto com uma chicotada brutal, tão violentamente que o sangue jorra. O anão de Chrétien, por sua vez, dirige-se à jovem para lhe ordenar que não vá adiante. Depois o narrador explica por que o anão se rala de despeito. Embora o mostre tentando atingir a aia no rosto, esta sabe como se proteger e o anão só consegue ferir a mão nua.

No episódio inicial da caça ao Cervo Branco, o conto galês especifica que o prêmio do vencedor é a cabeça ensangüentada do animal: “... Que o caçador que correr o cervo lhe corte a cabeça e dela faça dom à sua senhora ou à senhora do amigo.”

No romance de Chrétien, o prêmio é um beijo dado pelo rei à mais bela da corte: Artur concederá esse favor a Enide, para manter o costume estabelecido pelo rei seu pai.

Mais tarde, quando Eric bruscamente decide deixar a vida ociosa e sensual que leva junto de sua jovem esposa, o narrador galês só vê nisso uma questão de ciúme: Eric, ciumento, teria como único objetivo subtrair Enide ao assédio de um rival. Conhecemos – ou conheceremos – o motivo cavaleiresco que Chrétien inventa, dando assim um sentido totalmente diverso a essa partida e às aventuras que se seguem.

O conto galês termina com uma lacônica menção: “Ele retornou aos seus Estados e daí em diante viveu feliz.”

A maneira de Chrétien é bem diferente: o retorno de Eric dá-lhe oportunidade para um fina grandioso. Eric sucede a seu pai no trono da Armórica. O próprio Artur vem a Nantes para presidir às cerimônias de sagração. O bispo coroa Eric. O rei Artur entrega-lhe o cetro.

Já nesse primeiro romance arturiano Chrétien se revela como um mestre da narrativa. Sem dúvida o caracteres dos personagens são ainda bastante esquemáticos. Eric é o perfeito herói cavaleiro e Enide a esposa perfeita. Mas a glorificação da aventura importa mais que a análise psicológica – que aliás tem seu quinhão –; e pode-se dizer que há um permanente debate em torno do problema apresentado por esse romance de tese que em nenhum momento deixa de ser um conto que glorifica a aventura. Chrétien sabe, de acordo com a necessidade, descrever ou evocar as situações, os locais, os usos, as pessoas e as coisas.

A obra parece inventar a si mesma. Daí deriva o atrativo especial de Erec et Enide (isso acontece amiúde com as obras iniciais, menos sensivelmente governadas pela segurança de uma arte perfeitamente consciente de seus recursos).

Amor e casamento devem ceder diante de aventura. Assim o quer a ordem de destinação.

Adotando a linguagem musical, pode-se afirmar que cada um desses romances representa uma rapsódia livremente composta de acordo com regras flexíveis que o romancista se impõe, pois é ele o inventor do gênero. Ora, é indiscutível que, como escrevia Albert Béguin, “há muito a fazer para que as obras poéticas da Idade Média voltem a ser obras de leitura fácil e agradável...” Nesse espírito de introdução a textos antigos, tentei conservar apenas os momentos, os motivos fundamentais das “rapsódias” Érec e Cligès, ligando os episódios principais com algumas linhas que reconstituem o fio dessas histórias encantadas.

No dia de Páscoa, no novo tempo, o rei Artur reuniu a corte em seu castelo de Cardigan. Homem jamais vira corte tão rica, com tantos bons cavaleiros, ousados, corajosos e altaneiros, tantas nobres damas e damizelas filhas de reis. Antes de despedir a assembléia, o rei anunciou que queria caçar o Cervo Branco, para reviver o costume. Isso não agradou a sire Gawain. Assim que ouviu as palavras do rei, disse:

– Sire, de tal caça ninguém vos agradecerá nem dará graça. Sabemos todos que quem mata o Cervo Branco tem direito de dar um beijo na mais bela jovem de vossa corte. Respeitar esse uso pode dar azo a grande confusão, pois há bem aqui quinhentas damizelas de alta linhagem, todas filhas de reis, belas e recatadas. Cada uma tem por amigo um cavaleiro. Ele pretenderá, com ou sem razão, que sua amiga é a mais bela e a mais gentil.

– Bem o sei – respondeu o rei. – Mas nada do que disse mudarei. Palavra de rei não deve ser contestada. Amanhã cedo partiremos todos caçar o Cervo Branco na floresta aventureira. Essa caça será mui maravilhosa.

No dia seguinte, logo ao alvorecer, o rei levanta. Veste uma cota curta para ir à floresta. Manda acordarem os cavaleiros, aprestarem os cavalos de caça. Tomam das armas e das flechas. Afastam-se rumo à floresta.

Atrás da tropa de cavaleiros vinha a rainha, em companhia de uma dama de honra que montava um palafrém branco. Seguia-as um cavaleiro chamado Eric. Era da Távola Redonda e tinha grande renome na corte. Nela nunca alguém foi tão louvado. Em terra nenhuma seria possível encontrar mais belo cavaleiro, mais bravo e amável. Não tinha vinte e cinco anos e jamais homem de sua idade foi de tão grande coragem. Que direi de suas qualidades? Airoso sobre seu corcel, vestia manto de arminho, cota nobre de seda jaspeada de Constantinopla, perneiras de seda brocadas. Ereto sobre os estribos, portava espada de ouro. Não trouxera outra arma além da espada.

O jovem cavaleiro picou de esporas na curva do caminho e veio ter com a rainha.

– Senhora – disse ele –, se vos apraz cavalgarei ao vosso lado neste caminho. Vim apenas para estar junto de vós.

A rainha agradeceu:

– Caro amigo, saibei que aprecio muito vossa companhia. Melhor não posso ter.

Então eles cavalgam a bom passo e na floresta entram direto. Os que estavam na frente já haviam levantado o cervo. Uns tocavam trompa, outros gritavam. Os cães corriam, saltavam, latiam, investiam contra o cervo. Os arqueiros arremessavam de longe espessas chuvas de flechas. Correndo a frente de todos eles, o rei presidia a caça, montado em um cavalo espanhol.

No bosque, a rainha Guinevere escutava os cachorros, tendo ao lado sua aia e o cavaleiro Eric. Os que haviam levantado o cervo logo ficaram tão afastados que nada mais se ouvia, nem

trompa nem cão nem relincho.

Entretanto os três aguçavam os ouvidos. Para tentar surpreender algum ruído de palavras, algum latido longínquo, ganharam uma clareira e ali permaneceram um momento. Viram então aproximar-se um cavaleiro armado, escudo ao peito, lança em punho. A sua direita cavalgava uma jovem de belo aspecto e diante deles, em um grande rocim, vinha um anão trazendo na mão um chicote com nós. A rainha, que os avistara de longe, estava curiosa de saber quem eram o cavaleiro e a jovem. Pede à aia:

– Damizela, ide dizer àquele cavaleiro que venha até mim e traga a jovem.

A aia vai diretamente até eles. Mas o anão com o chicote vem ao seu encontro. Grita-lhe:

– Damizela, que procurais aqui? Não tendes por que ir adiante!

– Anão – diz ela –, deixai-me passar! Quero falar a esse cavaleiro! É a rainha que me envia.

Mas o anão se atravessa no caminho. E grita novamente:

– Para trás! Para trás! Não tendes o que fazer aqui! Não tendes o que dizer a tão grande cavaleiro!

A aia sente grande desprezo por um ser tão pequeno que ousa lhe falar assim. Avança, tencionando passar à força. Mas o anão ergue o chicote para lhe bater no rosto. Ela se protege com o braço. O anão lhe açoita a mão nua; açoita também a outra mão, que fica toda vermelha. Quando a aia vê que não há recurso, recua e vai embora. Com o rosto banhado em lágrimas, volta para a rainha. Esta diz então:

– Eric, caro amigo, estou agastada por esse anão ter ferido minha aia. O cavaleiro é um mau homem permitindo que tal canalha batesse em tão bela criatura. Eric, ide até o cavaleiro e dizei-lhe que venha prontamente. Quero conhecê-lo, e também à sua amiga.

Eric pica de esporas e galopa em linha reta. Ao vê-lo chegar, o anão corre à sua frente.

– Para trás, vassalo! Que vindes fazer aqui? Afastai-vos, eu ordeno!

Mas Eric responde:

– Antes foge tu, anão horroroso! Deixa-me passar!

– Não passareis!

– Passarei!

– Não mesmo!

Eric empurra o anão que, furioso, chicoteia-o tão forte que as correias marcam-lhe o pescoço e o rosto. Eric bem sabe que nada ganharia em matar o anão, pois vê adiante o cavaleiro em armas, cheio de maldade e arrogância, que o ameaça:

– Se bateres em meu anão, te mato!

Loucura não é coragem, e Eric afasta-se, agindo com muita sensatez.

– Senhora – diz à rainha –, eis que sofri ultraje inda maior! Aquele anão horrível golpeou-me tão forte que me tirou a pele do rosto. Não o ousei tocar nem ferir. Ninguém deve censurar-me, pois estava sem armas. Aliás, o cavaleiro senhor do anão não teria permitido e seguramente me mataria. Mas quero jurar-vos que, tão logo possa, vingarei minha desonra ou a tornarei inda maior. No momento minhas armas estão longe demais. Não contava precisar delas e deixei-as em Cardigan quando partimos esta manhã. Se ora as fosse buscar, jamais conseguiria alcançar aquele cavaleiro, pois ele se afasta a bom galope. Mais vale que o siga de perto ou de

longe, até que me emprestem ou aluguem armas que me convenham. Então o cavaleiro me encontrará aparelhado para o combate. Senhora, sapei que, sem falta, nos bateremos tão duramente que um de nós terá de ser vencedor. Espero estar de volta dentro de três dias, o mais tardar. Então me revereis no castelo, não sei se contente ou dolente. Não posso tardar mais. Preciso seguir o cavaleiro. Vou-me, e a Deus vos recomendo.

A rainha autoriza-o a partir e o recomenda da mesma forma, creio que mais de quinhentas vezes, para que do mal Deus o proteja.

Então Eric separa-se da rainha e parte em perseguição ao cavaleiro. A rainha permanece no bosque, onde Artur veio assistir à captura do Cervo Branco, pois sua gente o cercou e abateu. Estão a caminho de volta e retornam a Cardigan.

Após a ceia, os barões estão em larga folgança na casa. O rei, segundo o costume, anuncia que vai cobrar o beijo do Cervo Branco. De pronto, intenso murmúrio espalha-se pela corte. Os cavaleiros juram entre si que tal afazer não irá sem desafio de espada ou lança de freixo. Cada qual quer por cavalaria fazer reconhecer que sua amiga é a mais bela da assembléia. Essas são falas perigosas. Sabei que elas não agradaram a sire Gawain, que expressou ao “rei seu pensar:

– Sire, eis vossos cavaleiros muito inflamados! Todos só falam desse beijo do Cervo Branco e asseguram que ele não acontecerá sem briga nem batalha.

O rei responde como homem sensato:

– Belo sobrinho Gawain, aconselhai-me, ressaltada minha honra e minha retidão, pois não me interessa que haja briga.

Reúnem-se em conselho. Para ele convocam a maioria dos melhores barões da corte: o rei Ider, chamado primeiro, e depois o rei Cadriolan. Vêm também Kai e Girflez e o rei Amauguin e toda uma assembléia de barões. Tão vivo é o debate que a rainha finalmente aparece. Narra-lhes a aventura que teve na floresta: o cavaleiro que viu armado, o anão vil que com o chicote golpeou a aia na mão nua e feiamente o rosto de Eric feriu. Conta como este seguiu o cavaleiro, para aumentar ou vingar sua desonra, e como deve retornar no terceiro dia, se puder.

– Sire – diz ainda a rainha —, ouvi-me um pouco. Se os barões que aqui estão aprovarem o que vou dizer, adiai esse beijo até o terceiro dia, que nos deve trazer Eric de volta.

Ninguém encontra o que criticar e o rei concede à rainha seu pedido.

Durante esse tempo, Eric ia seguindo em todos os caminhos o cavaleiro armado e o anão que o havia chicoteado. Chegaram diante de um burgo muito bem situado, sólido e belo. Entraram diretamente pela porta.

Nesse burgo, cavaleiros e donzelas estavam em regozijo. Uns pastoreavam pelas ruas gaviões e falcões de muda. Outros puxavam terços e açores. Outros ainda lançavam a moeda ou o dado, jogavam xadrez ou damas. Diante dos estábulos, os rapazes esfregavam e almofaçavam os cavalos. Nos quartos as damas se enfeitavam.

Assim que avistam muito ao longe o cavaleiro que conheciam – mais o anão e a donzela – toda a gente vai ao seu encontro. Saúdam-nos e felicitam-nos, mas não fazem o menor caso de Eric, que não conhecem, ao que parece. Este segue passo a passo o cavaleiro pelo burgo, até que o vê albergar e fica mui satisfeito com isso.

Prosseguindo um pouco no caminho, vê sentado em um degrau um vavassalo de certa idade, dono de bem pobre morada. Era um homem encanecido e branco, de amável aparência, benévola e franca. Estava sentado ali, sozinho e pensativo. Eric considerou que esse bom homem

o poderia sem dúvida albergar. Passou a porta, entrou na casa. O vavassalo correu atrás dele; e antes que Eric dissesse uma palavra, saudou-o:

– Gentil sire – disse ele –, sede bem-vindo se em minha casa vos dignais albergar! Eis a casa que vos espera.

– Agradeço-vos – respondeu Eric. – Necessito de uma casa por esta noite.

Eric desce do cavalo. O próprio sire o toma e puxa pelas rédeas. Ele faz as honras a seu hóspede. Chama a mulher e a filha, que trabalhavam em uma sala de costura, não sei em qual trabalho de agulha.

A dama saiu, acompanhada da filha que vestia uma fina camisa de abas, branca e plissada, por cima de um camisão branco. Não usava outra roupa, mas o camisão estava tão puído que tinha furos nos lados. Pobre era a roupa por fora, mas belo era o corpo por baixo.

Ela saíra da sala de costura. Ao ver o cavaleiro, manteve-se um pouco atrás, e porque o via pela primeira vez teve pejo e enrubescou. Eric, por seu lado, abismou-se ao ver tão perfeita beleza.

O vavassalo disse à filha:

– Bela e meiga filha, tomai este cavalo e levai-o ao estábulo com os meus. Cuidai que nada lhe falte. Retirai a sela, retirai o freio. Dai-lhe aveia e feno. Tratai dele e escovai-o; e que seja bem aparelhado.

A jovem toma o cavalo, desata-lhe o peitoral, retira a sela, retira o freio, passa-lhe o cabresto no pescoço. Almofaça-o e enxuga-o bem. Ata-o à manjedoura e dá-lhe feno, mais aveia nova e saudável. Depois volta ao pai, que lhe diz:

– Minha filha querida, tomai pela mão este senhor e fazei-lhe grande honra.

A filha obedece de bom grado. Toma o senhor pela mão e o conduz para lhe fazer as honras. A dama fora na frente para bem adornar a casa. Havia estendido acolchoados e tapetes sobre o leito onde sentaram os três: Eric, a jovem junto de si e o sire do outro lado. Diante deles arde um grande fogo claro. O vavassalo tinha apenas um serviçal. Nem camareira nem criada. Esse serviçal aprontava na cozinha uma ceia de carne e aves. Não demorou para preparar os pratos e soube combinar bem carnes cozidas e carnes assadas.

Quando a ceia ficou pronta como lhe haviam ordenado, apresentou em duas bacias a água para os convivas. Mesas, toalhas, tudo foi logo posto e eles tomaram assento. Tiveram à vontade tudo o que era preciso.

Depois que cearam a gosto e deixaram a mesa, Eric fez uma pergunta a seu anfitrião o dono da casa:

– Dizei-me, gentil anfitrião, por que vossa filha traja roupa tão pobre e vilã, ela que é tão perfeitamente bela?

– Gentil amigo – disse o vavassalo –, pobreza faz mal a muitos e estou entre eles! Dói-me ver minha filha tão pobremente trajada. Não o posso remediar. Tanto estive sempre em guerra que perdi toda minha terra. Tive de a vender ou empenhar. Entretanto, minha filha estaria bem vestida se eu tivesse sofrido que ela aceitasse o que lhe queriam dar. O senhor desta terra a teria belamente adornado e cumulado de todos os bens possíveis, pois o dito senhor é conde. Não há nesta região barão dos mais ricos e mais poderosos que a não tivesse de bom grado tomado por esposa, com meu consentimento. Mas espero inda melhor partido. Deus lhe reserva maior honra que lhe traz a aventura: rei ou conde aqui virá que ao seu país a levará. Haverá sob o

céu um só deles que se envergonhe de minha filha, que não tem igual no mundo? Ela é muito bela, mas seu recato sobrepuja ainda a beleza. Deus não fez criatura com mais senso nem de coração mais franco. Quando a tenho junto a mim, o mundo não vale um caracol! Ela é meu prazer, meu lazer, meu solaz e meu conforto e minha fortuna e meu tesouro. Nada conheço que seja tão belo como seu corpo.

Após ouvir seu anfitrião, Eric perguntou-lhe de onde era toda aquela cavalaria que tão numerosa viera ao burgo que não havia rua tão pequena nem casa tão pobre que não estivessem cheias de cavaleiros e damas e escudeiros.

– Gentil amigo, são os barões desta terra e das redondezas que vieram, jovens e velhos, para a festa que aqui acontecerá amanhã. Haverá grande algazarra quando estiverem todos reunidos e quando, diante dessa multidão, um belo gavião de cinco mudas, talvez seis, o melhor que conseguirem, for colocado lá em cima, sobre uma vara de prata. Quem o quiser possuir deverá ter amiga bela e recatada e irreprochável. Se houver um cavaleiro bastante audaz que pretenda para a sua amiga o renome e o prêmio reservados à mais bela, diante de todos ele a fará pegar o gavião na vara, caso nenhum outro se oponha. Permaneceu aqui esse antigo costume, e é por isso que vêm tantas pessoas.

Após essa fala, Eric assim pede ao vavassalo:

– Gentil anfitrião, se não vos aborrece e se o sabeis, dizei-me: quem é esse cavaleiro com armas azul e ouro que ora passou por aqui? Junto dele cavalgava uma donzela encantadora e adiante um anão corcunda.

Responde o anfitrião:

– É quem terá o gavião, pois nenhum cavaleiro ousará opor-se. Não, não haverá rotos nem rasgados. Ele o conseguiu dois anos seguidos, sem ter encontrado desafiante. Se também desta vez obtiver o pássaro, o terá ganho para sempre. Dele será o pássaro, doravante todo ano, sem contenda nem peleja.

Diz Eric vivamente:

– Esse cavaleiro, não gosto dele! Sabei que se eu tivesse armas lhe disputaria o gavião! Gentil anfitrião, rogo que me ajudeis a aparelhar-me de armas, velhas ou novas, feias ou belas, pouco importa.

O anfitrião responde:

– Tenho boas e belas armas que de bom grado vos emprestarei. Lá dentro está a loriga de malha tripla que foi escolhida entre quinhentas, e as perneiras brilhantes e leves. O elmo está polido, luzente, e o escudo tinindo de tão novo. Cavalo, espada e lança vos emprestarei também, podeis ter certeza!

– Agradeço-vos, caro anfitrião, mas não desejo melhor espada além da que trouxe, nem outro cavalo além do meu. Dele me valerei bem. Se emprestardes o restante, será bondade mui grande. Mas quero pedir ainda uma cousa, pela qual vos serei reconhecido, se Deus me der de retornar com a honra da batalha.

– Pedi com toda segurança o que vos apraz. Nada do que tenho vos faltará.

Então Eric diz que quer reclamar o gavião para a filha de seu anfitrião, pois realmente não haverá na assembléia jovem bela com um centésimo de sua beleza. Se a levar consigo terá razão certa e segura de pretender e mostrar que com o gavião deve ficar. E acrescenta:

– Senhor, não sabeis qual hóspede haveis albergado, sua condição ou classe. Sou filho de

um rei rico e poderoso. Meu pai é o rei Lac. Os bretões me chamam Eric. Pertencço à corte do rei Artur. Mais de três anos permaneci junto dele. Não sei se até esta terra chegou o renome de meu pai ou o meu. Mas prometo que, se me quiserdes aprestar com vossas armas e confiar vossa filha, amanhã conquisto o gavião! Então, se Deus me der a vitória, levarei vossa filha para meu país. Farei com que porte coroa. Será rainha de dez cidades.

– Ah, caro sire, é mesmo verdade? Sois Eric, o filho de Lac?

– Sou sim.

O vavassalo sente grande júbilo:

– Ouvimos falar de vós nesta região. Muito vos amo. Sois bravo e audaz. Jamais vos desacolherei. Apresento minha querida filha, inteira a vossas ordens.

Pegou a filha pelo pulso.

– Tomai – diz ele—, ela é vossa!

Acontecem então os preparativos de combate. Equipado com as armas pelas mãos da jovem, Eric a coloca imediatamente na garupa e dirige-se para a praça livre e ampla onde vê chegar o cavaleiro e sua equipagem. Este convida sua donzela a apoderar-se do pássaro que lá está sobre a percha. Voltando-se para sua amiga, Eric faz o mesmo. É o desafio, e em seguida acontece o primeiro grande combate singular dos romances da Távola Redonda. Sequência de episódios selvagens. Vencido, o cavaleiro do anão corcunda implora graça. Recebe a imposição de ir ao Castelo de Cardigan, colocar-se à mercê da rainha Guinevere e anunciar a próxima chegada do vencedor e sua companhia. Estes logo se põem a caminho.

Juntos, tanto cavalgaram que ao meio-dia em ponto ante o castelo chegaram. Eram esperados em Cardigan. Para os ver desde longe, os melhores barões tinham subido às janelas. Com a rainha Guinevere e o próprio rei estavam Kai e Parsifal, sire Gawain e Tor o filho do rei Ares, Lucan o copeiro-mor e mais outros cavaleiros. Quando longe viram Eric, todos o reconheceram bem. Com sua chegada a rainha e toda a corte sentem mesma grande alegria, pois todos o amam igual.

Tão logo Eric chega diante do palácio, o rei desce a seu encontro e também a rainha. Todos lhe dizem “que Deus vos guarde!” e prezam e louvam a grande beleza de sua donzela. O próprio rei a segura para descer do palafrem. Faz-lhe a maior honra, levando-a pela mão até a grande sala de pedra do palácio. Atrás deles Eric e a rainha sobem da mesma forma, de mãos dadas. Diz ele:

– Senhora, trago-vos minha donzela e jovem amiga, de pobre vestimenta vestida. Assim ela me foi dada. Assim a trouxe até vós. É filha de um pobre vavassalo. Pobreza rebaixa muito homem bom. Seu pai é nobre e cortês, mas de bens quase nada tem. A mãe é senhora mui digna, pois possui como irmão um rico conde. Beleza e origem não serão motivos para que eu recuse esposar esta damizela. Pobreza tanto lhe puiu o camisão branco que nos cotovelos as duas mangas estão rotas. Contudo, se eu a quisesse fazer portar boas vestes, sua prima ofereceu-lhe roupa de arminho, seda, veiro ou petigris. Porém não consenti que outra ela vestisse enquanto assim não a vísseis. Minha gentil senhora, sabeis o que é preciso: suplico que penseis em vestir-lhe belas vestes.

Responde a rainha:

– Agistes bem. É justo que ela tenha de minhas roupas. Vou lhe dar uma das mais belas.

A rainha conduz a donzela ao seu quarto e ordena que lhe tragam uma túnica nova e o manto da outra roupa transpassada, feita na exata medida de seu corpo. A serva traz prontamente o manto e a túnica, que até nas mangas era forrada de branco arminho. No punho e no decote haviam utilizado (não é adivinhação) mais de meio marco de ouro batido e pedras de grande valor: azuis, verdes, violeta e sépia. A túnica era de grande riqueza. Não menos valia o manto de tecido fino, tendo ao pescoço duas zibelinas com presilhas que pesavam cada qual pelo menos uma onça. De um lado cintilava um jacinto e de outro um rubi mais luzente que uma candeia.

Em seguida, duas criadas levam a donzela a uma câmara privada. Desvestem-na do camisão. Ela coloca a túnica, envolve-se em sua vestimenta, cinge uma faixa com passamanes de ouro e recomenda que doem seu camisão, pelo amor de Deus. Depois veste o manto. A cor das peles parece ficar mais escura. A roupa assenta tão bem que a torna inda mais bela.

Com um fio de ouro, as duas aias ornam o cabelo louro; mas ele brilha mais do que o fio que o prende. Na cabeça colocam um aro de ouro lavrado de flores de diversas cores. Do melhor possível a adornam, com tanto cuidado que nada há para retocar. Ao pescoço passam-lhe duas fivelas de ouro nigelado com engaste de topázio. Igual à bela e graciosa jovem creio que em terra nenhuma houvera, tanto a natureza bela obra fizera.

Ela saiu do aposento e veio ter com a rainha, que a elogia, pois ama a damizela e apraz-lhe que esteja bem ornada e bela. De mãos dadas vêm ambas diante do rei, que se ergue ao vê-las. Quando as duas entraram, tantos cavaleiros se puseram de pé no salão que eu não saberia nomear a décima parte, nem a vigésima, nem a trigésima. Mas vos poderei dizer os nomes dos melhores barões da corte, os da Távola Redonda, que são os mais valorosos do mundo.

Antes de todos os bons cavaleiros, Gawain deve ser citado primeiro. Em segundo, Eric filho de Lac; em terceiro, Lancelot do Lago. Em quarto, Gonimant de Gort. O quinto era o Belo Covarde, o sexto o Ousado, o sétimo Meliant do Lis, o oitavo Mauduit o Sensato, o nono Dodin o Selvagem. Que Gandelu seja o décimo, pois é um belo cavaleiro. Nomearei os outros sem ordem, pois ordenar me embaraça: Ivain o Bravo estava entre eles, assim como Ivain o Abutre. Tristão, que nunca ri, sentava perto de Blioberis. Depois, Caradué Briébraz e Caverou de Roberdic, e o filho do rei Kenedic e o valete de Quintareus. E Idier do Monte Doloroso, Gahérié e Kai d'Estreus, Amauguin e Gale o Calvo, Girflet filho de Do, e Taulas, que nunca ficou lasso das armas; em seguida, um vassalo de grande valor: Loholt, filho de Artur. Não devo esquecer Sagremor o Frenético, nem Beduier o condestável, tão forte em jogos de xadrez e damas, nem Bravain e menos ainda o rei Lot e Galegantim o Gaulês e o filho do senescal Kai, de nome Gronosis o Perverso.

Quando a bela jovem forasteira vê todos esses cavaleiros que a olham com insistência, baixa a cabeça. Sente pejo (não é de estranhar), e sua face purpureja. Mas o pejo que a assalta inda mais bela a torna.

O rei a vê assim envergonhada e não quer se afastar. Toma-lhe suavemente a mão e a faz sentar à sua direita. A esquerda assenta a rainha, que diz ao rei:

– Sire, pelo que penso e creio, aquele que com a armas conquistou tão bela mulher em terra estranha deve ser bem-vindo à corte do rei. Agimos bem ao esperar por Eric. Agora podeis tomar o beijo à mais bela da corte. Creio que ninguém vos impedirá, pois ninguém ousará dizer: “Esta que aqui está não é a mais bonita das jovens, neste lugar e no mundo todo.” Responde o rei:

– Não é mentira. A esta jovem, se ninguém me contestar, darei as honras do Cervo Branco.

Depois, dirigindo-se aos cavaleiros:

– Senhores, que tendes a dizer? Afirmo que ela tem o direito às honras. Podeis dizer algo contra isso? Se alguém quiser opor resistência, fale agora o que pensa. Sou rei. Não devo mentir nem consentir em vilania, falsidade ou desmedida. Razão e retidão devo guardar. A rei leal cabe manter a lei, a verdade, a fé e a justiça. Não gostaria de fazer deslealdade nem mal ao mais fraco, e tampouco ao mais forte. Ninguém deve ter queixa de mim. Não quero ver abandonados o costume e os usos que minha linhagem soube manter. Razão de alarme teríeis se me vísseis instituir outros costumes e outras leis. O costume de Pendragon meu pai, que era rei e imperador, devo guardar e manter, não importa o que me possa ocorrer. Ora, disse-me de pronto e mui livremente todo o vosso pensar: esta jovem, embora não sendo de minha casa, não deve por bem e justiça receber o beijo do Cervo Branco?

Todos exclamam a uma só voz:

– Sire, por Deus e por sua cruz, podeis julgar com justeza que esta aqui é a mais bela; que possui mais beleza e brilho que o sol! Livremente podeis dar-lhe o beijo. Estamos todos acordes!

Então o rei volta-se para a jovem e a abraça, dizendo:

– Doce amiga, dou-vos minha amizade sem má intenção, vilania ou maldade. De todo coração vos amarei.

Assim, segundo o costume, o rei Artur restaurou o privilégio que o Cervo Branco tinha em sua corte.

Chrétien passa então a relatar como Eric pede ao rei Artur o favor de ter suas núpcias celebradas na corte.

Prontamente o rei chama os vassallos mais ilustres: Bilis, rei dos antípodas, senhor dos anões, Mabeloas, senhor da ilha de Vidro; Guingomar, senhor da ilha de Avalon e amigo de Morgana; Aguilfez, rei da Escócia; Garraz, rei de Cork, e David de Tintagel, e o senhor da ilha Negra...

Ao receber sua mulher em casamento, Eric teve de a chamar pelo verdadeiro nome. (Nenhuma mulher será legitimamente esposada se não for chamada pelo nome certo.) Ninguém ainda o conhecia. Nesse momento, ficaram sabendo: Enide era seu nome de batismo. O arcebispo de Canterbury, que viera à corte, abençoa-a segundo o costume.

Quando toda a corte estava reunida, a ela vieram todos os menestréis da região hábeis em algum divertimento. Grande alegria reinava no salão. Um dá saltos, outro cambalhotas, outro faz passes de mágica. Algum conta histórias, outro canta. Este jogral assobia, aquele toca harpa, outro toca rota, outro ainda violino ou viola de roda. Este toca flauta, aquele charamela. As jovens fazem farândolas e envolvem a todos na alegria.

Nada que possa rejubilar e alegrar é omitido nesse dia de núpcias. Soam tímbalos, tambores, cornamusas, pífaros, flautins e trompas e charamelas. Não há porta nem portinhola fechada.

O rei Artur não foi mesquinho: ordenou a seus padeiros, valetes e copeiros que dessem com grande plenitude, a cada qual segundo sua vontade, pão, vinho e carne de caça. Grande foi o regozije no palácio; mas de muitos detalhes vos poupo, para narrar o júbilo e o prazer que houve no quarto e no leito. Para essa primeira noite juntos, Enide não foi raptada nem Brangiene posta

em seu lugar. A rainha interpôs-se para a adornar e deitar, pois os esposos ardiam por estar juntos.

Cervo acossado que de sede ofega não deseja tanto a fonte, nem gavião faminto retorna ao reclamo de tão bom grado quanto os amantes desejam se conhecer nus. Naquela noite ambos resgataram o tempo de tão longa espera! Quando todos deixaram o quarto, eles concedem aos corpos seus direitos. Os olhos saciam-se de olhar, esses olhos que descortinam a via do amor, enviando ao coração sua mensagem. E agrada-lhes tudo que contemplam. Após a mensagem dos olhos vem a doçura – que vale bem mais – dos beijos que atraem o amor. Dessa doçura ambos experimentam e dessedentam os corações, tanto que com grande custo a interrompem. O beijo é seu primeiro jogo; mas o amor que os prende torna a donzela mais ousada. Logo ela mais nada teme. Tudo sofreu, por mais que lhe custasse. E antes de levantar do leito perdeu o nome de donzela. De manhã, havia dama nova.

Naquele dia os jograis regozijaram-se, pois todos foram pagos a bom preço. Tudo o que lhes deviam foi dado, e receberam muito presente bom: roupas de veiro e de arminho fulvo, de coelho e de púrpura, de escarlata e de seda. Queriam cavalo ou prata? Cada qual teve segundo seu talento.

Assim, nesse júbilo e nobreza, as núpcias e a assembléia duraram mais de quinze dias. Por magnanimidade e regozijo como também para honrar Eric, o rei Artur fez todos os barões permanecerem uma quinzena. Quando entrou a terceira semana, empreenderam juntos um torneio entre Eric e Tenebroc e Melic e Meliadoc. Coube a sire Gawain fazer o alistamento do torneio. O desafio foi lançado.

Assim, um mês após Pentecostes, o torneio foi ajustado e realizado na planície. Ali homem viu muita insígnia vermelha, azul ou branca, muitos fichu e fita dados por amor. Muita lança foi trazida, de prata ou de sinople tingida, outras de ouro ou de azul, e outras barradas ou mosqueadas. Naquele dia homem viu atar muitos elmos de ouro e aço, verdes, amarelos e rubros, que reluziam contra o sol; muitos brasões, lorigas brancas, espadas presas ao flanco esquerdo, bons escudos frescos e novos de prata e de sinople brilhando, ou bem em azul com anéis de ouro. E mui numerosos eram os cavalos alazães e argéis, baios e brancos, negros e zainos que se entrevieram a galope.

De armas o “campo está todo coberto. Ondulam as alas dos dois partidos. Ergue-se da refrega grande barulho, tão forte é o entrechocar das lanças. Ei-las que se quebram, perfuram os escudos. Lorigas se esgarçam e rompem. Selas esvaziam-se, cavaleiros caem. Os cavalos suam e espumam. Lá os cavaleiros puxam da espada sobre os que tombam com grande ruído. Uns correm para tomar resgate, outros para retornar ao combate.

Eric cavalga um cavalo branco. Sozinho, procura o chefe da ala para com ele justar, se o encontrar. Do outro lado vem ao seu encontro o Orgulhoso da Charneca, montado em um cavalo de Irlanda que o leva a galope. No escudo ante o peito Eric o golpeia com tal força que o derruba do corcel. Deixa-o caído e corre para a frente. Chega diante de Rainduran, filho da velha de Targalo, vestido com cendal azul. Era cavaleiro de grande bravura. Ambos se entrevêm e aplicam grandes golpes nos escudos. Eric o golpeia enquanto dura a haste de sua lança, e o derruba por terra. Ao voltar-lhe as costas depara com o rei da Cidade Vermelha. Os dois rivais seguram firme as rédeas e os escudos pelas braçadeiras. Ambos tem bons cavalos, garbosos e espevitados. Entreatacam-se com tanta violência que as lanças voam em pedaços. Homem nunca viu golpes como esses. Os escudos se chocam. Cilhas, rédeas e peitoral não conseguem segurar o rei da Cidade Vermelha: ele cai de ponta-cabeça, arrastando a sela, levando nas mãos rédea e

freio. Todos que viram essa lida abismaram-se e afirmaram que custa caro demais justar com tão valente cavaleiro. Eric não desejava capturar cavalos nem cavaleiros. Só queria justar e bem fazer para cumprir grande proeza. Suas vitórias davam nova coragem a todos os do partido.

Desejo agora falar de sire Gawain, que combatia à maravilha. Ele havia abatido Guincel, e logo prendeu Gaudin da Montanha. Apossou-se dos cavaleiros e dos cavalos.

Tão valentemente combateram Gawain, Girflez, o filho de Do, Ivain e Sagremor, tanto pressionaram os adversários que os rechaçaram até as portas do burgo. Ante a porta do castelo recommençaram a batalha, os de dentro contra os de fora. Ali foi derrubado Sagremor, cavaleiro de grande valor. Já estava capturado quando Eric corre em seu socorro. Em um dos desertores Eric rompe a lança. Tão forte o golpeia sob o mamilo que o fujão esvazia a sela.

Depois Eric puxa da espada, mergulha-a de viés e quebra os elmos dos vencidos, que fogem abrindo-lhe caminho, pois até o mais audaz o teme. Tanto lhes dá botes e golpes que Sagremor é libertado! Repele-os para dentro do castelo. Então soam as vésperas.

Eric ganhou tal renome que só dele falavam. Homem nenhum estava em tão boas graças; era como se ele tivesse o rosto de Absalão, a língua de Salomão, a alteza de Sansão. Quanto a dar e despende, fazia como Alexandre.

Ao retornar do torneio Eric vai até o rei pedir permissão para partir, pois deseja voltar à sua terra. Muito lhe agradece pela honra concedida e afirma sua extrema gratidão. Mas chegou o momento em que deseja levar a esposa para seu país. O rei não o pode impedir. Autoriza a partida, mas suplica a Eric que retorne à corte o mais breve possível, pois não há barão mais valente, audaz e bravo, a não ser Gawain, seu mui querido sobrinho. Esse não tinha igual; mas depois dele era a Eric que o rei Artur prezava mais.

Juntamente com a dispensa do rei, Eric recebe para seu serviço sessenta cavaleiros montados em cavalos malhados e nevados. Estando tudo pronto para a viagem, não se atarda na corte. Pede à rainha, licença para partir, recomenda a Deus os cavaleiros. E a rainha lhe concede o pedido. Ao soar a hora de prima, deixam o palácio real. Diante de toda a corte Eric sobe à sela; a esposa monta o cavalo malhado que trouxera de sua terra. Em seguida toda a companhia monta. São no mínimo cem mais quarenta cavaleiros e valetes na estrada. Passam tantos montes, rochedos, florestas, planícies e encostas que ao fim de quatro jornadas completas chegam a Carnant, onde o rei Lac estava sediado em um castelo magnífico. Homem nunca viu castelo mais bem assentado em meio a florestas, pradarias, vinhas, pastos, rios e vergéis...

No castelo do rei Lac, Eric e Enide levam a mais doce vida. Mas Eric, entregue as delícias, torna-se o que chamam de “cansado das armas”, de “folgado”.

Eric com tanto amor a esposa amava que não mais das armas se ocupava nem em torneio lutava. De justar já não cuidava, mas apenas de fazer a corte à mulher, que era sua amiga e seu mimo. Todo o coração e o pensar estavam em abraçar e beijar, sem ter prazer em qualquer outra coisa. Seus companheiros sofriam por isso e em voz alta lamentavam que realmente a amava demais. Amiúde, meio-dia passado, Eric ainda não levantara do lado dela, e não lhe importava o que pensassem a respeito. Só se afastava para perto. Mas esquecia de dar a seus cavaleiros armas, roupas e moedas. E toda a sua gente dizia que era mui triste e penoso ver barão tão valoroso negar-se a portar armas.

Eric foi tão censurado por toda gente, cavaleiros e valetes, que Enide os ouviu dizer que

seu marido se tornara folgado, isto é, lasso de armas e de cavalaria. Mudara muito de vida! Ela sentiu tristeza, mas nada ousou demonstrar, pois temia que o marido levasse a mal o que diria. Soube ocultar bem a cousa. Certa manhã, porém, ambos estavam deitados no leito após muitos prazeres, lábios nos lábios e estreitando-se como os que se entreamam de grande amor. Eric adormeceu, enquanto Enide permaneceu desperta. Recordou as palavras que ouvira vários dizerem sobre seu senhor. Ante essa lembrança, não pôde evitar o choro. Sentiu tal tristeza e peso que por desfortuna aconteceu de dizer em voz alta uma palavra pela qual depois se considerou louca. Não queria causar nenhum mal. Começou a olhar seu senhor por inteiro. Viu o belo corpo, o claro rosto e chorava com tão grande dor que as lágrimas caíam sobre o peito do esposo.

– Ai de mim – diz ela –, para minha desventura deixei minha casa! Que vim buscar aqui? A terra me deveria engolir quando o melhor dos cavaleiros, o mais ousado e mais bravo, o mais nobre e mais cortês que jamais foi conde ou rei abandonou por mim toda cavalaria! Desonrei-o então? Isso eu não queria por nada no mundo!

E diz ainda:

– Vieste para tua desventura!

Depois, calou-se.

Eric, que apenas dormitava, ouviu a voz durante o sono. Desperta com o som das palavras e espanta-se ao ver a esposa chorar. Pergunta:

– Dizei, meiga amiga mui amada, por que chorais assim? De que tendes cólera e tristeza? Certamente o saberei, quero saber! Falai, doce amiga! Nada deveis ocultar. Por que dissestes: “Vieste para tua desventura”? Pois por mim e não por outrem dissestes estas palavras que bem ouvi.

Enide ficou desnorteada, com grande medo e grande comoção.

– Senhor – disse –, não sei de que falais...

– Senhora – torna ele –, por que não quereis falar? De nada vale negar. Bem vejo que chorastes, e não sois de chorar sem razão. Ouvi bem as palavras que chorando dissestes.

– Não, caro senhor. Nada ouvistes; creio que foi um sonho.

– Que mentiras estais me servindo? Ouço-vos mentir abertamente. Tarde demais vos arrependereis, se não reconhecerdes a verdade!

– Senhor, pois que a isso me forçais, direi a verdade sem mais a ocultar; temo porém que ela vos faça sofrer. Pelo país afora dizem todos, morenos, louros e ruivos, que é muito lamentável terdes abandonado as armas. Por causa disso vosso mérito baixou. Ano passado, todos se apraziam em proclamar que no mundo não havia melhor cavaleiro, nem mais bravo. Em nenhum lugar tínheis par. Agora todos, velhos e jovens, pequenos e grandes, vos escarnecem e chamam de folgado. Podeis imaginar o pesar que sinto ao vos ver assim desprezado? E mais ainda me pesa quando põem a culpa em mim; dizem que tão bem vos cativei e prendi que perdeis vosso mérito e não pensais senão em mim. Imploro que tomeis a resolução de apagar essa mancha e recobrar vosso antigo renome. Pois a verdade é que demais ouvi vos censurarem. Nunca ousei vos criticar. Sessenta vezes, o quanto me lembro, chorei de angústia por isso. Mas hoje minha dor é tão grande que não pude conter e disse o que ouvistes.

– Senhora – diz Eric –, tivestes razão; e também os que me censuram têm razão. Mas agora deveis vos preparar e aprestar para montar a cavalo. Levantai desse leito, colocai vossa

roupa mais bela e em vosso melhor palafrém mandai pôr sela.

Enide sente grande temor. Deixa o leito, triste e pensativa. Ela se culpa e reprova pela loucura que acaba de dizer. Tanto a cabra escava que estraga a toca!

– Ah – exclama –, como fui louca e desavisada! Estava aqui muito à vontade e nada mais me faltava. Ai de mim! Por que tive a grande audácia de dizer tais palavras insensatas? Deus, então meu marido não me amava mais? Na verdade, ele só me amava demais! Que tristeza a minha: não mais verei meu senhor, que me tinha tanto amor que nada bem-queria como a mim. Tenho de partir em exílio! O melhor homem jamais nascido estava tão apaixonado por mim que nada mais lhe importava. Coisa nenhuma me faltava. Mas o orgulho possuiu-me demais ao dizer palavra tão plena de ultraje. Sofrerei em meu orgulho e é bem justo que sofra! Quem nunca fez o mal não sabe o que é o bem.

Assim Enide se desolava, enquanto ia vestindo à maravilha a melhor roupa que tinha; mas nada a podia distrair, pois mui grave era sua tristeza.

Manda uma serva buscar um escudeiro e lhe dá ordem de selar seu rico palafrém do norte. Prontamente foi feito assim. Então Eric chama outro escudeiro para que traga suas armas. Sobe em uma tribuna e faz estenderem a seus pés um tapete de Limoges. O que fora buscar as armas coloca-as ali. Eric senta do outro lado, sobre a imagem de um leopardo reproduzida no tapete. Antes de tudo manda atarem suas perneiras de aço claro; depois veste uma loriga de valor, com malhas muito apertadas. No direito como no avesso não havia sequer um grão de ferrugem do tamanho da ponta de uma agulha. Era trabalhada de prata, tão levemente que quem a vestisse não ficaria mais à vontade e lânguido se tivesse posto cota de seda sobre a camisa.

Valetes d'armas e cavaleiros vêm todos, conjecturando por que Eric se faz armar assim. Mas nenhum lhe ousa perguntar.

Ele enverga pois a loriga. Um valete lhe ata à cabeça um elmo com aro de ouro ornado de pedrarias, que reluz como espelho. Depois toma da espada, cinge-a e manda trazerem selado o baio de Gasconha. Chama um valete:

– Valete, corre a meu quarto da torre onde se atarda minha mulher! Vai e dize-lhe que me está fazendo esperar demais. Ela tarda bastante a se adornar! Dize-lhe que queira vir depressa pois estou à espera.

Esse valete corre e encontra Enide pronta, porém chorando em grande tristeza.

– Senhora – diz ele –, por que demorais tanto? Meu senhor vos aguarda lá fora, armado de todas as armas. Há muito tempo ele teria montado se soubesse que estais pronta!

Enide está inquieta quanto à intenção do marido, mas se contém o mais possível ao vir ter com ele. Encontra-o no palácio. O rei Lac corre atrás do filho, os cavaleiros correm quanto podem. Não há jovem nem velho que não pergunte se os deseja levar consigo. Cada qual se oferece com insistência. Mas ele jura e assegura que não tomará outro companheiro além de sua mulher.

– Filho meu, que pretendeis fazer? – pergunta o rei Lac.

Chrétien narra então como Eric confessa ao pai o motivo de sua partida. Todos choram o acontecimento. Recomendam-se mutuamente a Deus.

Eric parte levando a esposa, não sabe aonde mas em aventura. Diz:

– Vamos, a galope, e não ouseis dirigir-me uma única palavra, não importa o que virdes! Sim, não ouseis falar-me se eu não vos dirigir a palavra.

Responde ela:

– Sire, seja como quereis!

Enide passa diante dele e permanece calada. Não dizem mais uma palavra sequer. Ela sente grande pesar:

– Ai de mim! – pensa. – Deus me havia elevado a tão grande júbilo e em poucas horas me rebaixou! Fortuna que me estendera a mão logo a retirou. Não me importaria com isso, se ousasse falar a meu senhor. Mas pela proibição que fez estou morta e traída, pois meu senhor me odeia. Sim, bem vejo que odeia; não quer mais falar comigo e não tenho audácia para sequer dirigir-lhe um olhar.

Enquanto Enide assim se atormentava, saiu do bosque um cavaleiro que vivia de pilhagem. Tinha consigo dois companheiros e todos os três estavam armados. Cobiçavam o palafrem que Enide cavalgava.

– Senhores – dizia o cavaleiro –, sabeis o que vos espera? Se não ganharmos hoje somos infames e preguiçosos e azarados à maravilha. Eis que vem uma dama mui bela. Não sei se é dama ou donzela, mas está mui ricamente vestida: seu palafrem com o zairel, o peitoral e os arreios valem pelo menos vinte marcos de prata. Quero ter o palafrem e ficareis com todo o resto. O cavaleiro que a acompanha nada salvará da dama, eu juro! Vou lhe fazer um ataque que ele vai pagar caro. A mim pois de ir na frente e travar a primeira batalha. (Era costume então que dois cavaleiros não deviam se juntar a outro. Se ousassem fazê-lo, seria dito que o haviam traído.)

Enide vê os salteadores e é presa de grande medo.

– Deus – fala consigo mesma –, que poderei dizer? Meu senhor vai ser morto ou aprisionado, pois os outros são três e ele está só! Deus, serei tão covarde a ponto de nada lhe ousar dizer? Não, nunca! Falarei! Nada me poderá deter!

Volta-se prontamente para ele e diz:

– Caro sire, em que pensais? Eis que vêm cavalgando em vosso encalço três cavaleiros que vos perseguem. Receio que vos causem mal.

– O que dissestes, e a quem? – fala Eric. – Bem pouco me prezais então! Agistes com muita audácia desrespeitando minha ordem e minha proibição. Por esta vez sereis perdoada, mas se acontecer novamente não mais vos perdoarei.

Após essas palavras, Eric precipita-se para o salteador. Os dois combatentes desafiavam-se e investem de lança em riste.

O bandido erra o golpe. Eric ataca abertamente e o põe em má situação ao fender-lhe o escudo de alto a baixo. A loriga do salteador não o protege. Eric enfia-lhe no corpo um pé e meio de lança e a retira banhada em sangue. O salteador tomba e morre.

Com semblante muito ameaçador vem ao ataque outro salteador. Eric segura firme o escudo e ataca primeiro. Os braços retinam com o choque. A lança do bandido arrebenta. Eric enterra-lhe no peito pelo menos um quarto do comprimento da sua, e ele cai do corcel, desfalecendo para sempre.

Imediatamente Eric investe contra o outro, galopando de lado. Apavorado apenas de o ver, o salteador foge e procura salvação na floresta. Mas em vão. Eric o persegue, gritando o mais alto que pode:

– Vassalo, vassalo, retornai! E inútil fugir! Fiquéis preparado para a defesa, ou vos golpeio pelas costas.

O fujão não quer ouvir. Eric porém logo o alcança. Assenta-lhe no escudo mui grande golpe e atira por terra o fugitivo. Doravante não há o que temer desses três salteadores: um está morto, o segundo ferido de morte e o terceiro fora de combate. Então Eric segura e amarra juntos os três cavalos, todos de pêlo diferente: branco, preto e ruano. Prontamente retoma o caminho onde Enide o espera. Ordena-lhe que leve diante de si os três cavalos. E repete a ordem para não dizer uma palavra sem permissão.

Enide responde simplesmente:

– Obedecerei, meu senhor.

Depois se cala, e ambos prosseguem a jornada.

Surgem então outros cinco salteadores na curva de um vale. Enide fica tão abalada que não pode deixar de alertar Eric. Ele se irrita, dirigindo-lhe palavras muito duras. Em seguida ajusta as contas com cada um dos salteadores.

Continuaram a viagem, cavalgando até o fim do dia sem encontrar cidade nem burgo. Quando a noite caiu, buscaram abrigo sob um castanheiro no meio de uma charneca. Eric ordenou à dama que dormisse enquanto ele velava. Enide respondeu-lhe que não o faria, pois após tanto penar a ele cabia repousar. Essas palavras comoveram-no. Aceitou e ajeitou o escudo sob a cabeça. Enide cobriu-lhe o corpo com seu manto. Eric adormeceu.

Ao longo de toda a noite ela permaneceu desperta, guardando os cavalos. Meditava. Muito se reprovava por ter duvidado do valor do seu senhor. Considerou que merecia seu penar, dizendo a si mesma: “Como fui orgulhosa e presunçosa! Então não sabia que não existe no mundo melhor cavaleiro que Eric? Mas agora sei. Três homens armados e depois mais cinco ele abateu ante meus olhos. Maldita seja minha língua por ter dito semelhante ultraje.” Assim ficou pensando a noite toda.

Eric despertou ao alvorecer. Novamente puseram-se a caminho. Por volta de meio-dia, divisaram em um pequeno vale um escudeiro que vinha ao seu encontro, seguido de dois valetes. Levavam vinho, bolos e queijos como paga para os ceifeiros que trabalhavam nos campos do conde Galoin.

O escudeiro era atilado. Ao ver que Eric e sua amiga vinham da floresta e que lá haviam passado a noite sem nada comer nem beber (pois em toda parte ao redor, a um dia de viagem, não havia castelo nem vila, herdade nem abadia, albergue nem hospedaria), teve bom pensamento. Parou diante deles e cortesmente os saudou.

– Sire – disse –, creio que passastes a noite no bosque. Esta senhora velou por longo tempo. Se desejais comer um pouco, quero dar-vos este bolo. Não digo isto para vos tentar: o bolo é de bom fermento. Nada em troca peço. Tenho bom vinho e queijo gordo, alvas toalhas e belas escudelas. Se vos apraz desjejua, suplico, não procureis alhures! A sombra desta bétula podereis vos desarmar e repousar um pouco. Aconselho que apeeis.

Eric põe pé em terra e responde:

– Mui gentil amigo, comerei aqui. Agradeço-vos por isso. Está certo, não irei adiante.

O escudeiro é prestativo. Ajuda a senhora a desmontar. Os valetes vindos com os

escudeiros seguram os cavalos. Os dois viajantes vão sentar à sombra. O escudeiro desembaraça Eric do elmo e desata a babeira que lhe ocultava o rosto. Diante deles está estendida a toalha sobre a relva espessa. O escudeiro dá-lhes o bolo e o vinho. Limpa e corta um queijo. Eles comem, pois estão famintos, e bebem prazerosamente do vinho. O escudeiro serve-os.

Após comerem e beberem, Eric foi dadivoso e cortês:

– Amigo – disse ele –, em recompensa, faço-vos presente de um dos meus cavalos. Podeis tomar aquele que melhor vos convier. Retornai ao burgo e preparai para nós um rico alojamento.

O escudeiro responde que de bom grado fará o que ordenam. Vai até os cavalos e desamarra-os. Toma o cavalo negro e agradece, pois esse o melhor lhe parece. Monta-o pelo estribo esquerdo.

Depois deixa ali os viajantes, encontra no burgo um rico alojamento e retorna até eles:

– Ora – diz –, montai depressa, pois tendes boa hospedagem.

Eric monta, depois a dama. A cidade era bem próxima. Logo chegaram.

Foram recebidos com grande júbilo...

O conde Galoin, amo do escudeiro, não pode deixar de visitar Eric nesse alojamento preparado por um burguês.

O conde Galoin veio com três companheiros apenas. Eric levantou-se para o acolher. Estava bem trajado para a circunstância. Diz-lhe:

– Sire, sede bem-vindo!

O conde o saudou também. Juntos reclinaram-se em um coxim alvo e macio e trocaram cumprimentos. O conde insiste em que receba de volta a paga que dera a seu escudeiro. Mas Eric não condescende, dizendo que tem para despender largamente. E falam de muita coisa; mas o conde não cessa um só instante de olhar para outra parte. Tem os olhos fitos na dama. A ela dirige todos os pensamentos, por causa da beleza que vê. E tanto a olha a seu bel-prazer, tão prazerosamente a devora com os olhos que a beldade o cativa de amor. Cortesmente pede a Eric permissão para falar-lhe:

– Sire, se não vos aborrece, rogo que por cortesia e prazer permitais que eu sente ao lado da dama. Quero conhecer a ambos. Nenhum mal deveis ver nisso. Desejo apresentar à senhora meu serviço para todas as cousas. Sabei que por amor de vós farei tudo que a ela aprouver.

Eric não ficou nada ciumento, pois não suspeitou de nenhuma doblez.

– Sire – respondeu –, isso em nada me desagrade e concedo que lhe faleis.

Enide está sentada longe de Eric, como duas lanças ponta com ponta. O conde acerca-se e senta em um escabelo de pés curtos. Volta-se para ela:

– Ah – diz o conde –, como me pesa ver que viajais com tão pobre equipagem! Fico penado. Deveras, causa-me pesar. Mas, se quisésseis crer em mim, honra e proveito teríeis e grandes bens vos adviriam. Para vossa beleza conviria grande honra e nobreza. Faria de vós minha amiga, se tal vos aprouvesse. Sim, serieis minha amiga querida e senhora de toda minha terra. Não deveis vos ofender com meu pedido de amor. Vejo e sei que não prezais vosso marido. Se ficásseis comigo, a bom senhor estaríeis unida.

– Sire, vos afadigais por nada. Tal proposta é loucura. Ah! preferia nunca ter nascido, ou arder em braseiro e ter minhas cinzas lançadas ao vento, a enganar meu senhor ou somente cogitar em felonias ou traições. Haveis cometido grande equívoco ao pedir-me tal coisa. Nunca farei isso!

O conde começa a inflamar-se.

– Estais dizendo que não consentireis em amar-me? Sois demasiado altiva! Por lisonja e por súplica não fareis o que quero? E mesmo verdade que mulher tem tanto mais orgulho quanto mais homem lhe suplica ou lisonjeia. Mas quem a inflama e ultraja encontra amiúde melhor acolhida. Juro que, se não consentirdes no que vos disse, tiraremos das espadas. Com ou sem motivo justo, farei morrer vosso marido ante vossos olhos.

– Sire – diz Enide –, podeis fazer melhor que isso. Seríeis desleal e traidor se aqui dentro atacásseis meu senhor. Caro sire, tende calma, pois farei por vosso prazer. Podeis considerar-me vossa. Quero ser vossa. Não foi por orgulho que falei assim há pouco, mas para saber e experimentar se em vós poderia encontrar homem que me ame de todo coração.

Então Enide finge partilhar do amor oferecido:

“Sim, gostaria de já vos sentir em um leito, nua e nu. Podeis estar certo de meu amor.” Mas na manhã seguinte, infringindo novamente a ordem de silêncio, denuncia ao marido a traição do conde. “Ele quer me tomar e reter, e vos matará no próximo encontro.” Mas é o conde traidor que logo está morto! Sucedem outros episódios, baseados em equívocos que poderiam se tornar trágicos, não fossem a valentia do herói e a astúcia do narrador. Entretanto Eric acredita encontrar seu fim. Após selvagem combate, tomba sangrando e desfalecido ao pé de Enide, que enceta um lamento de bela alma e belo estilo. Surge então o conde de Limors. Manda levarem o corpo de Eric para seu castelo. Tenta consolar essa que considera viúva e aproveita de seu longo desfalecimento para ordenar ao capelão que o case de imediato com a dama. Obriga Enide a sentar à mesa do banquete, nessa mesma sala onde colocaram o corpo de Eric..

– Minha senhora – diz o conde –, deveis abandonar esse luto e esquecê-lo. Podeis confiar em mim para ter honra e riqueza. Bem sabeis que a dor nunca ressuscitou um morto! Lembrai que graças a mim podeis passar de pobreza a grande riqueza. Fortuna não vos é mesquinha, pois vos dá a honra de logo ser chamada de condessa. Vosso marido está morto, é verdade. Pensais que me espanto com vossa dor e tristeza? Não; mas estou dando o melhor dos conselhos que conheço. Deveis sentir grande júbilo por vos ter desposado. Cuidai para não me encolerizar! Comei, eu ordeno!

Responde ela:

– Senhor, não cuido de comer. Juro que enquanto viver não comerei nem beberei se não vir comer e beber meu senhor que ali está estendido.

– Senhora, isso não pode ser. A vos ouvir dizer tão grande tolice, homem pensaria que sois louca! Advirto que tereis má recompensa se vos fizerdes rogar novamente!

Mas ela nada quer comer e não faz caso da ameaça. Então o conde bate-lhe no rosto. Ela solta um grito e os barões que estão ao redor censuram o conde. Dizem-lhe:

– Para trás, senhor! Deveríeis ter grande vergonha de bater nesta senhora por recusar comer! Se ela está em desespero por seu senhor que vê morto, ninguém a deve censurar.

– Calai-vos todos – torna o conde. – A dama é minha e sou seu, e farei dela segundo meu prazer.

Então Enide não consegue mais quedar calada. Jura que não será dele. O conde ergue o braço, bate-lhe de novo. Ela brada com toda força:

– Traidor! Pouco me importa o que digas ou faças! Não temo teus golpes nem tuas ameaças! Bate! Golpeia-me! Não faria caso de ti, inda que agora mesmo me quisesses arrancar os olhos ou esfolar viva!

Durante a disputa, Eric, que se esvaíra em desfalecimento, volta a si como um homem que desperta. Não é de estranhar que haja tantas pessoas agrupadas ao seu redor. Mas ele sente grande tristeza e comoção ao ouvir a voz da esposa.

Desce da mesa para o chão e vivamente puxa da espada. A dor lhe dá coragem, mais o amor que sente pela mulher. Corre para junto dela e atinge o conde na cabeça a ponto de quebrar-lhe o crânio e fronte, sem mesmo o haver interpelado ou desafiado. Sangue e miolos espirram. Os cavaleiros saem das mesas. Crêem todos que ele é o diabo! Nem jovens nem velhos permaneceram e todos gritaram, tanto os fortes como os fracos:

– Fugi, fugi, aqui está o morto!

Mui grande é o ajuntamento na saída, cada qual empurrando e atropelando o outro... Eric corre pegar seu escudo, pendura-o ao pescoço pela correia. Enide toma da lança. Fogem todos para o meio do pátio vazio, pois não acreditavam que fosse um homem que queria correr com eles, e sim algum diabo ou inimigo que dentro do corpo se tivesse metido. Eric os enxota e encontra do lado de fora um garoto que levava para beber água seu próprio corcel, aparelhado de rédeas e sela. Belo acaso! Eric corre para o cavalo que o garoto solta de pronto, pois tem muito medo de Eric, que monta entre os arções. Por sua ordem Enide põe o pé no estribo e salta sobre o pescoço do corcel, que os leva a ambos. Encontram aberta a porta, partem sem que ninguém os detenha... Eric, que arrebatou sua mulher, abraça-a e a beija e reconforta. Estreita-a nos braços, junto ao coração. Diz:

– Minha doce irmã! Muito já vos pus à prova! Nada mais tendes a temer, pois vos amo mais que nunca. Por mim estou seguro e certo de que me amais perfeitamente. Quero inteiro a vossas ordens estar doravante, como dantes. Se falastes mal de mim, eu vos perdôo e libero da falta e da palavra.

Depois a torna a beijar e abraçar. Para Enide não há dissabor quando seu senhor a abraça e beija e reafirma seu amor.

Noite adentro vão a galope e mui suavemente a lua bela os ilumina.

Mais uma vez, um duplo equívoco leva Eric a se bater com Guivret o Pequeno, que entretanto era um de seus companheiros. Medicado pelas irmãs de Guivret no castelo de Penevric, em breve ele torna a partir em companhia de Enide mais o anfitrião e sua gente, que lhe fazem rico cortejo. Chegam então ante o castelo de Brandigan onde reina o rei Evrain.

– Por Deus – diz Eric –, que grande riqueza! Vamos ver a fortaleza. Neste lugar tomaremos alojamento. Quero parar aqui.

– Sire – responde Guivret, aflito com tal pedido –, condescendei em não apearmos aqui. Sabei que nesta vila há um mau passo.

– Um mau passo? Sabeis algo sobre ele? Qualquer que seja, dizei-nos, pois gostaria de o conhecer.

– Sire, receio que disso vos advenha dano. Conheço vossa coragem, vossa ousadia, vossa audácia! Quando contar o que sei da aventura, que é mui perigosa e dura, haveis de querer ir lá. Segundo ouço dizer amiúde, são passados sete anos ou mais que dessa vila não retornam os que nela quiseram buscar aventura. Eles vieram de muitas terras, cavaleiros bravos e corajosos.

– Mui gentil amigo – diz Eric –, sofri que tomemos hospedagem nesse castelo, se não vos aborrece. E hora de recolher para a noite. Peço apenas dizer-me o nome da aventura, e estareis desobrigado do restante.

– Sire – torna Guivret –, não posso calar e esconder o que quereis saber. O nome é mui belo de ouvir, mas a prova é dura de assumir, pois ninguém pode escapar vivo. Essa aventura tem por nome Alegria da Corte.

– Por Deus – exclama Eric –, não há outro bem além da alegria! Caro amigo, ela é minha procura! Não me desesperéis, desviando-me de aventura! Tomemos alojamento aqui, pois grandes bens podem advir disso. Nada me poderia impedir de procurar a alegria!

– Deus vos ouça, sire, e vos faça encontrar aqui a alegria e retornar sem tropeço! Bem vejo que tendes de entrar em Brandigan. Vamos lá! Temos garantida a hospedagem, pois nenhum cavaleiro de alto preço, pelo que ouvi dizer e contar, pode nesse castelo entrar para passar a noite sem que o rei Evrain o receba. Pois esse rei é tão nobre que proibiu os burgueses de acolherem em suas casas qualquer estranho que surja, para que ele próprio possa honrar todos os homens honrados que aqui desejarem ficar.

Assim vão eles para o castelo. Passam as paliçadas e a ponte. As pessoas se aglomeram pela rua em grande multidão. Vêm Eric tão magnífico que pensam que toda a gente da companhia lhe pertence. Todos o contemplam maravilhados. Tanto falam e discutem a respeito que a cidade freme e rumoreja. Mesmo as donzelas que brincam de roda cessam o canto. Todas juntas o contemplam e, vendo sua grande beleza, persignam-se e sentem mui grande piedade por ele. Dizem baixinho uma à outra:

– Que pena! Este cavaleiro que passa está indo para a Alegria da Corte. Dano lhe custará antes que conquiste a Alegria. Nunca alguém veio de outra terra buscar a Alegria da Corte sem ter desonra e dor e sem deixar a cabeça em penhor.

Depois dizem bem alto para que ele ouça:

– Deus te guarde de desventura, pois és belo além da medida e tua beleza é de lamentar! Amanhã a veremos extinguir-se! Amanhã será dia de tua morte. Amanhã morrerás sem remissão, se Deus não te guardar e defender...

Eric ouve tudo o que dizem pela cidade. Mas o grande temor que vê em tantos rostos não o perturba. Passa sem se atardar, saúda cortesmente. Todos e todas retribuem a saudação. Com sua postura nobre e tranqüila ele cativa os corações.

Aconteceu então que o rei Evrain soube que uma grande companhia se dirigia para a corte, conduzida por um senhor que pela equipagem parecia conde ou rei.

Ele veio a seu encontro na rua e disse:

– Sede bem-vindos! Senhores, apraza-vos apear e vossa companhia também!

Os escudeiros acorreram para segurar as rédeas e prender os cavalos. Diante de Enide, o rei Evrain fez como devia. Saudou-a longamente e a ajudou a apear. Tomou-a pela mão branca e suave e a conduziu para dentro do palácio, com a maior cortesia e o maior respeito.

O rei ordenou que perfumassem um aposento com incenso, mirra e aloés. Para lá

conduziu Enide e todo o seu séquito maravilhado com tal acolhida. Por que vos descrever com detalhes os lençóis de seda que havia naquele aposento? Penso que perderia meu tempo! Vamos antes ao fato que se seguiu. O rei mandou preparar uma ceia provida à vontade de aves, carne de caça, frutas e vinhos de várias safras. O prato mais delicioso não é aquele acompanhado pelo ar acolhedor e pelo sorriso?

Mas Eric só tinha mente para aquilo que mais o ocupava por inteiro. Abreviou o comer e o beber. Só pensava na Alegria da Corte. Fez com que acabassem falando no assunto.

– Sire – disse ao rei Evrain –, chegou o momento de vos dizer o que penso e por que estou aqui. Não o calarei por mais tempo. Peço a Alegria da Corte. Qualquer que seja essa Alegria, concedei-ma, se for possível!

– Sem dúvida – respondeu Evrain –, falais bem levemente! Essa Alegria é coisa terrível! Tem causado a dor de muito homem probo. Se não agirdes segundo meu conselho, sofrereis também. Sim, se quiserdes crer em mim, renunciareis a uma loucura de que nunca podereis vir a cabo. Não me estranha ver que buscais honra e grande renome; mas sentiria profunda tristeza se vos visse retornar percluso, ferido e mutilado. Sabei que vi muito homem probo buscar essa alegria sem a conquistar. Não tiveram a menor vantagem: todos pereceram. Antes que o dia de amanhã termine, tereis recebido igual recompensa. Contudo, se insistis em tentar a aventura, eu o permitirei, malgrado meu. Podeis ainda tirar proveito de minhas palavras e não prosseguir vosso desígnio. De minha parte, penso que cometeria um crime e vos trairia, se não dissesse a verdade.

Eric admitiu que o conselho do rei era sensato. Porém, quanto mais a empresa era perigosa e maravilhosa, mais sentia desejo de a tentar. Respondeu:

– Sire, sei que sois homem de bem e de grande lealdade. Peço o favor de vossa permissão, não importa o que me possa advir. Agora que o tonel está aberto é preciso beber o vinho! Jamais renuncio a uma aventura sem antes fazer todo o possível para a concluir com honra.

– Bem pensava que agiríeis contra meu conselho – diz o rei. – Seja então como desejais! Tereis a Alegria que buscais. Estou em desespero, pois temo que vos aconteça infortúnio. Com certeza vereis o que quereis. Se alcançardes sucesso, a façanha será considerada a mais gloriosa que um homem possa realizar. Peço a Deus que vos guarde!

Voltara assim para Enide o tempo das angústias que ela julgara terminadas para sempre. Quanto a Eric, dormiu sem muita inquietação pelos perigos que ia afrontar no dia seguinte.

Já ao alvorecer ele se preparou. De bom grado vestiu a armadura que o rei havia oferecido, pois a sua sofrera grande dano. Fez-se armar na sala; depois desceu rapidamente os degraus. Encontrou o cavalo selado e o rei ao lado, já em sua montaria. Na corte e nas hospedarias toda a gente se aprestava para partir. Na cidade inteira não havia homem ou mulher que não quisesse fazer cortejo para o cavaleiro. Quando este ia partir, grande bulha elevou-se nas ruas. Todos, grandes e pequenos bradavam:

– Ai, ai, cavaleiro! Ela te traiu, a Alegria que acreditavas conquistar! Vais buscar tua desolação e tua morte!

E exclamavam ainda:

– Deus maldiga essa alegria que fez perecerem tantos homens bons! Hoje sem dúvida ela fará pior obra que nunca!

Eric ouviu tudo o que dizem dele.

– Ai, ai! Vais para tua infelicidade, gentil cavaleiro, tão cortês e valoroso! Não, não é justo que tua vida chegue ao fim tão cedo, nem que retournes com o corpo em farrapos!

Ele ouve, mas não baixa a cabeça nem faz ar de covarde. Arde por ver finalmente o que causa tanto pavor a essa gente.

O rei o conduz para fora da cidade, até diante de um vergel próximo. A multidão de tantas pessoas acompanha-o até lá. Mas não devo esquecer de vos descrever o vergel, segundo a verdade da história.

Em torno desse vergel não se erguia muro nem paliçada. Por efeito de magia, era fechado em todos os lados por um intransponível muro de ar. Ninguém podia entrar a não ser voando por cima dele. Todo o tempo de inverno e de verão, produzia flores e frutos maduros. Mas os frutos só deviam ser comidos dentro do vergel. Não era possível levá-los para fora, devido a uma força misteriosa que impedia o intruso de se aproximar do portão e sair antes de recolocar o fruto no lugar. Cantavam por toda parte no jardim todas as aves que voavam sob o céu, todos os pássaros dos mais belos cantares. A terra era fértil em ervas para remédios e em temperos preciosos.

A multidão fez séquito a Eric até a entrada. O cavaleiro descobriu então uma maravilha horrível, própria para aterrorizar o mais ousado, fosse ele Thibaut Esclavon, Espinel ou Fernagu. Elmos luzentes estavam plantados sobre estacas, e sob cada coifa de ferro havia uma cabeça de homem. Dessas estacas, uma única não portava elmo.

– Gentil amigo – disse o rei Evrain –, sabeis o que significa essa cousa ante nossos olhos? Se tendes apego à vida, deveis sentir pavor... Essa estaca que não sustenta elmo esperou por longo tempo. Não sabemos por quem espera. Cuidai que não seja por vossa cabeça! É para isso que a fincaram. Bem vos avisei antes de vos trazer. Creio que daqui não saireis a não ser morto e massacrado. Se acontecer que vossa cabeça venha a ocupar essa estaca, outra será fincada junto à vossa, para o imprudente que vier por sua vez tentar a impossível façanha. Quero dizer ainda o seguinte: neste vergel vereis uma trompa pendurada no tronco de uma árvore. Nunca ninguém a pôde fazer soar. Quem o conseguir terá glória e renome, mais que todos os cavaleiros da região. Adeus. Em breve se apresentará a Alegria que vos causará grande dor, penso eu.

O rei Evrain parte. Eric inclina-se para Enide, que estava silenciosa e em grande tristeza. Aquele que tão bem conhecia seu coração disse:

– Cara irmã, gentil e leal senhora, bem vejo que estais em grande pavor, embora não haja ainda motivo para isso. Mas começais muito cedo vosso luto! Esperai até que eu retorne com o escudo lacerado, o corpo repleto de ferimentos, as malhas da loriga cobertas de sangue, o elmo fendido. Esperai até ver-me percluso e derrotado, incapaz de defesa e bom apenas para pedir mercê. Gentil senhora, não conheceis o que me advirá; eu tampouco. Sabei que, se for tão ousado quanto vos amo, nenhum homem vivo temerei corpo a corpo! Não digo isso por orgulho, mas porque vos quero confortar. Agora devo deixar-vos, pois não podeis ir adiante. Assim ordenou o rei.

Então a beija e diz adeus.

Caminha ao longo da senda, sozinho, sem companhia. Eis que encontra à sombra de um sicomoro um leito de prata, coberto com tecido bordado de ouro. E sobre esse leito uma donzela, linda de corpo e de rosto. Mais não quero falar. Mas quem a contemplasse em seu donaire e beleza poderia dizer que outrora Lavínia de Laurente não possuía sequer a quarta parte.

Eric aproxima-se. De mais perto a quer ver e a seu lado vai sentar. Acorre então um

cavaleiro pelo vergel, sob as árvores; portava uma armadura rubra e era espantosamente alto. Não havia sob o céu homem mais belo.

Tinha de altura um pé a mais que os outros, pelo testemunho de toda gente. Eric o avistou e o cavaleiro bradou:

– Vassalo! Vassalo, sois louco de ir até minha damizela! Ao que eu saiba, não sois bastante valoroso para ousar chegar perto dela! Tal loucura vos custará caro! Por minha cabeça ordeno: para trás!

Eric afirma que está pronto para combater se encontrar nesse cavaleiro um justador digno dele. Quando soa a hora de nona, Eric vencedor arrasta-o, sacode-o, inclina-o a seus pés. Pergunta-lhe: “Qual é teu nome e qual é essa Alegria da Corte?”

– Sire – diz o cavaleiro –, tudo vos contarei de bom grado. Ouvireis o que me reteve tão longamente neste vergel. Contarei conforme ordenais, não importa o que me custe. Esta donzela que ali está sentada amou-me desde a infância, e eu também a amei. Um do outro nos agradávamos. O amor cresceu tão forte que ela me pediu conceder-lhe um dom que não revelou. Quem recusaria algo à sua amiga? Não é amigo quem não faz à sua amiga todo o bem possível, sem negligência nem fingimento. Prometi segundo seu desejo. Quis que eu empenhasse minha palavra. Se mais quisesse, mais teria feito. Mas ela acreditou em meu preito. Prometi-lhe não sabia o quê, e aconteceu então que fui feito cavaleiro. O rei Evrain, de quem sou sobrinho, sagrou-me cavaleiro perante muitos homens honrados, neste vergel onde estamos. De pronto minha damizela lembrou-me da promessa e disse que eu havia jurado não sair de aqui dentro até surgir um cavaleiro que pelas armas me vencesse. Foi essa a razão por que permaneci. Desde o instante em que vi todo o bem que nela havia, procurei não deixar transparecer para a minha mui amada que não tinha a menor repugnância de fazer tudo que lhe aprazia; se não, ela me teria retirado seu coração, o que eu não desejava por preço algum, não importa o que ocorresse. Assim minha damizela pensava reter-me em longa permanência. Ela não acreditava que um belo dia pudesse entrar neste vergel um vassalo que quisesse combater comigo. Disse-vos a verdade; e sabeis que não é pequena a honra que haveis conquistado. Trouxeste grande júbilo à corte, a meu tio e meus amigos, pois poderei sair daqui. Essa alegria que eles vão sentir, toda a gente da corte do rei já a chamava de Alegria da Corte. Mui longamente esperaram por ela, e finalmente a receberão de vós que a conquistastes. Vencestes e fascinastes a mim, o valoroso cavaleiro! E justo que diga meu nome, que quereis saber. Sou chamado Mabonagran. Não sou conhecido por esse nome nas terras onde me viram, mas apenas nesta. Todo o tempo em que fui valete, jamais soube meu nome. Agora conheceis a verdade. Mas inda tenho algo a dizer: há neste vergel uma trompa; creio que já a vistes. Não devo sair antes que a sobreis e me liberteis. Começará então a Alegria. Ao ouvirem o som da trompa, não haverá quem não venha de pronto à corte. Levantai-vos, sire, ide depressa pegar a trompa e alegremente fazer o que deveis!

Então Eric ergueu-se. O outro fez como ele e ambos aproximaram-se da trompa. Eric a toma e sopra. Coloca nisso toda sua força, tanto que a ouvem mui longe.

Enide rejubila-se de todo o coração, e com ela o rei e a corte. Não há um único que não partilhe dessa ventura, nenhum que cesse e canse de estar alegre e cantar.

As damas inventam um lai que denominam lai de Alegria. Soam harpas, rotas, violas. Também liras,

saltérios e rebecas. Enide aproxima-se da única pessoa que está desolada em meio ao regozijo geral: a donzela sentada no leito de prata. Reconhece na heroína uma de suas primas e não tem dificuldade para a consolar.

Mas falemos agora da multidão que se juntara, vinda de diversas terras. Havia grande número de condes, duques, reis: normandos, bretões, escoceses, ingleses, príncipes da Inglaterra e da Cornualha. De Gales até Anju, da Alemanha, de Poitu e do Maine, cavaleiro de alta condição, gentil dama de boa linhagem, não havia rica baronagem que não tivesse vindo à corte de Nantes como pedira o rei.

Quando toda a corte estava reunida, antes da hora de terça o rei Artur sagrou mais de quatrocentos cavaleiros, todos filhos de condes e de reis. A cada um deu três cavalos e dois pares de roupa, para que sua corte fosse a mais bem aparelhada. O rei deu com muita largueza. Não deu mantos de sarja nem de coelho ou estamenha mas de samito e de arminho fulvo, de veiro e de seda jaspeada, com orlas de franjas espessas e pesadas. Os mantos saíram dos cofres e foram estendidos de todo lado pelas salas. Tiraram-nos todos das malas. Pegava-os quem quisesse e cada qual a seu gosto. Sobre um tapete no meio do pátio havia trinta moios plenos de esterlinos brancos, pois desde o tempo de Merlin em toda a Bretanha tinham curso os esterlinos. Naquela noite, cada qual levou para sua casa tanto quanto quis.

Na hora de terça, dia de Natal, a corte novamente se reúne. Eric sente o coração arrebatado da grande alegria que está próxima. Não, língua nem boca poderia, mesmo com muita arte, descrever a terça parte nem a quarta ou quinta das magnificências que glorificaram o coroamento. Assim, empreendo sandice ao insistir em narrá-las.

Na grande sala erguiam-se dois tronos de marfim, bem feitos e bem decorados, de mesma forma e mesmo tamanho. Não eram de madeira mas sim de ouro e marfim, e mui finamente esculpidos. Quem os modelou era seguramente mui destro e engenhoso, pois os fez ambos semelhantes em altura, largura e ornamento. Os dois pés dianteiros pareciam com leopardos, os traseiros com crocodilos. Um cavaleiro, Barulhento das Ilhas, deles fizera dom e legado ao rei e à rainha.

O rei Artur toma assento em um deles. No outro faz sentar Eric, vestido com uma capa de chamalote. Encontramos na história a descrição da roupa. Para não pensarem que minto, tomo como testemunha Macróbio, que em história foi sábio. Esse autor ensina-me a descrever, como encontrei em seu livro, a obra e o retrato da roupa. Quatro fadas a haviam cortado e bordado com grande senso e grande mestria. A primeira representara nela a geometria que olha e mede a terra firme, os céus em toda sua extensão, o mar largo e profundo. A segunda fada empenhou-se em figurar a aritmética, que enumera exatamente as horas e os dias, a água do mar gota a gota, também os grãos de areia e as estrelas uma a uma, e conta quantas folhas há no bosque. Jamais ela se engana em seus cálculos, jamais comete erro quando quer se aplicar bem. A obra da terceira fada representava a música, com quem se afinam todos os prazeres: canto e descante, sons de harpa, de rota, de viola. Era de mui belo lavor.

A quarta fada realizou obra admirável ao representar a mais bela das artes: a astronomia, que tão bem faz grandes maravilhas e toma conselho com as estrelas, a lua e o céu. Em nenhum outro lugar consulta sobre o que deve fazer. Os astros a aconselham muito bem sobre tudo o que deseja conhecer, e concedem-lhe ciência certa de tudo o que foi e será.

Esse grande trabalho ornou a roupa de Eric, trabalhada e tecida de fios de ouro. A pelúcia que a forrava pertencia a um animal extravagante, de crina loura, corpo preto-amora, dorso vermelho, ventre negro e pescoço índigo. Esses animais nasceram na Índia e se chamam

barbioletes. Comem apenas peixes, canela e cravo-da-índia fresco.

Que direi do manto? Tinha nos passamanes quatro pedras preciosas: dois crisólitos e duas ametistas com engastes de ouro.

Até então Enide ainda não viera ao palácio. Vendo isso, o rei mandou que Gawain a procurasse e a trouxesse. Gawain correu obedecer e com ele o rei Caroduanz e o generoso rei de Galway. Guivrez o Pequeno o acompanhou com Ider, filho de Nut. Quando Enide surge, de pronto vai o rei ao seu encontro e por bondade a faz sentar junto a Eric, pois quer prestar a ambos mui grande honra. Manda buscar duas coroas de seu tesouro, maciças e do mais fino ouro. No mesmo instante trazem-lhe as coroas, iluminadas de carbúnculos, quatro em cada uma.

A luz da lua se ofusca com o reluzir do menos belo dos carbúnculos. Pelos clarões que irradiavam, todos que no palácio estavam maravilharam-se de não conseguir enxergar mais nada. O Rei manda duas donzelas segurarem uma das coroas. Dois barões tomaram da outra. Depois ordenou que avançassem os bispos e os priores e os abades religiosos, para ungirem o novo rei segundo o costume cristão.

O próprio bispo de Nantes, mui probo e de grande santidade, sagrou o rei e lhe colocou a coroa na cabeça... O rei Artur fez trazer um centro mais luminoso que um vitral, tendo na ponta uma esmeralda grande como um punho. A verdade ousou vos dizer: não há no mundo uma só espécie de peixe, de bicho selvagem, de homem nem de pássaro volante que nesse cetro não estivesse pintada ou esculpida.

O cetro foi entregue ao rei. Ele o contemplou maravilhado e sem mais tardança colocou-o na mão direita de Eric, que foi então rei segundo a imagem do verdadeiro rei. Depois Enide foi coroada.

Já soava para a missa. Foram ouvir o serviço na igreja-mor, depois orar na capela do bispado. De júbilo veríeis chorar o pai e a mãe de Enide, que tinham por nome Licoran e Carsenfide.

Quando os esposos reais vieram ao bispado, saíram a seu encontro as relíquias e os tesouros, com cruzeiros, livros e incensórios carregados por todos os monges do mosteiro; depois os relicários dos corpos dos santos, em que essa igreja era mui rica. Saíram em procissão, e quantos cantos se ouviram! Jamais estiveram juntos em uma missa tantos reis e condes, tantos duques e barões! O ajuntamento foi tão grande e espesso que todo o mosteiro ficou repleto. Nenhum vilão pôde entrar e tampouco muitas damas e cavaleiros nobres, que tiveram de permanecer do lado de fora.

Após ouvir a missa a corte retornou ao castelo. Tudo já estava pronto, mesas postas e toalhas cobrindo-as. Havia arrumado quinhentas mesas e mais. Mas não quero acrescentar (pareceria mentira grande demais) que mesas foram postas assim em fila num palácio. Por isso, houve cinco salões tão cheios que só com grande empenho homem podia encontrar um caminho entre as mesas. Em cada uma havia rei, duque ou conde, e cem cavaleiros estavam sentados ao redor. Mil cavaleiros trajando peliças de arminho faziam o serviço do pão. De tantas iguarias em abundância não vos direi mais nada. Aos novos soberanos deu o rei mui largamente cavalos, armas e moedas, lãs e sedas, pois era mui bondoso e queria cumular Eric a quem tanto amava.

Cliges ou a que fingiu de morta

Um príncipe bizantino é o herói deste curioso romance dividido em duas partes de igual importância. A primeira conta sobre Alexandre, filho do imperador de Constantinopla. A segunda constitui propriamente o romance de Cliges, filho desse Alexandre e de Soredamor, dama de companhia da rainha Guinevere. Um romance curioso, que manifestamente tem origem dupla: céltica e oriental-bizantina.

Deve-se dar crédito ao que Chrétien afirma em seu prólogo? Foi realmente em um manuscrito da biblioteca de São Pedro de Beauvais que ele conheceu “o conto do qual fez o romance”? O que continha esse manuscrito? Algum conto latino – talvez A falsa morta – cujo assunto teria inspirado o romancista. É preciso lembrar também as fontes antigas, especialmente o que o romance Cligès deve ao romance Enéas. E, finalmente, a lembrança de Tristan et Yseult paira sobre muitos episódios. Não que Cligès siga as sutilezas da casuística amorosa; mas é à maneira da França do Norte e não à dos provençais, peritos em refinamento e mescla indefinida.

Por inclinação pessoal, o romancista deseja amor conjugal franco e sem divisão, ao passo que a preocupação de seguir o gosto vigente o incitaria a dar amplo espaço ao amor fora do casamento. Chrétien é bastante hábil para nada sacrificar e contentar a todos os seus leitores: cada um deles encontra história ou episódios que lhe agradem.

Basta rememorar um pouco a anarquia de certos costumes feudais! O casamento era então, acima de tudo, apropriação de um dote e de uma herança, com a bênção dos representantes de uma Igreja quase sempre cúpida e dócil. Não é de espantar que no recôndito das almas delicadas e exigentes tenham nascido e depois se expressado os protestos e as esperanças do amor cortês, exaltação do amor em uma sociedade que o ignora ou despreza. Não é de espantar que, após consultas, disputas e debates, acabe-se por decretar que amor e casamento são incompatíveis. É o que afirma a condessa de Champagne em um julgamento datado do terceiro dia das calendas de maio de 1174: “Pelo teor dos presentes, afirmamos e sustentamos que o amor não pode estender seus direitos entre marido e mulher. Os amantes prodigalizam-se todas as coisas de forma recíproca e gratuita, sem qualquer obrigação de necessidade, ao passo que os esposos estão atados por dever a todas as vontades um do outro. Que este veredito, que pronunciamos com extrema maturidade, após ouvir várias senhoras, seja considerado verdade permanente e irrefragável.”

Tal proposição estava de acordo com a tese do Tristan que Chrétien escreveu quase certamente no início de sua carreira literária, após ter composto o romance Guillaume d’Angleterre (bem poderia ser esse o primeiro Tristan da literatura francesa). Em face dessa obra, que Chrétien menciona em diversas ocasiões mas cujo manuscrito foi destruído ou extraviou-se, o novo livro surge como um anti-Tristão. A tese de Cligès expressa mais seguramente as convicções íntimas do autor: o único amor verdadeiro é o que floresce dentro do matrimônio. É certo que Chrétien devia levar em conta os desejos de seu público. As fortes influências provençais conjugadas com elementos célticos exaltavam o adultério físico ou moral. Para além das satisfações ideais, quem não teria visto nisso um perigo? Uma forte corrente antimatrimonial manifesta-se em todas as classes da sociedade. Daí o contrapeso representado pelo elogio do amor conjugal que consegue superar todas as provações e triunfa pela força soberana que o sustenta.

Com este romance – sua quarta grande obra – Chrétien de Troyes aumenta uma fama já bem estabelecida. A Europa inteira inveja-o, transcreve suas obras ou inspira-se livremente nelas. Assim se consolida em todos os países o êxito desse gênero literário recente: o romance.

Como em Erec et Enide e pelas mesmas razões, conservamos apenas os episódios principais de Cliges, que correspondem aproximadamente à metade do texto.

Este que fez *Eric e Enide*, os *Mandamentos* de Ovídio e *A arte de amar* em romance-mito, que escreveu *A mordida no ombro*, *O rei Marc e Isolda a Loura*, *A metamorfose do cardeal*, *da andorinha e do rouxinol*, começa aqui novo romance, de um jovem que vivia na Grécia, da casa do rei Artur. Antes que eu dele vos fale, ouvireis a vida de seu pai, sua origem e linhagem. Tanto ele foi bravo e de alta coragem que, para obter honra e renome, viajou da Grécia para a Inglaterra, que então se chamava Bretanha.

Esta história que quero contar, podeis encontrá-la escrita em um dos livros da biblioteca de monsenhor Saint-Pierre em Beauvais. Ele atesta sua veracidade, e por isso devemos lhe dar crédito. Pelas obras que temos, conhecemos a vida e os feitos dos antigos no mundo que outrora existiram. Ensinam nossos livros que a Grécia teve grande renome em cavalaria, tanto quanto em ciência. Depois veio a cavalaria para Roma, e com ela grande soma de saber que agora passou para a França. Permita Deus que elas aqui fiquem guardadas; que a permanência neste lugar lhes apraza e que jamais saia da França a glória que aqui se deteve! Deus as tinha apenas emprestado àqueles gregos e romanos; deles já não mais se fala, pois sua viva brasa está extinta.

Chrétien compõe seu romance segundo o que conta o livro escrito sobre um imperador poderoso em riquezas como em honra, que reinou sobre a Grécia e sobre Constantinopla.

A imperatriz era bela e nobre, da qual o imperador teve dois filhos. Mas o primeiro foi tão grande que antes do nascimento do outro teria podido, se o quisesse, tornar-se cavaleiro e reinar sobre todo o Império. Este primeiro recebeu o nome de Alexandre. Alis foi chamado o mais novo. Contaremos a história de Alexandre, tão corajoso e bravo que não condescendeu em se tornar cavaleiro em seu país. Ele ouvira falar do rei Artur que então reinava e dos barões que tinha diariamente em sua companhia, pois sua corte era temida e famosa por todo o mundo. Nada que acontecesse e adviesse haveria de o impedir de ir para a Bretanha. Mas precisava pedir permissão ao pai antes de partir para a Bretanha ou a Cornualha. Assim, para adeus dar e receber, vai falar com o imperador.

Alexandre o pai, o belo, o bravo, pergunta-lhe quais são seus votos, o que ele quer fazer e empreender.

– Caro pai, para aprender a honra, para conquistar glória e renome, vou pedir uma graça que vos imploro conceder-me. Se me deveis outorgá-la, não a adieis.

Que prejuízo poderia ter o imperador em aceitar tal pedido? Como não desejar, não querer acima de todas as cousas a honra de seu filho? Maior honra do filho não seria também maior honra do pai?

– Querido filho, concedo o que vos apraz. Dizei-me: que quereis que vos dê?

Fez bem sua obra, o jovem, que está jubiloso com o dom que desejava receber!

– Sire, quereis saber o que acabais de prometer-me? Desejo ter grande plenitude de vosso ouro e de vossa prata e tais companheiros de vossa casa que escolherei, porque tenho intenção de deixar vosso império. Irei apresentar meu serviço ao rei que reina na Bretanha, para que cavaleiro me faça. Asseguro, jamais terei armada a face, nem elmo na cabeça, antes que o rei Artur me cinja com a espada, caso se digne fazê-lo. Não quero receber as armas de outra mão que não a dele.

O imperador prontamente lhe responde:

– Caro filho, por Deus, não faleis assim! Este país todo vos pertence, mais Constantinopla a rica! Não me tomeis por mesquinho quando vos quero conceder tão grande

dom! Amanhã mesmo vos farei coroar. Também sereis cavaleiro. Toda a Grécia estará em vossa mão. De nossos barões receberéis, como deve ser, os juramentos e as homenagens. Recusar não seria sensato.

– Caro pai, se quereis fazer como desejo em meu pedido, dai-me veiros e petigris e bons cavalos e panos de seda. Antes de ser cavaleiro gostaria de servir o rei Artur. Mérito ainda não tenho para poder portar as armas. Por rogos e promessas ninguém poderá desviar-me de ir para terra estrangeira ver o rei e seus barões que têm tão grande renome de cortesia e bravura. Tantos altos senhores perdem por preguiça a glória que poderiam ter, se pelo mundo caminhassem! Repouso e renome não combinam! Senhor que sempre repousa não se ilustra! É servo de seu bem quem sempre o aumenta e acrescenta. Caro pai, como me é lícito conquistar renome, nisso quero pôr lida e esforço.

Por essas palavras, sem nenhuma dúvida, o imperador sente alegria e tristeza.

– Caro filho – diz ele – pois que vos vejo tão desejoso da honra, nada devo fazer que não seja para vos aprazer. Podeis pegar em meu tesouro duas barcas cheias de prata e ouro. Tende o cuidado de ser sempre dadivoso.

O jovem obteve o que pedira. O pai suplicou-lhe que dissesse tudo o que desejava ter. A imperatriz fica triste ao saber que o filho vai partir em viagem. Mas que isso cause desolação ou tristeza, que lhe reprovem uma infantilidade, que o censurem ou o louvem; o jovem, tão logo pode, manda aprestar seus navios, pois não quer permanecer mais longamente no país. Segundo seu comando, as naus são carregadas, já nessa noite, com vinho, carne e biscoitos.

As naves estão carregadas no porto e, no dia seguinte, com grande alegria, Alexandre desce à praia com seus companheiros, jubilosos pela viagem. O imperador os escolta, e também a imperatriz, que chora. No porto ao pé da falésia eles encontram os marinheiros nos navios. A brisa está calma, o vento suave e os ares serenos. Após se despedir do imperador e da imperatriz que tem o coração tão triste, Alexandre é o primeiro a passar da barca para o navio, e seus companheiros com ele em grupos de quatro, de três, de dois. Todos rivalizam em grande pressa para embarcar. De pronto a vela é alçada e a barca desancorada. Os que ficaram em terra, contritos de verem afastar-se o jovem príncipe, seguem-no ao longe com o olhar; e para não perdê-los de vista escalam uma elevação perto da marinha. De lá ficam contemplando o que lhes causa tanta tristeza. – Que Deus o conduza a bom porto, sem escolhos e sem perigo!

No mar ficaram abril todo e uma parte de maio, sem grande perigo e sem inquietude, e chegaram ao porto de Southampton. Um dia, entre vésperas e nona, lançam âncora e aportam. Os jovens, que ainda não tinham aprendido a sofrer penas e descômodos, permaneceram longo tempo no mar e todos estão bem descorados e enfraquecidos e esgotados, mesmo os mais fortes e os mais sadios. Apesar disso, rejubilam quando se livram do mar e chegam onde queriam. Por estarem muito sofridos permanecem em Southampton toda a noite. Festejam e mandam saber se o rei está na Inglaterra. Respondem-lhes que está em Winchester, onde poderão vê-lo em breve se quiserem levantar cedo e tomar o caminho reto.

Os jovens acordam pela manhã. Adornam-se e aprestam-se. Afastam-se de Southampton e, tomando o caminho reto, chegam a Winchester onde o rei estava sediado.

Antes da hora de prima, os gregos chegam à corte. Apeiam de seus cavalos bem ao pé da escada. Os escudeiros e os cavalos ali permanecem, enquanto os jovens sobem ao salão para aparecerem diante do melhor rei que já existiu e jamais existirá no mundo. E, quando o rei Artur os vê, os jovens agradam-lhe muito. Antes de vir diante dele, desafivelam o manto, que não os tomem por tolos.

Todos os barões os contemplam, vendo bela e nobre juventude, com um ar que muito lhes apraz. Não duvidam que sejam todos filhos de rei e filhos de condes (e todos com efeito o eram)... Têm a beleza da juventude. São todos nobres e bem parecidos. E todos portam iguais vestimentas do mesmo tecido e mesmas cores. São doze sem seu senhor, do qual vos direi apenas que nenhum lhe foi superior, teve menos orgulho, mais comedimento. Ei-lo diante do rei, a cabeça descoberta, mui belo, bem talhado. Diante do rei ele ajoelha e os doze, por afeição, ajoelham ao seu redor.

Alexandre saúda o rei, ele cuja língua era hábil em falar bem e sabiamente.

– Rei – diz ele –, se vosso renome não mente, desde que Deus fez o primeiro homem jamais nasceu um rei crente em Deus que fosse tão poderoso quanto vós. Sim, senhor rei, a fama que de vós corre trouxe-me a esta corte para vos servir e honrar; e gostaria de permanecer aqui bastante para, se vos aprouver meu serviço, ser armado cavaleiro por vossa mão e não por outra. Pois, se não o for por vossa mão, jamais serei cavaleiro. Se aceitais meu serviço e consentis em armar-me, conservai-me convosco, rei afável, e aos meus companheiros que aqui estão!

O rei responde prontamente:

– Amigo, não vos recuso, nem a vós nem a vossa companhia. Sede bem-vindos. Parece-me que sois todos filhos de altos senhores. De onde sois?

– Somos da Grécia.

– Da Grécia?

– Assim é.

– Jovem, quem é teu pai?

– Por minha fé, sire, é o imperador.

– E como te chamas, caro amigo?

– Alexandre me chamaram quando recebi sal e óleo santo e cristandade e batismo.

– Alexandre, guardo-vos comigo de mui bom grado. Tenho nisso prazer e contentamento, pois me fizestes grande honra vindo assim à minha corte. Quero que aqui vos honrem a todos como jovens nobres e sensatos. Estivestes de joelhos tempo demais. Levantai-vos, ordeno, e sede doravante de minha corte e de meus familiares, pois eis que aqui chegastes a bom porto.

Erguem-se então os gregos, jubilosos de ver que o rei cordialmente os aceitou. Alexandre é bem-vindo. Estão satisfeitos todos os seus desejos! Não há barão tão alto que não os cumprimente e acolha. Alexandre não se orgulha disso e não se faz de importante. Liga-se de amizade com sire Gawain, que lhe tem tanta afeição que o chama de companheiro e amigo.

Na cidade, em casa de um burguês, os gregos haviam tomado alojamento do melhor possível. Alexandre trouxera de Constantinopla um grande haver. Cuidou de seguir as ordens e o conselho do imperador: ter o coração sempre pronto para dar e para despende com largueza.

Assim, põe nisso grande cuidado e esforço, leva vida larga em sua moradia, faz dons e despesas como convém à sua fortuna e como seu coração convida. Toda a corte espanta-se, não sabendo de onde lhe vem tudo o que despende, pois dá cavalos de alto preço que trouxe de seu país. Alexandre faz tão bela obra e tão bem por seus bons serviços que o rei o ama vivamente e o estima, como também o amam os barões e a rainha.

O rei Artur, nesse tempo, quis ir à Bretanha Menor. Reuniu todos os barões para lhes pedir conselho. A quem poderá confiar a Inglaterra até seu retorno, para a guardar e manter em

paz? Segundo o aviso de todos os barões, ela foi confiada ao conde Angres de Windsor, pois não havia barão mais fiel em todas as terras do rei.

Quando Angres de Windsor tomou posse da terra, o rei Artur, no dia seguinte, pôs-se a caminho mais a rainha e suas damizelas. Na Bretanha Menor chegam novas de que estão vindo o rei e seus barões. Os bretões rejubilam.

No navio que transportava o rei não havia outro jovem além de Alexandre, nem outra jovem além da que era a aia da rainha. Seu nome era Soredamor.

Soredamor desdenhava o amor. Jamais ouviram falar de homem que ela dignasse amar, quaisquer que fossem sua beleza e bravura, seu senhorio e nobreza. Entretanto a damizela era tão graciosa e bela que teria podido o amor aprender se lhe tivesse aprazido amar. Disso jamais quis se ocupar. Mas em breve Amor a fará sofrer e saberá bem vingar-se desse grande orgulho, dessa resistência que lhe opuseram sempre. Amor tão bem mirou o coração que seu dardo o atingiu. Amiúde ela empalidece, fica banhada em suor. Contra sua vontade precisa amar. Muito lhe custa impedir-se de volver os olhos para Alexandre e deve usar de cautela com sire Gawain, seu companheiro. Ela resgata e paga caro seu orgulho e seu desdém. Amor aqueceu-lhe um banho que a queima e atormenta. Ora isso lhe apraz, ora lhe dói. Ora deseja Amor e ora o recusa. Chama seus próprios olhos de traidores. Diz a eles:

– Olhos meus, traístes-me. Por vós meu coração me tem ódio, ele que no entanto me foi tão fiel! Tudo o que vejo me desagrade. Desagrada? Não, ao contrário, agrada-me, e no entanto vejo cousas que me fazem mal. Não tenho então poder sobre meus olhos? Todas as forças terei perdido e muito pouco me devo estimar se não posso dominar meus olhos e fazê-los olhar alhures. Em que então pecaram meus olhos, se olham o que quero? Em que erraram, que culpa têm? Devo censurá-los por isso? Não! A quem então? A mim, que os tenho sob guarda! Meus olhos nada devem contemplar que não agrade e convenha a meu coração. A causa que me fez dolente, meu coração não a deveria ter querido. Sua vontade me atormenta. Atormenta? Por minha fé, então sou uma louca se, por meu coração, quero cousa que me faz mal! Querer do qual me venha sofrimento devo arrancá-lo, se puder. Se puder? Louca, que disse? Teria então muito pouco poder se não tivesse controle de mim! Amor pensa guiar-me, ele que tem por costume extraviar os outros? Pois bem, que guie os outros, pois em nada sou dele. E nunca o serei, não mais do que jamais fui! Nunca amarei sua convivência.

Assim ela mesma se repreende. Ora ama, ora odeia. Hesita enquanto não sabe qual dos dois mais lhe vale. Contra Amor crê se defender, mas bem vã é sua defesa!

Por Deus, Soredamor não sabe o que Alexandre pensa dela! Amor proporciona por igual a ambos os dons que lhes deve. Age com retidão, pois ambos se amam e se desejam. Leal e justo teria sido esse amor se cada um tivesse sabido qual desejo os possuía a ambos. Mas ele não sabe o que ela deseja. Ela não sabe o que o atormenta. A rainha estranha ao vê-los amiúde perder as cores e empalidecer. Não encontra o motivo e pensa que talvez seja culpa do mar em que navegam. Se não atribuísse toda a culpa ao mar, talvez tivesse adivinhado. Mas o mar faz a rainha enganar-se: está no mar e não vê que amor é a única causa. Eles estão no mar e tudo é apenas efeito do amargo dos sentimentos. Apenas do amor vem o mal que os domina. Mas, dos três aos seus pés, a rainha só tem censura para o mar. Os jovens também o acusam e se excusam ambos, libertando-se do malefício. Muitas vezes quem não tem culpa nem erra paga pelo pecado de outro. Por isso a rainha acusa o mar, mas sem razão o ataca com suas exprobações, pois o mar não cometeu crime algum.

Soredamor sofreu grande dor. O navio chegou ao porto. O rei sabe que os bretões

rejubilaram ao ter notícia de sua vinda, pois de muito bom grado o servem como seu legítimo senhor. Sobre o rei Artur, por enquanto, não falarei mais. Mas me ouvireis dizer como Amor trabalha os dois amantes a quem faz guerra.

Alexandre ama e deseja aquela que suspira por seu amor. Mas não o sabe, nem o saberá até o momento em que tiver sofrido muitos males e muitos tormentos. Por esse amor ele serve a rainha e as damizelas de sua corte. Mas àquela em quem mais pensa não tem a audácia de dizer uma só palavra! Se ela ousasse tomar para si o direito que crê ter sobre ele, de bom grado o faria saber! Mas ela não ousa nem deve.

O fato de se verem um ao outro e nada ousarem nem em gestos nem em palavras lhes é cada vez mais penoso. O amor cresce e queima mais forte. Mas é costume de todos os amantes confiarem-se aos olhares, quando mais não podem. Porque lhes agrada esse jogo que fez nascer e crescer seu amor, crêem que os alivia, quando na verdade lhes faz grande mal: quem se aproxima do fogo queima-se mais do que quem dele se afasta. O amor dos amantes não cessa de crescer, mas cada qual fica cheio de pejo diante do outro.

Cada um deles se recata e se acoberta tão bem que não aparecem nem chamas nem fumaça do carvão que dormita sob a cinza. Mas o calor não é menor. Muito ao contrário, dura mais tempo sob a cinza do que sobre ela! Estão ambos em grande angústia, mas para que outros não o descubram e conheçam suas dores é preciso que os enganem com fingimentos. Toda noite é longo o lamento de cada um consigo mesmo.

Primeiro vos direi como Alexandre lamenta-se em desespero:

– Como Amor te atravessou o corpo, se por fora nenhum ferimento aparece? Dize-mo! Quero saber! Por onde ele te atingiu?

– Pelo olho.

– Pelo olho? Entretanto não o vazou?

– É no coração que estou ferido.

– Mas, dize-me, por que e como o dardo te acertou o olho sem o ferir nem romper? Se o dardo penetrou por lá, por que sofre o coração no peito? Por que o olho não sofre, se recebeu o primeiro golpe?

Os olhos são o espelho do coração e é por esse espelho que passa, sem o ferir nem quebrar, o fogo de que o coração se inflama. Não está o coração no peito como a vela acesa que colocamos em uma lanterna? Se retirardes a vela, não sairá a menor claridade; mas, enquanto a vela dura a lanterna não fica escura e a chama que nela brilha não a estraga nem faz dano. O mesmo acontece com o vitral. Não é tão forte nem tão espesso que o raio de sol não possa passar por ele, e sem o danificar em nada. O vidro nunca será bastante claro para iluminar apenas por sua virtude, se outra luz não o atingir.

Pensai na claridade dos olhos, que a todos que os contemplam parecem duas velas brilhantes! Quem tem a língua bastante desatada para conseguir descrever aquele nariz bem feito, aquele rosto claro onde a rosa cobre o lírio, esmaecendo-o um pouco para melhor iluminar a face e a boquinha risonha? Deus a fez de tal modo que ninguém a veja sem pensar que está sorrindo.

Há tantas cousas a dizer e tantas cousas a contar para descrever cada detalhe do queixo, das orelhas, que não seria de estranhar se eu esquecesse alguma coisa! Inda não disse que, junto àquela garganta, turvo pareceria o cristal, e que sob a trança o pescoço é bem oito vezes mais branco que o marfim. Do nascimento do pescoço à entreabertura do colchete, o que vi do peito descoberto é mais alvo que a neve fresca.

Longo é o lamento de Alexandre, mas o lamento da damizela não é menor. Toda noite seu penar é tanto que ela não dorme nem descansa. Amor está encravado em seu coração. Discórdia e raiva revolvem seus sentimentos, a angustiam e obsedam. Toda noite ela chora e se lamenta e se retorce e treme tão forte que o coração lhe falha, ou quase. E, após muito sofrer e soluçar, devanear, estremecer e suspirar, ela contemplou em seu coração quem era o homem pelo qual Amor a atormentava assim. Reconfortada, ela se acalma e se recompõe. Considera loucuras todos os pensamentos que teve. Diz:

– Louca, que posso fazer se esse jovem é afável e generoso, cortês e bravo? Que me importa sua beleza? Que se vá com ele! Assim fará, mau grado meu. Nada quero arrebatá-lo. Arrebatá-lo? Não, realmente não o quero! Por minha fé, não o odeio nem um pouco! Sou por isso sua amiga? Não mais dele que de algum outro! Por que então penso mais nele, se não me agrada mais que outro? Não sei, estou ficando louca, pois nunca pensei tanto em qualquer homem que vive no mundo! Queria todos os dias o ver, nunca tirar dele os olhos, tanto me agrada quando o vejo. Será isso Amor? Assim creio. Entretanto, dele me guardei com recato por tão longo tempo. Agora estou benevolente, sua força domou meu orgulho, e rendo-me à sua mercê. Amor quer (e assim também eu) que eu seja recatada, benevolente e acolhedora, amável a todos e não a um só. Então amarei a todos os homens por causa de um único? Devo ser gentil com eles. Mas Amor não me ensina a ser verdadeira amiga de todos. Amor só me dá boas lições: não sem razão sou chamada Soredamor, ou seja, Loura de Amor. Devo amar e ser amada. Devo prová-la por meu nome, pois nesse nome só encontro amor. Se a primeira parte de meu nome é cor de ouro, é porque os melhores são os mais louros. Por isso considero meu nome como o mais belo, pois é da cor que combina com tudo o que é melhor. Quem me chama por meu verdadeiro nome sempre me lembra o amor. Metade de meu nome doura a outra metade com uma douradura clara e loura, e dizer Soredamor é como dizer “Sobredourada de Amor”. Não há douradura tão fina como a que me ilumina. Amo e sempre amarei. Mas a quem? Ah, realmente, que bela pergunta! Aquele que Amor me ordene amar. Nenhum outro, jamais, meu amor terá!

E continua:

– Que lhe importa, pois que ele de nada saberá se eu mesma não lhe disser? Que farei se não o cortejar? Quem de uma cousa tem desejo a deve buscar e pedir. Como? Deverei então cortejá-lo? Isso não! Por que não? Nunca adveio que uma mulher cometesse tal pecado de requestar de amor um homem, a menos de ser a louca das loucas! Eu seria louca provada se dissesse com minha boca uma palavra que me trouxesse exprovação. Creio que ele me tomaria por vil e amiúde me censuraria por o ter requestado primeiro. Mas, Deus, como ele o saberá, pois que não lhe direi? Ainda não sofri o bastante para a tal ponto me desgraçar. Aguardarei que ele se aperceba, caso deva fazê-lo. Creio que o saberá, se tiver experiência de amor. Se ouviu falar a respeito, tem algum conhecimento. Conhecimento? Acabo de dizer tolice. Amor não dá suas graças a tal ponto que palavras bastem para vos instruir. É preciso também o costume. Por mim mesma bem o sei. Palavras e frases sedutoras nada me ensinaram, e entretanto estive na escola de Amor. Instruída por suas seduções, mantive-me afastada. Ele me faz pagar muito caro por isso. Agora sei mais sobre Amor do que um boi sobre seu labor. O que me aflige é pensar que talvez esse jovem nunca tenha conhecido Amor. Se não ama e nunca amou, semeei no mar onde semente não pode vingar mais que na cinza. Então, soframos, até que eu saiba se com discretas alusões e palavras veladas o poderei pôr no caminho. Tanto farei que ele saberá de meu amor, se o ousar receber. Agora não me resta senão amar e ser sua. Se ele não me ama, pelo menos o amarei eu!

Assim se lamentam ambos, cada qual se escondendo do outro. Sofrem durante o dia e mais ainda à noite. Por longo tempo sofreram assim na Bretanha. E chega o fim do verão. Nos primeiros dias de outubro, passando por Dover, veio um mensageiro de Londres e de Canterbury para trazer ao rei notícias inquietantes para o seu coração. Diz o mensageiro que ele tarda demais na Bretanha Menor, pois aquele a quem confiara seu reino logo o disputará. Já enviou um grande exército de gente de sua terra e de seus amigos. Aquele traidor adentrou Londres para defender a cidade quando o rei retornar.

Indignado, o rei reúne seus barões. Decide ali mesmo erguer um exército. Toda a Bretanha engaja-se sob os estandartes de Artur. Antes de partir para a Inglaterra, o rei arma Alexandre cavaleiro. E a seus doze companheiros também. E todos recebem ainda roupas, armas e cavalos. A rainha Guinevere oferece a Alexandre uma camisa de gala. Foi Soredamor que a fez, e “aqui e ali entremeou um cabelo dourado de sua cabeleira”. O exército de Artur, tendo facilmente reconquistado Londres, de onde o traidor Angres fugiu, assenta o cerco diante de Guinesores (que os ingleses chamam Windsor). Imediatamente Alexandre e seus doze cavaleiros realizam um feito de grande bravura. O belo guerreiro faz prisioneiros quatro cavaleiros inimigos e os envia em homenagem à rainha Guinevere. Mais tarde, em meio a “um grande barulho de todas as partes”, o exército de Artur toma de assalto o castelo. Os episódios de sítio alternam com os episódios cortesês. Após uma jornada de combates, Alexandre presta suas homenagens à rainha.

Alexandre e a rainha estavam sentados juntos. Diante deles, bem vizinha, sentava Soredamor sozinha, e olhava sua senhora com tão grande prazer que teria dado seu lugar no Paraíso. A rainha segurava a mão direita de Alexandre. Percebeu o fio de ouro, que parecia muito pálido e tornava mais belos os cabelos. Lembrou por acaso que Soredamor havia feito aquela costura, e pôs-se a rir. Eis que Alexandre percebe e pede-lhe que diga, se for possível, o que a faz rir. A rainha tarda a responder e, olhando para Soredamor, chama-a para junto de si. De bom grado esta se precipita e ante a rainha ajoelha. Muito apraz a Alexandre vê-la tão próxima que quase a poderia tocar. Mas nem sequer a ousa olhar. Fica tão emocionado que quase perde a palavra. Soredamor está tão perturbada! Não sabendo o que fazer dos olhos, baixa o olhar. A rainha fica mui surpresa. Vê Soredamor pálida, depois rubra, e observa cada ademã e cada expressão. Vê claramente e parece-lhe que essas mudanças de cor dos jovens são efeitos de Amor. Não quer causar embaraço e finge nada ver. Nada deixa transparecer – e age com bom senso – mas apenas diz à jovem:

– Damizela, olhai aqui e dizei-me, sem nada ocultar, se costurastes a camisa que este cavaleiro está vestindo. Não vos empenhastes nisso? Nada pusestes aqui de vós?

A damizela tem pejo de falar. Mas logo põe-se a falar. Quer que ele saiba a verdade – ele que sente tanta alegria ouvindo-a contar e revelar como coseu a camisa! Contemplando o fio de cabelo, com grande dificuldade Alexandre se contém para não a adorar de joelhos.

A rainha e os companheiros presentes causam-lhe mal e contrariedade. Por sua causa, não pode tocar com os olhos nem com a boca essa camisa que de bom grado teria beijado, se o pudesse fazer em segredo. Está jubiloso de possuir tal tesouro de sua amiga, pois não espera nem conta ter jamais outra coisa dela. Passa toda a noite abraçado à camisa, e contemplando o fio de cabelo acredita ser senhor do mundo. Amor faz de um ajuizado um louco, pois Alexandre jubila tanto com um fio de cabelo e nele encontra tanto prazer! Mas esse prazer chegará a seu fim.

Antes da alba clara e do sol, os traidores realizam um conselho sobre o que lhes convém fazer. Poderão conservar o castelo por longo tempo, é cousa certa, se puserem todo empenho em o defender. Mas sabem da alta coragem do rei, que não partirá antes de o tomar, mesmo que nisso precise passar todos seus anos. Então eles terão de morrer, pois não se rendendo não devem esperar a menor piedade. Assim, em um caso e noutro, qualquer desenlace os conduz à perdição. Mas a decisão é tomada: amanhã, antes de despontar o dia, sairão às ocultas do castelo. Encontrarão o exército sem armas e os cavaleiros adormecidos, inda no leito estendidos. Antes que estejam despertos, aprestados e prontos, os sitiados terão matado tantos que até o final dos tempos homem falará dessa carnificina. A essa decisão todos os traidores se aliam, mas sem confiança, pois não esperam salvar a vida. O desespero dá-lhes audácia: não vêem remédio que não a morte ou a prisão. Mas tal remédio não é saudável. Que esforço poderia assegurar-lhes a salvação na fuga? A morte e os inimigos estão por toda parte ao redor.

Agora eles não tardam mais. Tomam das armas e apetrechos. Saem do lado do vento galerno, passando por antiga poterna. Saem em filas cerradas, fazem de sua gente cinco batalhões de dois mil soldados cada. Naquela noite, nem estrelas nem lua mostravam no céu seus raios. Entretanto, antes que cheguem às tendas, eis que a lua se ergue. Acredito que para prejudicá-los ergueu-se antes da hora; e que Deus, querendo confundir os traidores, iluminou a noite escura, odiando-os pelo pecado que os maculava. Pois, mais que todos os outros crimes, Deus odeia traidores e traição.

A lua os prejudica muito, luzindo nos escudos que brilham. E também os prejudicam os elmos que ao luar reluzem. Pois as atalaias que vigiam o acampamento os vêem, e bradam por todo o exército.

– Sus, cavaleiros! Em pé, depressa! Tomai das armas! Os traidores já estão sobre nós!

E todos correm às armas e armam-se às pressas. Nenhum dos guerreiros avança antes que todos estejam armados. E todos montam nos cavalos. Então os outros, que querem a batalha, se apressam para os surpreender desarmados. Eles vêem as cinco pequenas tropas avançar em cinco direções.

Uma parte dos inimigos voltava-se para os bosques, outros aproximavam-se ao longo do rio, outros ainda entravam na floresta e uma quarta tropa estava num valezinho. A quinta apertava-se perto de um desfiladeiro e pensava lançar-se sobre as tendas do acampamento sem encontrar resistência. Mas essas tropas não acharam o bom caminho de uma passagem segura, pois os exércitos reais a disputam, e os desafiam com coragem, exprobando-lhes a traição.

Eles se entreatacam com o ferro das lanças. Atiram-se uns sobre os outros, ferozes como leões sobre a presa, que devoram tudo o que agarram. Na verdade, dos dois lados, há grande mortandade nesse primeiro encontro.

Alexandre e os companheiros combatem com a mais alta valentia. “Quantos mortos jazem nos campos lavrados!” Para precipitar a debandada dos inimigos, Alexandre emprega um ardil de guerra. Mas no acampamento real crêem que ele e os seus estão mortos. Vestem luto fechado, e Soredamor ousa chorar com toda a corte. No meio dessa desolação surge Alexandre que, graças a sua artimanha, conseguiu fazer prisioneiro Angres, o regente traidor, e quer entregá-lo a justiça do rei. Alexandre recebe uma taça de ouro. Depois a rainha Guinevere reúne em sua tenda o jovem herói e Soredamor. “Não penseis ocultar-me (pois percebi muito bem, por vossa atitude de ambos) que de dois haveis feito um só.” Aconselha-os a “entreatacompanharem-se juntos”. Na alegria da vitória, as núpcias de Alexandre e Soredamor são celebradas em Windsor. E, cúmulo da honra, o próprio rei Artur coroa o jovem esposo soberano do País de Gales.

Treze meses depois, “vem o fruto, em sua natureza de filho”. Surge então Cliges, pois é assim que a bela criança se chama. “Cliges, em memória do qual esta história foi posta em romance.”

Portanto, é somente após esse longo prólogo que tem início a história de Cliges, com a narração dos acontecimentos de Constantinopla. O rei Alexandre, pai do cavaleiro Alexandre, envia à Inglaterra mensageiro que têm por missão levar o valente cavaleiro de volta à Grécia. Quer a má sorte que todos os mensageiros pereçam, exceto um único. Este comete uma traição: relata a falsa notícia da morte de Alexandre, pretensamente morto em naufrágio. Assim, seu irmão caçula recebe do pai a coroa de Constantinopla. Mas Alexandre não tarda a saber de boa fonte que Alis foi coroado imperador. Reúne guerreiros de Gales, da Escócia e da Cornualha e, levando Soredamor e seu filho, ganham o porto de Shoreham, de onde toda a companhia põe-se a mar. Chegando à Grécia, Alexandre despacha um mensageiro até seu irmão, para reclamar a coroa. A assembleia dos barões aconselha a Alis um arranjo amigável: conservará a coroa da Grécia e de Constantinopla, mas fará juramento de não casar. Assim, seu sobrinho Cliges será imperador depois dele.

Algum tempo após, Alexandre dispensa ao filho os últimos conselhos e entrega a alma. Soredamor, sua esposa, pouco lhe sobrevive.

O imperador Alis, logo esquecido do juramento, envia embaixadores ao imperador da Alemanha para pedir a mão de sua filha. Este a concede e Alis, acompanhado do sobrinho Cliges e de um cortejo de barões, toma a estrada de Colônia, onde tem lugar o encontro dos dois soberanos.

O imperador prontamente manda chamar sua filha, a graciosa. A donzela vem ter depressa ao palácio. Era tão bela e tão bem talhada que parecia que ao fazê-la Deus se divertira em trabalhar para maravilhar todo o mundo. A donzela chamava-se Fenice; e não sem razão, pois, assim como o pássaro Fênix é de todos o mais belo e só pode haver uma Fênix por vez, assim Fenice, creio eu, não tinha parceira em beleza. Os braços, o corpo, a cabeça, as mãos, não os quero descrever em palavras, pois se mil anos tivesse para viver e cada dia duplicasse meus talentos, ainda assim teria perdido toda minha vida antes de o conseguir. Sim, perderia todo meu empenho sem dar uma idéia exata dela.

Tanto se apressou a jovem que ao palácio veio com a cabeça e o rosto descobertos. O esplendor de sua beleza espalha mais luz do que o fariam quatro rubros rubis. Diante do imperador seu tio, postava-se Cliges desarmado. O céu estava um pouco encoberto; mas ambos eram tão belos – quero dizer, a jovem e ele – que de sua beleza emanava um raio que fazia o palácio resplandecer tanto quanto o sol reluz de manhã, claro e rubro.

Para evocar a beleza de Cliges, quero fazer uma descrição que será apenas uma breve passagem. Ele estava na flor da idade, pois tinha cerca de quinze anos. Era mais belo e gracioso que Narciso, que sob o olmo viu na fonte sua forma e ao vê-la tanto a amou que morreu, conforme contam, porque não a pôde alcançar.

É que Narciso tinha mais beleza que juízo. Mas Cliges tinha tanto de ambos quanto o ouro fino supera o cobre. E mais ainda do que digo. Os cabelos pareciam ouro fino; o rosto, rosa nova. Tinha nariz bem feito, boca bela, e era de tão grande estatura que Natureza não poderia ter feito melhor, pois em um único colocara o que dá em parcelas para todos. Conheciam melhor a esgrima e o arco que Tristão sobrinho do rei Marc, e melhor também a caça com pássaro e a caça com cães. Nenhuma qualidade lhe faltava.

Em sua beleza, diante do tio se postava. Os que o conheciam não tiravam dele os olhos. Os que não conheciam a jovem a olhavam grandemente maravilhados. Mas Cliges por amor dirige a ela seus olhos em segredo. E com tanto recato os traz de volta que nem no ir nem no

voltar pode ser considerado louco. Muito docemente a olha, mas não percebe que a donzela com toda a razão faz o mesmo.

Por amor honesto e não por artifício ela lhe dá seus olhos e toma os dele. A troca parece-lhe deliciosa, e inda mais pareceria se conhecesse melhor o sentimento de Cliges: se deve amar um homem por sua beleza, seria justo amar alhures? Os olhos e o coração pôs nele, que prometeu o seu.

Prometeu? Não! Deu inteiramente. Deu? Não! Por minha fé, estou mentindo, pois ninguém pode dar o coração. Preciso falar de outra forma.

Não falarei como aqueles que unem dois corações em um só corpo. Não é verdadeiro nem plausível que em um corpo possam alojar-se dois corações. Mas, se vos apraz escutar-me, direi em que sentido dois corações fazem um único, sem por isso estarem juntos. Se não fazem mais que um, como dizem, é que os sentimentos passam de um coração para o outro e ambos têm o mesmo desejo; e por isso há pessoas que dizem amiúde: “Cada qual possui o coração dos dois.” Mas nenhum coração está em dois lugares. Eles podem não ter mais que um querer. Cada qual guarda seu coração, da mesma forma como várias vozes podem cantar em uníssono a mesma canção. Dizendo isso quero mostrar-vos que um corpo não pode conter dois corações. Embora um conheça tudo o que o outro deseja e tudo o que odeia, um corpo pode ter apenas um coração. As vozes que cantam em uníssono, fundindo-se em uma só voz, não podem ser de uma única pessoa. Mas não quero me deter nisso, pois outra tarefa me espera.

Convém falar agora do duque de Saxe, que enviou à Colônia um sobrinho para dizer ao imperador que o duque seu tio faz saber que não espere paz nem trégua se não lhe enviar sua filha. Quem pensar em raptá-la no caminho que se acautele, pois o caminho não estará livre e haverá combate se a jovem não for entregue! O jovem diz bem sua mensagem, sem orgulho e amenamente, mas não encontra quem lhe responda, nem imperador nem cavaleiro. E, quando vê que todos se calam e fazem silêncio, por desdém deixa a corte, ultrajado.

Mas, no momento de partir, sua juventude o impele a desafiar Cliges para a justa.

Para justar, montam a cavalo trezentos campeões de cada lado, em número igual. O salão fica vazio. Não resta ali cavaleiro nem damizela, pois todos sobem às galerias, às seteiras, às janelas, para ver o combate dos que vão à justa.

Também ela subiu, aquela que Amor domara, cujo querer estava conquistado. A uma janela sentou, e apraz-se nesse lugar donde pode ver aquele que roubou seu coração. Não o deseja tomar de volta, e jamais amará senão àquele cavaleiro. Mas não sabe como ele se chama, quem é, de qual família. Perguntar não seria honesto. Arde por ouvir o que dará alegria a seu coração. Pela janela olha os escudos que reluzem dourados, e os que os trazem no peito e vão divertir-se a justar.

Mas é Cliges que seus olhos seguem, onde quer que vá o jovem! E este por ela se afaina; que a jovem ouça contar como é bravo e destro. Será justo, em todo caso, que o louve pela valentia.

Dirige-se para o sobrinho do duque, que ia quebrando muitas lanças e fazendo os gregos debandar. Cliges galhardeia e apóia nos estribos; e com tal força o golpeia que o belo sobrinho cai, deixando vazios a sela e os arçãos. O jovem saxão levanta e torna a montar, pensando em bem vingar sua desonra. Investe contra Cliges, que em sua direção baixa a lança e tão duramente o trata que mais uma vez o atira por terra. Eis assim a desonra duplicada, e os de seu partido

estão em grande pavor, pois sabem que não vencerão e que não há dentre eles ninguém para manter-se nos arções perante Cliges. Os da Alemanha e os da Grécia jubilam vendo como os seus dominam os outros, que se retiram derrotados. Os vencedores os rechaçam e escorraçam, até atingirem um rio onde os vencidos têm de mergulhar e em bom número tomar um banho.

No mais profundo do rio Cliges derrubou o sobrinho do duque e tantos outros que fugiram, todos muito doridos e vexados.

Jubiloso retorna Cliges. Dos dois lados ele arrebatou o prêmio e vem direto para uma porta vizinha da sala onde estava aquela que, na entrada, cobra o pedágio de um doce olhar. Ele o paga. Com os olhos ambos se encontraram. Assim cada qual venceu o outro.

Não há tedesco nem alemão que não diga: “Por Deus, quem é este que em tão grande beleza floresce, e de onde vem ele que adquiriu tão grande renome?”

Perguntam isso e mais: “Quem é esse jovem?” Tanto é assim que em toda a cidade todos ficam conhecendo a verdade, seu nome e o de seu pai, e a promessa que o imperador houve por bem fazer-lhe.

Tanto esse nome foi repetido e proclamado que ela o ouviu, aquela que sente grande júbilo no coração, pois realmente não pode dizer que Amor a enganou, nem queixar-se de nada. Amor a faz amar o mais belo, o mais cortês, o mais bravo que pode existir em qualquer lugar. Mas a jovem deve por força desposar um homem que não lhe pode agradar. Está angustiada, aflita porque não sabe com quem tomar conselho sobre o caso de quem ela deseja. Acabrunhada, já sem forças, perdidas todas as cores, bem sabe que não tem o que quer. Brinca e ri e diverte-se menos que de costume. Quando lhe perguntam o que tem, oculta os motivos.

Sua ama tinha por nome Tessala, que era entendida em necromancia. Assim a chamavam porque era da Tessália, onde se ensinam e praticam as artemages diabólicas. As mulheres daquela região são experientes em encantamentos e sortilégios.

Tessala vê perder cor e empalidecer aquela que Amor mantém em seu poder. Assim a interroga:

– Por Deus – diz ela –, lançaram-vos um sortilégio, minha doce damizela querida, para que tragas tão pálido o rosto? Pergunto-me o que tendes. Dizei-me, se o sabeis, onde o mal mais vos toma, pois, se alguém vos deve curar, podeis em mim confiar. Bem saberei vos devolver saúde. Sei curar hidropisia, esquinencia e asma também. Conheço tão bem a urina e o pulso que estariéis errada de escolher outro médico. Também, se ousa dizer, sei mais encantamentos e sortilégios provados do que Medéia jamais conheceu. Nunca vos disse palavra a respeito, e entretanto vos aleitei. Não me censureis. Nada teria dito se não visse seguramente que vos invadiu um mal tão grande que tereis necessidade de mim. Minha senhora, fareis bem em dizer-me vosso mal, antes que ele avulte inda mais. O imperador colocou-me a vosso serviço, para de vós eu cuidar. Desincubi-me tão bem que vos conservei com saúde. Ora, terei realmente perdido meu trabalho se desse mal não vos curar. Vede bem, e não me oculteis se é mal ou outra cousa.

A jovem não ousa revelar abertamente o que deseja, pois teme que a serva a censure ou reprove. Mas, ao ouvi-la gloriar-se de ser entendida em encantamentos e sortilégios, vai dizer-lhe por que está tão pálida. Antes impõe sua condição: a serva ocultará para sempre o que sua senhora vai confiar-lhe.

– Ama – diz ela –, sem mentir, eu acreditava não sofrer mal algum, mas logo não acreditarei mais. Apenas de pensar nisso já sofro em grande aflição. Quem ainda não o sentiu, como saberá o que é o mal ou o bem-estar? Meu mal destoa de todos os outros; para dizer

verdade, agrada-me e entretanto me dói, e tenho deleite em meu penar. Dizei-me, Tessala, esse mal não é hipócrita? Doce me parece, mas causa angústia. Não sei como reconhecer se é um mal ou um bem. Ama, dizei-me seu caráter e sua natureza! Sabei porém que de maneira nenhuma procuro a cura, pois esta angústia me é muito cara.

Tessala, serva de Amor e de todas suas práticas, descobre assim que é Amor que atormenta a senhora. Se Fenice acha doce seu mal, é certo que está amando, pois todos os males são amargos exceto o mal de amar. Esse torna doce e suave sua amargura.

– Minha senhora, nada temais. Vou revelar o nome e a natureza de vosso mal. Dissestes, se bem compreendi, que a dor que sentis parece-vos alegria e saúde. O mal de amor é de tal natureza que encerra em si alegria e dor. Portanto, estais amando, e vos provo isso, pois em nenhum mal além de amor encontro doçura. Todos os outros são horríveis e detestáveis. Mal de amor é doce e suave. Amais, estou certa. Não vos tenho por vilã, mas vilania seria se loucamente, por negligência ou tontice, escondêsseis de mim vossos sentimentos.

– Ama, vós me guardastes. Mas o imperador quer esposar-me. Estou em fúria e desespero, pois quem me agrada é o sobrinho de quem devo aceitar. Se ele me desfrutar, terei perdido irremediavelmente minha alegria. Prefiro ser esquartejada para que, ao falarem de nós, não lembrem o amor de Isolda e Tristão, de quem contam tantas loucuras que é vergonha pensar nisso! Não, eu não poderia aceitar a vida que Isolda levou. Nela o amor se aviltou demais, pois seu corpo teve dois possuidores e ela passou toda a vida sem recusar qualquer dos dois. Aquele amor não foi legítimo. O meu é para sempre duradouro. Por meu coração nem por meu corpo jamais meu corpo será libertino, jamais terá dois possuidores! Quem tem o coração tenha o corpo! Todos os outros sejam excluídos! Mas não sei como meu corpo poderá ter aquele a quem meu coração se entrega, quando meu pai a outro me dá e não o ousa contrariar. Grande serviço me prestaríeis se conhecêsseis uma arte para que meu esposo, a quem estou prometida e dada, nada tivesse de mim. Ama, ponde todo vosso cuidar em que não falte à sua palavra aquele que, sob fé de juramento, affiançou ao pai de Cliges que jamais tomaria mulher. Sua palavra será violada, pois que em breve vai esposar-me. Mas tenho demasiada estima por Cliges para não preferir ser enterrada viva a vê-lo perder por minha culpa um único dinheiro de sua herança. Que de mim não venha a nascer um filho que deserdaria Cliges! Ama, cuidai para que eu esteja sempre perto de vós!

A ama promete: fará tantos esconjuros de filtros e encantamentos que com o imperador a jovem não precisará ter cautela nem receio. Poderão deitar juntos. Ao lado do esposo ela estará em segurança, como se entre ambos existisse uma parede. Isso não causará ao imperador a menor contrariedade, pois durante o sono terá prazer de sua mulher. Quando dormir profundamente, dela terá plenitude de gozo, tanto como se estivesse desperto. Nunca suspeitará que é sonho, logro, mentira. Assim será sempre: enquanto dorme, acreditará estar jogando o jogo do amor.

A jovem aprecia, louva, estima essa bondade e esse serviço. A ama dá-lhe grande esperança com suas promessas, e assegura que as cumprirá. Assim Fenice pensa atingir a felicidade. Se souber que o ama, Cliges ficará feliz com esse amor. Ela quer salvaguardar sua virgindade para salvar a herança daquele que ama; um homem tão nobre seguramente ficará comovido com tão generosa empresa! A jovem acredita na arte de sua ama e nela deposita confiança; e ambas juram calar para todos um segredo que nunca será conhecido.

“Por que vos contar tudo?” pergunta então Chrétien. “Não quero deter-me em detalhes mínimos.” E passa a narrar com sobriedade as memoráveis núpcias de Alis, imperador da Grécia e de Constantinopla, com

Fe-nice, filha do imperador da Alemanha. Narra como Tessala compõe seu filtro. Uma oportunidade inteligentemente arranjada faz com que o próprio Cliges ofereça ao esposo, seu tio, a beberagem fatal. O imperador bebe um grande gole...

Agora o imperador está logrado! Há grande número de bispos e padres para abençoar com o sinal-da-cruz o leito nupcial. Chegada a hora de deitar, o imperador, como devia, dormiu ao lado de sua mulher. Como devia? Então menti? Ele não a abraçou nem beijou, embora estivessem no mesmo leito.

De início a donzela treme, temendo que o filtro não tenha efeito. Mas o filtro é tão encantado que o marido não sente o menor desejo, de sua esposa nem de outra, a não ser durante o sono. Então, sente tal prazer quanto é possível ter em sonho, e acredita que esse sonho é verdadeiro. Entretanto, ela teme ainda, e mantém-se afastada. Seu marido não pode chegar perto. Agora o sono o toma. Dorme e sonha e crê estar desperto. Dá-se grande empenho e esforço, acreditando acariciar a jovem para quem isso é grande perigo! Ela se defende como donzela. Ele a requesta e chama mui suavemente de sua doce amiga. Acredita que a tem nos braços, mas não a tem. É por nada que rejubila. Nada beija, nada enlaça, nada estreita e nada abraça, nada vê e fala a nada. Com nada argumenta e por nada está bem lasso e quebrantado. Crê que realmente tomou a fortaleza. De uma vez por todas o digo: jamais outro prazer teve dela.

Assim será em todos os dias de sua vida, se puder levar consigo a esposa. Mas antes que em segurança a tenha, temo que grande impedimento advenha. Enquanto voltam para a Grécia, o duque de Saxe, a quem Fenice fora prometida primeiro, não ficará quieto. Trouxe consigo grandes forças. Guarneceu de tropas todas as suas marcas. Tem na corte espiões que lhe fazem saber diariamente a situação, os aprestos e onde eles terão pousada, por qual lugar e passagem voltarão.

Após as núpcias, o imperador não se demora por longo tempo. Parte jubiloso de Colônia e o imperador da Alemanha o conduz em rica companhia, pois muito temiam um ataque em massa do duque de Saxe.

Os dois imperadores não se detiveram antes de atingir Ratisbonne. Uma noite, estavam alojados no prado ao longo do Danúbio. Os gregos estavam em suas tendas no meio das pradarias da orla da Floresta Negra. Do outro lado encontravam-se os saxões que os espreitavam. O sobrinho do duque de Saxe tinha ido até uma elevação, ver se poderiam obter vantagem sobre os que estavam alojados na outra margem do rio. Enquanto estava na atalaia, viu Cliges que cavalgava, foliando com três jovens portando escudo e lança, para justar e divertir-se. O sobrinho do duque de Saxe deseja lhes causar dano e fazer mal, se puder.

Avança então com dois companheiros. Todos os três ocultam-se em um vale próximo do bosque. Os gregos não os vêem até que os saxões saem do esconderijo. O sobrinho do duque investe contra Cliges, atinge-o e o fere um pouco na espinha.

Cliges abaixa e se inclina. A lança do sobrinho passa longe, mas o machuca um pouco. Ao sentir que está ferido, Cliges volta-se para o sobrinho e o atinge com tão grande golpe que lhe enterra a lança no corpo e o derruba morto. Então os saxões fogem aterrorizados e se dispersam no meio da floresta.

Os vencidos vêm queixar-se ao duque, que jura apoderar-se daquele que abateu seu sobrinho. Mais de doze jovens saxões tentam a sorte junto ao campeão dos gregos. Mal lhes resulta, pois são todos abatidos. Salvo

por seus barões, o próprio duque, com o auxílio de espíões e de traidores, urde um stratagem pelo qual consegue apoderar-se de Fenice.

Valentia e Amor, que prende Cliges em seus laços, fazem-no ousado e valoroso. Tanto maltratou os saxões que os matou ou conquistou todos. Mutilou uns, matou outros. Deixou escapar apenas um, porque estavam par a par e porque era preciso que, pela boca dele, o duque conhecesse sua desonra e tivesse grande penar.

Ao saber de seu desfortúnio, o duque sentiu grande cólera e grande pesadumbre. E Cliges leva de volta Fenice, por quem Amor o atormenta. Se não o confessar a ela, Amor lhe será um mal insuportável. Fenice também sofrerá assim, se calar e não confessar o que sente. Mas ambos não ousam desvendar o coração, por igual temor de uma recusa. Entretanto os olhos revelariam o pensamento, caso os jovens soubessem enxergar. Com os olhos falam por muito olhar, mas com a língua têm tal medo que nem um pouco ousam falar desse amor que os domina. Não é de estranhar que ela não fale primeiro, pois simples e timorata pessoa deve ser uma donzela. Mas e ele? O que espera, por que tarda, que por ela é sempre tão ousado e ao seu lado apenas um covarde? Deus, de onde lhe vem temer donzela sozinha, fraca e timorata, simples e quieta? Parece que vejo os cachorros fugirem diante da lebre, a rola dar caça ao castor, o cordeiro ao lobo, o pombo à águia! Todas cousas ao contrário!

Mas vem-me o desejo de apresentar certas razões para que aos finos amantes aconteça faltar senso e ousadia para dizerem o que levam no pensamento, quando para isso têm azo e lugar e tempo. Vós que de Amor tendes experiência, que guardais vossa fé nos costumes e nos usos de sua corte, que jamais falseastes sua lei, não importa o que vos devesse advir, dizei-me: é possível ver algo que seja objeto de amor, sem estremecer nem empalidecer? Quem ousar contradizer-me cairá em confusão! Quem não treme nem empalidece não tem mais razão nem memória. Quer obter indevidamente o que não lhe é devido. Servidor que não tem medo do senhor não deve ser de seu serviço nem compor seu séquito. Quem não teme seu senhor não o ama, e sim faz obra por o enganar e roubar. De medo deve o vassalo tremer quando o amo o chama ou manda buscar. Quem se põe a serviço do amor faz dele amo e senhor. É direito que o tenha em pensamento e o tema e honre, se quiser ser bem-visto em sua corte.

Amor sem medo e sem temor é fogo sem chama e sem calor, dia sem sol, favo sem mel, verão sem flor, frio sem neve, céu sem lua, livro sem letras. Assim, Cliges não comete erro ao temer sua amiga. Entretanto, não importa o que acontecesse, não teria deixado de falar e de a requestar de amor, se ela não fosse a mulher de seu tio. Porque não ousa dizer o que deseja, a ferida de seu coração piora e dói inda mais.

Assim ambos vão retornando para sua gente, e não têm palavras além de ninharias. Nada lhes interessa. Cada qual cavalga um bom cavalo e correm para o acampamento, onde há luto pesado. Todo o exército está tresloucado, pois enganam-se pensando que Cliges está morto. Por isso desesperam, e por Fenice também se afligem, pois crêem que jamais a irão ver de novo. Por causa dela, por causa dele, o acampamento está em grande tristeza. Que os dois jovens não tardem, e mudarão os sentimentos! Mas ei-los que retornam ambos, e o luto se torna alegria.

Todos vêm ao seu encontro. Todo o acampamento em torno deles se junta. E os dois imperadores juntos, quando ouvem novas de Cliges e da jovem, vão encontrá-los em grande alegria. Cada qual arde por ouvir como o cavaleiro encontrou a imperatriz e a salvou. Cliges lhes conta. Os que escutam maravilham-se. Louvam-lhe o cometimento e a valentia.

De seu lado, o duque de Saxe fica furioso. Jura a si mesmo e propõe a Cliges, se ousar,

que o enfrente em combate, frente a frente e a sós. Se Cliges vencer, o imperador poderá tornar a partir levando a jovem. Se o duque vencer ou matar Cliges que lhe fez tão grande mal, sem paz nem trégua cada um fará o melhor possível para sua vantagem. Assim quer o duque, que por um intérprete conhecedor de grego e alemão faz saber aos dois imperadores que está pronto a combater nessas condições definidas.

O mensageiro diz a mensagem em uma e outra linguagem, e se faz entender por todos. O acampamento inteiro freme e murmura ao ouvi-la. E dizem todos: “Deus não o permita!”

E os dois imperadores sentem grande pavor.

Cliges chora de alegria quando seu tio lhe permite combater o duque. Em posição muito perigosa, ele ouve um grito de Fenice. Recobrando coragem, bate-se tão valorosamente que força o duque a pedir clemência.

Quando o cortejo imperial vai retomar a estrada de Constantinopla, Cliges solicita ao tio permissão para deixar a companhia da corte e retornar a Bretanha, à casa do rei Artur. Parece-lhe que aquele rei o chama. As lágrimas correm quando Cliges se despede do imperador e da querida Fenice.

Cliges chega a Obsenford (Oxford). O rei Artur, que tem reunida ali sua corte, ordenou um magnífico torneio. Para Cliges, é um feliz acaso aparecer nesse dia de festa! Manda comprar em Londres armas negras, armas vermelhas e armas verdes. Surge em campo. Nenhum cavaleiro ousa adiantar-se para justar com ele. Finalmente, Sagremor-o-Frenético se decide.

Alguns perguntam, mostrando Cliges: – Quem é ele afinal? Onde é nascido? Quem o conhece? – Eu não! – Nem eu! – Mas não nevou sobre ele! (Pois sua armadura é mais negra que opa de monge ou de padre.)

Os dois cavaleiros deixam correr os cavalos, impacientes e ardentes pela justa. Cliges bate tão bem seu adversário que lhe prega o escudo no braço e o braço no corpo. Sagremor tomba estendido e se afiança prisioneiro. Prontamente começa a refrega. Os cavaleiros entreatam-se tanto quanto podem.

Cliges se lança na confusão e diante dele não encontra cavaleiro que não prenda ou abata. Dos dois lados o prêmio arrebatou. Quando ele justa, cessa o torneio! Mesmo seus prisioneiros já adquirem grande renome apenas porque ousaram justar contra ele. O jovem cavaleiro arrebatou o prêmio e a glória de todo o torneio.

Deixando a justa sem ser observado, retorna à sua pousada, para que ninguém lhe dirija a palavra. As armas negras não farão que o encontrem onde está, pois as trancam em um aposento. E manda colocar as armas verdes bem à vista, na porta que dá para a rua.

Assim Cliges está na cidade e por esse artifício se esconde. Os que ele havia feito prisioneiros vão de porta em porta perguntando pelo cavaleiro negro. Ninguém sabe informar.

O próprio rei Artur manda que o procurem aqui e ali. Mas as pessoas dizem:

– Não o vimos depois que partimos do torneio. Não sabemos o que foi feito dele.

Enviados pelo rei, jovens o procuram. São mais de vinte, mas Cliges tanto se extraviou que não encontram o menor rastro dele. Por esse cavaleiro o rei Artur persigna-se quando lhe contam que não conseguiram encontrar ninguém, nem grande nem pequeno, que soubesse indicar sua guarida, não mais do que se ele estivesse em Cesaréia, em Toledo ou então em Cândia.

– Por minha fé – torna o rei –, não sei o que dizer, mas estou muito admirado! Foi talvez um fantasma que ontem se misturou a nós! Muitos cavaleiros ele derrubou. Recebeu a palavra de honra dos melhores, mas eles não verão sua porta nem seu país nem sua terra! Cada

qual terá faltado à palavra dada.

No dia seguinte, sem convite nem convocação, retomaram das armas.

Para fazer a justa inicial saltou Lancelot do Lago, Lancelot que não tem coração de covarde. E então surgiu Cliges, mais verde que a relva do prado, montando corcel de longa crina. Quando aparece em sua montaria fulva, não há cabeludo nem calvo que não se maravilhe ao vê-lo; e dizem de uma e outra parte:

– Como o pinheiro é mais belo que a bétula e o loureiro é mais belo que o sabugueiro, este aqui é em todos os pontos mais nobre e mais destro que o cavaleiro de ontem com as armas negras. Ainda não soubemos quem era aquele. Mas saberemos quem é este hoje! Quem o conhece que fale.

Cada qual diz não o conhecer nem o ter visto. Mas todos convém: é mais belo que o de ontem, mais belo que Lancelot do Lago! Ainda que vestisse apenas um saco e Lancelot prata ou ouro, ainda assim seria o mais belo.

Todos se põem do partido de Cliges. Os dois cavaleiros de arma em punho se entrevêm o mais forte que podem esporear. Cliges dá tal golpe no escudo de ouro pintado com um leão que abate Lancelot de sua sela e vem sobre ele tomar sua palavra. Lancelot não pode se defender e se afiança prisioneiro.

Eis o torneio começado, em meio ao estalar e entrechocar das lanças. Os que são do partido de Cliges põem nele toda confiança. Tão bem trabalhou naquele dia, tantos abateu e prendeu, que seus companheiros o prezaram duas vezes mais e conquistou duas vezes mais glória que no dia anterior.

Na hora de vésperas, o mais cedo que pôde, ele retornou a sua guarida. Imediatamente fez levar para fora o escudo e o equipamento vermelho. Ordenou que fossem bem escondidas as armas que portara durante o dia.

E naquela noite longamente ainda o procuraram os cavaleiros, seus prisioneiros, mas nenhuma nova tiveram. Nos alojamentos, todos os que dele falavam o prezavam e louvavam.

No dia seguinte voltam às armas os cavaleiros, dispostos e fortes. Das filas do lado de Oxford sai um vassalo de grande renome, chamado Parsifal o Gaulês. Assim que ouve seu nome e o vê mover-se, Cliges é tomado de grande desejo de combater. Sai das fileiras em um corcel espanhol. Rubra é sua armadura, e todos afirmam jamais ter visto cavaleiro tão airoso. Os outros, sem tardar, picam de esporas e batem nos escudos com grandes golpes. As lanças curtas e grossas curvam e arqueiam. Sob os olhares de todos, Cliges golpeia Parsifal, derruba-o do cavalo e o faz prisioneiro.

Começa o torneio. Eles se entrevêm todos juntos. Cliges não encontra um único cavaleiro que não faça cair por terra. Nesse dia, em hora nenhuma ele foi visto fora da refrega. Como que batendo em uma torre, todos os do torneio o golpeiam, mas não vários de uma vez, pois naquele tempo ainda não era costume. De seu escudo ele faz bigorna; todos o forjam, martelam, fendem e esquartelam. Mas nenhum golpeia sem pagar, sem deixar vazios sela e estribo. Não houve quem ao partir pudesse dizer sem mentir que o cavaleiro do escudo de goles não tivesse levado vitória o dia todo. Os melhores e mais corteses gostariam de se tornar seus companheiros. Mas tal desejo foi vão, pois ele partiu para repousar assim que viu o sol deitar.

Manda tirar o escudo vermelho e todo o outro arnês, e trazer as armas com que fora armado cavaleiro. Manda colocar essas armas e o corcel diante da porta de entrada. Então todos finalmente percebem que por um único cavaleiro haviam sido derrotados. Compreendem que

diariamente mudava de cavalo e de armadura, parecendo outro homem que não ele mesmo.

Sire Gawain confessa jamais ter visto um justador assim. Gostaria de o conhecer, de saber seu nome. Diz que no dia seguinte será o primeiro no encontro de cavaleiros. É certo que aquele não se vangloria de nada; mas sire Gawain pensa que, se o jovem quiser mostrar orgulho e gabança de seus golpes de lança, na espada não poderá ser seu mestre, pois Gawain jamais pôde encontrar mestre. Diz que gostaria de se pôr à prova com o estranho cavaleiro que todo dia as armas muda e renova cavalo e arnês. Se todo dia, como costuma, o jovem tirar e pôr uma nova plumagem, em breve terá feito quatro mudas.

Cliges tira a plumagem e põe uma nova. No dia seguinte, Gawain o vê surgir mais branco que flor de lis, segurando pelas correias o escudo e montando um alvo corcel árabe.

Gawain o bravo, o glorioso, não pára em campo. Esporeia e avança e cuida de bem justar, se encontrar com quem. As lanças ferem os escudos e os golpes fazem tal fragor que todas voam em pedaços até o cabo. Os arções quebram. Rompem-se correias e arneses de peitoral.

Ambos os combatentes caem por terra ao mesmo tempo e tiram das espadas nuas. Ao redor está a gente vinda olhar a batalha. Para mediar e pazear, vem o rei Artur diante de todos. Mas primeiro eles rasgaram e desmalharam as brancas lorigas e fenderam e retalharam os escudos e os elmos novos, antes de ser dita palavra de paz.

O rei Artur ordena aos cavaleiros que cessem a batalha. Ele não gosta que um torneio dure demais Cliges, novamente vestido “a francesa”, aceita seguir o rei. Na corte, fazem-lhe grande festa e grande honra. Para satisfazer a curiosidade do rei, Cliges se descobre. Sire Gawain dá-lhe um abraço. Durante algum tempo Cliges seguirá o rei Artur pela Bretanha, França, Normandia.

Mas o amor que sente por Fenice não cessou de o atormentar. Arde por revê-la. Apressa a viagem por terra e por mar.

Aporta diante de Constantinopla. Vêm ao seu encontro. Conduzem-no ao palácio imperial.

Alguns dias mais tarde acontece que Cliges se vê a sós com Fenice, enfim reencontrada. Ela o interroga sobre a Bretanha, sobre a pessoa de Gawain, sobre as damas ou as jovens que ele amou em país longínquo.

– Minha senhora – diz ele –, é verdade que amei naquelas terras. Mas a ninguém amei que lá estivesse. Meu corpo sem coração esteve na Bretanha como casca de árvore sem cerne. Desde que parti da Alemanha, não sei o que foi feito de meu coração; só sei que vos seguiu até aqui. Aqui esteve meu coração, lá meu corpo. E vós, que foi feito de vós depois que a este país viestes? Que alegrias conhecestes? Agradaram-vos estes povos e estas terras? Nada mais vejo para perguntar, a não ser se este país vos apraz.

– Não até agora; mas agora estão nascendo alegria e prazer. Em mim não há mais que a casca. Vivo sem coração e estou sem coração. Jamais estive na Bretanha; e entretanto meu coração lá realizou não sei quais empresas.

–Então, senhora, pelo que dizeis, nossos dois corações estão aqui conosco, pois o meu é inteiramente vosso.

– Amigo, tendes o meu, pois muito nos convimos um ao outro. Ficai sabendo que, Deus me guarde, vosso tio jamais teve algo de mim. Ele não me agradou e nada pôde. Nunca me conheceu da forma como Adão conheceu sua mulher. Erradamente sou chamada senhora. Quem assim me chama não sabe que sou donzela. E vosso próprio tio o ignora, pois bebeu um

dormitivo e quando dorme pensa que está desperto, que faz de mim ao seu prazer como se me tivesse entre os braços; mas nunca quis ali estar. Vosso é meu coração, vosso é meu corpo. E ninguém por meu exemplo aprenderá a cometer vilania. Quando meu coração em vós se pôs, vos deu e prometeu o corpo, de forma que nenhum outro nele terá parte. Amor por vós tanto me feriu que penso nunca sarar, não mais que o mar pode secar. Se vos amo e me amais, não sereis chamado Tristão e não serei vossa Isolda, pois nosso amor não seria leal. Mas esta promessa vos faço: de mim não havereis outro prazer além do que tendes agora, se não conseguirdes descobrir como posso ser afastada de vosso tio e sua companhia. Fazei de forma que ele jamais me reencontre nem recrimine a vós ou a mim, e que não saiba a quem culpar. Pensai nisso hoje. Amanhã direis o que tiverdes inventado. Também eu pensarei. Amanhã pela manhã, quando eu tiver levantado, vinde falar-me. Cada qual dirá sua idéia e tentaremos pôr em ação a que nos parecer melhor.

Cliges jura assim proceder e afirma que encontrará uma solução feliz. Jubilosa a deixa, jubiloso se vai. E, a noite toda, cada um em seu leito vela e inventa do melhor que pode.

Encontram-se no dia seguinte. Cliges fala em primeiro lugar:

– Senhora, penso e creio que não poderíamos fazer melhor que partir para a Bretanha. Para lá vos pensei levar. Guardai-vos impedir-me, pois em tão grande alegria nem Helena foi recebida em Tróia, quando Páris para lá a levou. Nunca uma alegria mais viva brotará em toda a terra do rei meu tio! Alegria para vós e alegria para mim! Se tal não vos agrada, dizei-me vosso pensamento. Estou pronto, venha o que vier, a me unir à vossa idéia.

Ela responde:

– Digo que não irei assim convosco, pois pelo mundo inteiro falariam de nós dois como de Tristão e Isolda. Quando tivéssemos partido, todos recriminariam nossa paixão. Ninguémalaria nem poderia crer na cousa como ela realmente é! Pois quem acreditaria que das mãos de vosso tio pude escapar donzela? Iriam considerar-me descarada ou tola; e a vós, um louco. É bom fazer calar a boca maldizente. Se não vos alarmardes, poderei levar tudo a bom termo. Eis a idéia que tive: quero me fazer passar por morta. Primeiro me fingirei doente, e pensareis em providenciar minha sepultura. Atentai e cuidai bem que o túmulo e o ataúde sejam feitos de tal maneira que eu não sufoque e morra. Que ninguém de nada suspeite quando vierdes retirar-me de lá, ao chegar a noite. Que ninguém me veja a não ser vós. Que ninguém me forneça o necessário a não ser vós, a quem me confio e entrego. Por nenhum outro homem quero ser servida. Sereis meu senhor e servidor. Tudo o que fizerdes por mim me será bom. Jamais serei rainha de um reino em que não fordes o rei. Um pobre lugar escuro e sujo me será mais claro que todos estes salões, quando lá estiverdes comigo. Se vos puder ter e ver, serei senhora de todos os bens e o mundo inteiro será meu. Se a cousa for feita com habilidade, jamais falarão mal. Ninguém poderá murmurar. Por todo o império, acreditarão que estou apodrecida na terra; e Tessala que me criou, minha governanta em quem tenho toda confiança, irá ajudar-me de muito boa fé.

Após escutar sua amiga, Cliges diz:

– Senhora, se credes que tal pode ser, então vamos nos preparar e agir rapidamente! Mas se não soubermos fazê-lo estaremos perdidos sem recurso. Conheço um mestre obreiro a quem vou procurar, que sabe talhar à maravilha a pedra e a madeira. Seu nome é Jean. E servo meu. Não há ofício, qualquer que seja, em que não se mostre incomparável, se dele quiser ocupar-se. Ao seu lado todos são nóveis como crianças de peito. Os de Antióquia e os de Roma aprenderam imitando-o. Não existe homem mais leal. Vou pô-lo à prova; e se o achar seguro libertarei a ele e

a todos seus filhos. Vou revelar-lhe vosso projeto sem nada ocultar, se ele fizer juramento de nos ajudar lealmente e nunca me trair.

Fenice responde:

– Que assim seja!

Então permite que Cliges se retire, e ele vai. Imediatamente a jovem manda chamar Tessala, que vem na mesma hora, sem saber por que a chama sua senhora.

Esta lhe conta que quer fingir de doente, e depois, de morta. A noite Cliges a irá levar. – E estaremos juntos para sempre – diz.

Prontamente a ama garante que a ajudará em todas as cousas. Que Fenice não tema! Colocará nisso todo empenho, de tal forma que ninguém verá sua senhora. Sim, todos acreditarão sem sombra de dúvida que sua alma deixou o corpo, depois que Tessala lhe der uma beberagem que a fará fria, descolorida, pálida e rígida, sem voz e sem alento. Entretanto estará viva e em boa saúde, não sentirá bem nem mal. Nada de ruim lhe acontecerá por passar um dia e uma noite inteira no túmulo e no ataúde.

Após tudo ouvir, Fenice responde:

– Ama, entrego-me a vós em tudo. Em vós me apoio. Pensai em mim e dizei às pessoas que aí vejo para irem embora todos. Estou doente e eles fazem muito barulho.

Tessala diz polidamente a toda aquela gente:

– Senhores, minha senhora está doente. Pede para irdes embora. Falais demais. Muito barulho lhe faz mal. Não terá repouso nem conforto enquanto estiverdes neste aposento. Tanto quanto me lembro, jamais a ouvi lamentar-se assim. Ide embora! Hoje não lhe podereis falar.

Enquanto isso, Cliges entende-se com seu maravilhoso obreiro, para que construa e adorne um túmulo segundo seus planos. Jean, o obreiro, acaba justamente de erguer bem próximo da cidade uma torre de vários andares, pintada e esculpida, contendo muitas câmaras secretas e perfeitamente instaladas para o bem-estar. E a porta externa “é de pedra dura, da qual ninguém acharia a juntura”. O obreiro faz a Cliges as honras da obra. Fenice, a falsa doente, queixa-se de mil dores. A arte dos médicos não tem efeito, inda mais que Tessala administra a sua senhora o famoso filtro prometido. A jovem apresenta evidentes sintomas de morte. Três célebres “médicos” obtêm que o rei os deixe ficar sozinhos com a “morta”. Eles açoitam-na, derramam-lhe chumbo derretido nas palmas das mãos. Estão prestes a lançá-la nua nas chamas; mas algumas damas, que haviam surpreendido a cena pelo buraco da fechadura, indignam-se com tais procedimentos e, ajudadas pela ama Tessala, arrombam a porta, libertam Fenice, recolocam-na em seu sudário e jogam os médicos pela janela. Logo Fenice é encerrada no túmulo preparado para ela.

Guardada por trinta cavaleiros, está Fenice na sepultura. Eis que cai a noite escura. Dez círios ardem. Grande luz, grande claridade. Nessa noite os cavaleiros, moídos de fadiga, comeram e beberam, e adormeceram todos juntos. À noite, Cliges afasta-se de toda a gente da corte. Vai apressado encontrar Jean, que o aconselha o melhor que pode e prepara-lhe as armas que terá de usar. Ao cemitério vão ambos, armados, esporeando seus animais. Mas o cemitério era todo cercado de um alto muro. Os cavaleiros que dormiam acreditavam estar bem seguros. Haviam fechado a porta por dentro, para que ninguém entrasse. Cliges não vê como entrar, pois não pode ser pela porta; e no entanto precisa entrar. Amor assim convida e ordena.

Agarra-se ao muro e rasteja sobre o topo, pois é bravo e leve. O interior era um vergel

onde haviam plantado grande número de árvores; e perto do muro estava uma delas. Era aquele o alvo de Cliges. Valendo-se da árvore, chega ao chão.

Primeiro abre a porta para Jean. Vê os cavaleiros adormecidos juntos e apaga todas as luzes. Encontra a cova. Abre com cuidado o túmulo. Salta dentro da fossa e retira sua amiga, desfalecida e meio morta. Abraça-a, beija-a. Mas isso é alegria ou luto? Ela não se move, não diz uma só palavra. Jean prontamente torna a fechar o túmulo; que não haja o menor sinal do que alguém ali esteve.

O mais depressa possível, foram para a torre. Em uma das câmaras subterrâneas, tiram Fenice do sudário que a envolve. Crêem-na morta, pois não sabem que uma beberagem a impede de mover-se e falar. Cliges desespera e lamenta, derramando lágrimas e soltando fundos suspiros. Mas chega o momento em que a beberagem já não tem o mesmo poder. Fenice ouve Cliges chorar sua morte e faz força para o confortar com uma palavra, um olhar. Pouco falta para que seu coração se despedace, do luto que o ouve carpir.

– Ah, Morte, és infame de preservar e poupar tantas criaturas que estão velhas e em desgraça. Tu as deixas durar e viver. Mas és demente e ébria de fazer minha amiga morrer para mim. É um prodígio o que vejo: ela morta e eu vivo! Ah, doce amiga, por que então vive vosso amigo, quando morta vos vê diante de si? Seria justo dizer: servindo-me morrestes. Assim, deivos a Morte. Amiga, eu sou a Morte, pois que vos fiz morrer. (Não é verdade?) Tirei-vos a vida e guardei em mim a vossa. Doce amiga, vossa saúde e vossa vida não eram toda minha felicidade? Vossa não era minha vida? Nada amava a não ser a vós, e ambos não éramos senão uma única e mesma cousa. Fiz bem o que devia fazer para tirar-vos a vida! Pois em mim ela está, vossa vida, e a minha não está mais em vós. Entretanto, elas deveriam ser em toda parte companheiras, sem que nada nunca as separasse!

Então Fenice dá um suspiro, e muito debilmente diz:

– Amigo, amigo, totalmente morta não estou, mas pouco falta. De minha vida não cuido mais. Pensava fingir de morta e enganar as pessoas, mas agora realmente devo lamentar-me, pois a morte não faz caso do estratagema. Se eu me salvar, será milagre. Gravemente demais me feriram os médicos que rasgaram e despedaçaram minha carne. Entretanto, se pudesse ter minha ama ao pé de mim, ela me devolveria a saúde, se alguém o pode fazer.

Cliges lhe diz:

– Não vos inquieteis. Hoje mesmo a trarei junto de vós.

Responde ela:

– Amigo, antes fazei com que Jean a vá buscar.

Assim faz Jean, que a procura até encontrar e a faz saber como deve vir. Que nenhum pretexto a retenha. Fenice e Cliges a chamam em uma torre onde a esperam. Fenice está gravemente enferma. Por isso, que Tessala venha com unguentos e eletuários. Se tardar apenas um pouco e não a vier socorrer de pronto, Fenice morrerá.

Tessala corre pegar os unguentos, os emplastros, os eletuários que compõe. Acompanha Jean. Saem da cidade em segredo e vão diretamente para a torre.

Assim que vê sua ama, Fenice já se crê completamente curada, tanto lhe tem amor e confiança. Cliges a abraça dizendo:

– Ama, sede bem-vinda. Amo-vos tão fortemente e vos tenho em tão grande estima! Dizei como vos parece o mal desta damizela. Poderá ela sarar?

– Sim, sire, não tenhais a menor dúvida de que eu a cure completamente. Não terá passado uma quinzena antes que ela recobre melhor saúde e alegria que nunca.

Assim, Tessala faz de sorte a curá-la e prover de todo o necessário seu alojamento na torre.

Cliges vai à torre e retorna mui livremente, sem precaução de ocultar-se. Perto dali, pôs para criar um açor – pretexto para idas e vindas. Quem suspeitaria que ele vai para o lado da torre por outra razão que não o açor? Por muito tempo permanece lá noite e dia, e Jean manda vigiar a torre; que ninguém entre se ele não o permitir.

Fenice já não sofre de doença alguma, pois Tessala realmente a curou. Se Cliges fosse duque de Almeria, de Marrocos ou de Etrúria, dessas honras não teria dado uma centúria pela alegria que está vivendo agora. E sabeis que Amor não faz vilania quando os une um ao outro. Quando se abraçam, parece-lhes que com sua alegria e ventura o mundo inteiro se torna melhor.

Todo aquele ano e boa parte do seguinte, Fenice viveu na torre. No florescer do verão, quando folhas e flores saem das árvores e os passarinhos regozijam-se mostrando com seu latim a alegria que sentem, aconteceu que uma manhã Fenice ouviu cantar o rouxinol. Com um braço em seu flanco e o outro no pescoço, Cliges segurava a amiga mui docemente; e Fenice fazia o mesmo. Ela diz:

– Meu amigo querido, grande bem me faria um vergel onde me pudesse comprazer. Durante quinze meses inteiros não vi lua nem sol. Se me fosse possível, de mui bom grado sairia ao ar livre, pois estou encerrada nesta torre. Sim, se houvesse perto daqui um vergel onde pudesse passear, decerto isso me faria grande bem.

Jean não tarda a surgir, pois vinha amiúde ver sua torre. Cliges o faz ouvir o que Fenice quer.

– Tudo está pronto para o que ela deseja – responde o obreiro. – Esta torre está bem provida de tudo que vossa senhora quiser e pedir.

E vai abrir uma porta que não sei dizer-vos como era feita. Ninguém a não ser Jean o poderia. E caso não tivesse aberto essa porta ninguém teria descoberto que havia porta e janela, tanto ela era invisível e oculta.

Quando Fenice vê a porta abrir-se e o sol que há tão longo tempo não via, todo seu sangue ferve de alegria e diz que nada mais pode querer (pois pode sair de seu quarto fechado) e que não deseja outra moradia. Entra em um vergel, que lhe apraz mais do que é possível dizer. No meio desse vergel estava uma árvore carregada de flores e bem folhuda, cujos galhos tinham tal forma que pendiam todos até a terra. E embaixo da árvore estava o prado, mui delicioso e mui belo. Ao meio-dia, quando o sol é mais quente, jamais estava tão alto que um raio ali pudesse passar. O vergel é fechado em toda a volta por um alto muro contíguo à torre.

Lá Fenice está bem à vontade, sem que nada lhe desagrade. Sob as folhas e flores nada falta à jovem, pois que pode abraçar seu amigo quanto quiser.

No tempo de caçar com o gavião que procura a cotovia e com o perdigueiro que rastreia a cordoniz e a perdiz, aconteceu que um cavaleiro da Trácia, jovem e fogoso, muito prezado por sua cavalaria, bem perto da torre à caça foi um dia. Bertrand era seu nome. Seu gavião havia alçado vôo após ter perdido uma cotovia. Bertrand considerou-se mal-parado por perder assim seu gavião. Abaixo da torre, no vergel, o vê descer e pousar (e alegra-se por saber que não está perdido).

Prontamente Bertrand pendura-se ao muro, e tão bem faz que passa do outro lado. Sob

a árvore vê dormindo Fenice e Cliges, juntos e nus.

– Deus – diz ele –, que me aconteceu? Que maravilha estou vendo? Não é Cliges? Sim, por minha fé! Não é a imperatriz com ele? Não! Mas essa mulher realmente parece com ela, como nenhuma outra. Tem a mesma boca, mesmo nariz, mesma frente. Natureza nunca ainda fizera antes dois seres tão semelhantes! Se estivesse viva, diria com certeza que é ela!

Nesse momento uma pêra desprende-se e cai na orelha de Fenice. Ela estremece. Acorda. Vê Bertrand. Grita:

– Amigo! Amigo! Estamos mortos! Eis ali Bertrand! Se nos escapar, estamos em bela enrascada! Ele vai contar que nos viu!

Bertrand percebe então que é realmente a imperatriz. Bem faz ele de fugir, pois Cliges trouxera ao pomar sua grande espada e a colocara diante de ambos. Põe-se de pé. Pega a espada. Bertrand foge a toda pressa e escala o muro o mais rápido que pode. Já estava conseguindo quando Cliges, erguendo a espada, atinge-o e lhe corta a perna acima do joelho, como um ramo de funcho. Entretanto Bertrand escapa, todo estropeado e manco. Mais além, as pessoas ficam quase loucas de tristeza ao vê-lo tão desatinado. Prontamente lhe perguntam quem o feriu assim.

– Não faleis mais nada – pede ele. – Apenas colocai-me sobre meu cavalo. Esses afazeres, apenas ao imperador os narrarei! Quem me feriu assim não deve estar destemeroso, pois corre perigo mortal.

Colocam-no sobre seu palafrém e o levam, em grande medo. Atrás deles correm mais de vinte mil que vão direto para a corte. E todo o povo que acorre. Cada qual quer correr mais depressa. Mas Bertrand já se queixou ao imperador. Consideram-no um charlatão, um mentiroso, pois conta ter visto a imperatriz toda nua com Cliges sob uma árvore de um vergel. Uns dizem que é loucura. A cidade está em rebulição com a notícia. Outros aconselham o imperador a ir até a torre.

Na torre, nada encontram. Cliges e Fenice já partiram e levaram Tessala, que os conforta e garante que, se porventura pessoas vierem em seu encalço, não as deverão temer, pois elas não os poderão ver, mesmo ao alcance de uma seta de besta.

Mas o imperador está na torre. Manda procurar e trazer Jean. Ordena que o amarrem e vigiem, e diz que o farão enforcar. Farão queimar seu corpo e lançarão as cinzas ao vento, pela desonra que cometeu. Jean será pago por sua obra (mas com um pagamento sem proveito), por ter escondido na torre o sobrinho do imperador mais a imperatriz.

– Por minha fé – diz Jean –, estais dizendo verdade! Não mentirei e nada vos ocultarei. Se cometi uma falta, é direito que seja preso. Mas, se por meu senhor eu morrer sem razão, caso ele esteja vivo vingará minha morte. Fazei o melhor que puderdes! E, se eu morrer disso, morrereis por isso!

O imperador souou de cólera. Ouviu as palavras de Jean e entende bem o que ele disse.

– Jean – diz o imperador –, terás trégua até encontrarmos teu senhor. Ele se comportou malmente para comigo, que lhe bem-queria e não tinha idéia de o enganar. Serás mantido em prisão. Se sabes o que dele foi feito, dize-o logo, ordeno-te.

E Jean responde:

– Como faria eu tão grande felonía? Poderiam arrancar-me a vida do corpo que não vos revelaria onde está meu senhor, caso soubesse. Deus me guarde, não sei dizer de qual lado eles foram. Mas não fiquéis ciumento por nada! Não temo vossa cólera. Sei que não serei acreditado,

mas direi como fostes enganado: por uma beberagem que bebestes fostes enganado no dia de vossas núpcias. Jamais desfrutastes de vossa mulher, a não ser dormindo e sonhando. E tanto o sonho vos aprazia que tínheis mesmo deleite que se estivésseis realmente em seus braços. Dela nunca tivestes outros bens. Seu coração pertencia a Cliges. Tanto o amava que por ele se fez de morta. Ele tem tanta confiança em mim que me contou. Colocou Fenice em minha casa, da qual é senhor por direito. Não me deveis atribuir a culpa. Mereceria ser enforcado e queimado, se tivesse recusado e traído meu senhor.

Quando o imperador ouviu falar do filtro que tivera prazer em beber e como Tessala o tinha logrado, compreendeu que nunca desfrutara de sua mulher, a não ser em sonho, mas esse deleite era mentira.

Declara então que quer tomar vingança da desonra e da afronta, obra do traidor que lhe arrebatou a mulher, ou nunca mais na vida terá alegria.

– Vamos sem tardar até Pádua e de lá até a Alemanha. Que o procurem em cada cidade, em cada castelo! Quem os trouxer a ambos será para mim o mais caro de todos os homens. Procurem bem! Vasculhem embaixo, em cima, perto, longe!

Procuram o dia todo. Mas Cliges tem bons amigos que, se na perseguição o descobrissem, em vez de o levar ao imperador o poriam a salvo. E Tessala, que os guia, com saber e encantamentos leva-os tão seguramente que ambos não sentem o menor temor dos esforços dos imperador.

Nunca passam a noite em uma cidade, em uma vila; e têm o que lhes é preciso, como de costume, se não melhor. Pois Tessala procura e traz tudo o que querem.

Ninguém os persegue nem espreita. Toda a gente de Alis retornou. Mas Cliges não tem sossego. Quer ir ao encontro do tio, o rei Artur. Tanto procura que o encontra. Ao rei ele se queixa do imperador seu tio, que tomou esposa apesar do juramento que fizera.

O rei diz que sua frota irá diante de Constantinopla. Ele encherá mil naves de cavaleiros e três mil naves de soldados. Nem cidade nem burgo nem castelo poderão sustentar o assalto. Cliges não deixa de agradecer a ajuda que lhe presta. Artur faz chamar às pressas todos os altos barões de sua terra. Manda equipar naves e dromundas, galeras e barcos. Convoca toda a Inglaterra, as duas Flandres, a Normandia, a França, a Bretanha e todos os países até os desfiladeiros de Espanha.

Já iam atravessar o mar quando da Grécia chegaram mensageiros que retiveram o rei e sua corte e retardaram a partida. Com os mensageiros estava Jean, o homem mais digno de ser acreditado. Esses enviados eram altos senhores da Grécia que procuravam Cliges e jubilaram por o haver encontrado. Disseram-lhe:

– Sire, que Deus vos guarde, em nome de todos os de vosso império! A Grécia vos está abandonada e Constantinopla dada, pelo direito que tendes sobre ambas. Vosso tio morreu pela tristeza que teve de não vos poder encontrar. Tão grande tristeza sofreu que a razão perdeu. Demente morreu. Caro sire, retornai, pois todos vossos barões vos chamam e desejam e pedem e vos querem fazer imperador...

Não acontecerá a expedição que a alguns teria dado grande prazer. O rei faz voltar sua gente. Cliges prepara-se às pressas, pois à Grécia quer retornar. Despede-se do rei e de todos seus amigos. Leva consigo Fenice. E vão embora, sem demorar no caminho. Os barões os recebem com grande júbilo, como deve ser. A Cliges dão por esposa sua amiga. Ambos juntos são coroados.

Da amiga Cliges fez esposa, mas a chama senhora e dama, pois com isso ela nada perde. Ama-a como amiga. Ela por seu lado o ama como se deve amar o amante, e cada dia aumenta o amor de ambos. Jamais Cliges teve falta de confiança nela, nem a repreendeu por cousa alguma. Fenice nunca ficou enclausurada, como foram mantidas as que vieram depois. Não houve desde então imperador que não temesse ser enganado pela esposa, ao ouvir contar como Fenice enganou Alis com o filtro que lhe deram e depois com o outro stratagem. Por essa razão a imperatriz, por mais altiva e nobre que seja, é guardada como em prisão. Permanece em seus aposentos, mais por temor do que para proteger a cútis. Junto dela não haverá homem que não seja castrado desde a infância. Com estes não há risco nem temor de que Amor os prenda em seus laços!

Aqui termina a obra de Chrétien.

Lancelot, o cavaleiro da charrete

Foi “por ordem” de Marie de Champagne, filha da magnífica Leonor da Aquitânia, que Chrétien compôs um dos mais célebres romances arturianos, *Le chevalier à la charrette*. A condessa Marie forneceu-lhe “a matéria” e “o sentido”, isto é, o assunto e a tese. Por isso Chrétien preocupa-se em celebrar o papel diretamente inspirador da princesa amiga das letras. As damas da corte de Champagne freqüentemente participavam de debates de cortesia que eram registrados por um escrivão e se encerravam com decretos. É possível que este Lancelot seja o eco de um dos “debates de amor” dirigidos pela condessa.

A matéria e o sentido do assunto proposto ao romancista obrigam-no a um exercício perigoso, considerando-se o fundo das obras anteriores. De formas diferentes, tanto em Erec como em Cligès Chrétien celebrou o valor do amor conjugal e sem partilha. Desta vez, ele deverá render-se a celebração do fim amor cantado pelos trovadores, e assegurar que “quem ama é obediente”. É o triunfo do amor cortês. A mulher assegura seu poder sobre o herói (como a condessa inspiradora assegura seu poder sobre o romancista a quem impõe uma tese que sabe não ser a dele). Pode causar decepção e choque a forma como Lancelot, esquecendo a cavalaria, submete-se a todos os caprichos de sua senhora. Mas as mentes da época sem dúvida sabiam reconhecer mais espontaneamente que nós que a aventura desse cavaleiro tão estranhamente submisso também é uma busca, patética porque desesperada. Talvez haja no mundo apenas algumas cativas que se atormentam umas às outras em seu cativeiro, sobretudo quando se reconhecem como almas irmãs. Desdêns, caprichos, rejeições, submissões representam esses tormentos. Se a alma dominada conseguir conquistar a alma conquistadora, então o amor libera a ambas para sempre; talvez seja esse o significado profundo das estranhas aventuras de Guinevere e Lancelot.

Guinevere é a Gwennyfar dos galeses, o “branco fantasma” com que os ingleses criarão o prenome Jennifer. Ela vem do fundo mais antigo: do mito da rainha ou princesa raptada por um deus ou por um herói malévolos que a retém em um reino de trevas; após uma busca cheia de provações, um príncipe reconquista-a e a reconduz à sua terra (é o que acontece na história irlandesa da bela Éthain e do rei Éochaid). Pouco a pouco, a partir dos mitos e talvez de acontecimentos históricos muito remotos, foi se constituindo na lenda de Artur uma lenda de Guinevere, sua esposa. Amores adúlteros, raptos, perambulações, provações e libertações compõem suas aventuras. Uma narrativa tradicional das Terras-Altas da Escócia relata que “uma das esposas do rei Artur, acusada de adultério e condenada a ser devorada pelos cães, fugiu de Câmbrria para a Escócia e lá passou o resto de seus dias. Perto do lugar onde ela foi enterrada ergue-se uma pirâmide onde um baixo-relevo representa de um lado cães que devoram a rainha e do outro homens que a perseguem”.

A História de Geofroy de Monmouth, o Lai de Lanval de Marie de France, o Roman de Rou de Wace, todos contemporâneos da obra de Chrétien, contribuem para definir com maior precisão e quase sempre sem ternura a figura e o papel da fascinante Guinevere. Ela é a heroína de uma tradição de amores infêis, de mentiras criminosas, de denúncias. Mas fascinou de tal forma a condessa Marie de Champagne, as damas cortesãs, os poetas, que, em consequência de seus debates, de seus textos, o caráter do personagem muda completamente. Sob o mesmo nome já não está a mesma rainha perversa e cruel. A soberana selvagem tornou-se soberana preciosa. Não teriam muitas características dessa “nova Guinevere” sido inspirados pela soberba personagem Leonor, neta de um dos mais ilustres trovadores, Guilherme IX de Poitiers, e mãe de Marie de Champagne? Através das vicissitudes conjugais e políticas de Leonor, sucessivamente rainha da França e rainha da Inglaterra, mãe e filha nunca deixaram de unir-se por laços de afeição e de comunhão de gostos. O elogio de Guinevere (cantada, é bem verdade, por seu sobrinho Gawain, que um sentimento amoroso ligava à rainha), representa a celebração de uma mulher ideal. Ela é incomparavelmente cortês, bela e sensata. “Ela ensina e

instrui todos os que vivem. Dela provém todo o bem do mundo. E sua fonte e origem. Ninguém pode deixá-la sem partir desalentado. Ninguém observa retidão nem conquista honra que não tenha aprendido com ela. Ninguém ficará tão aflito que afastando-se dela leve consigo sua dor.”

Assim será Guinevere no último romance de Chrétien, o Roman du Graal. Em Le chevalier à la charrette ainda não chegamos a isso. Ela é aqui a amante, a dominadora e a cativa que o herói subjugado deverá libertar.

É preciso ir muito além do verso número três mil para saber o nome do cavaleiro amante da rainha. Lancelot não é nome de origem galesa; é nome francês, derivado da palavra “ancel”, de raiz latina (ancilla), que designa um servidor. Ancelot é o diminutivo. Às vezes o amante da rainha Guinevere é designado sob essa forma sem artigo. Assim, no romance de Ogier: “N’est mie de la fable Ancelot ne Tristan” (Não estão na fábula Ancelot nem Tristan). Daí “l’Ancelot” (“o Ancelot”), e depois Lancelot. Mas o fato de o nome do herói não ser galês significará que o personagem e o romance não são de origem galesa? O dicionário galês de Walter indica que nessa língua “servidor” se diz “Maël”. Ora, a tradição céltica conhece um príncipe com esse nome, contemporâneo do chefe bretão do qual a lenda iria produzir o rei Artur. Seu caráter e suas aventuras antecipam o que será o Lancelot de Chrétien. Sua bondade é elogiada; seus costumes, deplorados. Reprovam-lhe os amores adúlteros com Gwennyfar, esposa do rei Artur, e o rapto que não hesita em cometer, disfarçado de fauno da floresta. Segundo a Légende des rois em língua armoricana, por fim Mäel-Lancelot retira-se para um convento, onde morre de pavor após avistar através das tendas da porta da igreja o “espectro amarelo” da peste. Na primeira parte do século XII, Caradoc de Lancarvan narra que o jovem príncipe devolveu ao rei Artur a princesa raptada, reconciliou-se com ele e tornou-se monge após ouvir as exortações de um homem de Deus. São muitas semelhanças com a intriga do romance de Chrétien. Sem dúvida, semelhanças demais para que o personagem de Lancelot, chevalier à la charrette nada deva, mais uma vez, a uma inspiração galesa.

Por que Chrétien parou de escrever tão perto do final? Todas as “explicações” são meras conjecturas. Terá ele próprio confiado a Geoffroy de Lagny a tarefa de compor (sem dúvida com base em um esboço) os últimos episódios, até o duelo final diante da corte reunida em torno de Artur e Guinevere? A não-conclusão da obra continua a ser um enigma.

Minha senhora de Champagne quer que eu empreenda um romance. Por isso, de bom grado o farei, como homem que é seu todo inteiro em tudo o que possa fazer no mundo. Não ponho no que digo nem uma pitada de incenso; mas conheço muitos outros que pretenderiam celebrar dela grande honra e louvor, e certamente diriam que essa dama sobrepuja as outras todas, como o zéfiro que venta em abril ou maio ganha de todos os outros ventos.

Não, por minha fé, não sou dos que tentam dessa forma fazer louvamento de sua senhora! Então pergunto: “Vale a rainha tantas condessas quanto vale um diamante em cabochões e sardônicas?” Não, realmente não direi tal cousa, embora a contragosto, pois é verdade. Direi contudo que nesta obra trabalham bem melhor suas ordens do que meu talento e meu empenho.

Chrétien começa então a pôr em versos seu livro sobre *O cavaleiro da charrete*. A condessa fornece a matéria e o sentido e ele aplica-se em pensar, não despendendo nisso mais que trabalho e atenção.

Por volta da festa da Ascensão, Artur reuniu a corte magnífica que a um rei cabe ter. Após comerem, não deixou seus companheiros. Havia grande número de barões. Com eles estava a rainha e também muitas belas damas cortesias, falando bem a língua francesa. Kai, o senescal, dirigia o serviço da refeição, comendo com os condestáveis.

Sobreveio então um cavaleiro armado com todas as armas. Assim aprestado, caminhou até diante do rei, que assentava entre os barões. Não o saudou; apenas disse:

– Rei Artur, retenho em meu poder uma parte de tua terra e da gente de tua casa: cavaleiros, damas e donzelas. Mas não te dou tais novas com intenção de os devolver. Ao contrário, quero informar que não tens força nem bem com que os possas reaver. E fica sabendo que morrerás sem os conseguirmos socorrer.

O rei responde que terá de sofrer tal desventura, já que não lhe pode remediar. Grande porém será seu pesar. O cavaleiro faz menção de partir e caminha até a porta do salão. Mas não desce os degraus. Pára e diz:

– Rei, se houver em tua corte um só cavaleiro de tal mérito que nele te fies o bastante para ousares permitir que leve a rainha até esse bosque aonde vou, faço um juramento: esperarei por ele e te devolverei os prisioneiros que estão exilados em minha terra. Ainda precisará tomar de mim a rainha. Terá então o direito de a trazer de volta aqui.

Todos os que estavam no palácio ouviram essas palavras. A corte ficou muito abalada. A nova logo chegou até Kai o senescal, que comia com os homens d’armas. Ele deixa da comida, vai direto até o rei e lhe diz em tom de cólera:

– Rei, por longo tempo vos servi de boa fé e lealmente. Hoje peço dispensa e vou embora, pois nunca mais vos servirei!

O rei fica pesaroso com o que ouve. Mas deixa de lado o pesar para bruscamente perguntar:

– Isso é verdade ou brincadeira?

Responde Kai:

– Gentil sire rei, não sou homem de brincar! Vede como me despeço. Não vos peço outra dispensa, outra paga por meu serviço. Irei embora sem mais esperar.

– É por cólera ou despeito que quereis partir? Senescal, fazei como de costume. Permanecei na corte e sabei que nada tenho neste mundo que não esteja pronto a vos dar.

– Sire, não vale a pena! Não aceitaria de presente um sesteiro de ouro puro por dia.

O rei está desesperado. Vem ter com a rainha.

– Senhora – diz –, sabeis o que o senescal me pede? Sua dispensa! E afirma que não mais será de minha corte, não sei por quê. A vosso pedido ele fará o que não quer fazer por mim. Ide falar-lhe, minha senhora querida. Se por mim ele não quer ficar, pedi por vós. E, se for preciso, ajoelhai a seus pés e dizei-lhe que eu perderia toda minha alegria se perdesse sua companhia.

O rei envia a rainha ao senescal. Ela o encontra no meio dos outros e fala:

– Kai, sabeis que estou presa de grande comoção pelo que ouvi dizer de vós. Contaram-me que quereis deixar o rei. De onde vos vem tal cousa, e por qual sentimento? Não reconheço aí vossa sensatez nem vossa cortesia. Quero suplicar-vos que permaneçais. Sim, Kai, permanecei, eu suplico!

– Senhora – diz ele –, perdoai-me, mas não poderia permanecer.

Mais uma vez a rainha suplica, e todos os cavaleiros também. A rainha se lança a seus pés. Kai tenta erguê-la, mas ela afirma que não o fará. Não ficará em pé enquanto ele não concordar em agir segundo sua vontade.

Finalmente Kai declara que permanecerá, mas com a condição de o rei outorgar-lhe o

que pedir, o mesmo devendo fazer a rainha.

– Kai – diz a rainha –, o rei e eu concederemos tudo o que quiserdes. Vinde comigo. Diremos a ele que a esse preço permaneceréis.

Com a rainha, veio o senescal diante do rei.

– Sire – diz ela –, consegui reter Kai, mas a duras penas. A vós o devolvo. Segundo vosso juramento, fareis o que ele pedir.

O rei suspira de júbilo e afirma que fará o que lhe for pedido.

– Sire – torna Kai –, ouvi então o que quero e qual dom me haveis prometido. Minha senhora que aqui está, haveis permitido que a leve comigo para seguirmos o cavaleiro que nos aguarda na floresta.

O rei sofre; não se desdiz em cousa alguma, mas está tomado de dor e cólera, que transparecem em seu rosto. A rainha também sente grande tristeza. E toda a gente da casa afirma que foi por orgulho, empáfia e insensatez que Kai pediu a rainha.

O rei tomou-a pela mão e disse:

– Senhora, sem contestação é preciso que acompanheis o senescal.

E este acrescenta:

– Podeis dá-la a mim. Não temais por ela, pois a trarei de volta sã e salva.

O rei entrega-lhe a rainha, que ele leva consigo. Todos os seguem e estão muito alarmados. O senescal é prontamente armado e trazem seu cavalo para o meio do pátio. Junto deles espera um palafrém nem arisco nem desembestador, bela montaria para uma rainha. Acabrunhada, dolente e suspirosa monta a rainha, que diz baixinho para que ninguém a ouça:

– Ah, rei, se soubésseis, não permitiríeis que Kai me afastasse um só passo!

Ela pensava ter falado bem baixo, mas o conde Guinable escutou. Todos fizeram tal lamento que quem os ouvisse pensaria que a levavam estendida em esquife. Ninguém acreditava que ela jamais retornasse algum dia. O senescal a levava para onde o cavaleiro desconhecido a esperava.

Sire Gawain diz então ao rei seu tio:

– Sire, agistes como na infância, e isso me espanta. Mas, se confiais em meu conselho, enquanto eles estão inda bem perto vós e eu os seguiremos; e conosco todos os que quiserem vir. Não, não poderei impedir-me de correr atrás deles! Não seria conveniente não procurar alcançá-los e saber, se possível, o que será da rainha e corno Kai se comportará.

– Vamos então, gentil sobrinho – responde o rei. – Falastes como cavaleiro cortês. Pois que assumistes o afazer, ordenai que tirem os cavalos, que lhes aprestem selas e freios. Não faltará mais que montar.

E trazem-lhes os cavalos, aparelhados e selados. O rei é o primeiro a montar; após ele, sire Gawain e logo todos os outros. Alguns portam armadura, mas muitos montam sem armas. Sire Gawain está armado e faz que dois escudeiros a cavalo levem pelas rédeas dois corcéis.

Ao se aproximarem da floresta, viram sair dela o cavalo de Kai. Reconheceram-no e observaram que as correias da brida estavam ambas rompidas. O cavalo não tinha mais cavaleiro. Sangue avermelhava os loros do estribo e os arções estavam lacerados. Todos ficaram vivamente furiosos. Trocaram cotoveladas e piscadelas.

Bem longe adiante, no caminho, cavalgava sire Gawain. De chofre ele vê vir a passo,

suarento e lasso, um cavaleiro que o saúda e cuja saudação retribui. O cavaleiro detém-se e diz:

– Sire, vede como meu cavalo está molhado de suor. Já não serve para coisa alguma! Creio que estes dois corcéis são vossos. Posso pedir-vos para me emprestar ou dar um deles? Se houver azo, eu vos retribuirei o benefício.

– Escolhei dos dois o que vos agradar – responde Gawain.

Mas o outro, que tem grande precisão de encontrar montaria, não vai procurar o melhor nem o de mais belo porte. Monta o corcel mais próximo e prontamente se lança a galope. O que ele deixou tomba morto.

Sem detença, o cavaleiro afasta-se através da floresta. Sire Gawain o segue e persegue com raiva. Desce à toda a encosta de uma colina. Um pouco adiante, encontra estendido morto o cavalo que dera ao cavaleiro e descobre no lugar muitas pegadas e pedaços de escudos e lanças. Bem parecia que se travara ali grande combate entre cavaleiros. Desagradou-lhe não ter sido um deles.

Continua a galope até que encontra, por acaso, o cavaleiro sozinho, a pé, todo armado, elmo atado, escudo ao peito, espada cingida, perto de uma charrete abandonada. As charretes serviam então para o que servem os pelourinhos. E em cada boa cidade onde há mais de três mil delas, não havia naquele tempo senão uma que era comum a todos, como hoje os pelourinhos, para aqueles que cometeram assassinato e traição, para os que caíram em duelo de julgamento, para os ladrões e os bandidos de estrada. Quem fosse preso no ato, era posto na charrete, levado por todas as ruas e depois declarado fora-da-lei, não mais podendo ser ouvido em justiça, não mais sendo honrado nem festejado. Porque naquele tempo as charretes eram tão cruéis, alguém disse: “Quando vires a charrete e a encontrares, persigna-te e lembra de Deus, para que não te advenha mal!”

O cavaleiro a pé, sem lança, aproxima-se então da charrete e vê sobre os varais um anão que segurava como um charreteiro uma longa vara na mão.

Diz o cavaleiro ao anão:

– Anão, dize-me, por Deus, não viste passar por aqui minha senhora a rainha?

O anão, filho da puta, não quis lhe dar novas, mas respondeu:

– Se quiseres subir na charrete que conduzo, podereis saber até amanhã o que foi feito da rainha.

E continua seu caminho, sem mais esperar. Por um breve instante, o cavaleiro hesita em subir. Muito errou se temeu a desonra e não ousou subir de pronto. Pagará caro por isso.

É que Razão, separada de Amor, diz-lhe que evite subir. Ela ralha e lhe ensina a nada fazer nem empreender que possa levar a desonra ou exprobação. Essa Razão não está no coração, mas na boca. Porém Amor está no coração encerrado e lhe manda e ordena que suba depressa à charrete. Amor assim quer, e o cavaleiro sobe. Não lhe importa a vergonha, pois Amor ordena e quer.

Sire Gawain galopa atrás da charrete. Encontra sentado nela um anão e lhe pergunta:

– Anão, dá-me novas da rainha, se souberes.

Responde o anão:

– Se tens por ti mesmo tanto ódio quanto o cavaleiro ali sentado, sobe com ele e vos conduzirei a ambos.

Ao ouvir tais palavras, sire Gawain considera-as grande loucura e responde que não subirá, pois seria troca mui vil: uma charrete por um cavalo! E acrescenta:

– Mas continua indo aonde quiseres, que irei onde fores!

Então eles se põem a caminho. Um cavalga, os outros dois vão em charrete e fazem os três o mesmo trajeto.

Após a hora de vésperas, chegam diante de um castelo muito imponente. Entram os três por uma grande porta. Ao ver esse cavaleiro na charrete, as pessoas ficam espantadas e prorrompem em forte assuada, pequenos e grandes, velhos, crianças, todos espalhados pelas ruas. Gritam grandes vilanias e grandes ultrajes. E gritando perguntam:

– Em qual suplício será judiado esse cavaleiro? Será ele esfolado, enforcado, afogado ou queimado em braseiro? Dize, anão, tu que o levas, em qual malfeito foi ele pego? É convicto de furto? Matou? Foi vencido em campo fechado?

Mas a ninguém responde o anão. Não responde sim nem não. Seguido de sire Gawain, conduz o cavaleiro a seu alojamento, um torreão do outro lado da cidade.

Lá encontram uma damizela, a mais bela da região, acompanhada de duas donzelas. Assim que vêem sire Gawain, fazem-lhe grande festa e o saúdam e indagam:

– Anão, que mal fez este cavaleiro que conduzes como se fosse impotente?

Mas ele continua a nada responder. Faz descer o cavaleiro e depois vai embora. Não se soube para onde foi. Então sire Gawain apeia e prontamente vêm dois valetes que os desarmam e vestem com mantos forrados de petigris.

Quando chegou a hora da ceia, a refeição foi bem sortida. A damizela sentou perto de sire Gawain e lhe fez boa e bela companhia. Depois que comeram o bastante, separam-se dois leitos altos e longos, e um terceiro inda mais rico. Nunca homem viu melhor leito e de maior conforto. Quando chegou o momento de deitar, a damizela, mostrando os leitos, disse a seus hóspedes:

– É para o bem-estar de vossos corpos que estão aprestados estes dois leitos. Mas naquele que lá está só poderia repousar quem o merecesse. Aquele leito não é feito para vós.

O cavaleiro que tinha vindo na charrete disse então:

– Dizei-me a razão pela qual esse leito me é proibido.

Respondeu ela de pronto:

– Não vos convém fazer semelhante pergunta. Desonrado está o cavaleiro que subiu em charrete. Não seria direito querer deitar nesse leito. Logo ele se arrependeria. Não o fiz ornar tão ricamente para nele deitardes. Bastaria esse simples pensamento e pagaríeis mui caro.

– Daqui a pouco vereis – diz ele.

– Verei?

– Assim é.

– Mostrai-me!

– Não sei quem perderá com isso. Quem quiser que se aborreça! Naquele leito quero deitar e muito à vontade repousar.

Assim que se descalçou, ele deitou no leito mais longo, com meia-vara de altura, sob edredon e samito amarelo estrelado de ouro. A pele que o orlava era de zibelina e não de petigris pelado. Era mui digna de um rei a cobertura sob a qual se pôs o cavaleiro. Certamente para esse

leito não haviam usado cânhamo nem palha ou velhas esteiras!

A meia-noite, dentre as vigas caiu como um raio uma lança, o ferro para baixo, que por pouco não costurou o cavaleiro pelos flancos ao cobertor e aos lençóis alvos e ao leito onde jazia. Da lança um pendão pendia, que todo em chamas ardia. O fogo pegou no cobertor, nos lençóis e no leito ao mesmo tempo. E o ferro da lança passa bem ao lado do cavaleiro, tirando-lhe um pouco do couro sem contudo o ferir. Então o cavaleiro ergue o corpo, apaga o fogo e toma da lança. Atira-o no meio do aposento, sem para isso deixar o leito. Torna a dormir, e dorme tão tranqüilamente como fizera antes.

No dia seguinte, ao despontar o sol, a damizela da torre mandou preparar todo o necessário para a celebração de uma missa. Fez despertarem e levantarem os cavaleiros. Depois que a missa foi cantada, à janela para o prado veio ter o cavaleiro pensativo (o mesmo que chegara na charrete). Ele olhava os prados abaixo. A damizela viera à janela próxima, e falava em segredo com sire Gawain. Do que se disseram nada sei. Mas enquanto estavam ambos à janela viram de súbito passar pela pradaria, ao longo do rio, pessoas que transportavam um ataúde. Dentro estava um cavaleiro e dos lados três damizelas faziam grande lamento. Atrás vinha uma escolta e à frente cavalgava um cavaleiro de grande estatura, tendo à direita uma dama mui bela. O cavaleiro na janela reconheceu que aquela dama era a rainha. Não parava mais de a contemplar o mais longamente que podia. Quando desapareceu, ele quis se lançar pela janela. Já escorregava no vazio quando sire Gawain o reteve, dizendo:

– Por favor, senhor, ficai em paz! Por Deus, nunca mais penseis em fazer semelhante loucura! Não tendes razão para odiar a vida!

– Não, em absoluto, ele tem uma boa razão – diz a damizela. – Não estará por toda parte a nova de sua desventura? Ele subiu em charrete, e é justo que deseje estar morto, pois mais valeria morto do que vivo. Doravante sua vida é vergonhosa e desprezível e infeliz.

Então os cavaleiros pediram as armas e armaram-se. A damizela foi cortês e generosa. Ao que fora escarnecido, deu um cavalo e uma lança em sinal de amizade e concórdia.

O mais breve possível, os cavaleiros partem por onde viram afastar-se a rainha. Não tentam alcançar a escolta. Dos prados, entram em um bosque cercado de sebes, depois encontram um caminho de pedra. Tanto cavalgaram pela floresta que era talvez hora de prima quando, em uma encruzilhada, encontram uma damizela. Ambos a saúdam e pedem que lhes diga para onde estão levando a rainha. Ela responde como pessoa sensata:

– Se tivesse de vós seguras promessas, poderia indicar o caminho, dizer para qual terra ela vai e o nome do cavaleiro que a leva. Mas quem quisesse entrar nesse país precisaria sofrer grande penar e grandes dores!

– Damizela – diz Gawain –, faço-vos promessa sem reserva. Ponho-me a vosso serviço com todo meu poder, tão logo vos aprover. Mas não me oculteis a verdade.

O que subira na charrete comprometeu-se da mesma forma.

– Então vos direi – torna a damizela.

E contou assim:

– Por minha fé, senhores, foi Melegant, um cavaleiro corpulento e alto, filho do rei de Gorre, que a prendeu e colocou em seu reino donde nenhum forasteiro retorna. Por força lá permanece em servidão e exílio.

Os dois cavaleiros perguntam:

– Damizela, onde fica essa terra? Onde encontraremos seu caminho?

– Vós o conhecereis, mas sabeis que lá encontrareis obstáculos e morte, pois é afazer mui perigoso entrar nesse país sem a permissão do rei Bandemagus. O acesso só é permitido por duas cruéis passagens. Uma tem por nome Ponte-sob-a-água, pois está realmente sob a água entre o fundo e a superfície, tem apenas um pé e meio de largura e outro tanto de espessura. A outra ponte é a mais má e a mais perigosa que jamais homem passou. É cortante como uma espada, e por isso todos a chamam de Ponte-da-espada. Tal é a verdade. Mais não vos posso dizer.

Um dos cavaleiros pede:

– Damizela, condescendei em ensinar-nos esses dois caminhos.

E a damizela responde:

– Eis o caminho certo da Ponte-sob-a-água, e aquele outro leva à Ponte-da-espada.

Então o cavaleiro carregado na charrete diz ao companheiro:

– Sire, ofereço-vos sem rancor: tomai um desses dois caminhos e deixai-me livre para o outro. Escolhei o que preferis.

– Por minha fé – diz sire Gawain —, mui perigosas e dolorosas são uma e outra passagem. Não me sinto bastante avisado para fazer semelhante escolha. Não sei de qual lado se encontra o bom partido. Mas não seria justo que não jogue o jogo, pois que me fizestes a oferta. Escolho a Ponte-sob-a-água.

– Então é justo que eu vá à Ponte-da-espada – diz o cavaleiro –, e concordo de bom grado.

Os três têm de se separar, recomendando-se mutuamente a Deus. Mas a damizela lembra a ambos:

– Cada um de vós me deve recompensa a meu grado, na hora em que a quiser tomar. Pensai nisso. Não esqueçais!

Cada qual parte para seu lado. O cavaleiro da charrete vai devaneando, como homem que não tem força nem defesa contra Amor que o governa. Esquece de si mesmo, não sabe se existe ou não. De seu próprio nome não lembra. Não sabe se está armado ou não. Não sabe aonde vai, donde vem. De nada lembra, exceto de uma cousa, uma única cousa, e por ela olvidou todas as outras. Nela somente pensa tanto que nada vê nem ouve. Leva-o seu cavalo, para o qual não há caminho errado, mas o mais reto e o melhor. Ao léu o conduz até uma charneca. Nessa charneca existia um vau. Do outro lado, um cavaleiro em armas guardava o vau. Perto dele, uma damizela vinda em um palafrém.

Estava passando a hora de nona e o cavaleiro ainda não saíra do longo devaneio. O cavalo, que tinha grande sede, acorre para a água bela e clara assim que a vê. E aquele que estava na outra margem brada:

– Cavaleiro, eu guardo o vau! Proíbo-vos de passar.

Mas o interpelado não ouve, pois seu devaneio o impede; e deixa o cavalo correr para a água do vau.

– Renuncia ao vau! – grita de novo o outro. – Sê prudente! Não se deve passar por ele!

E jura que o ferrará com sua lança se entrar no vau. Mas o cavalo se precipita para a água e começa a beber. O guardião da passagem diz que o insolente vai pagar pelo malfeito. Nem escudo nem loriga o protegerão! Põe seu cavalo a galope e o espicaça inda mais. Desce um golpe

no insolente e o derruba. Ei-lo estendido dentro do vau que lhe haviam proibido. Lança e escudo voam longe de quem os portava. Ao sentir a água molhada, o adormecido sobressalta e, como quem desperta, ergue-se e mui espantado procura ao redor quem assim o atingiu. Avista o cavaleiro e brada-lhe:

– Vassalo, dissei por que me golpeastes. Eu não vos sabia diante de mim. Não vos havia feito mal algum.

– Por minha fé, bem vos ouvistes desafiar pelo menos duas vezes, se não três! Entrastes onde eu não queria. Entretanto adverti que vos bateria se entrásseis na água.

– Que eu seja amaldiçoado se jamais vos vi! Bem pode ser que me tenhais proibido entrar no vau. Sabei porém que para vosso mal me teríeis batido, se minha mão pudesse vos segurar o freio.

– E, se assim fosse, que aconteceria? Poderás agora mesmo segurar-me pelo freio, se ousares. Tua ameaça e teu orgulho valem menos para mim que um punhado de cinzas.

– Eis o que quero! Não importa o que possa ocorrer, quero vos desafiar como disse!

O outro avança até o meio do vau e aquele que o tinha desafiado segura-o pela rédea com a mão sinistra e pela coxa com a mão destra. Aperta-o e estreita-o mui rijamente. O outro geme. Parece-lhe ter a coxa arrancada do corpo. Implora ao adversário que o solte, dizendo:

– Cavaleiro, se te apraz combater de igual para igual, toma teu escudo, teu cavalo e tua lança e mede-te comigo em justa.

– Por minha fé, nada disso farei, pois creio que fugirás assim que te largar.

O guardião do vau sente grande vergonha. Repete sua oferta de combaterem frente a frente.

Um se compromete por juramento a não tocar no outro enquanto este não tiver encontrado suas armas. Ele recolhe o escudo e a lança que flutuavam nas águas do vau e já iam longe na correnteza.

Volta a tomar do cavalo. Segura o escudo pelas correias e coloca a lança em riste sobre o arção. Os dois cavaleiros correm um contra o outro o mais rápido que podem os cavalos. Aquele que proibia o vau ataca primeiro, tão rijamente que a lança lhe voa em pedaços. Seu inimigo o golpeia tão bem que o envia em cheio para a corrente, e a água se fecha sobre ele. Mas prontamente torna a ficar em pé. O outro, deixando sua vantagem, tira da bainha o espadão de aço. O que sai da água também desembainha espada boa e flamejante. Ambos se encontram no corpo a corpo. Cobrem-se com seus escudos onde reluz o ouro, e as espadas fazem tão bela obra que golpeiam sem fim nem repouso

Entreaplicam-se grandes golpes. A batalha é encarniçada. O cavaleiro da charrete sente por isso grande vergonha no coração. Diz a si mesmo que bem penosa será a via empreendida se já gastou tão longo tempo para vencer um único cavaleiro. Investe contra o inimigo e o acossa tão rijamente que este se esquiva e foge, deixando-o passar o vau malgrado seu. O cavaleiro da charrete o persegue e derruba a tabefes. Vem sobre ele e diz:

– Má inspiração tivestes de me fazer cair no vau e despertar de meus pensamentos.

A damizela que o cavaleiro trouxera consigo ouve tais palavras de ameaça. Sente grande medo e implora que o vencedor deixe vivo seu rival. Mas ele responde que lhe tomará a vida, pois o vencido lhe fez desonra demasiada. Como lhe conceder mercê? Avança para ele, espada em punho. O outro fica apavorado. Mais uma vez pede mercê. O cavaleiro da charrete responde:

– Pelo amor de Deus, perdão sempre concedi a quem o requeria com tais palavras. Assim farei, mas jura-me que serás meu prisioneiro onde e quando eu quiser.

Com tristeza, o vencido faz o juramento. Diz então a damizela:

– Cavaleiro que és generoso, libera-o por mim de sua prisão. Em paga, no momento que for preciso te darei recompensa que te causará grande prazer.

Então o cavaleiro compreende quem é essa damizela. Declara o outro quite de sua prisão. Ela sente pejo e angústia, pois crê ser reconhecida e desejava que assim não fosse.

O cavaleiro quer partir na mesma hora. O vencido e a damizela recomendam-no a Deus. Depois vão embora, um e outros cada qual para seu lado.

Ele parte, e por volta do final da hora de vésperas encontra uma damizela mui graciosa e bela, bem-feita e bem vestida, que vinha em sua direção. A damizela o saúda como jovem educada.

– Damizela, Deus vos dê saúde do corpo e da alma!

– Sire – responde ela –, minha morada é bem perto daqui. Está toda preparada para vós, se vos aprouver nela repousar esta noite. Mas só albergareis se deitardes comigo. A cousa deve ficar entendida.

Por tal oferta conheço bom número deles que diriam mil e mil agradecimentos. Mas esse cavaleiro fica mui contristado e responde de pronto:

– Damizela, agradeço-vos pela oferta do alojamento, fico feliz com ela. Mas, se vos aprouvesse, dispensaria o deitar convosco.

– Por meus olhos – diz a jovem –, não farei de outra forma!

Então, não podendo esperar melhor, ele promete como ela quer. Mas prometer parte-lhe o coração. Já tão rudemente ferido, quanto sofrerá inda mais na hora do deitar! A jovem que o levou terá decepção e pesar. E, talvez, amando-o tanto consentirá que ele a deixe?

Tendo assegurado que faria segundo o querer de sua anfitriã, o cavaleiro segue a damizela. Ela o conduz até um recinto fortificado, circundado de altos muros e de água profunda. Dentro não havia outro homem além do que ela levava.

Tinha ali como habitação particular um mui vasto salão e muitos belos aposentos bem aparelhados.

Após caminharem ao longo de um rio, ei-los agora chegados a esse solar. Uma ponte levadiça desce para lhes dar passagem. Nada os retêm no limiar do salão, cuja porta de entrada está escancarada. Vêem uma longa mesa coberta de grande toalha. Já haviam colocado em cima pratos, velas em candelabros e escudelas de vermeil, mais dois jarros, um cheio de hidromel e o outro de forte vinho branco. Perto da mesa, na ponta de um banco, deparam com duas bacias de água quente para lavarem as mãos, e na outra ponta uma toalha bem trabalhada e muito alva para as enxugarem. Não viram valetes nem escudeiros. O cavaleiro se desembaraça do escudo e o pendura em um gancho. Coloca sua lança em um cabide d'armas. Apeia do cavalo, e a damizela também. Agradou muito ao cavaleiro que ela não tivesse esperado sua ajuda. Apenas desceu do cavalo, a damizela corre para seus aposentos. Traz um manto de escarlata com que cobre o hóspede. Na sala, trevas profundas. Entretanto as estrelas já luziam no céu.

Haviam tantas candeias, com pavios grossos e ardentes, que mui viva era a claridade.

Depois de prender-lhe o manto ao pescoço:

– Amigo – diz ela –, eis a água, eis a toalha. Ninguém aqui para as apresentar, a não ser eu, como vedes. Lavai as mãos e tomai lugar quando vos aprouver.

– De mui bom grado.

Ele toma assento, e ela senta perto desse cavaleiro que lhe agrada vivamente. Em mútua companhia comem e bebem. Ao saírem da mesa, diz a jovem ao cavaleiro:

– Sire, ide lá fora distrair-vos. Mas permaneci apenas o tempo que julgardes necessário para eu me recolher. Então podereis vir, se pretendeis manter vossa promessa.

Responde ele:

– Mantereí minha promessa. Retornarei quando julgar que é hora.

E sai. Permanece um bom momento no meio do pátio. Depois, tem de retornar, como fez juramento. Portanto volta ao salão, mas não revê sua amiga, pois de fato ela não está lá. Diz:

– Pela promessa que fiz, vou procurá-la até a encontrar!

Entra em um aposento de onde ouve gritar mui alto uma donzela. Era a mesma com a qual vinha deitar. Vê aberta a porta de outro quarto, de onde vêm todos esses altos brados. E lá, sob seus olhos, vê que um cavaleiro a derrubou e a mantém travada no leito, toda descoberta. Seguramente ela chama por socorro!

– Valia! Valia, cavaleiro que és meu hóspede! Se não tirares esse devasso de sobre mim, ele me desonrará diante de ti. És tu que deves deitar comigo como prometeste. Esse que me segura fará o que quer pela força e ante teus olhos? Gentil cavaleiro, socorre-me depressa, suplico-te!

O cavaleiro bem vê que mui vilmente o devasso mantém segura a damizela descoberta até o umbigo. Tem grande pejo de o ver nu segurando a damizela nua. Porém tal visão não lhe dá o menor desejo, e não sente o menor ciúme. Mas vê perto da porta do quarto, como porteiros mui bem armados, dois cavaleiros segurando espada nua, depois quatro serviçais munidos cada qual de um machado capaz de cortar a espinha de uma vaca tão facilmente quanto raiz de giesta.

O cavaleiro pára diante da porta e diz:

– Deus, que poderia eu fazer? Pus-me a caminho para o grande afazer de perseguir a rainha Guinevere. Não devo ter coração de lebre, pois que por ela empreendi tal busca. Se covardia me domina e comanda, não chegarei onde pretendo. Se permanecer aqui serei desonrado. Que Deus tenha mercê de mim, não por orgulho o digo, se prefiro morrer com honra a viver com vergonha. Se o caminho estivesse livre, se aqueles lá me dessem licença para passar, onde então estaria a honra? Seguramente o pior homem passaria. Quanto a mim, fico ouvindo esta jovem que forçam, que não cessa de me pedir socorro em nome do juramento que fiz e que me censura por nada fazer!

Vai então até a porta. Passa a cabeça e o pescoço; vê as espadas virem sobre si. Prontamente recua. Os porteiros não conseguem deter o golpe. As espadas atingem o solo tão rijamente que as lâminas se partem.

Ele salta no meio dos serviçais. Tão bem golpeia que os derruba de comprido. O terceiro serviçal porteiro erra o golpe, mas o quarto o ataca. O ferro atravessa o manto, corta camisa e carne branca, toca a saliência atrás da espádua. O sangue goteja. Mas o cavaleiro não se queixa do ferimento nem cessa de lutar. Salta sobre os corpos. Agarra pela cabeça o devasso que forçava a damizela. (Poderá cumprir seu juramento antes de partir dentro em breve!) Põe em pé o devasso, mas o homem que há pouco errara o golpe ergue a espada novamente. Pensa fender-lhe a cabeça

até os dentes. Mas o cavaleiro sabe encontrar boa defesa. Empurra o devasso ao encontro do golpe e o machado atinge esse escudo de carne bem onde a espádua encontra o pescoço, que se separam um do outro. Então o cavaleiro toma do machado. Solta o homem que estava segurando, pois tem de defender-se dos cavaleiros que vêm sobre ele. Os três serviçais com machado o assaltam com todas as forças. Mui agilmente ele salta entre o leito e a parede e brada:

– Ora essa, vinde todos a mim! Fosseis vinte ou trinta, agora que estou neste reduto tereis batalha o quanto quiserdes!

Diz a damizela:

– Por meus olhos, nada tendes a temer em qualquer lugar onde eu esteja.

E manda embora os cavaleiros e os serviçais. Eles deixam o aposento sem retardo nem contestação.

– Sire – torna a jovem —, bem me defendestes contra a gente de minha casa. Vinde. Eu vos conduzirei.

Mão na mão, ambos retornam ao salão. Todavia ao cavaleiro não agrada essa bela companhia, pois de bom grado a dispensaria.

Um leito está preparado no meio da sala. Seus lençóis são de grande alvura, amplos e finos. Uma cobertura feita de dois tecidos de seda com ramagens está estendida sobre a cama. E a damizela deita, mas não tira a camisa. Ao cavaleiro muito custa se descalçar e desvestir. Um suor de angústia o invade. Mas seu juramento o obriga e quebra-lhe a resistência. É uma imposição? Então, que seja! Convém por obrigação que ele vá deitar com a damizela. Vai deitar prontamente, mas sem tirar a camisa, como sua companheira fizera. Sente grande medo de a tocar. Afasta-se dela, jaz de costas. Não diz uma palavra, como frade converso que é proibido de falar quando está estendido no leito. Não consegue mostrar à damizela ar mais afável. Por quê? É que seu coração não o incita. Entretanto ela é graciosa e bela. Mas o cavaleiro só tem um coração, e esse coração já não lhe pertence. Está confiado a outrem; por isso não o pode dar alhures. Amor que reina sobre todos os corações permanecer fiel. Sobre todos? Não! Sobre os que ele preza. Mas deve-se prezar mais aquele que Amor digna governar? Amor prezava tanto esse cavaleiro que o governava com predileção e lhe dava grande alteza. Por isso, não desejo censurar esse homem que repugna o que Amor proíbe e obedece ao que ele quer.

A damizela bem vê que o cavaleiro detesta sua companhia. De bom grado a dispensaria; não tem o menor desejo de a tomar nos braços, e regozijaria de não precisar fazê-lo.

– Se tal não vos aborrecer – diz ela –, partirei daqui. Irei deitar em meu quarto e ficareis mais à vontade. Não creio que vos atraiam muito minha companhia e o prazer de mim. Não tomeis como injúria se digo o que penso. Portanto, repousai esta noite. Observastes tão bem minhas condições que mais não vos posso pedir, por menos que seja. Digo-vos adeus e vou embora.

Ela levanta. O cavaleiro não sente tristeza. Deixa-a ir de bom grado, como alguém que é amigo perfeito de outra mulher. A damizela bem o vê. Vai para seus aposentos. Deita toda nua e diz consigo mesma:

Desde que pela primeira vez conheci cavaleiro, não estimei um único que valesse a terça parte de um dinheiro angevino, afora este aqui. Se, como penso e adivinho, ele quer empreender uma façanha tão perigosa que jamais cavaleiro a ousou empreender, Deus lhe permita chegar a cabo!

Ela adormeceu e despertou ao nascer do dia claro.

Agora que a aurora aponta, a damizela logo levanta. O cavaleiro desperta; apresta-se e se aparelha e arma sem esperar ajuda. A damizela chega então e o vê assim aprestado:

– Que um bom dia brilhe para vós – diz ela de pronto.

– Para vós também, minha damizela! – responde o cavaleiro. – Mas tardam a trazer meu cavalo!

A damizela o manda trazer.

– Sire – diz ela –, iria longe convosco no caminho, se ousásseis levar-me junto e conduzir-me segundo os usos e costumes que foram estabelecidos bem antes de nós no reino de Logres.

Os costumes e as franquias que ela mencionava eram os seguintes naquele tempo: todo cavaleiro que cuidasse de seu renome, ao encontrar damizela sozinha teria preferido cortar a garganta a deixar de tratá-la com toda honra. Mas, se a tomasse pela força, estava desonrado para sempre em todas as cortes de todos os países. Se outro cavaleiro, tendo desejo dela, a quisesse disputar em batalha e pelas armas a conquistasse, podia sem desonra nem censura fazer dela segundo sua vontade.

– Prometo – diz o cavaleiro – que ninguém vos causará dano antes de o causar a mim.

– Então quero partir convosco!

Ela manda selar o seu palafrém. Ambos montam sem escudeiro e partem a galope. A damizela tenta conversar, mas ele não cuida disso e recusa a palavra. Apraz-lhe pensar, e não falar. Amor reabre muito amiúde a ferida que lhe fez. Nela jamais foi posto emplastro para cura ou para saúde. O ferido nunca quis procurar emplastro nem médico, a menos que sua chaga não piore. Antes procuraria o que aumente seu mal. Tomando estradas e veredas, quando o caminho reto os leva ao meio de um prado avistam uma fonte. Sobre grande pedra bem ao lado, não sei quem esqueceu um pente de marfim dourado. Jamais desde o tempo do gigante Isore homem viu pente mais belo. Aquela que o usara deixara preso um punhadinho de cabelos.

Ao avistar a fonte e a grande pedra, a damizela tenta impedir que o cavaleiro as veja e o procura colocar em outro caminho. Ele, que se compraz em seu profundo devaneio, de início não percebe que a damizela o extravia. Mas, assim que tal fica claro, temendo algum logro crê que ela só toma esse caminho para evitar perigo alhures.

– Eia! Parai, damizela, não estais indo certo! Vinde por aqui! Jamais alguém fez caminho mais curto saindo deste!

Eles retornam ao caminho e continuam a avançar. Logo estão perto da grande pedra e avistam o pente. Diz o cavaleiro:

– Tanto quanto me lembro, jamais vi pente tão belo como este que aqui está.

– Cedei-o a mim – faz a donzela.

– De bom grado.

Lancelot se curva e o pega e segura mui longamente. Olha-o e contempla os cabelos. A damizela começa a rir. Então o cavaleiro pede-lhe que diga por que ri. Responde ela:

– Calai-vos! Não vos direi por enquanto.

– Por quê?

– Não tenho vontade, eis tudo!

Lancelot a conjura, dizendo que nenhum amigo deve faltar com a palavra à amiga, e

tampouco a amiga ao amigo.

– Se amais alguém de coração, damizela – diz –, por ele vos conjuro, peço e suplico que nada oculteis por mais tempo!

– Falais com voz tão grave – torna ela – que tudo vos direi sem mentir em nada. Este pente pertence à rainha. Crede bem no que digo: estes cabelos que vedes, tão belos, tão claros e luzentes, que permaneceram entre os dentes, são da cabeleira da rainha.

Diz o cavaleiro:

– Por minha fé, há bastantes rainhas e reis! A qual vos referis?

Diz ela:

– Por minha fé, caro senhor, à mulher do rei Artur.

Ao ouvi-lo, o cavaleiro fica prestes a tombar desfalecido. Tem de apoiar-se ao arção dianteiro da sela. A damizela pensa que ele vai cair. Não a censureis por sentir medo: ela já o vê desfalecido. Sire Lancelot teve o coração tão fortemente oprimido por tal dor que por um longo momento perde tanto a palavra como a cor. A damizela apeia. Corre o mais que pode correr para o amparar e socorrer. Ao ver isso, ele sente pejo e diz:

– Que viestes fazer aqui diante de mim?

Não penseis que a damizela lhe diga o porquê de sua precipitação. Quanta vergonha e angústia ele sofreria se conhecesse a verdade! A damizela é bem astuta e diz com grande finura:

– Sire, vim buscar este pente, pois tinha tão grande desejo dele que jamais acreditava segurá-lo cedo o bastante!

Como deseja que a damizela tenha o pente, estende-o a ela; mas os cabelos, retira-os tão suavemente que não rompe um único fio. Jamais olhos de homem verão honrar tanto coisa alguma! Ele começa a adorá-los. Cem vezes e bem mais os acaricia, leva-os aos olhos, à boca, à frente e à face. Não há agrado que não faça. São sua riqueza e sua alegria. Encerra-os junto do coração, entre a camisa e a carne. Não os trocaria por um carro repleto de esmeraldas e carbúnculos.

A damizela torna a montar prontamente, levando consigo o pente. O cavaleiro sente-se ébrio de alegria por esses cabelos que guarda ao seio.

Após a planície, logo deparam com uma floresta. Depois vão por um atalho, pois o caminho estreitou. Ei-los obrigados a cavalgar um após o outro, pois ali não é possível conduzir dois cavalos lado a lado. A damizela vai diante de seu hóspede pelo caminho reto. Onde a via é mais estreita, vêem aproximar-se um cavaleiro. Tão logo o avista ao longe, a damizela reconhece-o.

– Sire – diz ela a seu companheiro –, vedes aquele que vem a vosso encontro, todo armado e pronto para a batalha? Ele pensa levar-me sem falta consigo, sem defesa alguma. Sei bem qual é seu pensar, pois ele me ama como louco. Há muito tempo me vem requestando de amor, pessoalmente e por mensageiro; mas recuso-me a esse amor, pois não o poderia amar. Que Deus me ajude! Prefiro morrer em vez de o amar, pouco que fosse! Sei que neste instante ele rejubila como se já me tivesse toda para si. Verei o que ides fazer. Saberei se sois bravo, se vossa companhia me protege. Se assim for, então direi sem mentir que sois bravo e de alto valor.

Mas diz ele:

– Ora, que é isso!

E essa fala vale tanto como se tivesse dito:

– Pouco me importa! Por nada estais abalada! Não me ocupo um mínimo do que me dissestes!

O cavaleiro vinha a grande galope ao encontro de ambos. Achava bom apressar-se. Não o queria fazer em vão e se considerava venturoso por ter diante de si o que mais amava.

Eis agora que aborda a damizela, e de boca e de coração a saúda:

– Que a bela mais amada, que me dá o mínimo de alegria e o máximo de dor, seja bem-vinda de onde quer que venha!

O cavaleiro atribui grande valor a essa saudação que não lhe sujou a boca e nada lhe custou. Tivesse triunfado nas justas, não sentiria mais honra e estima de si. O orgulho incita-o a segurar a rédea do freio: – Damizela, vou então vos conduzir. Hoje nadei em linha reta com bom tempo, e eis que chego a bom porto. Doravante, não sou mais cativo. Consegui escapar do perigo. Após o desprazer estou em alegria, após o grande sofrimento eis-me em boa saúde. Tenho tudo o que queria, pois que vos encontro nesta ocasião que me permite levar-vos comigo sem nada cometer de vergonhoso.

Diz ela:

– Não vos glorieis assim, pois aqui está o cavaleiro que me escolta.

– Pobre escolta! – responde ele. – Vou levar-vos agora mesmo. Este cavaleiro, creio eu, terá comido um moio de sal antes de ousar vos disputar comigo. Penso que nunca verei homem de quem não vos possa conquistar. Como vos encontro a propósito, quer desagrade ou não a vosso cavaleiro vos levarei diante de seus olhos, e que ele faça o melhor que puder!

O outro cavaleiro não faz o menor caso dessa jactância; mas sem chacota nem presunção, começa a desafiá-lo:

– Sire – diz ele –, não vos apresseis e não gasteis palavras. Vossos direitos serão respeitados, quando os tiverdes sobre a damizela. Sabei que ela veio sob minha salvaguarda. Deixai-a. Demasiado já a haveis considerado vossa. Ela nada tem a temer de vós.

Replica o outro:

– Que me queimem se não a levo, mau grado seu!

– Seria covarde se vos deixasse levá-la! Ficai sabendo que antes haverá batalha entre nós. Mas não é possível combater neste caminho. Vamos até uma estrada, prado ou charneca.

Vão até um prado. Havia lá muitas donzelas e cavaleiros e damizelas brincando de muitos jogos, pois o lugar era aprazível. Não estavam todos a foliar, mas jogavam damas e xadrez, também dados, triquetraque e moedas. E outros que lá estavam recordando a infância faziam bailares, farândolas e danças. Cantavam, davam saltos ou se exercitavam na luta.

Um cavaleiro (não jovem) estava do outro lado do prado, sobre um cavalo amarelo de Espanha com sela e rédeas douradas. Esse homem, já grisalho, postava-se ali, mão no quadril. Com aquele belo tempo estava de túnica, olhava os jogos e as danças. Cobria-lhe as espáduas um manto de escarlata forrado de petigris. Do outro lado, perto de uma trilha, havia mais de vinte cavaleiros armados, em bons cavalos irlandeses. Tão logo os três recém-chegados surgiram, todos cessam de jubilar e bradam prado afora: “Vede, vede aquele cavaleiro que foi carregado na charrete! Maldito seja quem continuar a brincar enquanto esse traidor aí estiver!”

Nesse entretempo aproximou-se o filho do cavaleiro encanecido e veio para junto de seu pai. Era justamente aquele que amava a donzela e já a considerava sua.

– Sire – diz ele –, estou em grande júbilo! Quem quiser saber só tem de ouvir! Sim, Deus concedeu-me a cousa que mais desejei! Tivesse me feito rei coroado, eu não o teria em melhor grado. Não poderia estar mais satisfeito com ele, pois o que obtive é admirável.

Respondeu-lhe o cavaleiro seu pai:

– Ainda não sei se ela é tua!

O filho replica de pronto:

– Não sabeis? Que vedes então? Por Deus, sire, nunca duvides disso! Podereis ver que a tenho. Encontrei-a nessa floresta de onde venho. Creio que Deus a trouxe até mim. Tomei-a como meu bem.

– Não sabe ainda se ele a cede, aquele que vem seguindo seus passos. Creio que a vai disputar contigo.

Enquanto trocavam essas palavras, cessaram jogos, cantos e danças. Por causa do cavaleiro que viam não mais jubilaram, mostrando-lhe assim seu desprezo. E o galanteador não cessava de seguir de perto a damizela:

– Deixai-a – diz ele ao pretendente. – Não tendes o menor direito sobre ela. Se a ousardes reclamar, no mesmo instante a defenderei contra vós.

Fala o velho cavaleiro:

– Hein, não dizia eu bem? Caro filho, não queiras guardar a donzela. Deixa-a para o cavaleiro.

Aquele conselho não agradou ao que havia garantido por juramento que jamais a deixaria.

– Que nunca mais em toda minha vida Deus me dê alegria, se a deixar! Se de meu escudo as correias e alças se romperem, não terei mais confiança em minha espada, em minha armadura ou em minha lança quando tiver abandonado minha amiga!

– Não importa o que digas – responde o pai –, não te deixarei combater. Em tua bravura demasiado confias! Faze o que te ordeno!

– Sou acaso uma criança que os outros amedrontam? Sem me gabar afirmo que não existe um cavaleiro que eu deixaria tomá-la de mim.

– Caro filho, que seja! É nisso que crês, tanto confias em tua coragem. Mas não quero hoje nem nunca que meu filho lute contra esse cavaleiro.

– Grande desonra cairia sobre mim se escutasse tal conselho! Maldito aquele que em vós crer e que por vós for covarde! Alhures eu poderia ir lutar, pois procurais me lograr. Sei que em terra estranha poderia mostrar melhor minha valentia. Estou mui angustiado porque me haveis censurado. E bem sabeis: quem censura a vontade de homem ou mulher a faz arder e inflamar-se mais que antes. Se abandonar algo por vós, que Deus nunca mais me dê alegria! Vou lutar, meu pai, mau grado vosso!

– Por São Pedro apóstolo, de nada adianta suplicar. Dar lição é perder tempo. Mas te pregarei tal peça que levarás a pior e terás de obedecer-me.

O pai chama os cavaleiros que esperavam perto da trilha. Ordena que segurem seu filho, já que não o pode convencer. Diz:

– Preferia mandar que o amarrem a deixar que lute! Todos quantos aqui estais sois meus homens e me deveis amor e fé. Por tudo o que recebeis de mim, tal vos ordeno e peço. Meu filho

se porta como louco que recusa obedecer-me.

Os vassalos dizem que o prenderão e o impedirão de combater. Mau grado seu, ele deixará de reclamar a donzela! E vão todos para o segurar e atar nos braços e no pescoço.

– Ah! – torna o pai. – Compreendes que estavas louco? Volta a ti! Agora não tens mais poder de combater nem de justar, não importa o quanto te custe, atormente e entristeça. Peço-te, faze o que me apraz e convém, será sensato. E sabes o que penso? Para que te doa menos, tu e eu seguiremos esse cavaleiro pelos campos e bosques, cada qual cavalgando seu cavalo. Talvez encontremos nele alguma coisa que dê razão para te deixar pô-lo à prova e combater à tua vontade.

O filho promete obedecer, já que é preciso. Vai pacientar como quer seu pai. Assim ambos seguem o cavaleiro.

Ao verem essa aventura, as pessoas que estavam pelo prado dizem:

– Vistes? Esse cavaleiro que esteve na charrete conquistou hoje tão grande honra que leva consigo a amiga mui cara ao filho de nosso senhor e este o quis seguir! Na verdade, podemos dizer que deve ter encontrado nele algum bem, pois que o deixa levar a dama. Vamos brincar novamente!

Recomeçam seus jogos. Fazem farândolas e dançam. O cavaleiro vai embora. A donzela não quer ficar para trás. Portanto, ambos partem sem tardar. Pai e filho os seguem.

Através dos prados segados cavalgaram até a hora de nona. Então, em um lugar mui belo, encontram um mosteiro, e perto do coro um cemitério cercado de muros. O cavaleiro apeia e entra para orar a Deus. A damizela lhe segura o cavalo, até que ele retorne após fazer sua prece. O cavaleiro vê dirigir-se ao seu encontro um monge mui idoso. E mui gentilmente lhe pede que diga o que está encerrado nesses muros. O monge responde que é um cemitério.

– Levai-me até lá – pede o cavaleiro.

– De bom grado, sire.

E o conduz até o cemitério, entre os mais belos túmulos que homem possa encontrar até Dombes, ou de lá até Pamplona. E em cada túmulo estavam inscritas letras que revelavam o nome daqueles que mais tarde ali repousariam. Ele começa a ler as palavras:

AQUI REPOUSARÁ GAWAIN

AQUI REPOUSARÁ LOUIS

AQUI REPOUSARÁ IVAIN

Após esses três, o cavaleiro leu muitos outros nomes de cavaleiros mui seletos, os mais prezados e os melhores desse país e de alhures.

Então depara com um túmulo de mármore, mais belo que todos os outros pela beleza da obragem. Chama o monge e pergunta:

– Estes túmulos que aqui estão, para que servem?

Responde o monge:

– Se compreendestes o que está escrito, sabeis o que esses túmulos significam.

– E aquele grande ali, dizei-me, a quem está destinado?

Responde o eremita:

– Direi. É um sarcófago que sobrepuja em riqueza todos os que já foram feitos. Tão rico e tão bem esculpido jamais eu vi, nem ninguém. É belo por fora e inda mais belo por dentro. Não vos desesperéis assim! Isso de nada serviria. Nunca vereis seu interior. Está coberto por uma pedra; e sabei (é cousa certa) que para a levantar seriam precisos sete homens mais fortes que vós e eu. As letras escritas em cima dizem:

QUEM SOZINHO LEVANTAR ESTA PEDRA LIBERTARÁ AQUELES E AQUELAS QUE ESTÃO PRISIONEIROS NESTA TERRA, DE ONDE NÃO PODEM SAIR NEM SERVO NEM GENTIL-HOMEM NASCIDO AO REDOR. FICAM PRESOS AQUI OS FORASTEIROS, MAS AS PESSOAS DO PAÍS ENTRAM E SAEM COMO LHE APRAZ.

Prontamente o cavaleiro segura a laje e a ergue sem que isso nada lhe custe, melhor do que dez homens o teriam feito se colocassem todas suas forças.

O monge maravilha-se, pois em toda sua vida não pensava ver cousa parecida. Diz:

– Sire, tenho grande desejo de conhecer vosso nome. Podeis dizê-lo?

– Por minha fé, não!

– Pesa-me – diz o monge. – Se o revelásseis faríeis grande cortesia e poderíeis encontrar proveito nisso. Quem sois? Qual é vosso país?

– Venho do reino de Logres. Gostaria que tal vos bastasse. Dizei-me quem repousará neste túmulo.

– Sire, será quem libertar todos os que estão presos na armadilha deste reino, de que ninguém escapa.

O cavaleiro recomenda o monge a Deus e a todos seus santos. E sem tardar sai ao encontro da damizela. Em breve estão a caminho. Enquanto a damizela montava em seu palafrém, o monge contou-lhe o que havia feito o cavaleiro. Suplica que revele seu nome, se souber. Ela responde que de nada sabe, mas que ousa dizer uma cousa: não há cavaleiro assim vivendo lá onde ventam os quatro ventos.

A donzela deixa o monge e parte empós do cavaleiro. Agora os que os seguiam chegam e encontram o monge sozinho na igreja.

O velho cavaleiro pergunta-lhe:

– Sire, dizei-nos, vistes um cavaleiro escoltando uma damizela?

– Não me custa dizer-vos verdade – responde o monge. – Partiram nesse instante mesmo. O cavaleiro entrou aqui no cemitério e fez maravilha tão grande que sozinho levantou a laje que cobria o túmulo marmorino. Ele vai em socorro da rainha; sem dúvida a socorrerá, e com ela todos os cativos.

Então o pai diz ao filho:

– Filho, que te parece? Não é mui bravo aquele que fez tal façanha? Sabes agora quem de nós dois esteve errado. Eu não gostaria, por toda a cidade de Amiens, de ter visto lutares com ele. Entretanto, muito te debateste antes que te pudessem demover. Só nos resta retornar, pois seria grande loucura continuar a segui-los.

– Tendes razão – diz o filho. – Segui-los de nada valeria. Já que vos apraz, retornemos.

Era sensatez. E a donzela foi embora, abeirando-se o mais possível do cavaleiro. Quer que a olhe melhor e tome interesse por ela. Deseja saber seu nome. Pede que o diga, primeiro uma vez, depois tantas outras que por fim ele responde com enfado:

– Não vos disse que sou do reino do rei Artur? Pela fé que devo a Deus e à sua onipotência, de meu nome nada sabereis!

Então a donzela pede permissão para o deixar. Ele a concede com ar radiante. Ela vai embora. O cavaleiro sem companhia cavalga até bem tarde. Após vésperas, na hora de completas, enquanto prosseguia seu caminho avista um vavassalo retornando de caçar no bosque. Vinha de elmo atado, trazendo pelas patas a caça que Deus lhe dera nesse dia. O vavassalo vem ao encontro do cavaleiro e pede-lhe para albergar, caso queira.

– Sire, em breve será noite. É tempo de encontrar pousada. Por razão deveis fazê-lo. Tenho perto daqui meu solar. Jamais homem vos terá recebido melhor. Vinde e terei grande júbilo.

– Também eu estou jubiloso – responde o cavaleiro.

O filho parte como mensageiro para que preparem o alojamento. O vavassalo tinha por esposa uma dama bem educada. Contavam cinco filhos muito amados e também duas filhas por casar, possuindo graça e beleza. Essas pessoas não tinham nascido nesse país, mas no reino de Logres. Há longos anos estavam aprisionados ali.

O vavassalo conduz o cavaleiro ao pátio do solar. A dama corre ao seu encontro. Todos se dispõem a servi-lo, saúdam-no, ajudam-no a apear. As duas irmãs e os cinco irmãos nunca fazem tanta honra nem ao dono da casa, seu senhor. Há necessidade de dizer se ele foi bem servido na ceia? Quando veio a hora do serão, não houve perigo de falarem de muitos assuntos. O vavassalo começou por indagar quem era o cavaleiro e de qual terra. Mas de seu nome nada soube, pois o cavaleiro respondeu:

– Sou do reino de Logres. Jamais estive antes neste país.

Ao ouvir isso, o vavassalo espanta-se vivamente, bem como a mulher e os filhos.

– Mui gentil sire – disseram eles –, viestes para vosso grande dano, pois permaneceréis como nós em servidão e em exílio.

Pergunta ele:

– Mas de onde sois então?

– Somos de vossa terra! Neste país há em servidão muito homem probo daquele lugar. Maldito seja o costume e todos que o mantêm, pois o forasteiro que chega fica retido nesta terra. Quem quiser entrar pode fazê-lo, mas tem de permanecer. Não, verdadeiramente creio que jamais saireis daqui.

– Sairei – diz ele –, se puder.

– Como, contais sair?

– Sim, se aprover a Deus; farei tudo que puder.

– Então mui tranqüilamente e sem temor os outros poderiam partir. Se um de nós, lealmente, conseguir deixar esta prisão, todos os outros também poderão sair sem que alguém os impeça.

Súbito, o vavassalo recorda-se de uma cousa que lhe haviam contado: um cavaleiro de

grande valor entrara a viva força no país para socorrer a rainha prisioneira de Meleagant, o filho do rei Bandemagus. Pensa: “Creio que é ele, e o direi.” Fala então ao cavaleiro:

– Sire, nada me oculteis de vossa empresa. Por um juramento que vos devo, darei conselho do melhor que souber. Também eu ganharei, caso sejais o mais forte. Deslindai-me a verdade, para vosso proveito e meu. Creio que a este país viestes pela rainha. Sim, aqui, entre a gente sarradina, pior que todos os sarracenos.

Responde o cavaleiro:

– Não vim por outra cousa. Não sei onde minha senhora está prisioneira, mas com todas as forças quero socorrê-la. Tenho grande precisão de conselho. Aconselhai-me, se souberdes.

– Sire, haveis tomado mui rude caminho! Este em que estais vos leva diretamente à Ponte-da-espada. Mas se me quisésseis ouvir iríeis à Ponte-da-espada por um caminho mais seguro. Farei que vos levem até ele.

– O outro caminho é tão direto como este aqui?

– Não – diz o vavassalo. – E mais longo, porém mais seguro.

– Não quero. Aconselhai-me sobre o caminho que passa por aqui: estou pronto para o tomar.

– Verdadeiramente, sire, não tereis proveito com isso. Indo por outro lugar que não o de meu conselho, chegareis amanhã a uma passagem que vos poderá ser danosa. Tem por nome Passagem-das-pedras. Quereis que vos diga por que ela é má? Ali só pode passar um único cavalo; lado a lado não passariam dois homens. A passagem é mui bem defendida. Ao chegardes não tereis boa acolhida. Recebereis grandes golpes de espadas e de lanças. Tereis muito a retribuir antes de atingir a outra ponta.

Um dos filhos do vavassalo dá dois passos e diz:

– Sire, irei com este senhor, se consentirdes.

Então seu irmão ergue-se e diz:

– Irei também!

De mui bom grado o pai lhes dá autorização de partir. O cavaleiro não estará mais sozinho e agradece a ambos, pois aprecia a companhia. Então levam o cavaleiro para deitar. Ele dormiu se teve vontade. Mas assim que pode ver o dia deixa o leito. E de pronto levantam-se também os que vão partir com ele. Todos cavalgam perto uns dos outros e chegam à Passagem-das-pedras exatamente na hora de prima. Ao lado dessa passagem erguia-se uma torrinha onde estava postado um vigia. Assim que chegaram perto, esse homem gritou bem alto:

– Inimigo à vista! Inimigo à vista!

A essa voz, um cavaleiro saltou da guarita, armado com armadura nova e tendo de cada lado um homem d’armas portando machado afiado.

Quando o cavaleiro se aproximou, esse guerreiro que o tinha olhado na charrete exprobo-o mui friamente:

– Vassalo, ages audazmente! És cavaleiro bem ingênuo arriscando-te nesta terra! Homem passeado em charrete não deveria jamais vir aqui!

Prontamente eles se lançam um contra o outro, tanto quanto seus cavalos podem ir. No mesmo instante aquele que guardava a passagem tem a lança em pedaços. Nada lhe resta no punho. O cavaleiro mira-o na garganta e com um golpe direto sob o forro do escudo envia-o

para cima das pedras.

Os homens com machados saltam, mas propositalmente golpeiam de lado, pois não desejam fazer mal a ele nem a seu cavalo. O cavaleiro percebe isso. Não tira da espada e prossegue sem tropeço. Após ele passam seus companheiros.

Um destes diz ao irmão:

– Nunca vi cavaleiro tão valente. Não há outro igual! Não realizou maravilha passando à força esse desfiladeiro?

– Caro irmão – responde o outro –, apressa-te e retorna até nosso pai para narrar-lhe esta aventura.

Porém o mais jovem não quer fazer nada disso. Deseja ser sagrado cavaleiro por esse tão valente. Partem os três e encontram um homem que lhes pergunta quem são.

– Somos cavaleiros – dizem – e vamos lá onde temos afazer.

Então o homem que encontraram propõe ao cavaleiro albergá-lo e a seus companheiros juntos.

Ele hesita; depois vão. Após cavalgarem longamente, encontram um escudeiro que galopava em um rocim. O escudeiro grita para o homem:

– Sire, sire, vinde o mais rápido! A gente de Logres atacou os desta terra. Asseguram que um cavaleiro penetrou nesta região. Ele combateu em muitos lugares. Homem não o pode impedir de passar onde quiser! Homem não o pode reter, por mais dano que sofra. Dizem pelo país que ele libertará a todos e que os nossos serão vencidos. Apressai-vos, é meu conselho!

Então o homem põe-se a galope. Os três companheiros rejubilam, pois ouviram o mensageiro e querem ajudar seus amigos. Encontram no caminho uma fortaleza construída sobre um outeiro. Todos se precipitam para a entrada. A fortaleza era fechada de altos muros e de fossos. Assim que entraram, uma porta foi baixada para impedir seu retorno.

– Vamos, vamos – disseram –, não é aqui que nos deteremos!

Avançam e vão até a saída que não lhes estava proibida. Mas caiu diante deles uma porta corrediça. Fazem ares desapontados ao ficarem encerrados, pois se julgavam encantados. Mas o cavaleiro cuja história vos conto trazia no dedo um anel. A pedra tinha tal virtude que bastava erguê-la diante dos olhos para que nenhum encantamento tivesse mais poder.

Ele coloca o anel diante dos olhos. Contempla a pedra e diz:

– Senhora, senhora, Deus me acuda. Teria agora grande precisão de vossa ajuda!

Essa senhora era uma fada que lhe dera o anel e o criara na infância. Em qualquer lugar onde estivesse, ele confiava sempre que ela o viesse ajudar e socorrer. Mas o apelo e a pedra do anel mostram-lhe que não há encantamento algum, e sabe que certamente estão trancados e ficarão prisioneiros.

Chegam à porta gradeada de uma poterna estreita e baixa. Juntos, tiram das espadas e assestam todos tão belos golpes que cortam a trave da poterna. Ao saírem, vêem que o combate já começou grande e feroz pelos prados. Há bem mil cavaleiros de cada parte, além da multidão de vilões. Antes de tudo, verificam de que lado estão seus amigos.

Aqueles que os dois irmãos consideram seu senhor combate por longo tempo na refrega. Rompe, fende e despedaça escudos e lanças e lorigas. Madeira de escudo e ferro de armadura não podem impedir quem ele atinge de ficar em mau estado e voar do alto do cavalo, para tornar a

cair já morto pelo golpe.

Sozinho, o cavaleiro faz tão bem que aniquila todos os que ataca. E muito bem agem igualmente os que vieram com ele. A gente de Logres espanta-se vendo combater esse cavaleiro, pois não o conhecem. Interrogam o filho do vavassalo, que responde:

– Senhores, é aquele que nos livrará a todos do exílio e da grande desfortuna em que estivemos por longo tempo. Devemos testemunhar-lhe grande honra, pois para nos tirar de servidão ele passou tantos lugares perigosos e passará inda outros. Muito tem para fazer, mas muito já fez.

Não há quem não sinta alegria quando a nova se espalha. Todos a ouvem e ficam sabendo. A alegria aumenta-lhes a força. Tanto se exaltam que matam grande número de inimigos. Parece-me que os arrasam mais pelas façanhas de um cavaleiro que pelos esforços de todos juntos. Se a noite não estivesse tão próxima, todos os inimigos seriam aniquilados. Mas chega a noite tão escura que precisam afastar-se.

Nesse momento, todos os cativos vem à porfia comprimir-se em torno do cavaleiro. De todos os lados seguram-no pelo freio e cada qual diz:

– Sede bem-vindo, caro sire!

E cada qual, quer seja jovem ou velho:

– Estareis melhor em minha casa que na de outrem.

Sim, cada qual diz por sua vez:

– Sire, por minha fé, albergareis em minha casa!... Sire, por Deus e por seu nome, não tomeis alojamento alhures!

Cada qual o quer ter, cada qual o tenta arrebatat do vizinho. Pouco falta para que se batam. Ele lhes diz que seu afã é tempo perdido e que estão todos sandeus.

– Deixai desta rezinga que não aproveita a mim nem a vós! Por que procurarmos briga quando temos de nos entreatjudar?

– Vinde à minha casa!

– Não, à minha!

– Continuais a mal falar – diz o cavaleiro. – O mais sensato dentre vós inda é louco quando assim disputais! Deveríeis ajudar-me a tomar dianteira, e só pensais em mandar-me fazer desvios. Por Deus, a boa vontade de cada um comove-me como a honra e os benefícios de que me haveis cumulado.

Assim ele os silencia e acalma; conduzem-no à casa de um cavaleiro muito abastado e rivalizam para o servir.

De manhã, na hora de partir, todos querem ir com ele. Cada qual se oferece e se apresenta. Mas ele não quer outra companhia além dos dois companheiros que trouxe até ali.

Naquele dia, desde manhã até vésperas eles cavalgaram sem encontrar aventura. Vão caminhando pelo caminho reto. Quando o dia está declinando, chegam à Ponte-da-espada.

Apeiam à entrada dessa ponte terrível. Vêm a correnteza traiçoeira, rápida e borbulhante, negra e espessa, tão feia e apavorante como se fosse rio do diabo. É tão perigosa e profunda que não há criatura no mundo, se nela cair, que não esteja perdida como no mar salgado. A ponte que a atravessa não parece com nenhuma outra que jamais foi ou será. Não, jamais homem encontrará tão má ponte, tão má prancha. De uma espada polida e branca era feita

a ponte sobre a água fria. A espada era rígida e forte e tinha duas lanças de comprimento. Em cada margem havia um tronco onde ela se encravava. Nenhum risco de quebrar ou dobrar. E entretanto não parece que possa grande fardo portar. O que desconfortava os dois companheiros é que acreditavam ver em cada extremo da ponte dois leões ou dois leopardos acorrentados a uma grande pedra.

A água, a ponte e os leões põem os dois companheiros em tal pavor que ambos tremem de medo e dizem ao cavaleiro:

– Sire, acreditai no conselho de vossos olhos! Precisais aceitá-lo! Esta ponte é mal feita, mal unida e mal armada. Se daqui não retornardes agora, tarde demais vos arrependereis. Antes de agir, convém deliberar. Imaginemos que tenhais passado essa ponte, o que não pode ocorrer, não mais que reter os ventos, proibi-los de ventar, impedir os pássaros de cantar ou fazer um homem entrar de novo no ventre da mãe e tornar a nascer. Seria fazer o impossível, como esvaziar o mar. Como podeis pensar que depois esses dois sanhosos leões acorrentados às pedras não vos vão matar e sugar o sangue de vossas veias, comer vossa carne, roer-vos os ossos? Somos muito audazes apenas de ousar olhar para eles. Se não tomardes cuidado, sabeis que vos irão matar; e os membros de vosso corpo romper e arrancar. Jamais terão piedade de vós! Tende então piedade de vós mesmo, e permanecei com vossos companheiros! Estaríeis errado se, por vossa culpa e sabendo disso, entrásseis em perigo de morte!

O cavaleiro responde rindo:

– Senhores, agradeço mui vivamente tanta comoção por minha causa. É prova de corações amigos e generosos. Bem sei que jamais desejaríeis que eu sofra infortúnio. Tenho tanta fé, tanta confiança em Deus que ele me protegerá em todos os lugares. Não temo a ponte nem esta água, não mais que à terra dura. Quero empreender a aventura, ficar pronto para atravessar. Antes morrer que recuar!

Então eles não sabem mais o que dizer, mas de piedade choram e suspiram. E vai o cavaleiro cruzar o turbilhão. Prepara-se o melhor que pode e (mui estranha maravilha!) desarma os pés, as mãos. Vai equilibrar-se sobre a espada mais cortante que foice afiada, com as mãos nuas e os pés descalços, pois não conservara sapatos nem perneiras nem polainas. Mas preferia ficar machucado a cair da ponte e afogar-se na água, de onde não poderia sair. Com grande dor, como tem de ser, ele atravessa, e em grande tormento fere mãos, joelhos e pés. Mas o acalma e cura Amor, que o guia e leva. Tudo que sofre lhe é doce. Com as mãos, os pés e os joelhos faz tanto que alcança o lado oposto. Lembra então dos dois leões que pensava ter visto quando estava na outra margem. Olha tudo ao redor. Não havia sequer um lagarto que pudesse dar medo. Põe a mão diante do rosto, contempla o anel e não encontra um só dos leões que entrejulgava ter visto. Pensa estar sob o logro de um encantamento, pois ali nada há com vida.

Os que estão na outra margem rejubilam ao ver que o cavaleiro atravessou a ponte. Porém não sabem o quanto penou. O cavaleiro considera-se feliz por não ter sofrido mais. Estanca com a camisa o sangue que corre das feridas. De súbito, avista à sua frente a torre mais sólida que jamais vira. O rei Bandemagus estava recostado a uma janela. Era um rei mui sutil em questões de honra, de bem e lealdade. Em todas as cousas queria fazer e guardar lealdade. Seu filho fazia justamente o contrário, pois deslealdade lhe agradava. Jamais ficava lasso de praticar vilania e traição e felonias. Também estava reclinado à janela, perto do rei seu pai. Do alto ambos viram o cavaleiro passar a ponte com grande penar e grande dor. Meleagant empalideceu de cólera. Sabe agora que lhe é desafiada a rainha. Mas é tão valente cavaleiro que não teme força e coragem de qualquer outro no mundo. Em verdade, se não fosse traidor e desleal não haveria

melhor cavaleiro. Mas tinha um coração de pedra, sem doçura nem piedade. O rei estava jubiloso do que acabava de ver. O filho sentia grande tristeza. O rei sabia com certeza que esse que acabava de passar a ponte não tinha igual na terra.

O rei Bandemagus diz então ao filho:

– Caro filho, foi por acaso que nos debruçamos aqui, tu e eu. Como recompensa vimos acontecer a ação mais ousada que homem possa imaginar. Dize se não admiras esse que fez tal maravilha. Põe-te de acordo com ele! Devolve-lhe a rainha. Se o combateres, nada terás a ganhar e poderás mesmo sofrer dano. Age como homem sensato e cortês. Manda levarem-lhe a rainha antes que ele chegue à tua presença. Honra-o em tua terra. Dá-lhe o que veio buscar, conforme te pede. Pois sabes sem a menor dúvida que ele procura a rainha Guinevere. Não passes por obstinado e louco e orgulhoso. Se esse cavaleiro está sozinho em tua terra, deves fazer-lhe companhia. Homem probo deve atrair homem probo e honrá-lo com muitas gentilezas, em vez de o manter afastado. Quem honra faz está honrando a si mesmo. E será honra para ti se honrares e servires esse que se mostrou o melhor cavaleiro do mundo. Responde o filho:

– Que Deus me confunda se não existe outro tão bom ou melhor. Quereis que de mãos juntas e pés juntos me torne seu vassalo e dele receba minha terra? Deus me ajude, preferia tornar-me seu vassalo a devolver-lhe a rainha. Não! Não a vou devolver, e sim disputar e defender contra todos os que forem bastante loucos para a vir requerer.

O rei retoma então seu discurso:

– Filho, farias grande cortesia se te mostrasses menos obstinado. Peço que escolhas a paz. Bem sabes que será vergonha para esse cavaleiro se não tiver de lutar para conquistar de ti a rainha. Prefere obtê-la por batalha que por bondade. Pelo que sei, ele não quer que a devolvas sem combater. Peço que escolhas a paz. É o que rogo e aconselho. Se desprezares essa recomendação, pouco me importará tua derrota e o grande mal que te advir, pois só a ti esse cavaleiro deve temer. Meus homens e eu lhe concederemos inteira segurança. Jamais pratiquei deslealdade nem traição nem felonias e não começarei por tua causa, não mais que por um estranho. Faço ao cavaleiro promessa de lhe dar armas, cavalo e todo o necessário para combater, já que tão audazmente chegou até aqui. Quero ainda repetir: se ele levar a melhor sobre ti, não terá outro inimigo a temer.

– Por enquanto – responde Meleagant –, tenho toda a liberdade de guardar silêncio e calar-me. Falai tudo o que vos aprouver; o que dizeis não me toca. Não sou eremita nem homem probo, e não quero ser homem de honra dando-lhe o que amo. Se ele tem em vós um aliado, não é por isso que vos obedecerei. E se vós e todos os vossos homens o tomais em salvaguarda, que me importa? Meu coração não falha por tão pouco e apraz-me, Deus está vendo, que ele não tenha adversário mais temível que eu. Não peço que por mim pratiqueis deslealdade ou traição. Já que vos agrada, sede homem probo e deixai-me ser cruel!

– Como? Não farás como digo?

– Não.

– Então nada mais direi. Faze o melhor que puderes. Deixo-te, vou falar ao cavaleiro. Quero lhe oferecer e apresentar meu auxílio e meu conselho, pois estou de seu lado.

Então o rei Bandemagus desceu da torre e mandou selar seu cavalo. Trouxeram-lhe um grande corcel. Ele monta pelo estribo, leva consigo três cavaleiros e dois homens d'armas. Descem até o pé da encosta e chegam diante da ponte. Avistam o cavaleiro que estanca seus ferimentos e limpa o sangue. O rei espera tê-lo como hóspede pelo tempo de se curar, mas tentar

convencê-lo disso seria como enxugar o mar!

O rei tem pressa em descer. Então o cavaleiro ferido ergue-se ao seu encontro; não que o tivesse reconhecido, mas para não mostrar o que havia sofrido nas mãos, nos pés, ao atravessar a ponte horrível. O rei o vê firmar as forças. Acorre para o saudar.

– Sire – diz ele –, estou bem espantado de que chegueis de imprevisto entre nós, neste país. Porém sede bem-vindo aqui. Nenhum outro além de vós jamais tentou tal empresa. Nenhum foi tão ousado para se meter em tal perigo. Sabei que vos aprecio mais por isso, pois que fizestes o que ninguém ousava realizar sequer em pensamento. Serei para convosco generoso, leal e cortês. Sou o rei desta terra e vos ofereço em profusão auxílio e conselho. Bem sei a quem buscais. É a rainha, creio, que procurais.

– Sire – diz o cavaleiro –, não vos enganais. Não estou aqui por outra razão.

– Amigo, muito penareis antes de conseguir. Estais cruelmente ferido. Vejo as chagas e o sangue. Aquele que a trouxe não é bastante franco para a devolver sem refrega. Mas precisas albergar comigo e cuidar de vossas chagas até que estejam curadas. O unguento das Três Marias seria o melhor, se dele houvesse por aqui. Quero vosso bem-estar e vossa cura. A rainha está em prisão segura. Quem a cobiça carnalmente não tem poder sobre ela, mesmo meu filho que a trouxe. Isso o enraivece como jamais mortal raivou. Quanto a mim, tenho por vós bons sentimentos e de mui bom grado vos darei, Deus me ajude, tudo o que for preciso. Meu filho jamais terá tão boas armas e irá me desamar por isso. Também vos darei o cavalo de que tereis precisão. Tomo-vos sob minha proteção, a despeito do que a gente queira pensar. Não deveis desconfiar de pessoa alguma, a não ser somente daquele que trouxe aqui a rainha. Não vos preocupeis: se meu filho não for vosso vencedor em batalha, jamais poderá fazer contra minha vontade o menor dano.

– Sire – diz o cavaleiro –, agradeço-vos por isso. Mas estou gastando tempo demais aqui e não o quero. De nada me queixo e não tenho chaga que me prejudique. Conduzi-me até onde encontrarei meu inimigo, pois estou pronto para dar e receber golpes.

E logo ficam sabendo da nova os cavaleiros e as donzelas, as damas e os barões de toda a terra ao redor. De até uma jornada inteira de distância vêm forasteiros e gente do país. Cavalgam e galopam toda a noite até o erguer do sol.

De um lado e outro, diante da torre, há tão grande ajuntamento ao raiar do dia que nem dar meia-volta se poderia...

De manhãzinha, antes da hora de prima, trouxeram ao lugar de combate os dois cavaleiros totalmente armados, sobre cavalos cobertos de ferro. Meleagant era mui belo e bem talhado de braços, pernas e pés. O elmo e o escudo que pendiam de seu pescoço assentavam-lhe o melhor possível, mas todos os que observavam estavam a favor do outro, mesmo aqueles que outrora haviam desejado sua vergonha. Dizem que, junto do cavaleiro, Meleagant não vale o que pensavam.

Assim que estão ambos no local do combate, chega o rei. Ele ainda tenta detê-los. Empenha-se em obter a paz, mas não consegue dobrar seu filho. Pede a ambos:

– Pelo menos segurai o freio de vossos cavalos até que eu tenha subido à torre. Não será excesso de bondade esperar-me um pouco, como peço.

Com tristeza os deixa e vai direto aonde sabia que a rainha lhe pedira para ficar, para ver a batalha sem nada perder. O rei, que havia consentido, vai buscá-la e a conduz, pois tudo queria fazer para a honrar e servir. Coloca-a diante de uma janela e ele próprio debruça em outra janela

à sua direita, perto dela. Junto deles aglomeravam-se de todos os lados cavaleiros, damas ensinadas pela vida e donzelas nascidas no país. E havia grande número de cativas muito aplicadas em orações e preces, pois prisioneiros e prisioneiras rezavam todos pelo seu senhor, confiando apenas em Deus e nele para ter socorro e libertação.

Sem mais tardança, os dois combatentes fazem recuar toda a gente. Ambos partem em grande galope e, a duas braçadas de distância, através dos escudos mergulham as lanças, tão de rijo que elas coriscam como tições. Com tal impulso os cavalos se entrevêm frente a frente que os dois cavaleiros embatem peito contra peito. Os escudos entrechocam-se e também os elmos; seu crepitar parece o pronto atroar de forte trovão. Não resta gamarra nem cilha, estribos, rédeas nem espendas que não se espedacem. Não é grande vergonha para os dois cavaleiros se ambos tombam por terra, pois os arreios cederam. Mas de um só salto já estão de pé e lutam sem falar, mais ferozmente que dois javalis. Não perdem tempo em se desafiar. Com as espadas de aço entreaplicam fortes golpes, como gente que tem grande ódio. Mas não era possível que o cavaleiro que atravessara a ponte não fraquejasse com as mãos feridas. Vendo seus golpes menos certos, os que torciam por ele sentem grande receio. Temem que seja vencido. Já lhes parece que o cavaleiro leva a pior e Meleagant a melhor. Discutem entre si a respeito.

Dentro da torre estava uma donzela muito ajuizada, que diz consigo mesma que o cavaleiro não empreendeu a batalha por causa dessa gente miúda que ali veio. Jamais a teria empreendido se não fosse pela rainha. Pensa que se o cavaleiro soubesse que a rainha está à janela olhando e vendo, isso lhe daria força e ousadia. Se a rainha soubesse seu nome, de mui bom grado gritaria ao cavaleiro que olhasse para cima! Então a donzela ajuizada vai até a rainha e lhe pergunta se sabe o nome do cavaleiro.

– Damizela, seu nome é Lancelot do Lago, pelo que sei.

– Deus, como tenho o coração jubiloso e rindo de contente! – torna a donzela.

Então ela avança e o chama tão alto que todo o povo a ouve em alta voz:

– Lancelot, volta-te e olha quem por ti se inquieta!

Quando Lancelot ouve chamar, não tarda a se voltar. Vira-se. Vê no alto a pessoa que, no mundo todo, mais desejava ver, sentada na bancada da janela. Desde o momento em que a avista, não se move mais nem desvia o rosto. Defendia-se por trás, porém Meleagant o acossava o mais que podia, mui jubiloso por pensar que o cavaleiro estava agora sem defesa. Os do país sentiam grande alegria, mas os exilados cativos estavam em tal pesar que em pé nem podiam parar. Muitos se deixavam cair por terra, desnorteados, ou de joelhos ou deitados. Havia grande alegria e também grande tristeza. Então novamente a donzela da janela bradou:

– Ah! Lancelot, por que tão loucamente combates, lançando para trás teus golpes, lutando de costas? Vira-te, que fiques de frente para cá e vejas sem cessar esta torre, pois é bom e bonito vê-la!

Lancelot considera grande vergonha e fealdade o que fez. De fato, bem sabe que por longo tempo levou a pior. Salta para trás e vira Meleagant, colocando-o à força entre ele próprio e a torre. Meleagant faz grandes esforços para voltar ao outro lado. Mas várias vezes Lancelot o rechaça e faz cambaleiar, sem lhe pedir consentimento. Em Lancelot crescem força e ousadia! Amor lhe traz grande valia. Jamais odiou alguém quanto esse com quem está lutando. Jamais Meleagant encontrou nem conheceu cavaleiro tão audaz. Jamais nenhum o prostrou assim. De bom grado se afasta, desvia, esquiva-se. Lancelot não o ameaça; mas atacando de ponta e de corte empurra-o para a torre, onde a rainha está à janela. Ela acendeu a chama em seu corpo, a rainha

que muito o contempla. E essa chama torna-o tão ardente que ele persegue Meleagant e o leva por toda parte onde lhe apraz.

Mau grado seu, Meleagant é conduzido como um cego ou um bobo com perna de pau.

O rei Bandemagus vê que seu filho está tão atingido que não mostra mais empenho nem defesa. Sente o coração oprimido e toma-se de piedade. Se for possível, irá interferir. Para bem fazer, precisa suplicar à rainha. Então lhe fala assim:

– Senhora, sempre vos amei muito, muito vos servi e honrei desde que aqui estais em meu castelo. Dai-me recompensa! Quero pedir-vos um dom que me deveríeis conceder, ao menos por grande amizade. Bem vejo que esta batalha meu filho perde sem falha. Não vos dirijo súplica por lamentar isso, mas para que não o mate Lancelot, seu vencedor, que tem poder para tal. Essa morte não deveis querer, embora meu filho vos haja feito mal, a vós e a Lancelot também. Mas suplico, senhora, para agradar-me dissei a Lancelot que cesse de lhe bater. Assim poderíeis recompensar-me, se bem vos parecer.

– Caro sire, pois que me suplicais, assim o quero – responde a rainha. – Tivesse eu mortal ódio de vosso filho que não posso amar, inda assim tão bem haveis me servido que desejo, para vos aprazer, dizer a Lancelot que deixe vosso filho viver.

Lancelot e Meleagant ouviram essas palavras. Quem ama é obediente. De pronto e de bom grado (pois é verdadeiro amigo) Lancelot faz como quer sua amiga. Não mais acerta Meleagant, não mais combate. Sanhoso de cólera e de vergonha, Meleagant entendeu que está tão decaído que precisam interceder por ele. Para o chamar à razão, o rei desce do alto da torre e vem até o lugar do combate. Diz então ao filho:

– Como? É bonito golpear quem não toca em ti? És demasiado cruel e furioso. Estás valente a contratempo. Sabemos com certeza que ele é teu vencedor.

Então Meleagant, desenfreado de vergonha, responde ao rei:

– Talvez que perdestes a visão. Pelo que sei, não enxergais a um palmo! É preciso ser cego para duvidar que levei a melhor!

– Procura então quem creia em ti! – responde o rei. – Toda a gente que aqui está sabe se dizes a verdade ou se mentes. Bem sabemos a verdade!

O rei ordena aos barões que puxem seu filho para trás. Prontamente lhe obedecem. Meleagant é dominado. Para segurar Lancelot não foram precisos muitos esforços. O outro poderia lhe fazer grande mal antes que seu braço rebatesse.

– Por Deus – diz o rei ao filho –, agora precisas fazer a paz, devolver a rainha, encerrar toda disputa!

– Dissestes grande tolice! Estou farto de vos ouvir! Fugi! Deixai-nos combater! Não deveis interferir neste afazer!

O rei responde que vai interferir, pois diz –, bem sei que ele te matará se eu vos deixar combater!

– Matar-me, ele? Eu é que o matarei! Seria eu o vencedor, se não viésseis nos atrapalhar e nos deixásseis como quero!

– Por Deus, tudo o que dizes nada vale!

– Por quê?

– Porque não te quero escutar! Não confio em tua loucura e em teu orgulho, que te

matarão. É louco quem deseja a própria morte! Bem sei que me odeias porque te quero proteger. Mas espero que Deus não me deixe ver tua morte, pois demasiado seria meu pesar.

Tanto ele ralha que finalmente ambos fazem paz e acordo. Por essa paz Meleagant devolve a Lancelot a rainha, com a condição de, ao cabo de um ano a partir do dia em que Lancelot for intimado, ambos travarem novo combate. De bom grado Lancelot aceita a condição. Todo o povo está de acordo em que seja feita a paz. Opinam que essa outra batalha deve ocorrer na corte de Artur, rei da Bretanha e da Cornualha. Mas irá a rainha concordar? E Lancelot garante que, se Meleagant vencer, poderá partir novamente com ela sem que alguém impeça?

A rainha se compromete e Lancelot também. Os combatentes são separados e desarmados.

Havia nessa terra tal costume: se um dos cativos pudesse deixar o exílio, os outros também o deixavam. Todos bendiziam Lancelot, e podeis imaginar como houve grande júbilo, os forasteiros juntando-se ao seu redor:

– Sire – dizem eles –, ao ouvirmos vosso nome rejubilamos, pois de pronto ficamos certos de sermos todos libertados.

Esse júbilo junta grande multidão. Cada qual se afaina para tocar o vencedor. Quem consegue chegar bem perto dele sente a maior alegria. Há regozijo em profusão e tristeza também: os que são desaprisionados entregam-se a grande júbilo; mas, para Meleagant e os seus, nada mais há de bom. Estão pensativos e abatidos e acabrunhados.

Retorna então o rei, que não esquece de levar consigo Lancelot. O cavaleiro pede-lhe que o conduza para junto da rainha.

– Farei segundo vosso coração – diz o rei. – E também vos mostrarei Kai, o senescal, se quiserdes.

Lancelot quase desfalece de alegria! Mas já o rei o conduz à sala onde a rainha o aguarda.

Quando a rainha vê o rei trazendo pela mão Lancelot, ergue-se de chofre diante dele e finge estar encolerizada. Baixa a cabeça e não diz palavra.

– Senhora – fala o rei –, eis Lancelot que vem vos ver; isso vos deve convir e aprazer.

– A mim, sire! Tal não me pode aprazer! Não tenho por que o ver!

– Oh, senhora – torna o rei, que era mui franco e cortês –, onde haveis obtido esse sentimento? Tendes demasiado desprezo por este homem que tanto vos serviu. Nessa busca amiúde ele colocou a vida em risco e em mortal perigo, e de meu filho Meleagant vos salvou e defendeu. Não lembrais que meu filho só de mau grado vos devolveu?

– Verdadeiramente o cavaleiro perdeu seu tempo, pois por mim não negarei que em nada lhe sou agradecida.

Eis que Lancelot, o coração transpassado por tais palavras, responde-lhe muito humilde, à maneira de fino amante:

– Senhora, sem dúvida me arrasais. E não ousou perguntar por quê...

Lancelot teria feito longo lamento se a rainha o tivesse escutado. Todavia, para o penar e confundir, ela não quer responder uma única palavra. Retirou-se para um aposento e até a porta Lancelot a seguiu com os olhos e o coração. Para os olhos foi bem curto o caminho, pois esse aposento era mui próximo. De bom grado teriam entrado empós dela, se tal fosse possível. Mas coração, dono e senhor que possui mais poder, entrou junto, enquanto os olhos, cheios de lágrimas, permaneceram fora com o corpo. E o rei diz em confidencia:

– Lancelot, estou mui surpreso. Que é isso então? E de onde vem que a rainha não vos possa ver e não vos queira falar? Se jamais apreciou vossa conversação, não deveria ter fugido após tudo o que fizestes por ela. Dizei-me, se sabeis, por qual cousa, por qual malfeito vos tratou assim.

– Sire, não esperava por isso há pouco. Mas é bem certo que minha palavra não lhe agrada e que ela não me quer ver.

– Certamente – diz o rei –, a rainha está errada, pois por ela vos pusestes em aventura até a morte. Vinde, caro amigo gentil. Falareis ao senescal.

– Sim – concorda Lancelot –, de mui bom grado.

Ambos vão até Kai. Ao avistá-los o senescal diz como primeira palavra:

– Desonraste-me!

– E por quê? – pergunta Lancelot. – Que vergonha te fiz?

– Mui grande vergonha – responde Kai. – Não concluíste o que eu havia começado? Não fizeste o que não pude fazer?

Então o rei deixa-os ambos no aposento e vai embora sozinho. Lancelot pergunta ao senescal se ele sofreu grande mal.

– Sim – responde Kai –, e grande mal tenho ainda. Jamais sofri pior. Certamente estaria morto, se o rei que agora nos deixa não tivesse com sua piedade mostrado tanta doçura e amizade. Mas, a cada um de seus benefícios, Meleagant, cheio de ciência má, por traição chamava os médicos e lhes ordenava pôr sobre as chagas unguentos que me matassem. Por isso eu tinha um pai e um padrasto: quando o rei fazia colocarem em minhas chagas um bom emplastro para pronta cura, seu filho, traiçoeiramente, o mandava retirar e substituir por unguento mau. Mas sei com certeza que o pai de nada sabia. Ele nunca teria tolerado tal crime, tal vilania. Não sabeis como também foi generoso com minha senhora a rainha. Desde o tempo em que Noé fez a arca, nunca mulher foi mais bem guardada em uma torre. Seu filho, a quem isso muito doía, não tinha permissão de a ver, a não ser ante multidão de gente ou então em sua presença. Mas contaram-me a verdade, que ela sente contra vós grande ira, tão grande que recusou escutar vossa fala?

– Contaram-vos a verdade – afirma Lancelot. – Mas, por Deus, sabeis dizer por que ela me odeia?

Kai responde que não, e que se admira excessivamente do fato.

– Seja então segundo sua ordem – torna Lancelot, que se resigna. – Tenho de pedir licença para partir. Irei procurar sire Gawain, que entrou nesta terra e jurou dirigir-se diretamente à Ponte-sob-a-água.

Pede ao rei que o deixe partir. O rei atende-o de bom grado. Mas aqueles que Lancelot havia libertado e do exílio desaprisionado perguntam-lhe o que devem fazer.

Responde ele:

– Virão comigo todos os que desejarem. Permanecerão aqui os que quiserem ficar junto da rainha. Que cada qual faça segundo seu desejo!

Assim, partem com ele todos os que querem, em uma alegria que não era de costume. Junto da rainha permanecem donzelas, damas e cavaleiros entregues a seu júbilo. Mas não resta um único que não preferisse retornar a seu país e permanecer ali. A rainha os retém, aguardando a vinda de sire Gawain. Diz que não irá embora enquanto não souber dele.

Por toda parte corre a nova de que a rainha está libertada e os cativos também, e que partirão quando lhes aprouver.

Quando a gente da terra que não esteve na batalha soube como Lancelot vencera, dirigiram-se para o lado onde sabiam que ele caminhava. Acreditavam que fariam prazer ao rei levando-lhe Lancelot prisioneiro. O cavaleiro e os seus estavam desguarnecidos de armas e, por isso, ficaram surpresos ao ver tanta gente armada. Não foi maravilha se prenderam Lancelot que estava sem defesa. De pronto levam-no com os pés atados sob o cavalo. Os cativos que lhe faziam cortejo dizem:

– Fazeis mal, senhores, pois o rei nos protege. Estamos todos sob sua guarda.

Respondem eles:

– Nada sabemos disso, mas como prisioneiros deveréis vir à corte.

Voa até o rei a nova de que sua gente prendeu Lancelot e o matou. O rei sente grande dor e jura por sua cabeça que aqueles que o mataram morrerão por isso. Há de prendê-los, e os fará perecer pela corda, pelo fogo ou pelo afogamento! Não poderão se defender; e ninguém o poderá exprobar por isso, pois puseram-lhe no coração tão grande dor, fizeram-lhe tão grande desonra que ele seria criticado com razão se não tomasse vingança. Mas que não duvidem dele!

A nova corre por toda parte, até chegar à rainha que estava sentada a comer. Ao ouvir mentira e falsa notícia sobre Lancelot, pouco lhe falta para morrer. Mas acredita que é verdade, e tão vivamente se assusta que quase perde a palavra.

Para a gente, diz em voz alta:

– Verdadeiramente, muito me pesa sua morte, e tenho razão em meu pesar. Por mim ele veio a esta terra. Portanto tenho de sentir tristeza.

Depois, diz baixinho consigo mesma, para que não a ouçam, que não lhe peçam mais que beba nem que coma, se verdadeiramente estiver morto aquele cuja vida a fazia viver.

Dorida, deixa prontamente a mesa e se lamenta quando ninguém a ouve nem escuta. Está tão ávida de se matar que amiúde aperta a própria garganta. Antes, porém, consigo mesma se confessa e se arrepende e reconhece sua culpa, e muito se censura e acusa pelo pecado que cometera contra aquele que sabia haver sido sempre seu. E inda o seria se estivesse com vida! Sente tanto remorso por sua crueldade que perde muito da própria beleza.

– Ai de mim! O que me veio à mente quando meu amigo chegou à minha frente, e o deveria festejar e com júbilo acolher? Quando lhe recusei minha palavra, meu olhar, não fui louca? Louca apenas? Que Deus me ajude se não fui perjura e cruel! Pensava fazer aquilo para me divertir, mas ele não viu assim e não me perdoou! Pelo que penso, não foi outrem que lhe deu o golpe mortal. Quando ele surgiu à minha frente, antecipando o júbilo e o prazer que sentiria em o rever, foi golpe mortal recusar-lhe o favor de um olhar. Quando há pouco uma palavra não lhe quis dizer, arranquei-lhe o coração junto com a vida, posso crer. Esse duplo golpe é que o matou, e não o golpe de um bruto. Ah! Deus, poderei resgatar esse crime, esse pecado? Não! Antes secarão os rios e os mares! Ai de mim! Como estaria salva, como teria grande consolo se uma só vez antes de sua morte o tivesse em meus braços! Como? Ah, sim, ambos totalmente nus, para que fosse mais à vontade! Agora que está morto, serei mulher má se não desesperar até morrer. Mas mui covarde é a que prefere morrer a sofrer por seu amigo! Quero carregar uma tristeza bem longa. Prefiro viver e sofrer o golpe a morrer e estar em repouso.

Em sua grande dor, durante dois dias a rainha recusa comer e beber. Dizem que está morta. Não faltam mensageiros portadores de más novas. Os que trazem boas novas são menos

numerosos. O cavaleiro ouviu dizer que sua senhora e amiga morreu. Sente imenso pesar, ninguém pode duvidar. Todos vêem bem sua tristeza e dor. Tão profundas foram que o cavaleiro desgostou da vida: após longa lamentação quis pôr fim a seus dias. Fez um nó corrediço em uma das pontas do cinto e chorando disse consigo mesmo:

– Ah! Morte, bem soubeste usar de astúcia para me levar ao desespero, por mais valente que seja. Estou em desespero; mas dor não sinto, exceto pela tristeza que me tomou o coração inteiro. Verdadeiramente, tristeza é como doença mortal. Eis o que creio: se Deus assim o quer, dela morrerei. Como morrerei? Não poderia morrer de outra maneira já que Deus o quer? Que ele me deixe apenas passar este nó em torno do pescoço, e a morte me arrebatará, queira ou não. A morte toma apenas os que dela não cuidam. O cinto em minha mão saberá enlaçar a morte. Então ela fará como eu quiser. Que não tarde, porque a desejo possuir logo.

Sem trégua nem demora o cavaleiro passa o nó pela cabeça e o aperta em torno do pescoço. Não quer falhar, e prende a outra ponta ao arção da sela. Age sem que ninguém o veja. Deixa-se escorregar até o chão, para que o cavalo o arraste e a morte assim o leve. Não deseja viver nem mais uma hora.

Quando seus companheiros vêem o cavaleiro por terra, pensam que teve um mal-estar. Nenhum enxerga o nó corrediço apertando o pescoço. Seguram-no pela cintura, erguem-no. Descubrem então o nó.

– Não sei qual me odeia mais: a vida que me deseja ou a morte que me vem matar. Assim ambas me matam. Mas não é justo obrigar-me a viver a contragosto. Sim, deveria ter me matado assim que a rainha minha senhora me mostrou semblante de ódio, e não sem razão o fez. Mas houve justa causa, embora eu não saiba qual. Se a pudesse conhecer antes que minh'alma estivesse perante Deus, já a teria expiado tão completamente quanto lhe aprouvesse, desde que compaixão de mim ela tivesse. Esse pecado, qual será? Creio que ela soube que subi na charrete. Não, não sei qual recriminação recebi além dessa que me traiu. Se tal é a razão de seu ódio, por que, meu Deus, aniquilar-me assim por esse crime? Quem por isso me exprobou jamais conheceu o amor. Nada que vem de amor e diz amor pode ser censurado. Tudo o que homem faz por sua amiga é amor e cortesia. E não fiz isso por minha amiga? Ai de mim, não sei como dizer! Mas devo dizer amiga, ou não? Não ousou lhe dar tal nome. Porém creio saber o bastante sobre o amor para pensar que, se me amasse, ela não me consideraria mais vil por isso. Deveria me proclamar verdadeiro amigo quando, por ela, tudo o que amor pede me pareceu honra, mesmo subir na charrete. Deveria lançar isso à conta do amor. E a prova verdadeira, pois assim amor põe à prova os seus e assim os conhece. Mas minha senhora não estimou meu serviço. Bem mostrou isso e bem o vi em seu rosto. Mas também é verdade que fiz algo que meus amigos reprovam e dizem que foi para minha desonra. A doce vida tornou-se amarga, como acontece amiúde aos que tudo ignoram do amor.

A rainha não baixou os olhos. Foi jubilosa receber o cavaleiro, honrou-o o melhor possível. Falaram muito à vontade de tudo o que lhes aprazia. Não lhes faltava matéria: muita o Amor fornecia.

Quando Lancelot viu seu júbilo (pois nada disse que não agradasse à dama), falou-lhe em voz baixa:

– Senhora, pergunto-me por que mostrastes tal semblante anteontem, quando me vistes, e não dissestes uma única palavra. Quase me levastes à morte. Não fui tão ousado como agora, quando vos pergunto por quê. Senhora, estou pronto a expiar a falta pela qual fui tão

mortificado, desde que a reveleis.

Responde-lhe a rainha:

– Como? Pois não tivestes vergonha da charrete? Não hesitastes? Muito a contragosto subistes, após haver demorado dois instantes. Em verdade, é por isso que não vos quis falar nem olhar.

– Que de outra vez Deus me guarde de tal pecado – torna Lancelot –, e não me perdoe se não tivestes toda razão. Por Deus, senhora, recebi agora mesmo minha retratação de honra e dissei-me, suplico, se contais perdoar-me logo.

– Amigo – diz a rainha –, estai quite por completo. Perdôo-vos de mui boamente.

– Senhora – responde ele –, agradeço por isso, mas aqui não vos posso dizer tudo o que gostaria. De bom grado mais à vontade vos falaria, se fosse possível.

Então a rainha mostra-lhe uma janela (mostra com os olhos, não com o dedo) e diz:

– Vinde falar comigo nessa janela, à noite, quando aqui dentro todos estiverem dormindo. Vireis por um vergel. Aqui não podereis entrar nem albergar. Estarei dentro e vós fora. Só poderei aproximar de vós a boca e as mãos. Mas, se vos apraz, até amanhã ficarei aqui, por amor de vós. Não nos poderíamos juntar, pois diante de mim jaz em meu quarto Kai o senescal, que definha das chagas que o cobrem todo.

– Não fiquéis aqui por mais tempo, senhora! Por nada no mundo deveis temer que eu venha a fazer ruído. Creio que estas grades cederão mui gentilmente, sem que eu precise fazer muito esforço nem interromper o sono de alguém.

Então a rainha vai embora e Lancelot começa a fazer por vencer a janela. Aplica sua força contra as barras, puxa-as em todas as direções. Verga-as e consegue despregá-las da pedra. Mas o ferro é tão afiado que lhe faz um profundo ferimento na primeira falange do dedinho, um ferimento fundo até o nervo, e também corta a primeira junta do dedo vizinho. Lancelot não percebe que está perdendo sangue gota a gota e não sofre com as duas feridas, pois todo seu ser está afetado de forma diferente.

Atravessa agilmente a janela que se abria a uma certa altura. Depara com o senescal mergulhado no sono e avança docemente até o leito da rainha. Contempla-a em adoração e ajoelha, pois não sente tanta veneração nem por uma relíquia. A rainha estende-lhe os braços e o abraça. Contra o seio estreitamente o enlaça. Atrai-o para junto de si no leito e faz-lhe a mais bela acolhida possível, segundo lhe ditam o amor e seu coração. É amor que a impele a essas boas-vindas.

Se é verdade que a rainha amou Lancelot com amor ardente, ele a amou mil e mil vezes mais, pois seguramente amor desertou todos os outros corações para cumular a tal ponto o de Lancelot. Sim, nesse coração amor encontrou todo seu ardor, e se empobreceu em outros corações.

Agora os votos de Lancelot estão realizados: a rainha acolheu sua companhia e seu prazer, pois que ele a tem entre os braços e ela entre os braços o estreita. Então o jogo do beijo e da carícia é tão doce, tão bom que lhes sobreveio sem mentir um deleite e uma tal maravilha como nunca jamais alguém viu nem ouviu parecida. Mas nunca disso vou falar, pois um conto não o deve contar. Sim, o conto nos cala e esconde o mais excelente e o mais delicioso de todos os deleites.

Toda a noite Lancelot desfruta de grande divertimento amoroso. Mas veio o dia, inimigo

de seu deleite, pois tem de levantar de junto da amiga. Naquele momento sofreu como um mártir, pois partir pareceu-lhe um suplício. O coração queria retornar lá onde tinha ficado a rainha. Afastá-lo estava acima de suas forças. A rainha encantara demasiado aquele coração para que ele aceite deixá-la. O corpo vai embora, o coração permanece.

Lancelot volta direto para a janela, mas tanto de seu corpo permanece que os lençóis estão manchados e tintos de sangue. Parte com a morte n'alma. Suspira. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Nada ficou combinado para outro reencontro e, ai dele!, não pode ser de outra forma. Sente grande tristeza ao cruzar novamente a janela por onde entrou com alegria.

Certamente não são leves as feridas de seus dedos, que não estão mais inteiros. Entretanto, endireitou de novo as barras e recolocou-as no lugar de tal maneira que em nenhum dos lados homem poderia ver que haviam puxado ou vergado uma única que fosse.

Na soleira do quarto Lancelot volta-se e ajoelha como diante de um altar. Vai embora mui triste, sem encontrar ninguém. Estende-se nu em seu leito, sem despertar os outros.

No quarto, entre os dosséis do leito, a rainha adormecera docemente pela manhã, sem perceber que os lençóis estavam manchados de sangue. Acreditava que eles tinham ainda o brilho honesto da brancura.

Ora, logo após vestir-se, Meleagant veio até o quarto onde a rainha estava deitada. Encontra-a acordada. Vê os lençóis manchados de gotas de sangue fresco. Mostra-os aos companheiros e, descobrindo depressa o mal, olha para o leito de Kai o senescal. Vê seus lençóis todos manchados (pois sabe que durante a noite as chagas de Kai haviam vazado).

– Senhora – diz Meleagant –, encontrei os indícios que procurava. É bem verdade que sandice assalta quem se dá o trabalho de guardar mulher. Desperdiça empenho e esforço, pois mais a perde quem a guarda do que quem não cuida disso. Estes são sinais mui certos.

Então a rainha vê pela primeira vez os lençóis manchados de sangue em ambos os leitos. Sente grande surpresa e grande pejo e enrubesce.

– Que Deus me guarde – diz ela. – Este sangue que vejo em meus lençóis jamais Kai o trouxe. A noite passada sangrei pelo nariz.

Com isso pensava dizer a verdade.

– Por minha cabeça – responde Meleagant –, contais contentar-me com palavras que são puro nada. Em vão sustentais linguagem mentirosa. Estais belamente convicta de infâmia. A verdade será provada.

E diz aos guardas presentes no aposento:

– Senhores, não deixeis este lugar e cuidai que não retirem os lençóis! Quero que o rei reconheça minha razão, ao ver a prova que aqui está.

Meleagant vai até o pai e atira-se a seus pés.

– Ah, sire, vinde ver o que não nos despertava até agora a menor suspeita. Vinde ver a rainha e contemplar a cousa espantosa que descobri. Mas primeiro reconhecei, suplico, meu direito à justiça. Corri aventuras mui perigosas para conquistar a rainha. O que ganhei foi encontrar em meu pai um inimigo, pois a conservais sob guarda por minha causa. Fui visitá-la esta manhã, quando estava ainda no leito, e vi o bastante para compreender que toda noite o senescal junta-se a ela. Por Deus, sire, compreendei que sofro e a vós faço queixa. Tenho grande despeito de receber da rainha apenas ódio, ao passo que toda noite ela dorme com Kai.

Responde o rei:

– Cala-te. Não posso crer no que dizes!

– Sire, vinde ver os lençóis que o senescal manchou. Se não credes em minhas palavras e me tomais por mentiroso, mostrarei agora mesmo os lençóis e o acolchoado sujos pelo sangue dos ferimentos.

– Iremos então – diz o rei. – Quero me certificar. Meus olhos saberão dizer-me qual é a verdade.

O rei encontra em seu quarto a rainha que levantava. Vê manchados de sangue os lençóis dos dois leitos.

– Minha senhora – diz o rei –, se meu filho disse a verdade, a cousa vai muito mal!

– Deus – responde ela –, quem jamais contou mentira tão horrível, mesmo que nascida de um sonho mau! Mas, o senescal é bastante leal e cortês para merecer confiança. Quanto a mim, não sou mulher perdida que se vende ou dá a quem deseja seu corpo. Na verdade, Kai não poderia querer de mim tal loucura. E jamais meu coração a quis nem irá querer.

– Sire – diz Meleagant –, serei grato se fizerdes Kai expiar seu ultraje, para que a vergonha toque também a rainha. Tendes a justiça em vossas mãos. Fazei justiça, suplico. Kai traiu o rei Artur, seu senhor, que confiava tanto nele que lhe dera a guarda dessa que lhe era mais cara no mundo.

– Sire – pede Kai –, permiti que eu responda e poderei explicar-me. Que Deus, na hora de minha morte, não conceda perdão à minha alma, se me aconteceu jamais de entrar no leito da rainha. Na verdade, preferia morrer a causar a meu senhor um mal tão horrível! Que Deus me impeça de sarar de minhas feridas! Que a morte se apodere de mim neste instante se apenas cheguei a pensar nisso. Mas sei muito bem que meus ferimentos sangraram esta noite, e que meus lençóis estão manchados. Vosso filho recusa crer em mim, mas diante do que digo não lhe cabe tal direito.

Responde Meleagant:

– Por Deus, os diabos e os demônios do inferno vos traíram! Fostes ardente demais esta noite, e vossos ferimentos reabriram. O que contaís nada vale. A verdadeira prova está aqui sob nossos olhos: o sangue que mancha os dois leitos. É justo que o criminoso provado pague pelo seu crime. Jamais cavaleiro de vosso renome causou tal decepção. Estais desonrado!

– Sire, sire – protesta Kai –, pela honra de minha senhora e pela minha, saberei refutar pelas armas as acusações de vosso filho. Ele me lança em tormento, mas proclamo que sem razão.

– Estais em muito mau estado para que tenhais de lutar.

– Sire, permiti que me bata contra ele e provarei que não cometi o crime de que me acusa.

A rainha mandou chamar Lancelot em segredo. Ela diz ao rei que terá um cavaleiro para defender o senescal contra Meleagant, se este mantiver a acusação infamante. Mas Meleagant não se preocupa:

– De todos os cavaleiros – diz ele –, não há um único, nem mesmo um gigante, contra quem não empreenda combate até que um de nós seja vencido sem recurso.

Nesse instante chega Lancelot. De pronto a sala fica repleta de cavaleiros. Diante de todos, jovens e encanecidos, a rainha conta-lhe o que aconteceu.

– Lancelot – diz ela –, Meleagant acaba de me acusar de grande desonra: coloca-me sob suspeita diante de todos que o cercam. Cabe a vós fazer que se retrate. Segundo ele, eu teria recebido Kai esta noite no leito, porque viu meus lençóis e os de Kai manchados de sangue. E Meleagant afirma que o senescal deverá ser julgado traidor se não concordar em bater-se com ele, ou se algum outro não o fizer em seu nome.

– Não precisais fazer um longo discurso – responde Lancelot. – Deus não permita que suspeitem de vós e do senescal! Se me derem consentimento, estou pronto a defendê-lo. Combaterei por ele.

Rompe Meleagant:

– Deus me ajude, também eu quero isso! Não vá homem pensar que o afazer me contraria!

Diz Lancelot ao rei:

– Sire rei, conheço bem as regras e as leis dos processos e dos julgamentos. Um combate sobre assunto de tão grave suspeita não deve acontecer sem juramento.

Meleagant responde de pronto, sem temor:

– De acordo quanto ao juramento! Trazei depressa as relíquias dos santos! Bem sei que estou em meu direito!

Ambos ordenam que lhes tragam suas armas, que tragam também os cavalos. Assim é feito com a ajuda dos valetes. Apresentam-lhes as relíquias. Ambos se aproximam e ajoelham. Meleagant estende a mão e presta juramento com voz forte:

– Tomo Deus e os santos por testemunhas de que esta noite Kai o senescal veio ao leito da rainha e dela obteve o maior prazer.

– E eu – diz Lancelot –, acuso-te de perjúrio e repito sob a fé do juramento que ele não veio para junto dela e não conheceu prazer algum. Queira Deus vingar-se de quem mentiu e revelar a verdade. Porém vou acrescentar outro juramento. Qualquer que seja o pesar que deva causar, se hoje vencer Meleagant não terei por ele a menor piedade, tão verdade quanto confio a salvação de minha alma a Deus e a este santo cujas relíquias vejo aqui.

O rei não sente a menor alegria ao ouvir esse juramento. Trazem aos dois campeões seus corcéis magníficos. Eles montam, afastam-se um pouco e de pronto cada qual precipita-se a toda velocidade contra o adversário. Investindo a galope, entreaplicam-se tão grandes golpes que nem um nem outro conserva mais nada de sua lança, exceto o pedaço que segura na mão. Jazem ambos no chão, sem por isso parecerem que vão morrer. Prontamente levantam, e com o fio da espada nua fazem o máximo de mal que podem. Dos golpes do ferro contra os elmos saltam para o céu vivas faíscas. Entreatacam-se tão furiosos que as espadas vão e vêm sem o menor descanso. Nem sequer desejam uma trégua que lhes permitiria retomar fôlego.

O rei está em grande tormento. Busca recurso junto à rainha que, do alto, observa o combate, apoiada à bancada da torre. Por Deus criador suplica a ela que o combate termine.

Responde a rainha:

– Tudo que vosso coração desejar podeis obter com meu pleno acordo.

Lancelot ouviu a resposta da rainha. Renuncia então ao combate. Porém Meleagant se encoraja a golpear mais forte. Não quer trégua. Mas o rei atira-se entre os dois combatentes. Detém o braço do filho, que brada não ter o menor desejo de fazer as pazes.

– Quero me bater! Pouco me importa a paz!

Responde o rei:

– Cala-te! Escuta meu conselho e agirás sensatamente. Se confiares em mim, não sofrerás desonra nem mal. Faze como deve ser. Esqueceste que foi combinada entre ti e Lancelot uma batalha que terá lugar na corte do rei Artur? E lá que deveras obter, se possível, a honra mais esplêndida.

Assim o rei tenta dobrar o filho. Consegue acalmá-lo e separa os dois combatentes.

Lancelot tem grande pressa de reencontrar sire Gawain, e por isso vem pedir ao rei e à rainha permissão para partir. Concedem-na de bom grado e Lancelot toma o caminho da Ponte-sob-a-água. Seus companheiros fazem um séquito numeroso, porém mais de um lhe causaria grande prazer permanecendo na corte.

Cavalgam longas jornadas e finalmente chegam perto da Ponte-sob-a-água. Estavam a apenas uma légua de distância quando, antes de avistar a ponte, vêem chegar um anão montando cavalo de belo porte. Esse anão espicaçava a montaria batendo-lhe com as correias de um chicote com nós.

Parece que ele tinha por missão perguntar ao grupo que encontra:

– Qual dentre vós tem por nome Lancelot? Não o oculteis, pois sou de vossos amigos! Dizei-me sem nada temer. Ao perguntar qual é Lancelot só desejo vos ajudar.

É o próprio Lancelot que responde:

– Não procuras outro homem além de mim.

– Lancelot, nobre cavaleiro, deixai vossos companheiros. Tende confiança e vinde sozinho comigo. Vou conduzir-vos junto de pessoas que vos querem bem. Mas é preciso que nenhum dos companheiros venha junto. Que esperem aqui. Voltaremos em breve.

Lancelot, que não suspeitava de má intenção, mandou sua companhia permanecer no lugar e segue o anão, que entretanto já o traiu nesse instante. Por longo tempo os companheiros esperam que ele retorne, pois a gente que o surpreendeu e capturou não tem a menor intenção de o libertar.

Lancelot não retorna e seus companheiros ficam inquietos, atormentam-se e não sabem o que fazer. Todos compreendem agora que o anão era um traidor. Recriminam-se por terem se deixado lograr. Começam a procurar por toda parte, o coração oprimido. Mas de qual lado buscar Lancelot? Não sabem. Reúnem-se e deliberam. Os companheiros mais sensatos decidem de comum acordo continuar até a Ponte-sob-a-água, que está próxima. Se em seguida acontecer de encontrarem sire Gawain, pedirão conselho para melhor procurar Lancelot. Ninguém contradiz esse projeto.

Vão para a Ponte-sob-a-água, e assim que chegam avistam sire Gawain que tombou da ponte e caiu na correnteza, que é mui profunda. Ora ele flutua, ora submerge. Ora o vêem, ora o perdem. Afainam-se tão bem que o conseguem pegar com ramos, varas e ganchos. Ele tinha às costas apenas a loriga, e na cabeça um elmo que sem dúvida valia por dez. Portava perneiras de ferro totalmente corroídas de suor, pois penara muito e sobrepujara muitos perigos e muitas batalhas, sendo sempre vitorioso. Havia deixado na outra margem escudo, lança e cavalo.

Os cavaleiros que o tiraram da correnteza julgam que não pode estar ainda vivo, pois deve ter engolido muita água.

Antes que a expelisse totalmente ninguém ouviu palavra de sua boca. Mas assim que

recuperou a voz, assim que o coração bateu e o peito respirou, prontamente se pôs a falar para ser bem compreendido pelos companheiros. Perguntou-lhes se tinham conhecimento do que acontecera à rainha. Responderam que estava certamente sob a guarda do rei Bandemagus, que a cumulava de obséquios e atenções.

Gawain perguntou ainda:

– Já não veio um cavaleiro procurar a rainha neste país?

– Sim.

– Quem?

Respondem eles:

– Veio Lancelot do Lago. Ele passou a Ponte-da-espada. Socorreu e libertou a rainha, e todos nós juntos. Mas chegou um anão corcunda e mal-encarado que nos traiu. Zombou de nós levando Lancelot. Não sabemos o que fez dele.

– Quando fez o anão tal traição?

– Hoje, bem perto daqui, quando com Lancelot íamos a vosso encontro.

– Dizei-me: que fez Lancelot desde que veio a este país?

Contam-lhe tudo sem esquecer um único detalhe. Contam-lhe também que a rainha o espera. Ela jurou que jamais deixará este exílio enquanto seus olhos não tiverem visto Gawain. Simples notícias não serão suficientes.

Sire Gawain pergunta:

– Quando deixarmos esta ponte, partiremos à procura de Lancelot?

Mas todos julgam que convém ir primeiro para junto da rainha. Em seguida o rei mandará procurar Lancelot, que Meleagant, por ódio, deve ter aprisionado com nova traição. Mas, onde quer que Lancelot esteja preso, o rei Bandemagus, se conhecer o lugar, exigirá sua libertação.

Todos estão de acordo e põem-se a caminho. Aproximam-se da corte onde permaneceram a rainha, o rei, Kai o senescal e o traidor que havia trazido novas horríveis sobre o destino de Lancelot. Todos que as ouviram estavam arrasados, dizendo-se traídos, atingidos por golpe mortal.

Aquelas novas pouco corteses anunciavam à rainha grande desolação. Mas ela sabe esconder seu pesar e gracioso semblante mostrar. Tem de parecer jubilosa para fazer honra a Gawain. Entretanto, apesar do empenho, acontece que em certo instante a dor transparece-lhe no rosto. Deve escutar ao mesmo tempo a tristeza e a alegria: ao pensar em Lancelot sente o coração dilacerado, ao ver Gawain diante de si aparenta a maior felicidade.

Todos ficam abatidos e furiosos ao saber que Lancelot desapareceu. O rei estaria mui feliz com a chegada de Gawain e com o prazer de o conhecer; mas fundo é seu sofrer ao lembrar que Lancelot foi traído. Fica aflito e mudo. A rainha exorta-o a mandar que procurem o herói por toda a região, sem perder um só instante. O mesmo fazem Gawain e Kai o senescal. Todos se juntam a suas súplicas.

Responde o rei:

– Deixai apenas a mim o cuidado deste afazer. Não faleis mais uma só palavra. Já há muito tempo tomei a resolução. Não há a menor necessidade de suplicarem que mande procurar Lancelot. Por mim mesmo o farei.

Todos agem como o rei pediu. Ele envia mensageiros pelo reino, homens d'armas hábeis em procurar um homem. Informam-se em toda parte, mas não ouvem uma só nova certa. Ninguém descobre vestígio de Lancelot. Retornam à corte, onde encontram os cavaleiros Gawain, Kai e seus companheiros, todos decididos a partir à busca, bem armados e de lança em riste. Nenhum outro irá em seu lugar.

Um dia, após o jantar, estavam todos no salão, ocupados em vestir as armaduras, pois chegara o tempo de agir segundo o dever e pôr-se a caminho. Um valete entrou, passando entre os cavaleiros, e veio ter com a rainha, que perdera de todo as rosas da tez. Sem nada saber sobre Lancelot, ela estava em tão grande desolação que sua excessiva palidez muito lhe prejudicava a beleza.

Após saudar a rainha e o rei que estavam junto dela, depois Kai e sire Gawain, enfim todos ao redor, o valete estende ao rei a carta que tinha na mão. Ele pegou-a depressa. Faz que a leia em voz alta um leitor hábil nesse trabalho, capaz de ler sem gaguejar tudo que está escrito em pergaminho.

“Lancelot saúda o rei e o chama seu bom senhor. Assegura que é homem inteiramente devotado às ordens do rei. Agradece as honras que lhe concedeu, bem como todos seus benefícios. Deseja que saibam que está em perfeita saúde junto do rei Artur. Pede à rainha, a Kai o senescal e a sire Gawain que retornem sem tardar, se a rainha consentir.”

A carta continha bastantes sinais claros para merecer crédito, e assim aconteceu. A nova foi acolhida com grande júbilo. Todos os exilados prometeram em voz alta partir no dia seguinte ao alvorecer.

Nesse dia seguinte muito cedo eles se levantaram, montaram e partiram. O rei ficou jubiloso de os acompanhar grande parte do caminho, até as fronteiras do reino. No momento de atravessarem essa fronteira, disse adeus à rainha e a todos que iam prosseguir. Ao despedir-se, a rainha agradece ao rei Bandemagus com palavras certas e bem escolhidas. Abraça-o colocando-lhe os braços em torno do pescoço, e oferece seus serviços em nome do rei Artur seu esposo. Ela não poderia demonstrar maior reconhecimento. Sire Gawain, o senescal e todos os outros empenham-se com Bandemagus como senhor e amigo. Depois continuam seu caminho. Mais uma vez o rei recomenda a Deus a rainha e os dois cavaleiros. Saúda novamente todos seus companheiros e então retorna à corte.

Durante cada dia de uma semana inteira eles cavalgam, sem nunca fazer longa parada. A corte fica sabendo que a rainha se aproxima; o rei Artur sente grande júbilo que lhe invade o coração, pois pensa que seu sobrinho também vem no cortejo. Não duvida de que Gawain, por sua coragem, tenha obtido o retorno da rainha, do senescal e de todos os que estavam presos em exílio (mas a verdade é bem diferente do que pensam na corte). A cidade prontamente esvazia-se de todos os que a habitam e acabam de partir ao encontro do cortejo que se aproxima. Cada qual, cavaleiro ou vilão, brada ao encontrar os que chegam:

– Bem-vindo seja sire Gawain, que nos trouxe de volta a rainha e com ela libertou muitas damas e nos devolveu muitos cativos!

Mas Gawain responde:

– Senhores, sem razão fazeis de mim grande louvamento. Cessai agora mesmo de me louvar. Nada tenho a ver com a glória desta façanha. Ao fazer-me honra me envergonhais: quando lá cheguei tudo estava terminado. Fui lento demais e fracassei. Lancelot é que chegou como devia ser. Ele adquiriu maior renome do que jamais teve cavaleiro algum.

Perguntam-lhe:

– Caro sire, onde então está Lancelot, pois que não o vemos perto de vós?

– Como assim? – responde Gawain. – Mas ele está na corte do senhor rei! Não é verdade?

– Não mesmo, seguramente. Nem aqui nem alhures neste país. Desde que a senhora rainha foi levada para longe, nunca mais tivemos a menor nova de Lancelot.

Só então sire Gawain compreende que a carta mentiu. Essa carta os enganou e traiu. Eilos novamente mergulhados em desolação. O rei quer saber de pronto o que aconteceu. Pessoas bem informadas contam-lhe como Lancelot trabalhou, como seu braço libertou a rainha e outros cativos. Também contam por qual traição o anão conseguiu afastar Lancelot de seus amigos.

O rei fica mui triste ao saber dessa desventura. Mas a alegria de reencontrar a rainha faz bater tão forte seu coração que a tristeza é vencida. Recuperou quem mais ama, e pouco se preocupa com o resto.

Enquanto a rainha estava retida longe do país, teve lugar um conselho das damas e damizelas sem esposo. Todas elas foram da mesma opinião: queriam casar sem esperar demais. Então, nesse conselho, ficou decidido organizarem um grande torneio. O afazer coube à senhora de Pomegloi para um dos partidos e à senhora de Noauz para o outro. As belas guardarão silêncio com relação aos maus justadores, mas aos mais corajosos concederão seu amor. O torneio será anunciado tanto nas terras vizinhas como nas terras distantes. Combinam uma data não muito próxima, para que a assembléia possa ser mais numerosa.

Nesse entretempo, a rainha retornou ao país. Ao saberem de sua volta, quase todas as damizelas que desejavam casar puseram-se a caminho para vir à corte. Assim que chegaram diante do rei, assediaram-no para que lhes fizesse um dom e desse consentimento a seu desejo. Ele ainda não sabia qual era esse desejo, que lhes prometeu realizar como queriam. As damizelas pediram que permitisse à senhora rainha assistir a seu torneio. O rei, que não apreciava recusar, considerou muito bom esse desejo, desde que aprovesse à rainha. Felizes, as damizelas a foram procurar e lhe disseram mui cruamente:

– Senhora, não retireis o dom que o rei nos fez.

Então a rainha pergunta:

– Qual é esse dom? Não o deveis esconder de mim.

– Se consentirdes em assistir a nosso torneio, o rei, que não vos quer contrariar, não vos tentará reter.

A rainha assegura então que irá ao torneio, pois o rei assim quer. Prontamente são enviados mensageiros por todos os países pertencentes ao rei, e proclamam que no dia marcado para o torneio as damizelas levarão a rainha. A nova viaja tão bem por todas as regiões que chega até mesmo àquele reino donde ninguém nunca jamais retornava. (Mas agora podiam entrar e sair à vontade e livremente.) Levada de boca em boca, a notícia chegou até um senescal de Melegant, o traidor que deveria arder no fogo do inferno. Esse senescal era o guardião de Lancelot. Seu solar era a prisão onde Melegant encerrara o cavaleiro, a quem tinha ódio mortal. Assim que o prisioneiro ouviu sobre o torneio e soube para qual dia estava marcado, lágrimas encheram amiúde seus olhos e a alegria desertou-lhe o coração.

A senhora do solar viu sua grande tristeza. Em segredo lhe fala assim:

– Sire, por Deus e por vossa alma, com franqueza me direis por que estais tão mudado.

Não bebeis nem comeis. Não mais sorris nem brincais. Não correis o menor risco ao contar-me a razão de vosso tormento.

Responde Lancelot:

– Ai de mim! Senhora, por que vos admirais de minha grande tristeza? Fico muito aflito quando penso que não poderei estar nesse lugar onde estará tudo o que há de mais belo no mundo. Não poderei combater no torneio que, dizem, acontecerá diante de todo um povo em assembléia. Se quisésseis dar-me permissão para ir, seria bastante leal para retornar aqui como vosso prisioneiro.

– Na verdade eu assim faria, se não receasse perder minha vida por isso. Tenho grande temor de Meleagant, nosso senhor. Se ele ficasse sabendo da cousa, seguramente mataria meu esposo. Não vos espanta meu temor: sabeis como é cruel esse senhor.

– Senhora, receais que após as justas eu não retorne a vossa casa em minha prisão?

– Dou-vos permissão com uma condição – diz a dama.

– Qual?

Responde ela:

– Senhor, que me jureis retornar e também me assegureis que terei vosso amor.

– Senhora, o amor que tenho vos darei todo inteiro e juro retornar.

Responde a dama, sem deixar de rir:

– Então será preciso contentar-me com nada! Pelo que sei, a outra haveis dado e confiado o amor que pedi. Entretanto, tomo sem desdém o que posso ter. Jurareis com lealdade, retornando aqui como meu prisioneiro.

Segundo o desejo da dama, Lancelot jura pela Santa Igreja que retornará sem falta. Ela empresta-lhe então a armadura do próprio marido, seu escudo de vermeil e o cavalo belo e aguerrido à maravilha. Ele monta e parte de pronto, portando armadura nova e reluzente.

Após cavalgar longamente, Lancelot chega a Noauz. Toma alojamento em uma hospedaria fora da cidade. Encontra apenas bem pobre alojamento, muito estreito e baixo para homem de tão grande valor. É que não queria ficar em lugar onde o pudessem reconhecer.

No castelo havia grande multidão de cavaleiros de alto valor e renome. Porém muitos estavam fora das muralhas, pois em tão grande número vieram pela rainha que em cada cinco cavaleiros um pelo menos não pudera encontrar alojamento em pousada. Em cada sete, não haveria um que tivesse vindo se não fosse pela rainha. Em uma extensão de cinco léguas ao redor do castelo, os barões haviam encontrado alojamento em palhoças, em grutas e choupanas. Também era maravilha ver reunidas tantas damas e nobres damizelas.

Lancelot havia pendurado o escudo à porta de seu alojamento, do lado da rua. Para descansar o corpo, desvestira a armadura e deitara no leito, o que não lhe aprazia, pois era estreito, e o colchão, coberto com lençol de cânhamo áspero. Enquanto repousava nessa cama, surgiu um malandro em camisa, uma espécie de arauto d'armas. Ele tivera de deixar em penhor na taverna a cota, os sapatos. Passou bem depressa, pés descalços, manto flutuando ao vento. Viu o escudo pendurado diante dele e o contemplou. Não podia ser que o reconhecesse e soubesse a quem pertencia. Vê entreaberta a porta da casa. Entra e encontra Lancelot deitado no leito. De pronto o reconhece e faz sinal-da-cruz. Lancelot olha-o. Proíbe o homem de falar a seu respeito aonde quer que vá. Se acontecer de Lancelot saber que falou, melhor valerá para esse homem ter os olhos vazados e o pescoço partido!

Diz o arauto:

– Sire, sempre vos estimei muito. Tão longamente quanto viver, não farei cousa alguma pela qual me pudésseis malquerer!

Salta fora da casa e corre gritando o mais alto que pode:

– Chegou aquele que dará a medida!

O malandro não cessa de gritar assim. As pessoas logo aparecem, perguntando:

– Que quer dizer esse grito?

Mas o malandro evita explicar. Sabei que então foi dito pela primeira vez: “Chegou aquele que dará a medida!” Nosso mestre foi esse arauto que nos ensinou a dizê-lo, pois foi o primeiro a gritar assim.

Já estão reunidas as tropas. Vêm a rainha e todas as damas, os cavaleiros e outras pessoas. Havia multidão de serviçais de toda parte, à direita e à esquerda. No lugar onde devia acontecer o torneio estavam grandes tribunas de madeira, porque a rainha ali estava, mais as damas e as donzelas. Jamais homem viu palanques tão belos nem tão extensos nem tão bem feitos. Lá se reuniram as damas em torno da rainha, todas querendo contemplar sem esforço quem fará o melhor ou o pior.

Os cavaleiros apresentam-se: dez e dez, depois vinte e vinte; depois trinta e trinta, aqui oitenta, lá noventa, ali cem, acolá mais de duas vezes isso. Reúnem-se em multidão diante das tribunas e ao redor, e já começa o combate.

Gente armada, gente sem armas se reúnem. As lanças são como um grande bosque, pois tantas trazem os que desejam combater em justa que homem não pode ver senão estandartes e gonfaldões.

Os torneadores vão para o torneio. Aí encontram muitos companheiros que vieram para justar, e perto outros se aprestam para fazer mais cavalarias. Assim ficam cheias as pradarias e os campos tornam-se escuros. Não seria possível contar o número de cavaleiros. Eram demasiados. Não houve sinal de Lancelot nessa primeira assembléia. Mas quando ele veio até o centro do prado o arauto não pôde impedir-se de gritar: – Vede aquele que dará a medida! Vede aquele que dará a medida!

E perguntam: – Quem é ele?

Mas o arauto nada lhes quer dizer.

Quando Lancelot vem a combate, ele sozinho vale vinte dos melhores. De pronto começa a fazer tão bem que ninguém consegue deixar de o seguir com o olhar, onde quer que vá.

Perto dele estava Pomelegloi, cavaleiro bravo e valente cujo cavalo saltava e corria mais que cervo de charneca. Era filho do rei da Irlanda e combatia à maravilha. Mas preferiam quatro vezes mais o cavaleiro que não conheciam.

Todos se apressam a perguntar:

– Quem é esse que combate tão bem?

A rainha chama de parte uma donzela bela e sensata e lhe diz:

– E preciso que leveis agora mesmo uma mensagem em algumas poucas palavras. Ide depressa àquele cavaleiro que porta escudo de vermeil e dizei-lhe em segredo que lhe peço para fazer “o pior possível”.

A donzela age como quer a rainha. Aproxima-se bem perto do cavaleiro e fala

gentilmente, sem que os vizinhos ouçam:

– Sire, venho da parte da rainha, que por mim vos manda dizer: o pior possível!

Responde Lancelot: – De mui bom grado! – como alguém que é seu todo inteiro. Então investe no maior galope contra um cavaleiro e ao atacar erra o golpe. Depois finge ter medo de todos os que vêm e vão. E os cavaleiros fazem dele grandes motejos e zombarias. Vêm então mui confuso e humilhado aquele que antes tanto prezavam como herói que o arauto dissera que conquistaria a todos. E ele ouve que o desprezam e dizem: – Ora, cala-te! Este aqui não mais medirá seu valor. Tando o mediu que está quebrada a vara de medir que muito prezaste. Era tão bravo que com razão os cavaleiros temiam enfrentá-lo. Agora não passa de covarde cousa.

Mas a rainha, que o olha, está jubilosa. Isso lhe agrada e ela bem sabe como é o verdadeiro Lancelot; mas nada revela.

Assim todo o dia até a tarde Lancelot passou por covarde. Mas na hora do final de vésperas precisaram separar-se.

Debateram então para saber qual cavaleiro lutara melhor. O filho do rei da Irlanda pensava ser ele, sem contestação; mas engana-se em cheio, pois numerosos foram os cavaleiros tão valentes como ele. O cavaleiro de escudo de prata havia agradado tanto às damas como às donzelas, das mais bem adornadas às mais belas. Esse cavaleiro tinha todas as preferências. Elas viram com que valentia lutara no início, como era ousado, e como depois amedrontou-se a ponto de não atingir mais um só cavaleiro. Então os combatentes menos bons o poderiam abater e fazer prisioneiro.

Concordaram em retornar no dia seguinte, para as damizelas escolherem como maridos os cavaleiros a quem caberá a honra do dia. Essa foi sua fala e seu plano. Após decidirem assim, retornaram aos alojamentos.

Em todos os lugares, pessoas começaram a dizer: – Onde está o cavaleiro pior? O mais nulo, o mais desprezível? Para onde foi? Onde se escondeu? Onde o procurar? Onde o encontrar? Talvez não o vejamos mais, pois covardia o expulsou. Ele não está errado, pois um covarde fica cem mil vezes mais à vontade que um bravo, um combatente.

Assim, a noite toda o deslouvam aqueles que se engasgam de tanto falar mal. – Mas amiúde quem diz mal de outrem é bem pior que o outro a quem censura e despreza. Covardia é mui rica; é por isso que beija-lhe os pés e toma-lhe tudo o que possui. Verdadeiramente, jamais Valentia foi vil a ponto de insinuar-se nele ou de sentar a seu lado. Mas Covardia encontrou refúgio em seu coração. Encontrou um hospedeiro que a ama e tão fielmente a serve que para plenamente a honrar perde toda a honra.

Assim toda a noite falam aqueles que engasgam de tanto falar mal. Mas amiúde quem diz mal de outrem é bem pior do que o outro a quem censura. Que cada um diga então o que lhe apraz!

– Estais vendo aquele com banda de ouro no escudo de goles? É Govenal de Roberdic. E vedes aquele atrás que no escudo pintou lado a lado uma águia e um dragão? É o filho do rei de Aragão. E esse que porta no escudo faisões pintados bico com bico é Coguiant de Motirec. E não estais vendo aqueles dois, não longe, em seus corcéis ruanos? Portam leões gris sobre o ouro dos escudos. Um se chama Semiramis, o outro é seu companheiro fiel. Por isso seus escudos têm mesma figura e mesma cor. E aquele outro cujo escudo mostra a imagem de uma porta? Um cervo parece saltar dela. Aquele é o rei Ider...”

Assim falam nos palanques. E dizem ainda:

– Aquele escudo foi fabricado em Limoges. Foi Pilade que o trouxe. Ele tem grande ardor, quer lutar e o diz bem alto! Esse outro escudo vem de Toulouse e todo o arnês também. Lá o comprou o conde de Estral. Este vem das oficinas de Lyon às margens do Ródano. Não há outro melhor sob o céu! Deram-no de presente a Taulas do Deserto, em recompensa por mui grande serviço. Convém dizer também que o cavaleiro sabe como bem o portar e usar. Este outro escudo é obragem da Inglaterra. Veio de Londres. Mostra duas andorinhas que parecem prontas para levantar vôo. Mas ali permanecem sem se mexer, enquanto recebem muitos golpes de espada em aço de Poitou. É Toas o jovem que o porta...”

Dessa forma as pessoas descrevem as armas dos justadores que conhecem. Não falam mais do cavaleiro que tanto desprezavam. Pensam que ele se esquivou, pois não o avistam mais.

A rainha tampouco o vê em lado algum. Tem vontade de o mandar procurar em meio à multidão, até que o encontrem. O melhor é enviar a mesma donzela que na véspera encarregou de ir até ele. Chama-a depressa:

– Ide, damizela. Montai em vosso palafrem! Envio-vos ao cavaleiro de ontem. Procurai até o encontrar! E dizei-lhe mais uma vez que torne a fazer o pior possível agora. Depois de falar, escutai bem sua resposta.

Assim que lhe ordenam, a damizela vai. Na véspera, não havia deixado de olhar para qual lado se afastava o cavaleiro, pois bem sabia que sua senhora o mandaria procurar de novo. Caminha entre a multidão. Vê o cavaleiro e recomenda-lhe que lute “o pior possível”, se quiser conservar o favor e o amor da rainha. Responde o cavaleiro:

– Graças sejam dadas à senhora porque ela assim ordena!

A damizela vai logo embora. Os valetes, os homens d’armas, os escudeiros gritam todos juntos:

– Milagre! Eis aqui o homem das armas rubras. Para que serve ele? Ninguém jamais viu um ser tão vil, tão covarde e desprezível. Covardia o domina e ele nada pode em contrário.

A damizela retornou junto da rainha, que a estreita ao peito para ouvir a resposta. Tal resposta lhe traz alegria, porque sabe assim que é realmente aquele a quem pertence toda inteira e que ele é seu, sem falha. Manda a donzela retornar depressa para lhe dizer que a rainha ordena e suplica que lute o melhor que puder.

Então a donzela corre sem parada nem descanso à procura do cavaleiro. Seu valete a esperava, guardando o palafrem. Ela monta, parte, encontra o cavaleiro e lhe diz:

– Sire, minha senhora vos ordena que com todas vossas forças luteis agora o melhor possível.

Responde ele:

– Direis a ela que não me custa fazer coisa alguma que lhe apraz ordenar, pois tudo que lhe apraz me agrada.

A damizela volta prontamente com a mensagem, sabendo que a rainha ficará encantada. Vai direto para a tribuna. A rainha avista-a, levanta-se, desce os degraus até o patamar e ali aguarda a damizela, que está mui feliz de trazer essa mensagem. Ela sobe alguns degraus. Ao chegar bem perto da rainha, diz-lhe:

– Minha senhora, jamais vi cavaleiro tão benévolo, pois quer fazer ponto por ponto tudo que lhe ordenais. Se quiserdes a verdade, direi que ele acolhe da mesma forma a ordem de fazer o melhor como a de fazer o pior.

– Por minha fé, é bem possível – diz a rainha.

Ela retorna ao seu lugar para ver combaterem os cavaleiros. Sem esperar, Lancelot toma o escudo pelas braçadeiras. Quer mostrar de pronto como é destro e valente. Coloca o corcel em posição e lança-o entre duas alas de cavaleiros. Por longo tempo, aqueles que foram surpreendidos pela finta recordarão essa surpresa. Os que noite adentro zombaram dele não vão tardar a ficar abismados! Muitos divertiram-se falando às suas custas.

Segurando o escudo pelas braçadeiras, o filho do rei da Irlanda investe ao seu encontro da ponta do outro campo. Eles se entregolpeiam rudemente. O filho do rei da Irlanda abandona a justa, a lança quebrada de um só golpe, pois Lancelot não bateu em espuma mas em madeira seca e dura.

Para fazer isso, Lancelot usou um de seus estratagemas: aplicar o escudo sobre o corpo do adversário, manter-lhe o braço colado ao corpo e lançá-lo para baixo do cavalo.

Dos dois campos os cavaleiros precipitam-se para libertar um dos combatentes, para embaraçar o outro; alguns pensam livrar seu senhor, e mais de um esvazia os estribos nessa refrega.

Gawain, que estava entre os outros, naquele dia, não entrara na justa, comprazendo-se em ver as façanhas do cavaleiro das armas pintadas de vermelho. As proezas dos outros pareciam-lhe pouca coisa perto delas.

O arauto encontra um tom jubiloso para gritar muito forte, de modo que todos ouçam: – Chegou aquele que dará a medida! Vereis o que ele fará. Hoje sereis testemunhas!

Lancelot recoloca o cavalo na liça e investe contra um cavaleiro dos mais renomados. Com tanta força o golpeia que o envia a mais de cem passos de seu corcel. Usa tão bem da lança e da espada que todos o olham maravilhados. Regalam-se de ver como esse cavaleiro derruba todos juntos, homens e cavalos. Bem poucos dos que ataca conseguem permanecer na sela. Dá a quem quiser os cavalos que ganha assim. Todos os que tinham zombado dele confessam: – Cometemos grande erro em o desprezar e difamar. Ele venceu e sobrepujou todos os cavaleiros do mundo! A ele ninguém pode se comparar!

As damizelas contemplam-no maravilhadas, mas pensam que não é muito provável que ele despose uma dentre elas. Nada lhes será vantagem: nem beleza, nem riqueza, nem linhagem, pois como um homem de tal valentia poderia ser retido assim? Entretanto várias delas unem-se por votos, cada qual fazendo juramento de não casar durante o ano se não for com ele. Nada de senhor, nada de marido!

A rainha zomba em segredo do que ouve dizer ao redor. Sabe que nem por todo o ouro da Arábia, se o oferecessem, ele não tomaria a melhor de todas as damizelas, nem a mais bela nem a mais formosa, esse cavaleiro que a todos apraz. Em uma única cousa todas estão de acordo: cada qual gostaria de o ter. Uma está ciumenta da outra, como se já fosse sua esposa. Ele é tão destro, pensavam, que ninguém jamais combaterá melhor.

No final do torneio, todos concordavam nos dois campos que o cavaleiro do escudo vermelho não tinha conhecido igual.

Naquele momento o cavaleiro largou no meio da multidão escudo, lança e manto, sem que ninguém o visse. Depois fugiu o mais rápido que pôde. Agiu de tal maneira que em toda a assembléia ninguém se apercebeu.

Galopou direto para retornar à sua prisão e manter palavra.

Todos procuravam e exigiam o vencedor. Como o encontrar, se fugiu para que ninguém o reconheça? Inquietos e tristes estão os cavaleiros, pois teriam grande júbilo caso o vencedor permanecesse entre eles. Se estão pesarosos, bem maior ainda é o pesar das damizelas. Todas juram por São João não casarem naquele ano. Cada Qual, não podendo ter o que deseja, considera quites todas as outras. Assim termina o torneio, sem que nenhuma dentre elas tenha escolhido esposo.

Lancelot não se atarda. Corre para sua prisão.

Dois ou três dias antes, o senescal havia perguntado a sua mulher onde estava Lancelot. A dama, que emprestara as armas de vermeil em perfeito estado, mais os arneses e o cavalo, confessou toda a verdade, dizendo como havia dado ao cavaleiro permissão para ir combater no torneio de Noauz.

Respondeu o senescal:

– Minha senhora, não podíeis fazer cousa pior. Disso vai me advir desventura, pois sire Meleagant será mais cruel comigo do que o seria o gigante que causa terror ao redor do monte Saint-Michel, se eu ali naufragasse. Ele não terá compaixão. Assim que souber da nova, irá me matar.

– Nada deveis temer – responde a dama –, e não fiquéis em tormento. Nada pode reter Lancelot, pois me jurou sobre as relíquias que retornaria tão logo pudesse.

O senescal foi então prontamente encontrar seu senhor e relatar-lhe como as cousas se tinham passado. Tranqüilizou-o dizendo que sua mulher havia recebido de Lancelot a promessa de que retornaria à prisão.

– Ele o fará com toda certeza – responde Meleagant. – Mas estou vivamente agastado com o que fez vossa mulher. Por nada no mundo queria que Lancelot combatesse nesse torneio. Tornai a partir sem me esperar e, tão logo ele esteja de volta, mantende-o em prisão, donde não possa sair sob nenhum pretexto; se tentar, impeçam-no! Dai-me novas o mais breve possível.

– Sire – responde o senescal –, será feito como ordenais –; e ele parte.

Lancelot realmente estava de volta à sua prisão, onde o encontrou o senescal, que prontamente enviou um mensageiro até Meleagant.

Sem tardança, este fez virem pedreiros e carpinteiros para trabalharem segundo suas ordens, por bem ou por mal. Ordenaram-lhes que erguessem uma torre. Meleagant quis que ela fosse toda construída em pedra, e sobranceira ao mar. Com efeito, havia perto de Gorre um braço de mar mui largo. No meio estava uma ilha que Meleagant conhecia bem. Era de lá que deviam extrair a pedra. Lá deviam levar a madeira para armar a torre. Esta foi erguida em menos de cinqüenta e sete dias, espessa e forte, alta e solitária. Quando ficou pronta, Meleagant mandou conduzi-rem Lancelot para lá. Depois deu ordem de barrarem todas as portas e fez os pedreiros jurarem que jamais diriam uma só palavra sobre essa torre. Queria que ela fosse secreta; não apresentava outra abertura além de uma janela estreita.

Nessa torre foi trancado Lancelot. Passavam-lhe o alimento, mesquinamente contado, pela única e estreita abertura ordenada por esse senhor falso e pérfido.

Geoffroy de Lagny, o clérigo, terminou *A charrete*. Mas que ninguém o censure por ter trabalhado depois de Chrétien! Pois o fez com pleno consentimento do autor que compôs este romance. Ele é que fez tudo, desde o instante em que Lancelot foi emparedado até o fim desta

Resumo da continuação segundo Geoffroy de Lagny

Meleagant não tarda a vir a corte de Artur exigir Lancelot. Ele não lhe prometera combate? Não o encontra. Queixa-se tanto a seu pai como à sua irmã, a Damizela da Mula. Esta prometera a Lancelot prestar-lhe serviço quando o dia chegasse. Tão bem o procura que descobre, em um braço de mar, a torre onde Lancelo prisioneiro se lamenta.

A damizela chama seu nome. Ele crê que é um fantasma, mas ela sabe se fazer reconhecer e consegue passar-lhe uma picareta. Lancelot escapa. Ela o leva na garupa, cuida dele em seu próprio castelo. Lancelot chega a corte de Artur, onde Meleagant ainda o esperava. É o duelo na charneca. Felizes mas ainda inquietos, o rei e a rainha assistem a esse torneio sentados sob um sicômoro, perto da famosa fonte misteriosa. Ao término de terrível combate, Meleagant tem a cabeça cortada, sem que ninguém sinta compaixão por ele.

Ivain, o cavaleiro do leão

Se em Yvain Chrétien aborda novamente o problema do amor, do casamento e da cavalaria aventureira, é porque a questão se apresentava para muitos jovens, que conjecturavam: tem-se o dever de acima de tudo e com todas as forças servir a um ideal cavaleiresco? O serviço do ideal cavaleiresco tem prioridade sobre o serviço da mulher amada? Deve o cavaleiro desconfiar do amor que logo o faz esquecer bravura e glória? Ou deve aceitar a lei cortês, considerar como um dever absoluto servir a senhora amada e só realizar façanha de cavalaria a serviço do amor?

Mas seriam esses os dois únicos caminhos, as duas únicas respostas? Não seria possível encontrar outro caminho, conciliar o serviço respeitoso a dama e os deveres de um cavaleiro para com a cavalaria? Não seria possível escapar a alternativa – ele próprio ou a dama, a cavalaria ou o amor submisso – e assegurar mais livre e orgulhosamente o amor e a cavalaria, o serviço à mulher amada e o respeito a si mesmo? Porém o moralista e demasiado perspicaz para não admitir que as fraquezas naturais do homem freqüentemente inclinam o herói a ceder diante do amante.

Toda a história de Ivain desenvolve seus episódios no clima do maravilhoso bretão. O personagem Ivain pertence a tradição poética da saga céltica. Em textos anteriores a 1150, encontram-se muitos elementos fundamentais da história romanesca de “Owein” – que Chrétien transformará em “Yvain”.

Esse herói deixou nos poemas dos bardos do século VII, seus contemporâneos, um nome tão famoso que século após século será celebrado por todas as gerações de poetas e contistas, até a época de Chrétien de Troyes. O pai de Owein era o rei Urien, que reinava sobre o atual Cumberland, então chamado “país de Reghed”. Os cambrianos tinham na época um único inimigo: o saxão, contra o qual, segundo o cronista Nennius, Owein conquistou várias vitórias, cada uma delas celebrada por um poema de Taliesin, grande bardo da corte. Canta ele:

“... Quando na batalha de Murien os guerreiros bretões fugiram em desordem, o escudo de Owein não se afastou; ao contrário, restabeleceu a ordem na refrega.”

Coube também aos bardos da corte louvar os méritos da “grande alma de Owein” quando ele foi morto em combate:

“Enquanto ele portou a coroa, o duro tributo não foi pago diante de seus olhos. Não foi pago diante de Owein filho de Urien, diante do príncipe de Reghed, que um outeiro verde recobre...”

Outro poeta especifica que esse outeiro verde, túmulo de Owein “príncipe do Norte”, ergue-se em Lanmorvaël, no norte do País de Gales.

Em sua Legende armoricaine des rois, Geoffroy de Monmouth cita-o entre os mais belos e nobres cavaleiros da corte de Artur.

No século XII – o século de Chrétien – os autores galeses transmitem a mesma imagem: “Nobilissima Britonnum ortus, juvenis elegantissimus Owein”, diz a Vie de Saint Kentlegen (1159), que acrescenta: “naturali amoris igne inflamatus”. Obviamente, as narrativas populares insistem nos amores de Owein.

Acontece no conto galês Yvain et la dame de Brécilien o mesmo que em Érec et Énide. Composto na primeira parte do século XII, ele é de cunho popular, com uma trama sem artifício, um ritmo ágil e desembaraçado. Teria Chrétien de Troyes se inspirado diretamente nesse conto? Ou então, mais uma vez, o conto gales e o romance francês constituiriam duas transcrições livres, quase contemporâneas, de textos mais antigos?

Em Yvain, encontra-se o mesmo gênero de alterações materiais constatadas na composição dos outros romances: Owein, Luned, Gwalmaï, Kai, Kenon da lenda cavaleiresca de Gales tornam-se Ivain, Lunete, Gawain, Kai, Calogrenant. A floresta cambriana confunde-se com a floresta armoricana de Broceliande, que o.

antigos textos chamam também de Bréchéliant, lugar principal de todos os encantamentos e singularmente da fonte mágica, a mesma que o peregrino literário ainda pode encontrar no final de um caminho difícil, no âmago da atual floresta de Paimpont. O parapeito do poço de Barenton não passa de simples lajes, como em um lavadouro de roupas (um “doué”, diz-se em bretão). Entre os galeses sua bacia era de prata e a mureta, de mármore. Em Champagne, tornam-se bacia do ouro mais fino, muretai de esmeralda e rubi:

Mais flamejante e mais rubro

Que o sol pela manhã.

Por muitas razões pode-se considerar Yvain a obra-prima do romance cortês. É impossível não apreciar a segurança de seu plano, organizado em torno de alguns episódios básicos: a descrição aguçada e minuciosa do caráter dos três atores principais – o marido Ivain, a esposa Laudine e a serva Lunete, sempre agindo tão astuciosa e habilmente –; a ilustração livre de uma tese moral exposta de forma nunca convencional, nem monótona; o encantamento que emana de toda a obra em que Chrétien compõe, de modo único, as tradições maravilhosas dos celtas e da Antigüidade grega e romana.

Não se pode deixar de lado o Leão, proveniente do bestiário fabuloso, que Chrétien transformou em um verdadeiro personagem. Não se trata de um animal feroz; é o Leão das Virtudes, mestre de coragem e de fidelidade. Restaura-se assim a amizade da idade de ouro.

Yvain encerra o ciclo cortês. E surge Parsifal, o primeiro herói dos romances místicos da demanda do Graal.

Artur, o bom rei da Bretanha cuja valentia nos ensina a ser corteses e bravos, reunira corte mui rica na festa de Pentecostes. Era em Carduel, em Gales. Após comer, os cavaleiros agruparam-se nas salas onde os haviam chamado as damas e damizelas. Uns contavam novas, outros falavam do amor, de suas angústias e dores e dos grandes bens que amiúde recebiam os discípulos de sua ordem, que era então rica e doce. Mas quase todos o desertaram e Amor foi rebaixado, pois os que amavam queriam ser chamados corteses e bravos, homens generosos, homens de honra. Hoje Amor transformou-se em fábula: os que o ignoram dizem que amam, mas mentem. Vangloriam-se de estar enamorados, mas não têm tal direito, pois isso é apenas fábula e mentira.

Mais vale falarmos dos homens de outrora. Sim, sou de opinião de que homem cortês morto vale mais que vilão vivo! E por isso me apraz relatar uma história digna de ser ouvida, sobre um rei que foi tão grande que em todos os lugares celebraram sua glória. Nesse ponto, concordo com os bretões: para sempre irá perdurar seu renome, e graças a ele permanecerá a lembrança dos cavaleiros que fizeram proeza para o honrar.

Naquele dia, muitas pessoas ficaram espantadas quando o rei ergueu-se e deixou a assembléia. Vários agastaram-se e resmungaram, pois jamais em tão grande dia haviam visto o rei retirar-se para seus aposentos, para dormir ou descansar. Naquele dia, porém, ocorreu que a rainha o reteve e ao seu lado tão longo tempo ele permaneceu que esqueceu a corte e adormeceu.

Fora, à porta do quarto, estavam Dodinel e Sagremor, Kai o senescal e Sire Gawain. Havia também sire Ivain e com eles Calogrenant, um cavaleiro muito agradável que começou a lhes contar uma história. O caso lhe acontecera não para o honrar, mas para sua vergonha.

A rainha escutava o que o cavaleiro contava. Ela levantara de junto do rei e chegara tão mansamente que ninguém a viu sentar no meio de tanta gente. E Kai, homem muito injurioso e malévolo e venenoso, disse então:

– Por Deus, Calogrenant, sois bravo, sois lesto e agrada-me que dentre nós todos sejais o mais cortês. E sei que acreditais nisso, tanto sois falto de bom senso. É justo que minha senhora pense que tendes bem mais cortesia e bravura que nós. Sem dúvida não nos pusemos de pé por preguiça ou porque não condescendemos nisso. Mas, por Deus, sire, se não levantamos é que não vimos minha senhora!

– Sem dúvida, Kai – responde a rainha –, eu gostaria que rebentásseis, se não vos podeis esvaziar do veneno de que estais pleno! Sois odioso e covarde por repreender assim vossos companheiros!

– Senhora – torna Kai –, se não ganhemos com vossa companhia, evitai que percamos com ela! Não creio haver dito cousa que possam exprobar. Se vos apraz, paremos por aqui. E fazei-nos contar o que o cavaleiro havia começado.

Responde Calogrenant:

– Senhora, não me preocupo com a disputa. Por que a prezaria? Se Kai me fez ofensa, disso não me advirá o menor dano. A outros mais valentes e mais sábios, sire Kai, dissestes amiúde palavras ofensivas, pois sois useiro delas. Sempre deve a esterqueira malcheirar, a varejeira picar, o zangão zumbir, o desleal enfadar e ferir. Mas nada contarei hoje, se minha senhora houver por bem me deixar em paz. E peço-lhe que não diga palavra nem me ordene cousa que me desagrade.

– Calogrenant – diz a rainha –, não vos abalem as maldosas palavras de sire Kai o senescal! Ele tem costume de falar mal e não consegue se corrigir. Não tendes ressentimento e contai-nos cousa tão prazerosa de ouvir. Eu vos peço. Se quereis conservar minha amizade, começai o conto de novo!

“Ocorreu há mais de sete anos que, sozinho como um camponês, ia eu buscando aventura, armado de toda armadura, como deve estar um cavaleiro. Virei caminho à direita em meio a espessa floresta. Havia muitos caminhos traiçoeiros, cheios de sarças e espinheiros. Tomei esse caminho e depois uma vereda. Quase todo o dia inteiro fui cavalgando assim e saí da floresta, cujo nome é Broceliande. Logo entrei numa charneca e vi uma torrinha não mais distante que meia-légua gaulesa. Avistei o cinturão de muralhas e o fosso ao redor, profundo e largo. Sobre a ponte da fortaleza vi o senhor do lugar trazendo no pulso um açor.

Inda não o saudara e ele já veio segurar-me o estribo. Desci, pois necessitava de alojamento. Ele me disse mais de sete vezes seguidas que abençoado era o caminho que me levara até lá. Entramos no pátio, passamos a ponte e a porta. No meio do pátio desse vavassalo (Deus lhe dê alegria e honra pela hospitalidade que me concedeu naquela noite!), pendia um grande disco de cobre. O vavassalo deu-lhe três pancadas com um martelo suspenso a um poste. Os que estavam dentro do castelo ouviram a voz e o barulho, saíram fora da casa e desceram ao pátio.

Um dos serviçais pegou meu cavalo, e vi dirigir-se a mim uma donzela bela e graciosa. Demorei-me contemplando-a, tanto era alta e bela e aprumada. Desarmou-me com destreza e cobriu-me com um manto curto de escarlata cor de pavão, forrado de veiro. Os que estavam a meu redor deixaram o lugar. Ninguém permaneceu, o que me agradou. E ela me levou sentar no mais belo pátio do mundo, fechado de muros baixos em toda a volta. Achei-a tão bem educada e bem falante, tão agradável e de tão bela feição que me sentia feliz por estar ali e desejaria jamais a deixar! Mas à noite o vavassalo desalojou-nos, vindo nos procurar quando foi hora de ceiar. Obedeci. Mas que vos direi da ceia, se a jovem estava sentada à minha frente? Após ceiar, o vavassalo disse que não sabia desde quando lhe acontecia de às vezes albergar cavaleiros errantes que iam buscando aventura. Havia albergado tantos! Depois suplicou-me que passasse de novo

em sua morada ao retornar, e respondi: – De bom grado, sire! –, pois seria desonestidade recusá-lo. Podia fazer menos por meu anfitrião?

Naquela noite, fui mui bem hospedado e meu cavalo bem tratado no estábulo, como eu pedira. Quando foi possível ver o dia, após fazer as orações recomendei meu bom anfitrião e sua cara filha ao Espírito Santo e parti.

Não estava longe da morada quando em um roçado encontrei touros selvagens que entrelutavam e faziam grande bulha, tão feroz e cruelmente que, para dizer verdade, recuei de temor.

Vi então, sentado em um cepo d'árvore e tendo à mão uma clava, um vilão que muito parecia um mouro, feio e hediondo além da medida.

Cheguei perto desse vilão e vi que tinha cabeça maior que rocim ou outro bicho, cabelos emaranhados, fronte pelada com mais de dois palmos de largura, orelhas peludas e grandes como as de elefante, supercílios espessos, rosto chato, olhos de coruja e nariz de gato, boca fendida como lobo, dentes de javali agudos e marrons, barba negra, bigodes tortos, queixo colado ao peito, longa espinha torta e corcunda. Estava apoiado em sua maça, vestido de maneira muito estranha. Não era vestimenta de linha nem de lã, mas de dois couros recém-esfolados, couro de touros ou couro de bois.

Assim que me viu aproximar, o vilão pôs-se em pé. Eu não sabia se ele me queria atingir, mas fiquei preparado para me defender. Vi então que permanecia mui quieto e sem se mexer.

Estava empoleirado em um tronco que tinha bem sete pés de comprimento. Olhava-me, não dizendo mais palavra do que diria um bicho. Acreditei que não sabia falar ou que não tinha siso.

Entretanto, juntei tanta coragem que lhe disse:

– Então, diz-me se és criatura boa ou não.

Ele respondeu:

– Sou um homem.

– Que homem és?

– Tal como vês. Outro nunca fui.

– Que fazes aqui?

– Vivo aqui e guardo os animais destes bosques.

– Guardas os animais? Por São Pedro de Roma, eles não conhecem o homem! Não creio que em planície ou mata, nem tampouco em outro lugar, se possa guardar bicho selvagem, se não estiver amarrado ou trancado!

– Todavia guardo estes aqui, e tão bem os guardo que não sairão destes limites.

– Como fazes? Dize-me a verdade!

– Não há um só que ouse mover-se ao me ver chegar, pois quando posso segurar um deles com os punhos, que tenho duros e fortes, agarro-o pelos dois chifres. Os outros na mesma hora tremem de medo. Ao meu redor se agrupam e todos juntos imploram piedade. Ninguém além de mim poderia estar entre esses bichos sem ser prontamente morto. Sou senhor dos bichos. Mas tu, dize-me que homem és e o que procuras.

– Sou um cavaleiro em busca do que não pode encontrar. Pois procuro e nada encontro.

– E que querias encontrar?

– Aventura, para experimentar minha ousadia e bravura! Peço e pergunto: dize-me se conheces alguma aventura maravilhosa.

– De aventura nada conheço. Jamais ouvi falar. Mas se quiseres ir até uma fonte e tentar devolver-lhe seu direito, não retornarás sem trabalho! Encontrarás aqui perto uma trilha que te conduzirá lá. Se quiseres empregar teus passos como deve ser, irás direto pelo caminho. Guarda-te bem de tudo que poderia te extraviar. Verás a fonte que ferve, apesar de mais fria que o mármore. Dá-lhe sombra a mais bela árvore que jamais natureza soube fazer. Em todo tempo sua folhagem perdura. Não a perde à noite nem de manhã. Dela pende uma bacia de ouro fino, presa por uma corrente tão longa que vai até a fonte. Perto desta encontrarás uma grande pedra (não saberia dizer-te que espécie de pedra, pois nunca vi igual). Do outro lado avistaras uma capela, pequena porém mui bela. Se quiseres pegar água na bacia e a derramar sobre a pedra, verás tal tempestade que nestes bosques não restará bicho, cabrito, gamo, cervo nem javali. Os próprios pássaros a deixarão, pois verás cair raio, chover, trovejar e relampear. E se puderes escapar sem grande tormento e penar, terás melhor sorte que qualquer cavaleiro que lá esteve!

Então separei-me do vilão que me mostrara o caminho. A hora de terça havia passado. Podia ser perto de meio-dia quando avistei a árvore e a fonte.

A árvore era o mais belo pinheiro que jamais cresceu na terra. Não penso que possa chover bastante forte que uma só gota d'água transpasse a ramagem (mas deve escoar por cima). Vi pendurada na árvore a bacia, não de ferro mas do ouro mais fino que nunca esteve à venda em feira.

A fonte – podeis crer – borbulhava como água mui quente. A grande pedra era uma enorme esmeralda, atravessada também por um canal tendo embaixo quatro rubis mais flamejantes e mais rubros do que o sol pela manhã quando surge no oriente. Por minha consciência, não estou contando mentira. Fiquei contente ao ver a maravilha da tempestade e da tormenta. Foi loucura! De bom grado me teria arrependido, se fosse possível, quando reguei a pedra com a água da bacia. Creio que derramei demais! Vi o céu tão revoltado que de mais de catorze partes os relâmpagos me feriam os olhos e as nuvens lançavam chuva, neve e granizo confundidos. O tempo estava tão horrível que cem vezes acreditei ser morto pelos raios que caíam ao meu redor e pelas árvores despedaçadas. Sabei que fiquei em grande angústia até que a tempestade se acalmou. Deus me quis tranquilizar: a tempestade não durou. Os ventos logo serenaram e ventar não mais ousaram.

Ao ver o ar claro e puro, fiquei todo afoito de alegria. E avistei aglomerados nos pinheiros milhares de pássaros. Creia quem quiser: não havia ramo nem folha que não estivesse coberto deles. Era mesmo a mais bela árvore! Docemente os pássaros cantavam cada qual em sua linguagem. Seus cantos se harmonizavam muito bem.

Com a alegria deles me alegrei. Até o fim seu ofício escutei. Jamais ouvi tão bela música. Homem nenhum pode ouvir tal canto, tão aprazível e doce que pensei estar sonhando loucura!

Tanto me apliquei em escutar que não ouvi um cavaleiro chegar. Entretanto, fazia tal estrépito que parecia serem dez. Mas havia apenas um único.

Quando o vi chegando sozinho, encilhei depressa meu cavalo. No montar não fui lento. O cavaleiro correu como um alerão, de semblante feroz qual um leão. O mais alto que pôde gritar, começou a me desafiar:

– Vassalo, haveis me ultrajado sem que eu vos tenha provocado! Se tivésseis alguma razão, deveríeis ter exigido vosso direito antes de partir em guerra contra mim. Mas se puder, sire

vassalo, farei recair sobre vós o dano que está evidente! Ao redor é testemunho todo meu bosque que está abatido. Quem é lesado deve se queixar! E me queixo com razão: vós me expulsaste de minha casa pelo raio e pela chuva. Em meu bosque e em meu castelo fizestes tal investida que nem grande torre nem alto muro seriam da menor valia. Com tempestade assim não há homem em segurança; nem mesmo em fortaleza de pedra dura ou de boa madeira. Mas ficai sabendo que doravante não vos darei trégua nem paz!

Após essas palavras começamos a combater. Embracamos nossos escudos e cada qual se cobriu com o seu. O cavaleiro tinha bom cavalo e lança rija, e era sem dúvida uma cabeça mais alto que eu. Seu cavalo era melhor que o meu e bem mais forte, sua lança era mais longa. (Digo-vos a verdade para encobrir minha desonra.) Dei-lhe o maior golpe que consegui. Atingi-o justamente na alça do escudo. Tão bem apliquei toda minha força que minha lança voou em pedaços e a sua continuou inteira, que não era leve e pesava mais pesado que a lança de qualquer cavaleiro. Jamais vi outra assim grande! E o cavaleiro me golpeou tão rijamente que me derrubou de comprido. Deixou-me desonrado e abatido. Sem me lançar um só olhar, pegou meu cavalo e partiu.

Sentei perto da fonte e lá fiquei. Não ousei seguir o cavaleiro, pois seria loucura. Se o tivesse seguido, não sei o que teria ocorrido.

Por fim, decidi manter a promessa feita a meu anfitrião da noite anterior. Tirei todas minhas armas para caminhar mais aliviado e retornei envergonhado.

Cheguei à noite ao alojamento e encontrei meu anfitrião tão jubiloso, tão cortês como o deixara na véspera. Não me pareceu que nem sua filha nem ele próprio mostrassem então ares menos acolhedores. Ao contrário, fizeram as honras da casa e, ao saberem onde eu estivera, disseram que homem nenhum tinha voltado vivo.

Assim fui, assim retornei, mas não sem me considerar louco. Como um tolo vos contei o que nunca antes havia contado.

– Por minha cabeça – diz sire Ivain, que escutava Calogrenant entre os outros cavaleiros –, sois meu primo coirmão e nos devemos entreamar! Mas vos posso chamar de louco por me haver ocultado a aventura. Se vos chamei assim, peço que não vos agasteis, pois se puder irei vingar vossa desonra!

– É evidente que ele acaba de comer! – torna Kai o senescal, que não sabia calar-se. – Há mais palavras em um pote cheio de vinho que num moio de cerveja. Após o jantar, sem sair do lugar, cada qual vai matar o sultão Noradin! Vossos coxins de sela estão bem estofados? Vossas perneiras de ferro bem polidas e vossos pendões desfraldados? Vamos, por Deus, sire Ivain, ireis esta noite ou amanhã? Revelai-nos, caro sire, quando ireis a esse martírio! Gostaríamos de vos acompanhar. Não haverá preboste nem cantoneiro que não seja de vosso séquito. Não deveis partir sem nos saudar! Mas, se esta noite vos trouxer mau sonho, permaneçei aqui!

– Como! Sois demente, sire Kai? – faz a rainha. – Vossa língua não descansará jamais? Que ela seja maldita, pois é amarga como escamônea! Seguramente vossa língua vos faz odiado em toda parte, ela que diz as piores maldades. Se estivesse em vosso lugar eu a citaria em juízo por traição. Homem que não pode ser corrigido precisa ser ligado à igreja, como fazem com os possessos.

– Minha senhora – retoma sire Ivain –, não me importam suas insolências. Sire Kai pode tantas cousas, conhece tantas e vale tão caro que em todas as cortes jamais será mudo sem surdo!

Ele bem sabe a uma vilania responder com senso e cortesia. Jamais fez de outra forma. Mas não quero parecer com o cão de guarda que se eriça e rosna quando os outros cães rabujam ao vê-lo.

Enquanto assim falavam, o rei saiu do quarto onde permanecera longo tempo, tendo dormido até aquela hora. Os barões, tão logo o viram, puseram-se de pé. O rei os mandou sentar novamente. Junto dele sentou a rainha. Ela contou-lhe a história de Calogrenant palavra por palavra, pois sabia contar muito bem. O rei ouviu-a de bom grado; e três vezes jurou pela alma de Uterpendragon, seu pai, que iria ver essa famosa fonte antes que passasse uma quinzena. Iria para lá na véspera da festa do senhor São João Batista e passaria a noite no lugar com todos seus companheiros.

Depois que o rei assim falou toda a corte o aplaudiu, pois muitos queriam ir, barões e jovens.

Mas entre tanta gente jubilosa sire Ivain ficou mui triste, pois contava ir totalmente só. Bem sabia que sire Kai, sem falha, antes dele teria a batalha, se a pedisse ao cavaleiro da fonte. E mesmamente sire Gawain, a quem o rei não a recusaria. Mas subitamente decide não os esperar, pois não cuidava de sua companhia. Irá totalmente sozinho, para seu júbilo ou para sua desolação. Em Broceliande estará antes de três dias e procurará até encontrar a estreita vereda brenhosa e a charneca, a casa fortificada e a aprazível acolhida da cortês damizela e do homem probo que se arruina para albergar com honra, tanto é franco e de boa índole. Verá a torre, o roçado e o grande vilão que o guarda. Realmente arde por encontrar esse vilão todo disforme, hediondo e negro como um ferreiro.

Espera ver a grande pedra e a fonte, a bacia e os pássaros sob o pinheiro. Fará chover e ventar. Mas não vai se vangloriar. Ninguém saberá cousa alguma de sua aventura, até que obtenha grande desonra ou grande honra.

Sire Ivain deixa a corte. Evita qualquer encontro. Vai sozinho para sua morada, onde encontra todo seu séquito. Manda selarem o cavalo. Chama um dos valetes, do qual nada escondia.

– Ouve – diz-lhe –, sai comigo para fora e traze minhas armas. Em meu palafrém irei por esta porta sem tardar. Manda ferrar meu corcel e traze-o junto de mim. Depois traze de volta meu palafrém. Mas guarda bem o que te ordeno: se alguém te pedir notícias minhas, não as darás. Se fizeres como te disse, juro que nada perderás.

– Sire – diz o escudeiro –, ficai em paz. De mim ninguém saberá cousa alguma. Ide que vos seguirei em breve.

Agora sire Ivain monta. Vingará, se puder, a vergonha de seu primo Calogrenant. Agora o escudeiro corre para o cavalo certo, monta, que não demore mais. Por muito que lhe custe, sire Ivain terminará por ver o pinheiro que sombreia a fonte e a grande pedra e a tormenta de granizo e chuva e turbilhão e vento. À noite, encontra o anfitrião esperado; descobre nele mais bondade e mais honra do que vos contei e disse. E na donzela encontra cem vezes mais siso e beleza do que lhe dissera Calogrenant. Sire Ivain teve nessa noite mui boa pousada para seu prazer.

Na manhã seguinte, foi até o roçado. Viu os touros e o vilão que lhe mostrou o caminho. Persignou-se mais de cem vezes, espantado ao ver como a natureza pôde fazer naquele homem obra tão feia e horrível.

Caminhou até a fonte e viu tudo o que desejava ver. Sem sentar nem se deter, derramou de um jato sobre a pedra toda a água da bacia. De pronto ventou e choveu e fez o tempo que devia fazer. Quando Deus novamente deu bom tempo, ao pinheiro vieram os pássaros que

fizeram uma alegria maravilhosa sobre a fonte perigosa.

Assim que o júbilo voltou, em cólera mais ardente que brasa veio um cavaleiro fazendo tão grande barulho corno se tivesse caçado cervo no cio. Tão logo se avistaram, ambos entreatacaram como quem se entreodeia de morte. Cada qual trazia em riste lança rija.

As lanças se fendem e estilhaçam e voam longe os pedaços. Investem então de espadas. Golpeiam com toda a força dos braços, cortam as alças dos escudos, atacam por cima, por baixo, e retalham tão bem os escudos que chovem pedaços deles. Já não servem para cobrir nem defender. Tanto os talharam em pedaços que livremente as espadas brancas golpeiam com grandes golpes os lados, o peito, os quadris. Terrivelmente se entrejudiam, porém não arredam das posições mais do que o fariam dois postes. Jamais homem viu dois cavaleiros tão encarniçados em morrer! Não lhes importa gastar golpes, e os empregam o melhor que podem. Os elmos vergam e fendem e das lorigas voam as malhas tintas de sangue. As lorigas ficam tão maltratadas que não valem mais que capuz de frade. No rosto se golpeiam de estoque! É maravilha como tanto perdura batalha tão feroz e dura. Mas ambos têm tal coragem que por nada no mundo um cederia ao outro um pé de terra, a não ser para sua morte! Agiram assim como verdadeiros bravos, pois não feriram nem estropiaram os cavalos nem os deixaram cair e rolar, mas sempre se conservaram montados. Nem uma vez ficaram a pé. No final, sire Ivain esquartejou o elmo do cavaleiro desnortado e assustado com o golpe, pois nunca recebera um tão mau que sob a coifa lhe tivesse fendido a cabeça até o cérebro. Do cérebro e desse sangue ficou tingida a loriga de prata. O cavaleiro sentiu tão grande dor que por pouco o coração não lhe falhou. Sentiu-se ferido de morte. Não tinha como se defender. Mui desnortado, fugiu a todo galope para sua vila. Baixaram-lhe a ponte. Escancararam-lhe a porta. E sire Ivain atrás dele, perseguindo-o com todas as forças como o gerifalte investe contra um tordo, levanta vôo de longe e tão perto o aborda que julga agarrá-lo, mas não o toca. Assim Ivain persegue o fugitivo e tão perto o tem que quase o agarra; e no entanto não o pode atingir. E está tão próximo que o ouve lamentar-se do tormento que sofre. Mas continua a fugir, e Ivain continua a esforçar-se, pois crê perdido seu trabalho se morto ou vivo não o tiver. Recorda as insolências que sire Kai lhe disse. Não está quite da promessa que fez a Calogrenant seu primo. Mas acreditarão no que disser, se não levar prova de sua façanha?

Rente a seus calcanhares, até a porta da vila sire Ivain o perseguiu. Ambos entraram juntos. Nem homem nem mulher encontraram pelas ruas onde passaram. Ambos juntos ante a porta do palácio chegaram.

Essa porta era mui larga e alta, mas tinha entrada tão estreita que sem tropeço e sem grande custo dois homens ou dois cavalos não podiam de frente passar nem no meio se encontrar, pois a porta era feita como a armadilha, que ao rato espreita quando ele vem para furtar. Nela está suspenso o cutelo que parte e de pronto golpeia e acerta, que dispara e tomba ao movimento da chave, por mais levemente que homem o toque.

Sobre a soleira havia dois alçapões que sustentavam uma porta corrediça de ferro cortante bem afiado. Quando alguém pisava nessas engrenagens, a porta prontamente descia e quem ela atingia era atingido e cortado em dois. Justamente no meio dos alçapões a passagem era estreita como trilha batida.

O cavaleiro adentrara com grande prudência. Sire Ivain lança-se a galope atrás dele. E tão perto o aborda que toca o arção traseiro. Disso lhe adveio grande bem pois, se não tivesse inclinado o corpo, seria fendido ao meio! Seu cavalo pisa na madeira que sustentava a porta de ferro. Então, como diabo do Inferno, a porta desce de comprido e corta em dois o cavalo; mas

não toca em sire Ivain, graças a Deus! Passa justo ao longo de suas costas, tão perto que corta as duas esporas rente aos calcanhares. Ivain cai para trás, tomado de grande pavor. Assim lhe escapou o cavaleiro ferido de morte que perseguia.

Havia outra porta totalmente igual. O cavaleiro que fugia passou essa porta, que voltou a cair atrás dele. Assim ficou preso sire Ivain. Cheio de angústia, achou-se encerrado em uma sala que tinha todo o teto recoberto de tachas douradas e de belas pinturas em cores ricas. O que mais o atormentava era não saber aonde fora o cavaleiro. Ouviu abrir-se a porta estreita de um cubículo que ficava bem ao lado. Dalí saiu uma donzela de corpo gracioso e belo rosto, que fechou atrás de si a porta.

– Cavaleiro – diz ela –, temo que sejais malvindo! Se vos avistarem aqui dentro sereis feito em pedaços, pois meu senhor está ferido de morte e sei que vós é que o haveis matado. Minha senhora está em tanta desolação e ao redor dela sua gente grita tão alto que pouco falta para se matarem de dor. Sua cólera é tão grande que não conseguem se ouvir e saber se vos devem matar ou prender.

Sire Ivain responde:

– Se aprouver a Deus, não me matarão. Jamais serei preso por eles.

– Não – torna ela –, eu vos ajudarei com todo meu poder. Quem tem medo não é homem probo! Creio que sois homem probo, pois não estais atemorizado. Se for possível, serviço e honra vos prestarei como os que me prestastes. Uma vez, à corte do rei minha senhora enviou-me como mensageira. Talvez eu não tenha sido bastante sensata nem bastante cortês. Pode bem ser que não soube me comportar como deve fazer uma donzela, pois nenhum cavaleiro condescendeu em dizer-me uma palavra, exceto um único: vós que aqui estais. Vós me honrastes e servistes. Da honra que me fizestes vos darei a recompensa. Sei bem que nome tendes, e vos reconheci. Sois filho do rei Urien e vosso nome é sire Ivain. Ficai certo e seguro de que jamais, se quiserdes crer em mim, sereis preso nem maltratado. Guardareis meu anelzinho e, se vos aprouver, devolvei-mo quando eu vos tiver libertado.

Ela deu-lhe o anelzinho que possui a virtude, quando a pedra é girada para dentro, de ocultar o homem de todos os olhares. Quem porta no dedo o anel nada teme. Ninguém poderá vê-lo, mesmo com os olhos arregalados, não mais do que poderia ver o cerne da árvore que é recoberto pela casca.

Após falar assim, ela o levou sentar em um leito recoberto de coxim tão rico que o duque da Áustria não teve igual. Em seguida a donzela lhe diz que, se quisesse, lhe traria de comer. Ivain aceitou de bom grado. A damizela foi prontamente ao quarto e retornou logo, trazendo capão assado, vinho bom em grande talha e cobertura de alva toalha. E Ivain, que tinha muita fome, comeu e bebeu prazerosamente.

Depois que ele bem comeu e bebeu, aconteceu que aqui e ali nesse mesmo lugar surgiram os cavaleiros que o procuravam e queriam vingar seu senhor, que já estava posto em ataúde. A damizela disse a Ivain:

– Amigo, ouvi: todos vos procuram. Na casa há grande bulha; mas, seja o que acontecer, não vos deveis mover e jamais vos irão ver se sobre este leito permanecerdes. Observareis a sala cheia de gente furiosa que pensa vos encontrar aqui. E creio que por aqui trarão o corpo de seu senhor para o enterrar. Começarão a procurar, sob o banco, sob o leito. Seria decerto grande prazer, quem nada tivesse a temer, ver gente tão cegada. Vão ficar tão perplexos e escarnecidos que rebentarão de cólera. Mais não vos posso falar e mais não posso ficar. Mas agradeço a Deus

que me deu bela ocasião de fazer cousa que vos agrade!

Então ela se voltou e prontamente entrou toda a companhia reunida dos dois lados, brandindo bastões e espadas. Grande multidão aí esteve, e grande ajuntamento de gente maldosa e furiosa. Viram a metade do cavalo cortado diante da porta. Estavam certos de que ao abrirem a porta encontrariam dentro do aposento aquele que procuravam para matar. Então mandaram retirar as portas que haviam cortado muita gente. Dessa vez não houve alçapão nem armadilha montada e todos entraram de frente. Acharam a outra metade do cavalo morto diante da soleira. Mas nenhum deles teve olhos para ver sire Ivain, que de bom grado teriam matado. Mas ele os viu raivar, desvairar e se enfurecer. As pessoas diziam:

– Que é isso então, se não há aqui dentro nem porta nem janela por onde homem possa escapar, a menos que seja pássaro que voa, esquilo, doninha, ou bicho tão pequeno ou mais, pois as janelas estão aferrolhadas e as portas foram fechadas assim que nosso sire passou? O homem aqui está, ou morto ou vivo, porque não ficou fora. Encontramos dentro mais da metade da sela e dele nada achamos a não ser as esporas cortadas que lhe caíram dos pés. Vamos procurar bem em todos os cantos. Ele está aqui dentro, temos certeza, ou estamos todos encantados, ou então o Maligno o arrebatou!

Assim, inflamados de cólera, todos o procuravam pela sala e batiam nas paredes e nos leitos e nos bancos, exceto no leito onde Ivain estava estendido. Por isso ele não foi atingido nem tocado; mas golpearam bastante ao redor e remexeram com grandes bastonadas, como cegos procurando às apalpadelas.

Enquanto iam dando com os bastões sob os leitos e escabelos, surgiu uma das mais belas damas que criatura terrena jamais viu. Da boca de tão formosa cristã não saía uma palavra. Estava muito enlouquecida de dor, que por pouco não morreu. Lançava tão grandes gritos que não podia mais e tombava desfalecida. Quando levantava de novo, começava a dilacerar as vestes e a puxar os cabelos. Nada a podia confortar, pois via levarem à frente seu senhor morto em ataúde. A água benta, a cruz e o círio iam diante dela com as damas de um convento; mais o livro e os incensórios e o padre concedendo à mísera alma suprema absolvição.

Sire Ivain viu a dor e ouviu os gritos que homem não saberia jamais descrever. E a procissão passou, e juntou ao redor do ataúde grande multidão, pois o sangue quente, claro e rubro corria ainda da chaga do morto. Isso era prova verdadeira de que ainda estava ali, sem sombra de dúvida, aquele que combatera e matara o cavaleiro. Então eles procuraram por toda parte. Cada qual dizia: – Está entre nós aquele que o matou, e não o encontramos! É mesmo maravilha e feitiçaria!

E a dama gritava com toda força: – Ah, Deus! Não encontrarão o traidor, o homicida que matou meu bom senhor? Bom, não! O melhor dos bons! Verdadeiro Deus, então querias assim, se o deixas escapar de nós! Não censurarei outro senão tu, que o ocultas à minha vista! Jamais homem viu tal abuso nem tal erro como fazes, não me deixando ver aquele que está junto de mim. Posso dizer não sem razão que entre nós aqui dentro se pôs um fantasma ou o Inimigo. Estou toda embruxada! Se for covarde, tem medo de mim. Ah! fantasma, covarde cousa, por que tens tanto medo de mim, tu que foste tão audaz com meu senhor? Cousa vã, cousa falhada, por que não estás em meu poder, por que não te posso agora agarrar! Mas como pôde advir que tenhas matado meu senhor se por traição não o fizeste? Verdadeiramente jamais terias vencido, se meu senhor te houvesse visto: ele não tinha igual no mundo. Nem Deus nem homem conhecia outro. Se fosses homem mortal, não terias ousado combater com meu senhor, pois ninguém se podia medir com ele.

Assim a dama se revolta, e com ela sua gente não cessa de ter o maior pesar. Levam o corpo para enterrar. Tanto vasculharam por toda parte que estão tontos; e deixam aquele que procuravam mas não puderam ver.

Depois que os padres e as freiras celebraram o serviço, eles retornaram da igreja e foram à sepultura. Mas de tudo isso não cuidava a damizela do quarto. Lembrando-se de sire Ivain, logo vem ter com ele e diz:

– Gentil sire, vistes aqui dentro essa multidão de gente armada? Deus sabe que esbravejaram e vasculharam todos os esconderijos mais miudamente que perdigueiro rastreando perdiz ou codorniz. Sem dúvida tivestes medo.

– Por minha fé – torna ele –, dizeis verdade! Medo maior do que pensava. Mas, se fosse possível, por uma fresta ou janela gostaria de observar a procissão e o corpo.

Ivain não prestou atenção ao corpo nem à procissão. Queria que todos fossem grelhados, cem marcos tivesse isso custado! Cem marcos? Ora essa! Mais de cem mil! Pediu para ver a senhora do castelo, e a damizela o colocou em uma pequena janela, feliz de se desobrigar do que lhe devia. Por essa janela sire Ivain espreita a bela dama, que diz ao corpo de seu senhor:

– Gentil sire, Deus tenha mercê de vossa alma, tão verdade que pelo que sei jamais estive em sela cavaleiro que vos valesse! Jamais viveu homem de vosso valor, mesmo entre os vossos. Largueza era vossa amiga, coragem vossa companheira. Na companhia dos santos, meu querido senhor, esteja vossa alma!

Então ela golpeia e dilacera tudo que lhe vem à mão. Com grande custo sire Ivain se impede de correr e segurar-lhe as mãos. A damizela suplica e ralha e ordena que obedeça às suas ordens. Que evite fazer loucura! Diz ela:

– Estais mui bem aqui. Guardai-vos de sair antes que sua dor esteja acalmada. E deixai essa gente partir, o que vão fazer pouco a pouco. Dominai-vos como digo e grande bem vos poderá advir. Sede sensato e não deixeis a cabeça em penhor, pois eles não aceitariam resgate. Deveis estar bem atento. Lembrai meu conselho! Ficai em paz até que eu retorne. Não posso permanecer aqui, pois se não me virem em companhia das outras iriam suspeitar de mim e me reprenderiam rudemente.

Ela parte e ele permanece cheio de cuidado enquanto vê que enterram o cavaleiro. Atormenta-se de não poder levar consigo algo que testemunhe que o matou. Sem isso estará desonrado, tanto Kai é perverso e malvado, pleno de maledicência; e jamais lhe dará trégua, escarnecendo-o com zombaria, como fez inda outro dia.

Mas com seu açúcar e mel em favos adoçou-o Amor novo que por sua terra passou e colheu todo seu espólio. A inimiga de Ivain leva consigo seu coração. Ele ama quem mais o odeia. A dama vingou bem a morte de seu senhor (mas não sabe disso!). Teve vingança maior do que poderia por si mesma, se Amor não a tivesse vingado. Amor matador ataca-o tão docemente que pelos olhos atinge-lhe o coração. E esse golpe fere mais vivamente que golpe de lança ou de espada. Pois golpe de espada sara depressa quando o médico põe seu cuidar. Chaga de Amor tanto piora quanto mais próximo está o médico. Sire Ivain porta chaga da qual jamais ficará curado. Amor entregou-se a ele. Amor volta para os lugares onde estava espalhado. Depois Amor vai embora. Não quer ter alojamento nem anfitrião que não sire Ivain. Amor é como o bravo que nada quer deixar de si em mau lugar. É grande vergonha que Amor seja assim e contudo faça pensarem mal de si, que albergue no pior lugar que encontra como também no melhor do mundo. Desta vez ele soube vir! Será bem considerado e terá bom albergar. Assim Amor, que é

mui nobre, deveria sempre se comportar. Não é espantoso que ele ouse vergonhosamente em mau lugar appear? Amor assemelha-se àquele que na cinza e na poeira espalha seu bálsamo, odeia a honra, ama o reproche, dissolve a fuligem, mistura açúcar com mel. Mas aqui não agiu mal, Amor que se alojou em lugar franco onde ninguém lhe fará agravo.

Após enterrarem o morto, todos se afastaram. Não permaneceram clérigos nem cavaleiros, valetes nem damas, exceto a senhora que não oculta sua dor, arranha o rosto, retorce as mãos e lê um saltério. Sire Ivain ainda está à janela e a contempla. Quanto mais se previne mais a ama, mais ela lhe apraz. Desejaria que não chore nem leia em seu saltério e condescenda em lhe falar. Nesse desejo o pôs Amor que à janela o prendeu. Ivain se desespera de seu desejo, pois não pode crer que possa advir o que deseja. E diz a si mesmo:

– Pela minha fé, devo conter-me quando vejo o que não terei! Feri de morte seu senhor e espero conciliar-me com ela? Por minha fé, não posso duvidar de que neste momento me odeie mais do que tudo no mundo, e com razão. Neste momento, disse eu, e fui prudente, pois mulher tem mais de mil corações. O sentimento que é o seu neste momento em que falo, talvez ela o mude ainda? Mudará seguramente! Seria louco de não crer nisso! Deus lhe conceda mudar em breve! Preciso estar em seu poder para sempre, pois é Amor que assim quer. Quem não acolhe amor quando este o visita, faz traição e vilania! Sim, como bom entendedor digo que não deve receber dele nem bem nem alegria. E eu, deve ela chamar-me amigo? Sim, sem dúvida, porque a amo. E sou então seu inimigo? Não, certamente, mas seu amigo, pois jamais alguém no mundo quis tanto amar. Tenho piedade de seus belos cabelos que reluzem mais que ouro puro. Que fina maravilha ela seria de olhar se estivesse jubilosa, pois se em fúria já é tão grande sua beleza! Sim, verdadeiramente, posso jurar, jamais Natureza foi mais generosa! Então como pode ser isso? De onde veio tão grande beleza? Deus a fez com a mão nua para espantar a natureza. Esta poderia gastar todo seu tempo em imitar tal obra e não conseguiria fazer outra parecida. Mesmo Deus, se o quiser tentar, tampouco o poderia.

Assim sire Ivain descreve aquela que se despedaça de dor. Não creio que jamais tenha ocorrido que um homem em sua prisão (como está sire Ivain), e temendo perder a cabeça, ame de tão louca maneira.

Assim ele permaneceu à janela até que viu a dama partir e baixarem-se as portas corrediças. Um outro ficaria aflito e teria preferido libertação a permanência. Mas para Ivain é indiferente que abram ou fechem as portas. Não teria partido se as portas estivessem abertas, se a dama o autorizasse a partir, ou perdoasse de boamente a morte de seu senhor e lhe concedesse liberdade de partir em segurança. Amor e Vergonha o retêm. Amor e Vergonha ao mesmo tempo. Se for embora será para desonrar-se pois ninguém acreditará em sua façanha. Domina-o tão grande desejo de ao menos ver a bela dama que pouco lhe importa estar cativo.

A damizela retorna, para o acompanhar, divertir e consolar, ir buscar e trazer o que queira para seu prazer. Por efeito de Amor que o domina, encontra-o distraído e pensativo.

– Sire Ivain, como passastes o tempo hoje?

– De forma tal – respondeu – que muito me agradou!

– Agradou? Por Deus, estais dizendo verdade? Como? Pode ter bom tempo quem vê que o procuram para matar, a não ser que queira e deseje a própria morte?

– Certamente – faz ele –, minha cara amiga, de morrer eu não gostaria o mínimo. Mas no entanto muito me agradou o que vi, e, por Deus, me agrada sempre.

– Deixemos isso em paz – diz a donzela, que sabe adivinhar aonde essa fala quer levar. –

Não sou tão ingênua nem louca. Vinde atrás de mim e em breve me arranjaré para vos alojar fora de prisão. Ao abrigo do perigo vos porei, esta noite ou amanhã, se assim quiserdes. Vinde! Vou conduzir-vos.

Responde Ivain:

– Asseguro que não partirei às escondidas como ladrão. Quando estiver reunida a multidão entre essas ruas, lá fora irei com mais honra do que durante a noite poderia fazer.

Entraram então em um quartinho onde ele encontrou tudo o que podia desejar.

Quando ficou só, lembrou de haver dito que experimentara grande prazer quando pela sala o procurava aquela gente toda que o odiava de morte.

A damizela estava tão bem com sua senhora que nada temia dizer-lhe de qualquer assunto, pois era sua aia e guardiã. Por que seria covarde ao reconfortar sua senhora e admoestarlhe a honra? Na primeira ocasião, ambas a sós, diz ela:

– Senhora, estou bem surpresa de vos ver agir tão loucamente. Acreditais recuperar vosso marido lamentando-vos assim?

– Não – faz ela –, mas gostaria de estar morta de dor.

– Por quê?

– Para ir junto dele.

– Junto dele? Deus vos defenda disso e vos dê algum senhor tão bom, como ele pode fazer.

– Jamais disseste mentira assim, que ele poderia me dar um senhor igualmente bom!

– Outro melhor, se o quiserdes tomar, ele vos dará; posso vos provar isso.

– Vai-te! Paz! Jamais o encontrarei.

– Encontrará sim, senhora, se vos convier. Ora dissei-me, sem vos aborrecer, quem vossa terra defenderá quando o rei Artur vier, na outra semana, como ele disse, à grande pedra e à fonte? Não recebestes mensagem pela Damizela Selvagem que vos enviou uma carta? Ela empregou bem seu tempo! Deveríeis tomar conselho para defender vossa fonte, e não terminais de chorar! Por favor, não tendes tempo a perder, minha cara senhora. Os cavaleiros que possuis não valem mais que uma camareira. Tendes junto de vós demasiada gente sem honra e não haverá um único tão bravo que ouse montar a cavalo. O rei vem com tantos cavaleiros que tomará tudo sem defesa.

A dama bem o sabe, e pensa que esse é um conselho de boa fé. Mas ela tem em si uma loucura que as outras mulheres têm também. Quase todas fazem de forma que se exprobam por suas loucuras, mas rechaçam o que desejam.

– Vai-te – diz –, deixa-me em paz! Se te ouvir falar de novo, mal te advirá se não fugirdes! Dizes tantas palavras que me aborreces!

– Ora, seja! – torna ela. – Senhora, é evidente que sois mulher que se encoleriza quando ouve que lhe trazem bom conselho.

A damizela deixou-a e a dama refletiu que estivera muito errada. Gostaria muito de saber como poderiam provar-lhe que haveria um cavaleiro melhor do que o foi seu senhor. De bom grado escutaria, mas proibira que dissessem! Assim, pensando, ficou esperando o retorno da damizela que, nada submissa à proibição, recomeçou a dizer-lhe:

– Ah, senhora, é conveniente morrerdes de dor? Por Deus, contende-vos! Abandonai

essa tristeza! A tão alta dama não cabe tão longa dor! Lembrai-vos de vossa linhagem! Acreditais que toda bravura esteja morta com vosso senhor? Cem igualmente bons e cem melhores permaneceram vivos pelo mundo.

– Se não mentes, Deus me confunda! No entanto, cita-me um único que em toda vida haja tido renome de valentia como meu senhor!

– Ficareis descontente e encolerizada comigo!

– Não ficarei, asseguro-te.

– Quando dois cavaleiros vieram às armas em batalha, qual deles acreditais que mais valha quando um venceu o outro? Por mim, daria o prêmio ao vencedor. E vós, o que faríeis?

– A meu aviso, estás me armando armadilha e me queres pegar com palavras.

– Por minha fé, podeis ouvir que digo verdade. Estou vos provando por necessidade que vale mais o cavaleiro que venceu vosso senhor. Ele o venceu e acossou mui ousadamente até aqui, onde vosso senhor se trancou em sua casa.

– Eis que ouço a maior insensatez que já foi dita! Para trás, jovem repleta de espírito maligno, rapariga louca e insuportável! Nunca mais digas tal tontice e não venhas mais diante de mim, se deves me falar dele!

– Certamente, senhora, eu bem sabia que não ficaríeis contente comigo, e perdi bela ocasião de me calar!

Retorna para seu quarto, onde permanece sire Ivain, que ela está feliz em servir. Mas nada há que lhe agrade, pois que não pode ver a dama. E toda a noite a dama teve o mesmo grande desassossego. Começava a arrepender-se de haver censurado e desamado aquela que, sem lisonja nem interesse ou amor por sire Ivain, tinha tão bem falado a seu favor. A damizela a ama mais que ele e é amiga demasiado leal para dar mau conselho. A dama desculpa o cavaleiro por razão e bom argumento, dizendo que ele nada malfez. Exculpa-o como se ele estivesse à sua frente e ela defendesse sua causa:

– Vamos – diria –, podes negar que por ti foi morto meu marido?

– Isso – responderia ele – não posso negar, e concordo.

– Dize-me, então, por que o fizeste? Foi por ódio ou desprezo?

– Que eu morra agora mesmo se o fiz por malevolência!

– Então não pecaste para comigo e não erraste para com ele, pois se o pudesse ele te mataria. Assim, em sã consciência acreditarei que julguei de acordo com o direito...

A damizela retornou pela manhã e recomeçou seu latim no ponto onde o deixara. A dama lá estava, cabeça baixa, mui confusa de haver dito mal. Ela queria perguntar o nome do cavaleiro, sua condição e linhagem. Então se humilha humildemente e diz:

– Imploro vosso perdão pelo grande ultraje, pelas palavras de orgulho que vos disse como louca. Não mais o farei. Dizei-me, se sabeis: esse cavaleiro cujo interesse me haveis defendido tão longamente, que homem é ele e de qual linhagem? Concedo-vos que, se for digno de mim e não se esquivar, farei dele senhor de minha terra e de minha pessoa. Mas convirá agir de sorte que não possam fazer intrigas nem dizer: “Eis a dama que tomou aquele que ao seu senhor matou.”

– Por Deus, minha senhora, será assim? Tereis o senhor mais gentil, mais nobre, e o mais belo que foi da raça de Abel.

– Qual é seu nome?

– Sire Ivain.

– Por minha fé, não é um vilão! É mui nobre, bem sei. É filho do rei Urien.

– Por minha fé, senhora, dizeis verdade.

– E quando o poderemos ver?

– Dentro de cinco dias.

– É demasiado tarde! Que venha esta noite ou amanhã!

– Senhora, creio que nem um pássaro poderia voar tanto em um dia. Mas farei ir até ele um garoto que corre mui depressa e estará na corte do rei Artur amanhã à noite, assim espero. Mas ele não poderá fazer melhor.

– É tempo demais! Os dias são longos. Dize-lhe que amanhã à noite esteja de volta. Que faça mais rápido que de costume! Ele se esforçará, se quiser! De duas jornadas fará uma. Esta noite luzirá a lua. Que faça da noite dia, e lhe darei no retorno tudo que quiser receber.

– Deixai comigo essa tarefa! Sim, vós o tereis em vossas mãos pelo menos daqui a três dias. Amanhã reunireis vossa gente e pedireis opinião a respeito do rei Artur que deve vir. Para manter o costume de defender vossa fonte, deveis tomar bom conselho. Não haverá homem de alta linhagem que ouse ir defendê-la. Então podereis dizer com justa razão que conviria vos casardes. Um cavaleiro muito ilustre vos requesta, mas não o ousais tomar se eles não estiverem de acordo e não o aceitarem. Sei que são todos tão pouco bravos que, para encarregar outro de um fardo que lhes pesará demasiado, cairão todos a vossos pés e vos agradecerão de ficarem quites de seu grande medo. Quem teme a própria sombra evita combater com lança ou com dardo. É mau jogo para o covarde!

Responde a dama:

– Por minha fé, já havia pensado o que me acabas de aconselhar. Assim faremos então. Mas por que inda estás aqui? Vai-te, e não tardes mais! Faze de sorte a trazê-lo! Ficarei com minha gente.

Assim terminou a conversação.

A damizela fingiu que mandava buscar sire Ivain em sua terra. Todo dia ela o faz banhar, lavar a cabeça e bem pentear. Também lhe apresta roupa de escarlata vermelha forrada de veiro, polvilhada de giz. Não há o que não lhe empreste para o adornar do melhor: fivela de ouro enriquecido de pedras e cinto com esmoleira brocada de ouro.

Depois avisou sua senhora:

– Está feito: o mensageiro voltou bem desincumbido da mensagem!

– Como? – diz a dama. – Quando virá sire Ivain?

– Já está aqui!

– Está aqui dentro? Que venha prontamente às ocultas e em segurança, enquanto ninguém está comigo! Vigiai que ninguém venha aqui. Eu odiaria uma quarta pessoa!

A damizela sai e vai até seu hóspede. Não mostra no semblante o contentamento que tem no coração. Diz a sire Ivain:

– Minha senhora sabe que vos dei asilo. Ela me exproba, me odeia e guarda rancor. Mas deu-me garantia de que vos posso conduzir diante dela sem que arrisqueis o menor dano. Sem mentira e sem traição, ela não quer senão vos ter em sua prisão. E, se quer ter o corpo, quer ter

também o coração.

– Certamente – diz ele –, é o que desejo. Não sofrerei dor por isso. Em sua prisão quero muito estar.

– Lá estareis, pela mão direita que vos dou!

Encontraram a dama sentada sobre um coxim rubro. Medo mui violento sente sire Ivain ao penetrar no quarto. Eles vêem a senhora, que não diz palavra. Ivain se atemoriza e acredita ser traído. Mantém-se longe da dama enquanto a donzela fala, dizendo:

– Que o diabo leve a alma daquela que traz em aposento de bela dama um cavaleiro que não ousa aproximar-se e não tem nem língua nem boca nem fala com que a saiba saudar!

Dizendo essas palavras, pelo braço a donzela o puxa e lhe diz:

– Vinde por aqui, cavaleiro, e não tendes medo de minha senhora! Deveis pedir-lhe que vos conceda paz. E suplicarei convosco que vos perdoe a morte de Esclados o Ruivo, seu senhor.

Agora Sir Ivain junta as mãos, põe-se de joelhos e diz como verdadeiro amigo:

– Senhora, não implorarei mercê e no entanto vos agradecerei tudo o que quiserdes fazer de mim. Pois nada me poderia desagradar.

– Não, sire? E se eu vos matar?

– Senhora, todo à mercê de vós. Não me ouvireis dizer outra cousa.

– Jamais – torna ela – ouvi tal palavra: em tudo e por tudo vos colocais totalmente em meu poder e sem que vos obrigue.

– Senhora, sem mentir, não há no mundo força como essa que me ordena concordar com vosso querer em tudo e por tudo. Nada temo fazer que vos agrade ordenar-me e, se pudesse reparar a morte com que vos fiz mal, prontamente a repararia.

– Como? – faz ela. – Dizei (e vos desobrigo de reparação) como não me haveis feito mal quando matastes meu senhor?

– Quando vosso senhor me atacou, que erro fiz ao me defender? Quem quer a outrem matar ou prender, se o mata aquele que se defende, dizei-me se age mal!

– Não mesmo, se observarmos bem o direito. Creio que seria culpada se vos tivesse feito morrer. Mas gostaria muito de saber de onde pode vir essa força que vos ordena consentir em minha vontade sem contestação. Considero-vos quite de todo erro e de todo malfeito. Sentai e contai-me como sois tão submisso.

– Senhora – responde Ivain –, a força vem de meu coração que a vós se prende. Nesse querer meu coração me pôs.

– E quem pôs o coração, mui doce amigo?

– Senhora, meus olhos.

– E quem pôs os olhos?

– A grande beleza que vi em vós.

– Então a culpa é da beleza?

– Senhora, é ela que me faz amar tanto.

– Amar? A quem?

– A vós, senhora querida.

– A mim?

– É a verdade.

– De qual maneira?

– Tal que não pode ser maior, tal que de vós não se afasta meu coração, tal que todo a vós me entrego, tal que vos amo mais que a mim, tal, se vos aprouver, que a vosso gosto quero morrer e viver por vós.

– E por mim ousareis tomar a defesa de minha fonte?

– Sim, senhora, contra todo homem que vier.

– Sabei então que a paz está feita entre nós.

Assim se puseram ambos de acordo. A dama já havia parlamentado diante de todos seus barões. Ela pôde dizer a Ivain:

– Iremos ao salão onde está a gente que me louvou e aconselhou e concedeu que eu tomasse marido para a necessidade que eles conhecem. Aqui mesmo dou-me a vós, pois não devo fazer recusa a bom senhor e filho de rei.

A dama leva-o a uma sala que estava cheia de cavaleiros e valetes. Sire Ivain tinha tão belo ar que todos os barões o admiraram e todos juntos se levantaram, e o saudaram curvando-se e dizendo:

– Eis aquele que ficará com a senhora. Infeliz de quem o proibir! Parece homem probo à maravilha. Certamente a imperatriz de Roma encontraria nele bom marido! Possam ambos comprometer-se, mão na mão nua, e esposar-se hoje ou amanhã!

Começou então o senescal:

– Senhores – diz ele –, a guerra nos está declarada. A cada dia o rei se prepara para vir fazer dano a nossas terras. Antes que a quinzena passe, elas serão devastadas, se não houver aqui um bom mantenedor. Quando minha senhora se casou, não há ainda seis anos prescritos, ela o fez segundo vosso conselho. Morto por desventura está nosso sire. Já não tem para si mais que uma toesa de terra, ele que possuía todo este país e que tão bem o governava. E grande pena que tenha vivido pouco! Mulher não sabe portar escudo, nem sabe golpear com a lança. Mas pode aumentar seu valor tomando bom senhor. Jamais houve maior precisão disso. Portanto, aconselhai-a todos a tomar novo senhor, para que seja mantido o costume que é seguido neste castelo há mais de sessenta anos.

A essas palavras todos juntos dizem que lhes parece o certo a fazer. E todos se precipitam a seus pés. Mas a senhora se faz rogar; e cada qual a contradiz. Então ela fala:

– Senhores, pois que vos convém, esse cavaleiro que junto de mim está sentado muito me pediu e requestou. Ele quer se pôr a meu serviço e agradeço-lhe por isso. Vós também lhe agradeceréis. Antes deste dia eu não o vira, mas ouvira falar dele. Ele é nobre, ficai sabendo: é o filho do rei Urien. Além de ter alta linhagem e mui grande vassalagem, este cavaleiro é tão cortês que homem não me pode desaconselhar de o esposar. Creio que haveis todos ouvido falar de sire Ivain. É ele, Ivain, que me pede. Jamais terei mais alto senhor que se possa comprometer comigo no dia que quiserem.

Dizem todos:

– Se quereis agir com siso, este dia presente não passará que não tenhais feito o casamento. E loucura retardar de uma hora o proveito que podemos esperar.

Tanto lhe pediram que ela consente no que teria feito sem eles, porque Amor lhe ordenava. Pela mão sire Ivain tomou a dama de Landuc, filha do duque de Landunet. No mesmo

dia, sem demora, Ivain a desposou e fizeram as núpcias. Nela homem viu muitos báculos e mitras, pois a dama havia mandado chamar seus bispos e padres.

Sire Ivain agora é senhor. O morto é bem depressa esquecido. Aquele que o matou tem agora sua mulher e ambos deitam juntos. A gente ama e preza mais o vivo do que amava e prezava o morto. O melhor que puderam eles o serviram em suas núpcias, que duraram até a véspera do dia em que o rei Artur veio ver a maravilha da fonte e da grande pedra. Todos os companheiros do séquito do rei estiveram nessa cavalgada.

Falava assim sire Kai:

– Por Deus, que é de sire Ivain, que se vangloriou, após comer, que iria vingar seu primo? Isso aconteceu após beber. Fugiu, eu pressinto! Não ousava vir diante de nós. Ele se vangloria por grande orgulho. É audaz aquele que ousa vangloriar-se de façanha da qual não tem testemunha! Entre o mau e o bravo há grande diferença: o mau homem, diante do perigo, fala dele com belas palavras. Toma todas as pessoas por tolos. Mas o bravo ficaria bem agastado de ouvir celebrar por outro as proezas que foram suas. No entanto, concordo com o mau que não está errado de se vangloriar. Se ele próprio não se louvar, quem o louvará? Então sire Gawain falou:

– Perdão, sire Kai – diz ele. – Se sire Ivain não está aqui, não sabeis se não há impedimento para tal. Jamais ele se rebaixou em dizer tantas vilanias quanto vos fez de cortesias.

– Sire – diz Kai –, calo-me então; não me ouvireis falar disso, pois que vos desagrada.

O rei Artur, para ver a chuva, derrama uma bacia repleta de água sobre a grande pedra, embaixo do pinheiro. E choveu chuva mui pesada.

Não tardou que sire Ivain entrasse armado na floresta e viesse a todo galope em cavalo forte e atirado. E sire Kai resolveu pedir batalha, pois, não importava o desfecho, sempre queria ser o primeiro nas justas e nos combates, ou então ficava encolerizado. Assim, vem diante do rei pedir que lhe permita essa batalha.

– Kai – diz o rei —, pois que vos apraz e antes de todos haveis pedido, a cousa não vos deve ser recusada.

Kai agradece-lhe e depois monta.

– Se lhe puder fazer alguma desonra, de bom grado o farei – pensa nesse entretempo sire Ivain, que o reconheceu pelas armas.

Pegou seu escudo pelas alças, e Kai fez o mesmo. Espicçam os cavalos, baixam as lanças. Os outros os afastam como deve ser. Um contra o outro ambos se lançam, se encarniçam em aplicar tais golpes que as duas lanças entrechocam e vão até o ponto fendente. Mas sire Ivain assesta em Kai golpe tão potente que por cima da sela este dá uma cambalhota e cai, elmo por terra. Mais mal não procura fazer-lhe sire Ivain, que desce em terra e pega o cavalo.

Foi bem feito para sire Kai, e houve mais de um que zombou dele.

– Ai! Ai! Como jazeis, vós que desprezais os outros! E no entanto é mui justo que vos perdoemos por esta vez, pois tal jamais vos adveio!

No entretempo veio sire Ivain ter com o rei. Pelo freio levava o cavalo na mão, porque o queria devolver ao rei. Diz-lhe:

– Sire, fazei prender este cavalo. Seria mal de minha parte se detivesse algo de vós.

– Quem sois? – diz o rei. – Não vos reconhecerei pelo falar se não vos ouvir nomear.

Então sire Ivain diz seu nome e Kai fica arrasado de vergonha, e todo enleado e todo confuso e humilhado de haver dito que sire Ivain fugira. Mas os outros estão jubilosos. Fazem grande alegria pela façanha. O rei partilha desse júbilo, mas cem vezes maior ainda é o de sire Gawain, que amava a companhia de Ivain bem mais que a de qualquer outro cavaleiro.

O rei chama Ivain e pede que lhes conte, se quiser, o seguimento de suas façanhas, pois tinha grande desejo de conhecer toda a aventura. A dizer verdade, ele o conjura. Ivain lhes conta tudo, mais o serviço e a bondade que a damizela lhe fez, e nenhuma coisa esqueceu. Depois, suplica ao rei que venha albergar em sua casa com todos os cavaleiros do séquito. Honra e alegria lhe farão. O rei responde que de bom grado, oito dias inteiros, jubilosamente lhe fará companhia.

Sire Ivain agradece. Eles não permanecem longo tempo, pois partem para o castelo por caminho reto. Ivain envia à frente um escudeiro portando falcão de caçador, para que a chegada da companhia não surpreenda a senhora e os serviçais façam a casa bela para o rei.

E a senhora fica mui feliz de ouvir a nova do rei que vem. Não há ninguém que não fique contente e jubiloso. A dama ordena-lhes irem ao encontro do rei.

Vão todos ao encontro do rei da Bretanha, sobre cavalos de Espanha.

A todos saúdam mui altamente, o rei Artur primeiramente e depois toda sua companhia. Dizem: – Bendita é esta estrada que de tantos homens probos está cheia! Bendito seja aquele que os traz e nos dá tão bons hóspedes!

Diante do rei o burgo ressoa com toda a alegria que fazem. Lençóis de seda são trazidos fora, estendidos como ornamento. De tapetes fazem pavimento e pelas ruas os desdobram. Contra o calor do sol cobrem as ruas de dosséis. Os sinos, as trompas, as buzinas fazem tão bem ressoar todo o burgo que homem não teria ouvido Deus troar. Diante do rei dançam as donzelas. Soam flautas e flautins, címbalos, tambores, tamborins. Jovens dão saltos e fazem malabarismos. Querem ver quem será o mais alegre para acolher o rei Artur.

A senhora de Landuc saiu, vestida com roupa imperial de arminho franjada e portando na cabeça diadema com um rubi ornado. Em torno dela se comprime a multidão, e todos dizem um após outro:

– Bem-vindo seja o rei, senhor dos reis e dos senhores do mundo!

Ele não pode responder a todos, o rei, que vê aproximar-se a dama para segurar-lhe o estribo. Mas esse gesto ele não quer esperar e não tarda a apear. Ela o saúda e diz:

– Bem-vindo seja cem mil vezes o rei senhor! Bendito seja sire Gawain, seu sobrinho!

– Em vosso corpo e vosso espírito, ó bela criatura, haja alegria e mui boa aventura!

Depois ele a abraça estreitando-a, e ela também abre-lhe os braços.

Dos outros nada direi, nem como a dama os acolhe, mas jamais ouvi falar que pessoas foram tão festejadas e honradas e bem servidas. Do júbilo nada vos direi, por medo de perder meu tempo. Mas contarei o entendimento que quero recordar aqui, que foi feito em conselho privado entre a lua e o sol. Sabeis o que quero dizer? Aquele que foi senhor dos cavaleiros e que sobre todos teve renome deve ser chamado sol. Digo isso de sire Gawain, por quem a cavalaria é toda iluminada como sol da manhã. Ele dardeja seus raios e dá claridade em todos os lugares onde se espalha. Desse sol reluz a lua, o astro único que tem grande senso e cortesia. Não o digo somente por seu grande renome, mas porque a jovem se chamava Lunete.

Era graciosa, trigueira, muito acolhedora e ajuizada. Com sire Gawain se liga, que lhe tem afeição e a ama e de sua amiga a chama, pois preservou de morte um companheiro mui caro.

Ele lhe oferece seu serviço. E ela conta e descreve como com grande custo conquistou tão bem sua senhora que esta veio a tomar sire Ivain como marido, e como o subtraiu às mãos dos que o procuravam. Sire Gawain ri muito do que ela conta, e diz:

– Minha damizela, dou-vos para quando vos aprouver um cavaleiro como sou. Não me troqueis por outro melhor! Sou vosso e sede doravante minha damizela.

Ela agradece. Assim, ambos se entreligaram. Uns aos outros se davam, por havia lá bem noventa damizelas airosas e belas, também damas sensatas e gentis e de alta linhagem. Com elas podiam se divertir e se abraçar e beijar e conversar e junto delas sentar.

Terminada sua estada, o rei fez preparar a partida. Os cavaleiros tinham a semana toda suplicado e muito se empenhado para persuadir Ivain a partir com eles.

– Como – dizia sire Gawain –, serieis vós desses que valem menos por causa de sua mulher? Desonrados sejam eles, por santa Maria! Aquele que tem por mulher ou amiga uma bela dama deve tornar-se melhor. Não é justo que, porque ela o ama, ele perca seu renome e seu valor. Certamente não será vossa única privação se vos tornardes inda pior. Pois a mulher depressa retoma seu coração, e não está errada de desprezar aquele que perde valor e o esquece no amor. Antes de tudo deve crescer vosso preço. Rompei o freio e o cabresto! Iremos a torneio, eu e vós, que não nos chamem ciumentos! Não vos deveis dar a devaneios, mas freqüentar justas e torneios, por mais que isso vos possa custar. Quem não se movimenta se torna sonhador! Tendes de vir conosco. Não irei sob outra insígnia. Bom companheiro, fazei de forma que não falte alguém em nossa companhia! Não serei eu, juro. É maravilha como não cuida disso aquele que sempre tem como quinhão a felicidade. Felicidade é mais doce de saborear quando longo tempo se fez esperar. Deleite de amor que vem tarde na vida parece acha de lenha nova que queima e dá mais calor, e tanto mais a lenha vale quanto for lenta em acender. Há certos hábitos de que é difícil se desfazer. Quando queremos, não podemos. Isso eu não diria se tivesse tão bela amiga como tendes, caro companheiro. Pela fé levo a Deus, com grande penar a deixaria! Para dizer a verdade, enlouqueceria! Mas quem aconselha bem a outrem não saberia aconselhar a si mesmo, como esses pregadores desleais que ensinam e pregam o bem do qual nada querem fazer!

Sire Gawain tanto disse e tanto pediu que obteve de Ivain a promessa de que pediria à sua mulher autorização para partir. Então iria, se a obtivesse; e, fazendo loucura ou sensatez, retornaria à Bretanha.

Ivain chama de lado a dama, que dessa partida não suspeita, e lhe diz:

– Minha mui querida senhora, vós que sois meu coração, minha alma, meu bem, minha alegria e minha saúde, prometei-me uma cousa para felicidade vossa e minha...

A dama prontamente a concede, sem saber de que se trata:

– Caro sire – diz ela –, ordenai o que desejais!

Então sire Ivain lhe pede permissão para acompanhar o rei e ir torneiar também, para que não o chamem de folgado.

Respondeu ela:

– Concedo-vos essa permissão, mas somente com um prazo. O grande amor que tenho por vós se tornará ódio, estejais certo, se ultrapassardes o tempo que fixarei. Se meu amor quereis ter e o menos do mundo me amais, pensai em retornar pelo menos daqui a um ano, oito dias após São João do qual hoje é a oitava. Meu amor não tereis se não tiverdes retornado para junto de mim nesse dia.

Sire Ivain chora e suspira tão forte que mal consegue dizer:

– Senhora, esse prazo está bem distante; se eu pudesse ser um pombo toda vez que quisesse, amiúde convosco estaria! E peço a Deus que não lhe apraza deixar-me tão longo tempo longe de vós. Mas quem conta retornar logo não conhece o futuro. Não sei o que me advirá, ou doença ou prisão. Deveríeis considerar os impedimentos que poderei sofrer.

– Assim faço – diz ela –, e igualmente vos prometo que, se Deus vos defender de morte, impedimento nunca tereis, desde que em mim penseis. Assim, colocai agora no dedo este meu anel que vos dou. Da pedra que o forma vou dizer-vos o poder: nenhum amante verdadeiro e leal pode sofrer o menor mal. Quem este anel usar, quem com carinho o levar e de sua amiga lembrar, mais duro que ferro há de se tornar. Ele vos valerá escudo, loriga. Mas quero que a nenhum cavaleiro o empresteis nem deis. Por amor entrego-o a vós.

Sire Ivain tem sua permissão de partir. O rei não quer mais esperar, por nenhuma razão do mundo. Arde por que tragam os palafreiros, guarnecidos de selas e freios.

Não sei como contar a partida de sire Ivain e os beijos dessa partida, que foram de lágrimas aspergidos, de mui grande doçura unguídos. E vos contarei do rei, como a senhora o conduziu, e suas servas com ela e todos os cavaleiros também? Nisso faria demora demasiado longa.

O rei suplica à dama que retorne ao seu castelo. Ela volta com grande custo, seguida de toda gente da casa. Contra sua vontade sire Ivain está separado da amiga. O rei pode levar o corpo; mas não carrega o coração, que permanece preso e unido ao coração daquela que fica. Quando o coração está sem o corpo, por preço nenhum ele pode viver. E coração viver sem corpo é maravilha que ninguém inda viu. Eis porém que essa maravilha adveio! O corpo guardou a vida, mas sem o coração que o animava e que não o queria mais acompanhar. O coração tem feliz pousada e o corpo está na esperança de se juntar ao coração. Mas sem esse coração sire Ivain se consola de estranha maneira, pela esperança que amiúde trai e, oh, desventura! não passa de falsidade. Creio que ele não saberá quando a esperança o trair. Pois, se traspassar de um único dia o prazo fixado por sua senhora, nunca mais encontrará paz nem tréguas.

Pelo que creio, é sem dúvida isso que o espera, pois sire Gawain jamais deixará Ivain separar-se dele.

Ambos foram companheiros em todos os lugares onde há torneios. Assim fez sire Ivain o ano inteiro, e sempre sire Gawain cuidou de servir à glória de seu amigo. Mas o fez tanto se atardar que o ano todo passou e o meio de agosto voltou. Nesse tempo o rei reuniu novamente sua corte.

Os dois companheiros retornaram justamente na véspera de um torneio. Contam, pelo que me parece, que os dois cavaleiros juntos não quiseram apelar em cidade, mas fizeram hastear seu pavilhão fora dos muros. Não foram visitar o rei, porém ele os veio visitar com seus melhores companheiros.

O rei Artur sentou entre ambos. Ivain pôs-se a pensar em sua senhora e nunca foi tão oprimido por um pensamento assim, pois bem sabia que violara a promessa e que o prazo havia passado. Com grande custo retinha as lágrimas. A vergonha levava-o a conter-se. Estando seus companheiros sentados ao redor, viram chegar uma damizela a galope sobre negro palafreiro argel. Ela desceu diante do palafreiro sem que ninguém fosse até o estribo e segurasse o cavalo.

Ao avistar o rei, ela deixou cair o manto. Entrou e veio diante dele. Disse:

– Minha senhora saúda o rei e saúda sire Gawain e todos os outros, afora Ivain o

mentiroso, o traidor, o desleal, o trapaceiro que a enganou e tanto decepcionou! Ele se fazia passar por amigo perfeito. Era falso e sedutor. Esse Ivain seduziu minha senhora apenas porque ela era sem malícia e não acreditava que tal homem pudesse roubar-lhe o coração. Não, os que amam não roubam os corações! Chamam-se ladrões apenas aqueles que são enganadores em amor e dele não entendem mais que nada. O amigo toma o coração de sua amiga, porém o guarda e defende contra os ladrões que fingem ser homens probos. São ladrões hipócritas e traidores aqueles que fazem ponto de honra em arrebatam sem remorsos os corações. Mas o amigo verdadeiro amigo, onde quer que vá, guarda preciosamente o coração e o traz de volta.

E continua:

– Sire Ivain matou minha senhora! Ela acreditava que ele guardaria seu coração e o devolveria antes que o ano tivesse passado. Ivain, és deslembado demais, pois não pudeste lembrar que dentro de um ano devias retornar para minha senhora. Ela dera prazo até a festa de São João. Tanto a desdenhaste que não guardaste a menor lembrança. Minha senhora marcou todos os dias em seus aposentos, pois quem ama fica em grande cuidado e não pode ter bom sono: toda noite faz a conta dos dias passados e por vir. Assim agem os leais amantes contra o tempo e a estação. Não, não é sem razão que ela traz aqui sua queixa, nem antes do tempo. Não digo por cólera, mas digo: tu nos traíste, tu que faltaste com minha senhora. Minha senhora não cuida mais por ti e pede por minha boca que não retornes para ela nem guardes seu anel. Devolve-o a mim, pois tens de o devolver!

Sire Ivain não pode responder. Falta-lhe a palavra. Mas prontamente a damizela tira o anel de seu dedo. Depois saúda o rei e todos os cavaleiros ao redor, que deixa em grande embaraço.

Sire Ivain está arrasado. Tudo o que vê é um tormento. Tudo o que ouve o incomoda. Gostaria de estar longe, fugir para uma terra tão selvagem que não o saibam achar; onde não haja homem nem mulher que conheça dele mais do que se estivesse nas profundezas de um abismo. A ninguém odeia tanto quanto a si mesmo. Junto a quem se consolar? Não é ele autor de sua própria perdição?

Sire Ivain se afastou sem pronunciar palavra, tanto medo tinha de agir como louco perante os barões reunidos. Estes o deixaram ir sozinho, sem prestar-lhe a menor atenção. Seguramente não eram suas conversas nem seus afazeres que podiam reter Ivain.

Logo estava longe dos pavilhões. Então o delírio apoderou-se dele. Lacerou as vestes e depois fugiu pelos prados e campos arados. Dos companheiros que o procuravam sob as tendas nenhum o encontrou, tampouco nos vérgéis e tapadas.

Correndo como insensato, Ivain encontrou perto de um parque um moço segurando arco e flechas farpadas. Tendo ainda um pouco de senso, Ivain lhe arrancou as armas. Pôs-se à espreita dos bichos do bosque, matou-os comeu carne toda crua. Tanto vagou de todos os lados como vagueia um demente que encontrou por lá uma casa pequena e baixa. Era a morada de um eremita, no momento muito atarefado em roçar o mato. Ao ver chegar homem nu, percebeu que não era homem de siso e correu logo esconder-se dentro de sua casa. Porém, como era caridoso, colocou pão e água no rebordo da janela.

Ivain o insensato aproximou-se, pegou o pão e mordeu-o porque estava faminto. Jamais comera outro com tão mau gosto e tão duro. Sua mistura era seguramente de baixo preço, pois esse pão fora amassado de cevada com palha, mofento e seco como cortiça. Ivain estava

atenazado de fome tão grande que o pão lhe pareceu macio como mingau, pois a fome é o melhor molho, bem preparado e bem temperado para todos os manjares. Devorou o pão inteiro e bebeu toda a água fresca do pote.

Após assim comer e beber, Ivain internou-se de novo no bosque, procurando os cervos e as corças. Vendo-o partir, o eremita rogou a Deus que protegesse esse pobre homem; mas pediu também que ele não voltasse a perambular desse lado da floresta.

Mas quem impediria um insensato de retornar de bom grado a lugar onde encontrou alma caridosa? Assim, todo o tempo em que esteve na sua loucura, Ivain diariamente voltou, colocando diante da porta do eremita o dom de algum animal selvagem. Passava todo o tempo a caçar. O eremita esfolava e punha a cozer. Todo o dia o caçador sem siso encontrava pão e água na vasilha disposta perto da janela. Tinha assim beber e comer, água fresca tirada de fonte e carne de caça sem sal nem pimenta. O eremita vendia as peles e comprava o pão de cevada ou de aveia, de que o louco tinha à saciedade.

Assim foi até o dia em que passaram por lá uma dama e duas damizelas de seu séquito e encontraram Ivain o insensato adormecido na floresta. Uma delas correu para o homem estendido, que todo nu dormia sob as árvores. Longamente o contemplou e avistou uma cicatriz que sire Ivain portava há muito tempo no rosto. Como duvidar ainda? Esse homem nu que dormia era mesmo o próprio Ivain! Era grande espanto o encontrar ali em tão triste estado! Várias vezes a mulher se persignou; mas evitou despertar o adormecido. Tornou a montar em seu cavalo e foi ao encontro das companheiras.

– Senhora – diz chorando a damizela –, encontrei Ivain, o cavaleiro sem igual. Não sei qual pecado o atingiu com tal degradação. Sem dúvida é pelo efeito de uma grande dor que ele chegou a viver essa vida estranha, pois sabemos que a dor pode ferir de loucura. Ivain não se encontra em seu bom juízo. Jamais estaria tão miserável se não tivesse perdido o siso. Possa Deus conceder-lhe recuperar a razão! Possa Ivain auxiliar-vos então contra o conde Alier, que vos faz guerra sem descanso!

– Não temais – responde a dama. – Se sire Ivain não fugir, creio que com a ajuda de Deus tiraremos de sua cabeça essa demência. Mas não devemos tardar. A fada Morgana, que é mui sábia, deu-me outrora um renomado unguento, soberano contra qualquer ataque da cabeça.

As três mulheres foram mui depressa para o castelo que se erguia não longe dali. Ficava apenas a meia légua pela medida daquele país. Duas de suas léguas fazem uma das nossas e quatro fazem duas.

Enquanto isso, sire Ivain permanecia lá, sozinho e sempre adormecido. Chegada a seu castelo, a dama abriu um escrínio e dele tirou uma caixa que entregou à damizela, recomendando-lhe que usasse o unguento com moderação, que friccionasse de leve as têmporas e a fronte e guardasse preciosamente o resto. Confiou-lhe ainda roupa de veiro e manto de seda para vestir o cavaleiro. A damizela acrescentou camisa e calções de tecido fino, perneiras novas e bem talhadas. Tomou pela mão um palafrem e cavalgou depressa encontrar Ivain, que continuava a dormir no mesmo lugar.

Ela ateou seus cavalos a uma sebe e depois se aproximou sem temor do adormecido, levando o unguento e a roupa. Ei-la que toca o pobre insensato e tanto o besunta que nada mais resta na caixa. (Tão grande era seu desejo de curar o cavaleiro que pouco lhe importavam as recomendações da senhora!) Tão bem o friccionou que raiva e melancolia saíram-lhe do cérebro. Não havia precisão de untar todo o corpo, mas creio que ela o teria feito se tivesse cinco sesteiros de unguento!

Após prestar todos esses cuidados, a damizela fugiu, deixando junto de Ivain a roupa, pois queria que a seu lado prontamente a encontrasse, caso sarasse. Quedou escondida atrás de um grande carvalho, perto dos dois cavalos, e esperou.

Viu que Ivain enfim despertava. Havia tornado a encontrar seu bom senso na memória. Teve grande vergonha ao ver-se nu qual marfim. Inda maior teria se conhecesse toda a aventura. Maravilhou-se ao ver a roupa e disse a si mesmo com angústia que, se em sua loucura alguém o tivesse encontrado e reconhecido, estaria desonrado. Vestiu a roupa e olhou pela floresta se não estava homem a vir.

Foi a damizela que retornou. Ivain tinha grande precisão de ajuda, pois estava muito enfraquecido e só a custo se mantinha em pé. Assim, a damizela cavalgou para o lado onde ele estava, como se ignorasse sua presença.

Sire Ivain, que procurava auxílio e abrigo, chamou-a o mais alto que pôde. A damizela fez-se de abismada e foi cavalgando até ele, tomando não o caminho mais curto, mas dando voltas daqui e dali. Ivain pôs-se novamente a gritar: – Damizela! Por aqui!

A damizela conduziu então para aquele lugar seu palafrém, mui lentamente, como se não soubesse cousa alguma desse cavaleiro e não o tivesse visto em toda a vida. Isso foi grande sagacidade e cortesia de sua parte.

Ao chegar ante Ivain, perguntou:

– Sire cavaleiro que me chamaste, que desejas?

– Damizela sensata, não sei por qual desfortuna me encontrei neste bosque. Tende a bondade de me emprestar ou dar o palafrém que conduzis. ‘

– De bom grado, sire cavaleiro, mas vireis comigo.

– Para qual lado?

– Para fora deste bosque, até um castelo perto daqui.

– Damizela, dissei-me: tendes precisão de mim?

– Sim – diz ela –, mas não vos creio com saúde. Tereis de repousar uma quinzena pelo menos. Tomai o cavalo que pela mão conduzo. Iremos até o castelo.

Ivain não pedia outra coisa. Tomou o cavalo e subiu à sela. Cavalgaram, passando sobre uma ponte que atravessava um rio rápido e fazia grande barulho. A damizela jogou a caixa nesse rio. Diria à sua senhora que perdera o unguento quando, tropeçando o cavalo sobre a ponte, a caixa lhe havia escapado. Por pouco, acrescentaria, ela mesma não caíra no rio! Eis a mentira que contaria quando estivesse perante a senhora.

A dona do castelo ficou mui feliz de os rever e de reter sire Ivain junto de si. Assim que esteve a sós com a damizela, pediu-lhe o unguento e esta contou a mentira. – Foi grande perda – –, lamentou-se a dama, que estava mui descontente. – É certo que não poderemos jamais recuperar essa caixa. É preciso desistir. A pessoa deseja seu bem e procura seu mal. É o que me acontece com esse vassalo de quem esperava tanta alegria, mas eis que tenho de perder meu melhor e mais precioso bem. Não falemos mais da caixa. Recomendo a ambas que tendais os maiores cuidados com esse cavaleiro.

As duas damizelas desvestiram sire Ivain, para seu grande conforto. Lavam-lhe a cabeça, cortam-lhe os cabelos e o barbeiam, pois a barba está tão longa que a poderiam segurar a mancheias. Dão-lhe tudo o que deseja. Assim, dão-lhe armas e preparam para ele um cavalo magnífico, de belo porte, atirado e forte.

Ivain ficou longo tempo no país. Um dia, o conde Alier desceu à cidade com homens d'armas e cavaleiros. Incendiaram-na e arrebataram grande espólio. Prontamente, toda a gente do castelo montou em sela e armou-se. Perseguram os assaltantes. Alcançaram-nos em uma passagem, onde esses pilhantes os esperavam.

Na refrega, sire Ivain golpeia onde pode. Agora que teve longo repouso, tem recuperada toda sua força. Tão vivamente investe contra o primeiro que encontra sob sua espada que faz de cavalo e cavaleiro um único amontoado! O glutão não poderá levantar de novo, espinha quebrada, coração rebentando no ventre.

Sire Ivain recua um pouco e depois recomeça. Cobre-se com o escudo. Tempo de contar até quatro, e eis que atirou da sela quatro cavaleiros, golpe sobre golpe! Os que são seus companheiros tomam coragem e cada qual quer entrar na refrega.

Do alto da torre do castelo a dama viu o assalto e a defesa e a tomada da passagem. Viu muitos feridos, muitos mortos de seu partido como do outro, porém mais numerosos do outro. Sire Ivain o valente fazia os inimigos pedirem graça como o falcão faz às cercetas. Todos aqueles e todas aquelas que olhavam o combate diziam:

– Vede que bravo campeão! Vede como os inimigos cedem ante ele! Vede como os ataca! Homem pensaria em um leão entre os gamos, quando a fome o toma e o lança à caça!... Vede como trabalha com a espada! Jamais Roland fez com Durandal tão grande massacre de turcos em Roncesvales ou na Espanha! Se esse cavaleiro tivesse ao redor alguns bons companheiros de seu valor, o traidor desleal de que nos queixamos seria aniquilado neste dia e teria de se afastar daqui, desistindo com grande desonra!

E diziam ainda:

– Ela teria nascido em hora propícia, aquela que tivesse o amor de tal cavaleiro, tão forte nas armas e único entre todos como um círio alteia entre as velas, como brilha a lua entre as estrelas, como reluz o sol em face da lua. Ele merece admiração tão grande que gostaríamos que desposasse a senhora deste castelo e governasse sua terra.

O combate chegava ao fim. Os inimigos fugiam em debandada. Ivain os perseguia de perto, os companheiros galopando ao redor, sentindo-se protegidos e seguros como atrás de fortes muralhas. Foi longa perseguição de cavaleiros extenuados tombando furados de golpes, cortados em pedaços sob os cavalos estripados. Os vivos caíam sobre os mortos. O conde Alier pôs-se em fuga.

Mas Ivain não o poupou de cousa alguma. Alcançou-o sob uma escarpa perto de pequeno castelo seu. O conde precisou render-se, não tendo o menor socorro a esperar. Não discutiu por tempo demasiado. Sire Ivain exigiu sua palavra de honra. O conde vencido jurou ir até a senhora de Noroison para se pôr em sua prisão e fazer a paz segundo sua vontade.

Tendo recebido seu juramento, sire Ivain o fez desarmar de elmo, de escudo, e lhe devolveu a espada nua. Os inimigos do conde rejubilaram ao se apoderar de sua pessoa. O castelo já conhecia a nova; tanto que a dama e toda sua gente vieram ao encontro de Ivain, que apresentou o prisioneiro.

O conde teve de prometer à dama, por palavra, juramento e preito, observar em todos os pontos todas suas vontades. Teve de jurar fazer a paz para sempre, reparar os estragos cometidos por sua culpa, reerguer todas as casas derrubadas.

Então sire Ivain pediu à dama permissão para partir. Ela não a concederia se ele a quisesse tomar por mulher e amiga e a desposar. Todos os cavaleiros suplicaram a Ivain que

permanecesse. Foram súplicas bem vãs! Ivain não aceitou sequer que lhe fizessem escolta na estrada.

Portanto, partiu sem tardança, deixando a dama com sua tristeza, ela que poucos dias antes tivera tanta alegria. Desejava mui fortemente o honrar e escolher (se ele quisesse) para senhor de toda sua fortuna. Ou então lhe queria dar por seu serviço o soldo mais alto, à sua vontade.

Mas nada podia reter Ivain!

Sire Ivain caminhava pensativo por uma floresta profunda; de chofre ouviu grito mui forte e doloroso. Dirigiu-se para o lugar de onde parecia partir o grito. Quando lá chegou, viu um leão em uma clareira e uma serpente que o estreitava em sua cauda e queimava-lhe a espinha com cem chamas que vomitava. Sire Ivain não contemplou muito tempo essa maravilha. Em seu íntimo se perguntou qual dos dois ajudaria. Decidiu-se pelo leão, pensando que homem só deve fazer mal a bicho venenoso e traiçoeiro. Ora, a serpente é venenosa. Sai-lhe fogo pela boca e é cheia de traição. Por isso sire Ivain pensou que por primeiro a mataria. Então, puxa da espada. Põe o escudo diante da fauce do bicho, para que não o atinja a chama que se alojava na goela, que era mais larga que um balde. Com a espada ataca o animal. Corta lado a lado a serpente traiçoeira e a torna a picar, golpeia e tanto regolpeia que a mói e despedaça. Mas finalmente precisa cortar um pedaço da cauda do leão, pois a mandíbula da serpente inda o prendia pelo rabo. Cortou o menos que pôde.

Depois de libertar o leão, pensou que agora teria de combater, pois acreditava que ele o atacaria. Mas o leão não fez assim. Escutai o que fez o animal; bravo e benévolo animal! Começou a agir como se estivesse se rendendo a Ivain: estendia as duas patas juntas, inclinava a cabeça para o chão, erguia-se sobre as patas traseiras, depois voltava a ajoelhar-se e por humildade molhava de lágrimas toda a face. Sire Ivain compreendeu que em verdade o leão estava agradecendo e se humilhando perante ele, que o salvara da morte despedaçando a serpente. Essa aventura agradou-lhe muito. Enxugou a espada cheia de veneno e baba e recolocou-a na bainha. Depois continuou seu caminho. O leão foi andando atrás dele, mostrando bem que jamais o deixaria e que com ele sempre iria, pois seguramente queria servir e proteger esse amo.

Caminhando na frente de Ivain, o leão farejou o cheiro de animais selvagens pastando. O instinto e a natureza impeliram-no a ir à caça e perseguir sua vitualha. Pisou um pouco em suas pegadas, para mostrar bem ao amo que havia sentido e encontrado cheiro e rastro de animal selvagem. Olha-o e pára, porque a ele quer servir como agradar e não contra sua vontade. Sire Ivain entende que o animal indica que está à espera, que permanecerá se ele permanecer e que poderá ter a carne que o leão farejou. Então sire Ivain excita-o como faria com um perdigueiro.

O leão voltou a farejar o vento e não se enganara, pois à distância de menos de um tiro de flecha viu pastar um cabrito montes, sozinho em um valezinho. Pegou-o no primeiro bote e bebeu seu sangue tão quente. Após o matar, alojou-o às costas e colocou-o diante de seu senhor, que o prezou inda mais pela afeição que demonstrava. Era então quase noite. Sire Ivain resolveu albergar naquele local e esfolar o cabrito para comer um pouco de sua carne. Fendeu-lhe o couro sob as costelas. Tirou um naco do lombo. Fez fogo com um pedregulho e acendeu lenha bem seca. Pôs a assar em um espeto a posta de carne, que logo ficou pronta. Mas Ivain não se agradou muito desse assado, pois não tinha pão, vinho, nem sal, nem toalha e tampouco faca. Enquanto comia, o leão permanecia deitado a seus pés e olhava seu senhor devorar tanta carne que não quis mais. Então o leão comeu o restante até os ossos. Sire Ivain dormiu ali toda a noite, a cabeça

apoiada no escudo. O leão teve tanto siso que vigiou e guardou o cavalo, que pastava o capim magro que não engorda.

Pela manhã, partiram juntos; e essa mesma vida que haviam levado à noite tornaram a levá-la no dia seguinte, e assim toda uma quinzena. E o acaso conduziu-os à fonte sob o pinheiro. Pobre Ivain, pouco faltou para enlouquecer de dor quando, aproximando-se da fonte, viu a grande pedra, a capela! Tomba desfalecido de dor. A espada que tinha ao lado cai da bainha. Sua ponta fura as malhas da loriga. As maltas desfazem-se. A espada corta-lhe a pele do pescoço sob a malha branca e faz correr o sangue. O leão pensa ver morto seu companheiro e senhor. Ele se retorce, arranha, grita e quase se mata pela espada! Com os dentes arranca a espada, encosta seu amo a um cepo, apóia-o ao tronco de uma árvore. Assim já fizera quando o amo volta a si do desfalecimento. O leão o salvara, a ele que se expunha à morte como o javali sanhoso que não vê onde corre.

Voltando a si, sire Ivain muito se exproboou de haver ultrapassado o prazo de um ano; por isso sua senhora o detestava.

– Ai de mim – dizia ele –, por que não se mata, este que roubou sua própria alegria? Que faço eu que não me mato? Como posso ficar aqui e ver as cousas que me fazem lembrar de minha senhora? Que faz minh'alma em um corpo tão dorido? Se ela tivesse fugido para sempre, não haveria tal martírio! Quem por seu próprio malfeito e culpa perde a alegria e a felicidade deve se odiar até a morte!

Enquanto ele se lamentava assim, uma cativa que estava encerrada na capela o viu e ouviu gemer por uma fenda na parede.

– Deus – faz ela –, que ouço? Quem está se lamentando assim?

Responde ele:

– E vós, quem sois?

– Sou – torna ela – uma prisioneira, a mais infeliz que vive!

Responde ele:

– Cala-te, louca! Tua dor é alegria, teu mal é um bem junto dos que me consomem! Quanto mais o homem aprende a viver em alegria, mais que outro é punido e arrasado quando chega a desventura!

– Certamente – diz ela –, bem sei que essa fala é verdadeira, mas isso não me faz crer que sofreis males maiores que eu! Parece-me que podeis ir a toda parte onde quereis. Estou aqui prisioneira, e tal é meu destino que amanhã aqui dentro serei agarrada e entregue a pena mortal.

– Deus – diz ele –, por qual crime?

– Sire cavaleiro, que jamais Deus tenha mercê nem de meu corpo nem de minh'alma se mereci essa pena! Vou dizer-vos a verdade, sem mentir em uma única palavra: estou em prisão porque me acusam de traição. Se não encontrar quem me defenda, amanhã serei queimada ou enforcada.

– Então posso bem dizer – responde Ivain – que minha dor e minha cólera ultrapassam vossa dor, porque poderíeis ser libertada desse perigo!

– Sim, mas por quem? Não sei! Há no mundo apenas dois que por mim ousariam empreender batalha contra três homens e deles me defender.

– Como, por Deus, então são três?

– Sim, sire, por minha fé, são três os que me dizem traidora.

– E quem são esses que vos amam tanto e seriam tão audazes que contra três ousariam combater para vos salvar e defender?

– Direi sem mentir: um é sire Gawain e o outro é sire Ivain, pelo qual amanhã me entregarão a martírio de morte.

– Por quem dissestes?

– Pelo filho do rei Urien.

– Bem vos ouvi. Então, não morrereis sem ele! Sou Ivain em pessoa, por causa de quem estais em grande pavor. E creio que sois aquela que no salão me protegeu. Haveis salvado meu corpo, minha vida, entre as duas portas corrediças onde fiquei preso, onde conheci tão horrível angústia. Teria sido morto se não recebesse vossa ajuda. Ora, dissei-me, minha cara amiga, quais são esses que vos acusam de traição e nesta capela vos puseram em prisão?

– Sire, não me calarei, pois vos apraz que conte. É verdade que não poupei esforço para vos ajudar de boa fé. Pela recomendação que fiz, minha senhora vos tomou por esposo. Ela seguiu bem meu conselho; mas, pelo santo Pai-Nosso, agora vos posso dizer que assim fiz mais para proveito dela do que vosso. Quando adveio que ultrapassastes o prazo de um ano em que deveríeis retornar para minha senhora, ela se enfureceu contra mim e se mostrou mui decepcionada por me haver acreditado. Quando o senescal (um perjuro, um traidor mortal, que me tinha grande ciúme porque a senhora acreditava mais em mim do que nele em muito afazer) soube disso, viu bem como contra mim poderia usar essa grande cólera. Em plena corte e diante de todos acusou-me de a ter traído. Eu não tinha conselho nem ajuda a não ser de mim mesma e dizia que jamais traíra minha senhora. Totalmente apavorada e sem tomar opinião de ninguém, disse que me faria defender por um cavaleiro contra três. O traidor não teve a cortesia de recusar essa prova. Eu não podia me esquivar, nem negacear ou retirar a oferta. É assim que fiquei presa à minha palavra e tive de me comprometer a encontrar cavaleiro em um prazo de trinta dias. Fui a muitas cortes. Na do rei Artur, em ninguém encontrei valia. Ninguém tampouco que me dissesse de vós cousas agradáveis, pois não tinham nenhuma novidade.

– Dissei-me, e sire Gawain, o franco, o bom, onde estava ele então? Seu auxílio jamais faltou a damizela abandonada!

– Se na corte o tivesse encontrado, nada me impediria de o requestar para mim. Mas um cavaleiro levou a rainha Guinevere, disseram-me, e o rei foi bastante louco para o enviar atrás dela. Creio que foi Kai, o senescal, que a conduziu ao cavaleiro que a levou. Então sire Gawain, que a procura, começou grande lida e não terá repouso até a encontrar. Disse-vos toda a verdade sobre minha aventura. Amanhã morrerei de morte vergonhosa ou serei queimada sem valia, por culpa vossa.

Responde Ivain:

– Deus não permita que vos façam mal por minha culpa! Tanto fizestes por mim que não devo faltar em uma precisão vossa. Bem sei que esse combate vos apavora; mas se aprouver a Deus, em quem creio, eles serão desonrados, todos os três! Só me resta ir embora. Vou tomar pouso nesse bosque, pois não sei de casa na vizinhança.

– Sire – tornou ela –, Deus vos dê boa pousada e boa noite e vos guarde de todo mal, como desejo!

Sire Ivain parte, o leão sempre atrás. Tanto caminharam que chegaram perto do castelo de um barão, cercado em toda volta por muros espessos e fortes e altos. Aquele castelo era tão

forte que não temia assalto de mangana nem de catapulta. Fora dos muros a praça era tão rasa que não se erguia ao redor nem quinta nem casa. (Sabereis o por que em outro lugar, quando for o momento de vos contar.) Sire Ivain dirigiu-se da estrada para o castelo. Saíram valetes – até sete – que lhe desceram a ponte levadiça e foram a seu encontro. Mas o leão, quando o viram aproximar-se com seu senhor, vivamente os apavorou. Pediram a Ivain a gentileza de deixar seu leão à porta, que ele não os machucasse nem matasse. Mas Ivain respondeu:

– Nem faleis nisso. Sem ele não entrarei. Ou pousaremos ambos ou então ficarei fora, pois amo-o como amo meu corpo. Porém o guardarei tão bem que podeis estar tranquilos.

Responderam eles:

– Agora sim!

Entraram então no castelo e encontraram pelo caminho cavaleiros, damas, valetes e damizelas graciosas que em acolhida os saudaram e logo em os desarmar se ocuparam.

– Bem-vindo sede entre nós, caro sire! Deus vos permita permanecer e retornar jubiloso e cumulado de honra!

Do mais alto até o mais baixo eles se afainam e lhe fazem alegria. Conduzem-no então ao alojamento, mas acontece mui de chofre que uma dor que os oprime faz esquecerem a alegria. Recomeçam a gritar, a chorar, a unhar o rosto. Para honrar seu hóspede fingem estar jubilosos, mas sem vontade, pois temem a aventura que esperam para o dia seguinte. Estão todos bem seguros e certos de que a terão antes que soe o meio-dia.

Sire Ivain se abismava ao ver que tão amiúde essa gente mudava, gritando de alegria e depois de tristeza. Falou disso ao senhor do castelo e da morada.

– Por Deus – respondeu ele –, mui gentil e caro sire, poderíeis me dizer por que me haveis tanto honrado? E por que jubilais e chorais alternadamente...

– Vou contar-vos: um gigante causou-me grande dano. Queria que eu lhe desse minha filha, que sobrepuja em beleza todas as mais belas jovens do mundo. Esse gigante traidor (que Deus o confunda!) tem por nome Harpin da Montanha. Não passa um dia sem que ele tome tudo que pode de meu haver. Ninguém mais que eu tem razão de lamentar nem de sentir tanta tristeza! Eu deveria estar louco furioso, pois tinha seis filhos cavaleiros, os mais belos e mais valentes. O gigante os tomou todos de mim. Ante meus olhos matou dois deles e amanhã matará os outros quatro se eu não encontrar quem o combata para libertar meus filhos ou poupar-me de entregar minha filha. Sei que, assim que a tiver, aos moços mais vis que houver em sua casa e aos mais asquerosos valetes ele a entregará para que tenham prazer com ela. Depois disso nunca mais dignará tomá-la. Sim, para amanhã posso esperar essa desventura, se Deus não vier em meu auxílio. Disse-vos nossa desgraça. No castelo e na fortaleza o gigante só deixou o que vemos aqui dentro. Se prestastes atenção, vistes bem que ele não deixou um ovo que valha. Fora destes muros que são totalmente novos, mandou arrasar todo o burgo. E após carregar tudo o que desejava, pôs fogo no que restava.

Sire Ivain ouviu o que seu anfitrião lhe contava e depois disse:

– Sire, estou muito aflito com vosso penar. Mas de uma cousa me espanto: que não tenhais buscado socorro na corte do bom rei Artur. Nenhum homem é tão temível que não possa encontrar nessa corte cavaleiros que queiram experimentar sua coragem contra a dele.

Então esse senhor lhe responde que teria encontrado boa valia se soubesse onde achar sire Gawain.

– Não lhe teria pedido em vão, pois minha mulher é sua irmã de sangue. E era cousa bem certa que ele teria vindo, Gawain o bravo, por sua sobrinha e pelos sobrinhos. Sim, teria vindo a galope se soubesse desta aventura. Mas de nada sabe. Tenho disso tão grande tristeza que pouco mais partiria meu coração. Mas ele foi no encalço do que raptou a rainha.

Sire Ivain não pára de suspirar. Grande piedade o invade.

– Mui gentil e caro sire – diz ele –, de bom grado me colocaria na aventura e no perigo, se o gigante e vossos filhos viessem amanhã em hora tal que eu não tivesse de esperar muito, pois devo estar alhures à hora do meio-dia.

– Caro sire, agradeço mil vezes vossa intenção.

E toda a gente da casa disse o mesmo. Nesse momento saiu de um aposento a donzela de corpo formoso e de porte belo e agradável. Ela avançou simples, pálida e silenciosa, a cabeça inclinada para o chão. Sua mãe caminhava ao lado, pois o senhor que as mandara chamar desejava apresentá-las ao hóspede. Elas vieram envoltas em seus mantos, para melhor ocultar as lágrimas. Mas o senhor ordenou-lhes que abrissem os mantos e levantassem a cabeça!

– O que ordeno não vos deve afligir, pois é um homem franco e mui benévolo que Deus e a boa sina nos puseram aqui dentro. Esse homem assegura que lutará com o gigante. Lançai-vos imediatamente a seus pés!

– Que Deus não o permita! – responde sire Ivain. – Não seria conveniente que a sobrinha de sire Gawain venha lançar-se a meus pés. Verdadeiramente eu jamais esqueceria a vergonha que teria! Mas lhe agradeceria se ela criasse coragem até amanhã, quando verá se Deus quer vir em seu auxílio. Não convém pedir mais. Que o gigante venha bastante cedo para que eu não falte à minha palavra! Pois por nada no mundo deixaria de estar no referido lugar amanhã à hora do meio-dia, para o maior afazer que poderei jamais ter.

Ivain não queria prometer sem falta a seu anfitrião, pois temia que o gigante viesse em hora tal que ele não pudesse estar a tempo junto da jovem encerrada na capela. Mas faz essa promessa que lhes dá boa esperança. Todos e todas agradecem e pensam que é homem probo, a ver a familiaridade do leão que deitou a seus pés tão docemente como um cordeiro.

Quando chegou a hora, levaram Ivain a um quarto claro, onde a damizela e a mãe foram ambas ao seu deitar, pois já lhe tinham afeição. Cem mil vezes mais o teriam amado se já lhe conhecessem a cortesia e grande bravura. Ivain e o leão repousaram ambos juntos. Ninguém ousou deitar perto deles, e fecharam tão bem a porta que os dois amigos não puderam sair antes da aurora do dia seguinte.

Quando o quarto foi destrancado, sire Ivain levantou e ouviu a missa e esperou para a promessa que havia feito. Esperou até a hora de prima. Então chamou o senhor do castelo.

– Sire, não tenho mais tempo e irei embora, com vosso consentimento, pois não disponho de mais prazo para ficar. Sabei certamente que de bom grado e boamente, se não tivesse afazer importante que me chama em lugar mui distante, ficaria um pouco, pela sobrinha e pelo sobrinho de sire Gawain, a quem amo.

Ao ouvir essas palavras, a donzela sente ferver o sangue do coração e do ventre. O sire lhe oferece seus bens, seja em terras ou em outro haver; mas que ele espere mais um pouco! Responde Ivain:

– Deus me defenda de aceitar pagamento por serviço!

A donzela apavorada começa a chorar mui forte. Suplica a Ivain que permaneça. Em

nome de Deus e da rainha gloriosa do céu, em nome dos anjos suplica-lhe que espere um pouquinho. Ele pensa na grande gentileza de seu amigo sire Gawain e parte-lhe o coração não poder permanecer. Enquanto se atarda assim, eis que vem a toda pressa o gigante que traz os quatro cavaleiros! Sobre a espádua carregava grande estaca quadrada e pontuda, com que os empurrava por diante. O traje deles não valia uma palha. Traziam camisas sujas, pés e mãos atados com cordas. Cavalgavam quatro rocins que mancavam, magros, fracos e feridos.

Assim cavalgando, chegaram perto de um bosque. Um anão estufado como um odre amarrara os cavalos cauda com cauda. E ia a seu lado, batendo-lhes tão iginobilmente com um azorrague de nós que todos os quatro estavam em sangue.

Diante da porta do círculo de muralhas, no meio da planície, detém-se o gigante. Grita para o homem probo que o desafia, ameaçando seus filhos de morte se não lhe entregar a filha. Diz que a dará à malta, pois ele próprio não a ama o bastante para se aviltar possuindo-a. Desses moços ela terá bem um milhar consigo, muitos e amiúde, piolhentos e nus como soldados debochados e mirmidões porcalhões, e todos lhe enfiarão o toco! Pouco falta que o pobre homem probo não ensandeça ouvindo o gigante prometer pôr sua filha na putaria ou matar seus quatro filhos. E tomado de tal desamparo que preferia estar morto e não vivo.

Sire Ivain reconforta-o:

– Sire – diz ele –, Deus não permita que esse gigante impado de más palavras se aposse de vossa filha. Ele a despreza e a quer aviltar. Seria mui triste desventura se tão bela criatura e nascida de alta linhagem fosse abandonada aos biltres. Aqui! Minhas armas e meu cavalo, e mandai descer a ponte e deixar-me passar! De nós dois será preciso que um, ou ele ou eu, fique por terra! Gostaria de poder humilhar esse traidor, esse cruel que vos persegue. Então vos direi adeus e irei para meu afazer.

O gigante vem para ele, ameaçador, e grita:

– Pelos meus olhos, quem te enviou aqui não te ama, pois não poderia fazer melhor para se vingar de ti!

– Acaba tua tagarelice – responde Ivain, mui senhor de si. – Faze o melhor que puderes e farei o mesmo. Palavras ociosas me cansam!

Sire Ivain de pronto investe para golpear o gigante no peito, que estava recoberto de uma pele de urso. Aplica tal golpe que rasga a pele do inimigo. O ferro da lança se ensopa no sangue do corpo como em um molho. O gigante golpeia por sua vez, tão forte que dobra sua estaca. Sire Ivain puxa a espada com a qual sabe dar golpes terríveis. Golpeia de gume, não de prancha, e arranca um naco de carne da bochecha. O gigante responde tão rijamente que o faz balançar no pescoço do corcel.

Ao ver esse golpe o leão se encrespa. Para ajudar seu senhor ele se apresta, salta com ira e com força enorme, agarra e rasga como uma casca a pele peluda que cobria o gigante. De sob a pele lhe arranca um grande naco da anca. Os músculos e as coxas lhe corta. Mas o gigante escapa, berrando e bramindo como um touro! O leão gravemente o feriu. O gigante ergue a maça com ambas as mãos. Pensa abater a fera; mas erra o golpe, pois o leão salta de lado e o gigante tomba em vão junto de sire Ivain, que o lardeia com dois golpes. Antes que o gigante perceba, com bom fio de espada Ivain separa a espádua do tronco. Outro golpe sob o mamilo enfia-lhe toda a lâmina dentro do fígado. O gigante cai. A morte o acossa. Se um alto carvalho tombasse, creio que não faria barulho tão grande como fez o gigante na queda!

Todos os que se postavam nas seteiras quiseram ver esse golpe. Acorreram todos ao

encarne, como cachorros caçando bicho. Finalmente o agarraram! Assim correram eles em atropelo aonde jazia o gigante, a goela hiante. O próprio senhor acorre, mais toda a gente de sua corte. Acorre a filha, acorre a mãe! Estão mui jubilosos os quatro irmãos que tantos males sofreram! Mas bem sabem que não poderão reter sire Ivain, por nada no mundo. Suplicam-lhe que retorne aprazer-se e albergar, assim que fizer seu afazer lá aonde vai.

Ele responde que não ousa lhes assegurar tal cousa. Não pode adivinhar se terminará bem ou mal esse afazer por vir. Diz ao senhor, ao partir:

– Vossos quatro filhos e vossa filha, levando preso o anão, devem ir até sire Gawain, quando souberem que retornou. Quero que a aventura seja contada, pois é inútil fazer o bem se for feito de jeito que ninguém fique sabendo.

Respondem os filhos:

– Esse benefício não será calado. Faremos o que desejais, mas queremos perguntar a quem deveremos louvar quando estivermos perante sire Gawain, pois não sabemos que nome vos dar.

Responde ele:

– Podeis dizer-lhe que tenho por nome Cavaleiro do Leão. Peço também que acrescenteis que ele me conhece tão bem como o conheço, embora não saiba quem sou. E, se ele não souber me adivinhar, nada mais lhe direis. Preciso partir, pois antes que passe meio-dia terei alhures muito que fazer.

Ele recusa qualquer companhia. Parte e cavalga tão depressa quanto seu cavalo pode ir, retornando para a capela em Broceliande, que era bela e bem assentada. Mas antes que conseguisse chegar haviam tirado a damizela da capela e preparado a fogueira onde ela devia ser posta, toda nua em sua camisa. Já a conduziam ao fogo aqueles que sem razão lhe exproavam o que ela nunca pensara fazer.

É verdade que sire Ivain tem grande angústia, mas também confia que Deus e o direito estarão do seu lado. Tem confiança nesses companheiros, mas sem desdenhar seu leão.

Investe a galope para o ajuntamento, bradando:

– Largai, largai a damizela, gente maldosa! Não é justo que em fogueira ou fornalha seja lançada, pois não cometeu a menor falta!

As pessoas afastam-se e deixam-lhe o caminho. Ele arde por ver com os olhos aquela que seu coração enxerga em qualquer lugar onde esteja. Com o olhar tanto a procura que a encontra, e põe seu coração em tal esforço que o retém e refreia como quem a custo refreia cavalo que morde o freio.

Invade-o grande piedade das pobres damas que fazem estranho lamento, chorando assim: – Ah, Deus, como nos esqueceste! Aqui estamos, desnorteadas de perder tão boa amiga e o auxílio e apoio que tínhamos na corte! Graças a ela a dama nos vestia com suas roupas forradas. Agora isso vem mudar nossos afazeres. Não haverá mais alguém para falar por nós. Sejam malditos de Deus esses por quem a perdemos, pois grande dano teremos!

Assim lamentavam, e sire Ivain ouvia sua queixa, que não era falsa nem fingida. Viu Lunete de joelhos, desnuda em sua camisa. Ela já se havia confessado, dito mea culpa e pedido a Deus perdão de seus pecados.

Então sire Ivain, que lhe tinha afeição, vem até ela, ergue-a e diz:

– Minha damizela, onde estão os que vos exproam e acusam? Agora mesmo, se não

recusarem, combaterei com eles.

Ela, que inda não havia olhado para ele:

– Sire, vindes da parte de Deus para me valer em minha grande precisão. Os que apresentaram contra mim falsos testemunhos, vejo-os todos aqui, prestes a se vingar de mim. Se tardásseis um pouco, eu não seria mais que carvão e cinzas. Mas chegastes para me defender. Deus vos dê força para isso, pois não mereço ser punida por um crime de que me acusam falsamente!

O senescal e seus dois irmãos ouviram tais palavras.

– Ah – diz ele –, mulher, criatura tão avara no dizer a verdade e tão generosa no mentir! E pouco sensato aquele que confia em ti e por tua palavra se encarrega de tão pesado fardo! O cavaleiro é um tolo, que veio morrer por ti. Está sozinho e nós somos três. Aconselho-o a voltar antes que lhe advenha mal.

– Quem tem medo que fuja – responde Ivain. – Não temo tanto vossos três escudos que já me creia vencido sem batalha! Teria de ser novato para, saudável e disposto como sou, fugir diante de tais ameaças! Aconselho-te antes a declarar quite a damizela que caluniaste mui falsamente, como ela afirma e eu acredito. Ela me deu palavra de fé e disse, com risco da própria alma, que jamais traiu sua senhora. Jamais o fez, jamais o pensou. Vou defendê-la se puder. Que seu direito venha em meu auxílio! Deus se põe do partido do direito; Deus e o direito são um único. Pois que eles estão do meu lado, tenho melhor companhia que tu, e melhor valia!

O senescal responde bem loucamente que Ivain pode atribuir para si tudo o que quiser e lhe aprouver, mas que acima de tudo cuide que seu leão não os atrapalhe!

Sire Ivain responde que não trouxe o leão como campeão, e que nessa luta engaja apenas a si mesmo. Mas se seu leão vier a atacá-los que se defendam, pois ele não responde por cousa alguma!

Então Ivain ordena ao leão que vá um pouco para trás, deite e fique quieto; e o leão faz como ele manda.

Eles se afastam uns dos outros. Depois os três juntos galopam para o cavaleiro que avança a passo, pois não quer largar as rédeas já no início, nem se animar. Deixa-os partir as lanças, e conserva a sua em bom estado. Faz o escudo de alvo; depois recua uns passos, mas logo retorna à lida, que não deseja comprida. Assim que retorna, atinge o senescal diante de seus irmãos, quebra-lhe a lança sobre o corpo. E tão belo golpe que o senescal cai. Um longo momento jaz estendido, sem pensar no revide. Os outros dois campeões investem contra sire Ivain. Com as espadas nuas ambos lhe aplicam grandes golpes, mas recebem muito mais! Um golpe de Ivain vale dois dos seus. E Ivain se defende tão bem que os inimigos não prevalecem sobre seu direito. Mas o senescal ergue-se do chão. Com toda força golpeia Ivain e o fere. Os outros atacam juntos e o põem em muito mau estado.

O leão, que olhava aquilo, decide não tardar mais a ajudar seu amo, pois já é tempo, pelo que lhe parece.

Vindo em auxílio, tão raivosamente ataca o senescal que da loriga voam as malhas como voam fiapos de palha! Prontamente, arranca os tendões da espádua e todo o lado! As entranhas saem do corpo. Os dois outros querem devolver esse golpe. Os campeões estão agora em número igual. O senescal não escapará à morte. Debate-se e se espoja no sangue que jorra em borbotões de seu corpo. Eles se defendem e por sua vez ferem o leão e o tornam a ferir e machucar.

Quando sire Ivain vê seu leão machucado, sente o coração irado, e não está errado. Põe

grande empenho na vingança e tão furiosamente os maltrata que os dois irmãos param de se defender e se entregam à sua mercê.

Sire Ivain portava muitas feridas; mas não o inquietavam tanto quanto as de seu leão. Acabava de libertar a damizela, conforme desejava. A dama de bom grado a perdoara. Aqueles que haviam caluniado Lunete foram queimados na fogueira, pois é justo que quem julgou erradamente deva morrer da morte que desejava infligir ao outro. Lunete ficou feliz de se reconciliar com sua senhora.

No castelo manifestaram tal júbilo que todos ofereceram seu serviço a sire Ivain, embora não o reconhecessem (nem mesmo a dama que guardava seu coração sem saber). Ela suplicou-lhe para permanecer o quanto lhe aprouvesse, até que ele e seu leão estivessem repousados.

– Senhora, só poderei permanecer quando minha senhora me perdoar e não estiver mais irada. Então meu penar terá fim.

– Certamente – faz ela –, fico triste com isso. Não considero mui cortês essa dama que vos hostiliza. Ela não devia barrar sua porta para cavaleiro de vosso valor, a menos que ele lhe tenha faltado mui gravemente.

– Senhora, qualquer que seja minha tristeza, tudo que lhe agrada me apraz. Porém não me pergunteis mais, pois do crime cometido não falarei por nada no mundo, a não ser aos que já o conhecem.

– Então alguém o conhece além de vós ambos?

– Sim, minha senhora.

– E pelo menos direis vosso nome, caro senhor? Em seguida vos considero quite.

– Totalmente quite? Infelizmente não! Devo mais do que poderei devolver. Entretanto não vos posso calar como me faço chamar: doravante, ouvireis falar do Cavaleiro do Leão. Por esse nome quero que me chamem.

– Meu Deus, caro senhor, como explicar que jamais nos víssemos, nem ouvíssemos vosso nome?

– Senhora, por aí podeis bem ver que não sou renomado.

Então a dama diz ainda:

– Entretanto, se não vos agastásseis, pediria que ficásseis.

– Eu não ousaria, sem saber com certeza que tinha permissão de minha senhora.

– Adeus então, caro sire! Que a ela apraza mudar em júbilo vosso penar e vossa dor!

– Senhora – torna ele –, Deus vos ouça! – e depois, entre dentes, em voz baixa: – Senhora, tendes convosco a chave e a fechadura e o cofre onde está minha alegria, mas não o sabeis!

Sire Ivain vai embora em grande tristeza, pois ninguém o reconheceu, afora Lunete somente, que o reconduz longamente. Pede-lhe com insistência que nunca revele o nome do campeão que a libertou.

– Sire – diz ela –, respondo-vos: por minha boca esse nome jamais será descoberto.

Depois, Ivain pede-lhe para se lembrar dele e interceder junto de sua senhora, quanto encontrar o momento certo. Ela promete que não será deslemburada nem tampouco indiferente. Ele agradece mil vezes.

Vai embora, pensativo e inquieto por seu leão, que tem de carregar, pois o animal não o

pode acompanhar. Do escudo lhe faz liteira com musgo e samambaias. Depois de arrumar esse leito, deita-o o mais fundo que pode e o carrega estendido dentro do avesso do escudo. Chega assim à entrada de uma casa mui bela e sólida. Encontra a porta fechada. Chama; o porteiro prontamente lhe abre e, tomando das rédeas, diz:

– Vinde, caro sire! Ofereço-vos a hospitalidade de meu senhor, se vos aprouver apear aqui.

– De bom grado – responde Ivain. – Tenho grande precisão disso, pois é hora de albergar.

Assim que passou a porta, vê toda a gente da casa que acorre e, saudando-o, ajuda-o a descer. Põem no chão o leão deitado dentro do escudo. Outros tomam do cavalo de Ivain para o colocar no estábulo. Os escudeiros, como devem, pegam e recebem suas armas. Assim que ouve a nova, o senhor desce ao pátio e saúda o cavaleiro, como fazem logo após ele a senhora e seus filhos e filhas. Colocam-no em um aposento tranqüilo porque o acham bem doente e, embora desaprovem, põem junto o leão. Duas filhas do senhor do lugar, que eram hábeis em medicina, empenham-se em o curar. Não sei quanto tempo ambos permaneceram, até que ficaram sarados e puderam retomar seu caminho.

Nesse entretanto adveio que o senhor de Espinho-Negro teve grande embate com a morte. Tanto ela o atacou que foi obrigado a morrer.

Após sua morte, a mais velha das duas filhas pretendeu que o pai prometera que ela teria toda a terra para seu uso todos os dias que vivesse, e que não a partilharia com a irmã. A outra respondeu que, se fosse preciso, iria até a corte do rei Artur buscar ajuda para defender sua terra. Quando a maldosa viu que a irmã mais nova não lhe cederia o bem sem processo, ficou em grande inquietude e disse a si mesma que tinha de fazer de jeito a ir à corte do rei antes da irmã.

Prontamente ela se apresta e se adorna. Não demora nem se detém; parte para a corte. A outra toma caminho atrás e se apressa o quanto pode. Todavia, quando chegou à corte, a mais velha já havia falado com sire Gawain, que lhe outorgara o que ela suplicava. Mas ambos haviam combinado que, se alguém ficasse sabendo por meio dela, ele não se armaria a seu favor.

Então chegou a outra irmã, trajando manto curto de escarlate forrado de arminho. Há três dias que a rainha Guinevere retornara da prisão onde Meleagant a retivera com os outros cativos. Apenas Lancelot, por traição, permanecera na torre. Nesse mesmo dia em que a jovem chegou à corte, haviam trazido a nova de que o Cavaleiro do Leão dera combate e morte a um gigante cruel e traidor. Seus sobrinhos haviam saudado sire Gawain em nome dele. A sobrinha relatara o grande serviço que o cavaleiro lhe prestara por amor dele. Acrescentara que sire Gawain conhecia esse cavaleiro, embora não soubesse “quem era ele”.

A jovem deserdada vem então perante o rei:

– Rei – diz ela –, venho a ti para buscar valia em tua corte. Não a encontro e me espanto. Não irei embora sem tua permissão para partir. Saiba minha irmã que por amor lhe daria meus bens, se ela assim quisesse; porém jamais os terá pela força, se eu encontrar ajuda e apoio! Nunca abandonarei minha herança!

– Falais sensatamente – responde o rei – e, já que vossa irmã está aqui, aconselho-a a entregar o que é vosso por direito.

Mas aquela que estava segura do melhor cavaleiro do mundo diz:

– Sire, Deus me confunda, jamais partilharei com ela castelo nem vila, nem roçado nem bosque nem planície nem outra cousa! Mas se um cavaleiro ousar tomar armas por ela e combater por seu direito que se apresente agora mesmo!

– Não lhe fazeis oferta conveniente – diz o rei. – É preciso mais tempo para procurar um cavaleiro. Vamos dar-lhe até catorze dias para defender seu direito diante de toda a corte.

– Caro sire rei – diz a mais velha –, podeis estabelecer vossas leis como vos aprouver. Será como dizeis. Não cabe a mim contestar. E aceito o prazo, se minha irmã o solicitar.

E a irmã afirma que o solicita e deseja. Depois diz adeus ao rei, decidida a procurar por toda terra o Cavaleiro do Leão, que põe sua valentia em auxílio de todos os que têm precisão.

Ei-la agora que começa a busca. Percorre muitas terras, porém não ouve nova dele, e fica tão desolada que cai doente. Mas em tal sina grande bem lhe adveio: encontrou bons amigos que tinham por ela viva amizade. Perceberam pelo seu aspecto que não estava de boa saúde. Retiveram-na até que lhes contasse seu afazer.

Enquanto ela descansava, outra jovem empreendeu a busca em seu lugar. Ela vagueou o dia todo, cavalgando a galope, até que veio a noite escura. Isso a deixou agastada, inda mais que começou a chover a cântaros enquanto estava no fundo do bosque. A noite e o bosque lhe causavam grande contrariedade; e a chuva muito mais que a noite e o bosque. Tão mau era o caminho que amiúde seu cavalo afundava na lama até as cilhas. Pode ficar muito abalada a donzela que se encontra no bosque, sem escolta, com tempo tão mau e tão negro que não consegue sequer ver o cavalo que cavalga! Por isso, amiúde invocava Deus e Sua Mãe, todos os santos e todas as santas. Nessa noite pedia a Deus que a pusesse no rumo de uma casa e a afastasse desse bosque. Tão forte orou que ouviu uma trompa que a alegrou, pois contou encontrar morada perto. Subiu a um caminho calçado de pedra que a conduziu diretamente para a trompa cujo alento ouviu, pois por três vezes mui longamente soou a trompa, e mui altamente. Chegou a uma cruz à direita do caminho. Esporeou tão forte que logo se aproxima de uma ponte e vê os muros brancos e a barbacã de um pequeno castelo redondo. O vigia que avista a jovem desce e a saúda, pega a chave da porta, abre-a e diz:

– Quem quer que sejais, jovem, sede bem-vinda aqui. Tereis bom alojamento esta noite!

– Não peço outra cousa – responde. E ele a conduz.

Após o trabalho e o penar que tivera nessa jornada, ela aprecia a pousada e o prazer de estar confortável. Após a ceia, seu anfitrião dirige-lhe a palavra, indagando aonde vai e o que procura. Responde:

– Procuo aquele que, pelo que sei, nunca vi nem conheci. Mas sei que tem consigo um leão. Se encontrar esse cavaleiro, poderei confiar-me a ele.

– Posso vos assegurar – diz o anfitrião – que Deus o enviou a mim anteontem, quando eu estava em grande precisão. Bendito seja o caminho por onde ele veio a minha casa, pois de inimigo mortal me vingou. Sim, sob meus olhos o matou, lá fora, diante desta porta. Amanhã podereis ver o corpo do gigante que ele matou tão prontamente que nem sou!

– Por Deus – diz a donzela –, disse-me verdadeiramente se sabeis para qual lugar ele partiu e se em alguma parte albergou!

– Nada sei a respeito, mas amanhã vos colocarei no caminho por onde ele foi.

– Se o encontrar, terei verdadeiro júbilo.

Assim longamente falaram até o momento de deitar.

Quando a aurora surgiu, a damizela, já de pé, estava em grande excitação por encontrar aquele que procurava. O senhor da casa e todos seus companheiros levantam-se e a colocam no caminho certo que leva à fonte sob o pinheiro. Aos primeiros que encontrou a damizela perguntou se lhe podiam ensinar onde estava o cavaleiro acompanhado de seu leão. Responderam que o tinham visto vencer três cavaleiros justamente naquele lugar.

– Por Deus – diz ela de pronto –, vós, que tanto já me dissestes, não oculteis o restante, se sabeis mais a respeito!

– Não é assim – disseram eles. – Não sabemos mais do que dissemos. Não sabemos o que lhe sucedeu. Mas aquela por quem ele aqui veio poderia vos dar novas. Para falar-lhe, tendes de caminhar mais. Ela foi até aquele mosteiro para ouvir missa e orar. Está lá há tão longo tempo que sem dúvida já rezou bastante.

Enquanto assim falavam, Lunete saiu do mosteiro. Eles dizem: – Ei-la!

A jovem vai ao seu encontro. Saúdam-se mutuamente e ela pede as novas que gostaria de ouvir. Lunete responde que fará selar um palafrém para a acompanhar até um parque, pois lá deixara o cavaleiro.

Cavalgando, Lunete conta-lhe como foi acusada e condenada por traição, como estava pronta a fogueira onde devia ser queimada e como o cavaleiro veio em seu socorro. Assim falando, acompanha-a até o caminho certo onde sire Ivain a deixara. Diz à jovem:

– Este caminho vos levará a um lugar onde, se aprover a Deus e ao Espírito Santo, vos darão novas mais recentes do que as minhas.

Agora uma deixa a outra. Uma volta, a outra prossegue. Logo encontra a casa onde sire Ivain permanecera até sarar. A frente da porta vê o senhor da casa, damas, cavaleiros e valetes. Saúda-os e depois faz sua pergunta.

– Por minha fé, damizela – diz o senhor –, ele acaba de partir, mas inda o podeis alcançar se souberdes seguir o rastro de seus ferros. Evitai tardar!

– Sire, Deus não o permita! Mas disse-me de qual lado devo ir.

– Por aqui, em linha reta.

Pedem-lhe que o saude em nome deles. Mas ela não cuida muito disso, pois se afasta a galope. Cavalga pelos pântanos e depois em caminho plano e firme, até que avista a quem procurava, mais seu leão.

Ela se rejubila e diz consigo:

– Que Deus o guarde! Eis quem tanto procurei! Pelo rastro bem o alcancei! Mas de que me valerá o ter caçado e alcançado, se agora não o retiver? Sim, se comigo ele não vier, terei perdido todo meu esforço!

A damizela esporeia tão forte que o suor escorre do palafrém. Pára diante de Ivain e o saúda. Ele responde de pronto:

– Deus vos guarde, bela, e vos tire de cuidado e de penar!

– Também a vós, meu senhor, em quem tenho esperança, pois de cuidado e penar bem me poderíeis tirar! Sire, vosso grande renome me fez cavalgar em vosso encalço e atravessar muitas regiões. Tão longamente vos procurei que chego junto de vós. Se tive nisso trabalho e fadiga, não lamentarei nem lembrarei! Sumiram agora que estamos juntos. Alguém melhor que eu envia-me até vós. Se falhardes com ela, vosso renome a terá traído, pois só de vós espera socorro. Minha damizela vos procurava para defender sua herança. Ela própria teria vindo, mas a doença a

retém e por força a prende no leito. Ora respondi-me, por favor. Dizei-me se ousareis vir ou ficareis repousando aqui.

– Homem nenhum pode pôr sua glória a repousar. Não descansarei e de bom grado vos seguirei, doce amiga, aonde vos aprouver. Se aquela que vos envia espera de mim grande façanha, não desesperéis que eu faça tudo o que puder. Que Deus me dê força e graça, para que por boa aventura possa defender seu direito.

Ambos cavalgaram e logo chegaram ao castelo de Pior-Aventura. Não cuidaram de ir mais longe, pois o dia ia declinando. A gente que os via chegar gritava:

– Malvindo sede, sire, oh sim, malvindo! Esta morada vos foi ensinada para vossa desonra e desventura! Um padre poderia jurar!

– Ah! – torna o cavaleiro –, gente louca! Gente vilã! Gente plena de malvadeza e vazia de toda virtude! Por que me acolheis assim?

– Por quê? Sabereis o bastante se avançardes mais um pouco! Mas nada sabereis enquanto não subirdes a essa alta fortaleza.

Sire Ivain dirige-se para a torre e a gente brada:

– Ah! infeliz, aonde vais então? Se jamais em tua vida sofreste desonra e afronta, jamais encontraste tanto delas como encontrarás aqui!

– Gente sem honra e sem coragem, miserável e insolente, por que me tratais assim? Que quereis de mim? E de que vale rosnardes atrás de mim?

– Amigo, estás encolerizado sem razão – diz uma senhora de idade, mui cortês e sensata. – Eles não te falam com intenção de desagradar. Estão te advertindo (se souberes ouvi-los) para não albergares lá em cima. Não te ousam dizer por quê. Mas te previnem e ralham porque te querem assustar. Têm costume de fazer assim com todos os recém-chegados, para não irem adiante. Fica sabendo que não ousamos albergar os forasteiros em nossas casas. O resto é contigo. Ninguém te barra o caminho. Subirás lá no alto, se quiseres. Mas, suplico-te, antes torce as rédeas e volta!

– Senhora – responde ele –, se seguisse vosso conselho creio que teria honra e proveito. Mas não sei em qual encontraria pousada.

– Por minha fé – diz ela –, calo-me. Isso não me diz mais respeito. Ide aonde melhor vos parecer. No entanto, ficarei feliz se daquele lugar vos vir retornar sem demasiada desonra. Mas tal não pode advir.

– Senhora – diz ele –, Deus leve a bem vossos conselhos! Mas meu coração me arrasta lá para o alto. Farei o que o coração quer.

Então ele avança para a porta do castelo, com seu leão e sua donzela. O porteiro o chama, dizendo:

– Vamos, vinde depressa! Vinde, chegais a lugar onde ficareis retido! E sede malvindo!

Assim o porteiro o admoesta. Mas sire Ivain, sem responder, passa diante dele e encontra uma sala alta e no fundo um pátio cercado de grossas estacas agudas. Ao olhar entre elas Ivain vê umas trezentas donzelas ocupadas em diversas obragens com fios de ouro e de seda. Cada uma trabalhava o melhor que podia. Não traziam cinto e mostravam grande pobreza.

Suas túnicas estavam descosturadas nos seios e dos lados. As camisas eram sujas na gola. Tinham o colo descarnado e o rosto pálido de fome e desconforto.

Ivain as vê e elas o vêem. Todas baixam a cabeça e choram. Longo tempo choram assim. Sem mais ânimo para nada e não podendo erguer os olhos, tão abatidas estão!

Após vê-las nesse estado, sire Ivain volta-se direto para a porta. O porteiro investe e brada:

– Inútil! Não ireis mais embora, caro senhor! Gostaríeis de estar lá fora; mas, por minha fé, não saireis! Tereis tanta desonra que mais não poderíeis. Não fostes sensato quando entrastes aqui. Pois não é possível tornar a sair.

– Mas não desejo sair, irmão! Dize-me, pela alma de teu pai, de onde vieram a este castelo as damizelas que vi tecendo tecido de seda e brocado e fazendo labor muito agradável? Porém o que não me agrada é vê-las magras de corpo e de rosto e todas pálidas e doridas. Belas e airosas seriam se tivessem todas cousas seguindo sua precisão.

– Não direi! Procurai outro que vos conte.

– Assim farei, já que não posso doutra forma.

Ele procura a porta do pátio, e tanto procura que a encontra. Vem diante das damizelas e as saúda todas juntas. Vê as gotas de lágrimas que caem de seus olhos. Pois elas choram, e Ivain lhes diz:

– Deus, se lhe aprouver, tire de vosso coração essa tristeza em que vos vejo e a queira transformar em alegria!

Responde uma:

– Que vos ouça Deus, que haveis chamado! Não calaremos quem somos e de qual terra, se desejais saber.

– Para isso estou aqui – responde Ivain.

– Sire, adveio que outrora, para ficar sabendo novas, o rei da Ilha-das-Donzelas viajava pelas cortes e pelas terras. Tanto ele agiu como louco ingênuo que se lançou neste perigo. Veio aqui para nossa desventura, pois nós, nós que não merecemos, é que estamos aqui e suportamos vergonhas e males. (E sabeis que vós mesmo podeis esperar grande desonra se não quiserem tomar vosso resgate). Mas então aconteceu que esse rei, nosso senhor, veio aqui onde habitam dois filhos do diabo; e não considereis como fábula o que vos digo. Esses dois diabos tiveram de combater contra o rei, que passou por terrível penar, pois não tinha dezoito anos. Os diabos o podiam partir ao meio como a um tenro cordeiro. E o rei, que tinha grande medo, livrou-se do perigo como pôde. Jurou que todo ano enviaria trinta de suas donzelas; e por essa renda ficou quite. Ficou combinado por juramento que o tributo devia pendurar até a morte dos dois malignos, e que somente no dia em que fossem conquistados e vencidos em batalha o rei estaria quite dessa talha e seríamos libertadas; nós que estamos entregues a vergonha, a dor e desconforto. Mas acabo de dizer grande sandice ao falar de libertação. Daqui jamais sairemos. Sempre tecido de seda teceremos, e nunca estaremos mais bem vestidas. Sempre seremos pobres e nuas, sempre teremos fome e sede. Jamais poderemos ganhar tanto que tenhamos melhor para comer. Do pão temos mesquinamente, pouco pela manhã e menos à noite. Pois do labor de nossas mãos cada uma terá para seu viver apenas quatro partes da libra. Com isso não podemos ter bastante de comer e de vestir. Pois quem ganha em sua semana vinte soldos não está livre de penar. Pois bem, sabeis porém que não há uma só dentre nós que não ganhe vinte soldos ou mais! O bastante para tornar rico um duque! Estamos em grande pobreza, embora ricas de nossos ganhos. Aquele para quem trabalhamos, para quem grande parte das noites velamos e ao longo do dia todo também, ameaça moer de pancadas nossos membros, se repousarmos. Por isso não

ousamos descansar. Porém que mais vos direi? Mal e penar temos tanto que não poderei contar a quarta parte. E enlouquecemos de cólera quando vemos jovens cavaleiros e homens probos virem combater os dois malignos. Pagam caro a hospitalidade que recebem! Assim fareis amanhã, pois, queirais ou não, tereis de combater e perdereis vosso nome.

– Que Deus Pai que está no céu me salve disso! – responde sire Ivain – e vos devolva honra e alegria, se lhe aprouver! Agora quero ir ver as pessoas que aqui dentro estão, e ver que cara me farão.

Então sire Ivain vem ao salão, não encontrando nem boa nem má gente que lhe dirija a palavra. Seguiu, atravessando a casa, e chegou ao vergel. Ninguém falou de pôr em estábulo os cavalos dos viajantes. Entretanto, valetes os estabularam, pensando que em breve herdariam esses cavalos, que tiveram assim aveia e feno, e palha até o ventre.

Sire Ivain entrou então no vergel e toda a companhia também.

Viu, apoiado no cotovelo, um homem probo deitado em lençol de seda; diante dele uma donzela lia um romance de não sei quem. E para escutar o romance ali viera reclinar-se uma dama que era sua mãe; e o senhor era seu pai. Ambos podiam jubilar de a ver e ouvir, pois não tinham outro filho. Ela não tinha mais de dezesseis anos e era tão bela e airosa que o deus de Amor, se a visse, empregaria seu cuidado em servi-la e em não a fazer amar por outro além dele mesmo. Para obter suas boas graças ele se transformaria de deus em homem, atingiria a si mesmo com a flecha cujo ferimento não sara; quem dele sara não ama com verdadeiro amor...

Escutai de qual maneira sire Ivain foi acolhido. Todos os que estavam no vergel, assim que o viram, ergueram-se e disseram:

– Ora essa, caro sire, bendito sede vós e tudo que é vosso.

Não sei se isso foi artifício; mas com grande júbilo o receberam e pareceram ter grande prazer de o albergar com conforto. Durante toda a noitada fizeram-lhe honra; depois o levaram a um aposento e mansamente se retiraram. Então sire Ivain adormeceu, o leão deitado a seus pés.

Pela manhã, quando Deus, que faz tudo à sua vontade, acendeu sua luminária, sire Ivain levantou prontamente. Também a jovem se levantou. Depois ambos ouviram missa, dita mui cedo na capela em honra do Espírito Santo.

Mas após a missa Ivain ouviu terrível nova. Acreditava que ia livremente partir, mas não foi como queria.

Disse a seu anfitrião:

– Sire, vou embora, se vos apraz, com vossa permissão.

– Amigo – responde o senhor –, não a posso dar. Neste castelo está estabelecida diabrura mui má, que devo manter. Aqui farei vir dois meus homens d'armas, altos e fortes. Contra os dois tereis de lutar. Se a ambos conseguirdes vencer e matar, eu vos darei minha filha, e o castelo será vosso com todas as dependências.

– Sire, não quero! Que vossa filha fique convosco! O imperador da Alemanha seria bem tolo se não a tomasse, pois é bela e bem educada.

– Calai-vos, caro hóspede – diz o sire –, em vão vos esquivais! Quem vencer em combate esses dois malignos deverá receber meu castelo e minha filha, mais toda minha terra. O combate não pode deixar de ser travado. Bem sei que é covardia que vos faz tentar escapar! Sabei que deveis combater. Nenhum cavaleiro que pousa aqui pode subtrair-se ao costume, que durará até que esteja casada minha filha, quando forem vencidos e mortos esses dois malignos.

– Mau grado meu tenho então de combater! Prazerosamente o dispensaria, asseguro. Todavia, se não pode ser de outra forma, lutarei!

Aproximam-se então os dois filhos do demo, hediondos e negros, ambos portando bordão cornudo de corniso guarnecido de cobre e atado de arame de latão. Estavam armados das espáduas até abaixo dos joelhos. Mas tinham a cabeça descoberta e também as pernas, que não eram miúdas. Protegiam o rosto com escudos redondos e leves como escudos para esgrimar.

Assim que os vê, o leão começa a fremer, pois compreende que estão armados assim tão-somente para combater seu senhor. Ele se eriça e se encrespa, treme de cólera e com a cauda martela a terra, mui decidido a socorrer seu senhor antes que o matem.

Ao verem-no, os filhos do demo dizem:

– Vassalo, retirai daqui esse leão que nos ameaça, se não sois covardel! Convém colocar o leão em tal lugar que não possa se intrometer para vos ajudar nem nos prejudicar. Pois pensamos que de mui bom grado vos ajudaria, se pudesse!

– Retirai-o vós mesmos – responde sire Ivain –, pois me apraz e convém que ele vos embarace e mesmo que me ajude, se puder!

– Por minha fé, assim não será! Fazei o melhor possível sozinho e sem ajuda de outrem. Deveis estar só e devemos ser dois. Se o leão se puser de vosso lado e nos combater, não sereis um só e sim dois, assim como nós. Portanto, tendes de retirar daqui vosso leão.

– Onde quereis que o encerrem? Onde vos apraz que o ponha?

Mostram-lhe um cubículo e dizem:

– Trancai-o aqui!

– Seja como quereis.

Levam para ali o leão e o trancam. Sire Ivain reveste as armas. Trazem-lhe seu cavalo e ele monta.

Os dois filhos do demo investem e lhe dão tais golpes de massa que escudo nem elmo o protegem. Arrombam seu elmo, transpassam o escudo, que trinca como vidro e se abre em grandes rombos por onde poderia passar um punho. Mas que faz Ivain dos malignos? Aquecido pelo temor, defende-se com toda força. Empenha-se em dar grandes golpes mui fortes. A esses golpes os outros respondem com o dobro.

O leão que está no cubículo recorda-se das bondades e da coragem que teve por ele esse franco cavaleiro, que tem agora muita precisão de seu serviço e auxílio.

Esse benefício ele gostaria de devolver a pleno sesteiro e a pleno moio. Ivain não teria prejuízo se o leão pudesse sair dali. Ele vai olhando em todas direções e não vê por onde ir embora. Ouve os golpes da batalha, que é vil e perigosa, e sente tanta dor que ensandece como um demente. Tanto vai escavando que aplica toda força contra a soleira meio apodrecida junto da terra. Arranha, força, esgueira-se e se insinua até o lombo.

Já sire Ivain estava moído e suando de esforço, pois tinha pela frente dois filhos do demo terrivelmente fortes e desleais. Devolvera todos os golpes sofridos, mas não conseguira ferir os inimigos, pois eram hábeis na parada. Por mais cortante que fosse a espada, o escudo suportava todos os golpes. Por isso sire Ivain corria grande risco de morte. Mas fez frente por tempo suficiente para que pudesse sair o seu leão, que muito unhara sob a porta. Se os felões não forem derrotados agora, verdadeiramente jamais o serão, pois o leão não deixará vivas suas presas. Os dois glutões ficam atemorizados. Não há na praça homem que não sinta o coração repleto de

júbilo. Aquele que o leão abateu não tornará jamais a levantar se o outro não o socorrer. Este se precipita para socorrer a si mesmo, temendo que o leão se volte contra ele depois que matar o primeiro. E tem muito maior temor do leão que de seu senhor.

Bem louco seria sire Ivain se, ao virar-se, visse o pescoço nu de um dos glutões e o deixasse viver muito! Aplica-lhe tal golpe que corta a cabeça antes que o glutão possa abrir a boca.

Depois sire Ivain acorre para aquele que o leão segura nas garras. Deseja ajudar o bicho; mas este pôs o maligno em tão mau estado que um médico perderia seu trabalho. Ivain afasta um pouco o leão e vê que o maligno tem todo o ombro arrancado. Não há mais a temer desse que perdeu o bastão e jaz sem se mover. Ele mal pode falar, mas ainda tem força para dizer:

– Tirai vosso leão, caro sire! Por favor, que ele não me toque mais! Doravante podeis fazer de mim tudo o que quiserdes e melhor vos parecer. Quem suplica e pede mercê deve ser ouvido, se não encontrar homem sem piedade. Não me defenderei mais! Daqui não me erguerei mais. Entrego-me em vossas mãos.

– Confessa então que estás vencido e que assim te declares!

– Sire, é o que parece. Estou vencido mau grado meu e concordo em declarar assim.

– Então nada tendes a temer de mim, e meu leão te deixará em paz.

Prontamente toda a gente acorre, mais o senhor e sua dama. Eles lhe falam da filha.

– Ora sereis nosso senhorzinho e amo – dizem eles. – Nossa filha será vossa senhora, pois a damos para vossa mulher.

– Quanto a mim – respondeu sire Ivain –, devolvo vossa filha! Quem a quiser que a tome! Não digo isso por desdém. Não a posso nem devo tomar. Mas, por favor, libertai-me as cativas que tendes presas. Chegou o tempo em que devem partir livres, como bem sabeis.

– É verdade, senhor, ninguém o pode contestar. A vós as entrego, e as desobriço. Porém fareis bem em tomar minha filha, que é mui bela e mui rica. E tomai também meu haver. Jamais encontrareis tão rico casamento. E sabeis que, se eu assim ordenar, a porta nunca mais vos será aberta. Permanecereis em minha prisão. Estou suplicando que tomeis minha filha, e fazeis injúria desdenhando-a.

– De forma alguma, sire, por minh'alma! Mas não posso esposar mulher e permanecer, por nada no mundo. A damizela que ali está sabe que não pode ser de outra forma. Mas, se vos apraz, por minha mão direita prometo que, tão certo como estais me vendo, voltarei se puder, e então tomarei vossa filha.

– Maldito seja quem vos pedir juramento, preito ou garantia! Se minha filha vos agrada, mui depressa retornareis, e não por força de palavra ou juramento. Parti, eu vos libero! Que vos retenham chuva ou vento ou puro nada, não me importa! Não tenho filha tão desprezível que a deseje ceder pela força! Ide agora a vosso labor!

Então sire Ivain deixa o castelo, levando consigo as cativas saídas de prisão. O senhor entregou-as pobres e mal vestidas, mas a elas parece que estão ricas. Saem do castelo, caminhando aos pares diante de Ivain. Não teriam maior alegria se Aquele que fez o mundo descesse à terra. E toda a gente que havia gritado tantas insolências a sire Ivain vem pedir-lhe perdão e fazer-lhe cortejo.

– Não sei o que dizeis – garante sire Ivain – e vos considero quites de tudo. Nada de mal haveis dito que agora eu lembre.

Ao ouvir isso eles ficam felizes e louvam bem alto sua cortesia. Dizem-lhe adeus. Depois as damizelas pedem-lhe permissão para partir. Ao partir, inclinam-se e o saúdam todas juntas e pedem a Deus que lhe dê alegria, saúde, e permita chegar segundo seu desejo lá onde tem desígnio de ir. Responde ele:

– Que à vossa terra Deus vos leve sãs e felizes!

Ivain se encaminha em companhia da donzela, que conhece bem o caminho e sabe reencontrar o refúgio onde deixara em grande dor a damizela deserdada. Quando esta ouve novas de que estão chegando a donzela e o Cavaleiro do Leão, não consegue ocultar seu júbilo. Pois sabe agora que sua irmã terá de lhe deixar uma parte da herança. Estivera longamente enferma. Apenas há pouco se havia recuperado do mal que muito a enfraquecera, como bem mostrava seu rosto.

Ela corre encontrar os viajantes, saúda-os com o máximo de honras. Nada vos conto do júbilo que houve na morada até o dia seguinte.

– Juntos eles partiram, e descobriram um castelo onde o rei Artur estava alojado há pelo menos uma quinzena. A filha mais velha do senhor de Negro-Espinho estava lá, pois acompanhara a corte e esperava a vinda da irmã.

Ela não tinha inquietude no coração, pois pensava que a irmã mais nova jamais poderia encontrar cavaleiro que aceitasse combater contra sire Gawain. Bastava então esperar um único dia para completar a quinzena de prazo.

Diz a primogênita ao rei Artur:

– Sire, eis que o tempo passa. Logo será fim da hora de nona, e termina o último dia. Sabeis como estou armada para defender meu direito. Se minha irmã tivesse de retornar, não tardaria tanto. Deus seja louvado por ela não reaparecer! Sem dúvida não consegui fazer melhor. Todo dia estive pronta a defender o que é meu. Sem batalha o defendi. E justo que vá em paz tomar posse de minha herança. Enquanto viver, nunca darei razão a minha irmã. Ela viverá triste e miserável.

O rei, que sabia muito bem que a damizela estava errada e era desleal para com a irmã, diz-lhe:

– Amiga, por minha fé, em corte real é preciso esperar que a justiça do rei decida. Não vos deveis retirar. Pode ser ainda que vossa irmã retorne a tempo.

Mal dissera isso, o rei vê aparecer o cavaleiro e junto dele a damizela. Vinham ambos sozinhos, pois deixaram o leão onde haviam dormido.

O rei vê a damizela e a reconhece. Fica mui contente de a ver. Estava do seu lado na disputa, pois era bom entendedor do direito.

– Vinde, bela, que Deus vos salve!

Quando a primogênita ouviu isso e ao voltar-se viu o cavaleiro seu companheiro que ia defender o direito, ficou mais roxa que terra.

A caçula vem diante do rei e diz:

– Deus salve o rei, sire, e toda sua casa! Rei, se um cavaleiro puder defender meu justo direito na disputa, será este que, graças a Deus, até aqui me acompanhou. Este franco cavaleiro benévolo tinha alhures muito afazer; mas sentiu tanta piedade de mim que deixou para trás todos os afazeres, para vir e me defender. Agora minha mui cara irmã, a quem amo tanto como meu coração, faria boa ação e cortesia se deixasse o que me pertence segundo meu direito, pois nada

peço do seu.

– E eu nada de teu bem – replica a outra –, pois nada tens nem terás. Não poderias pregar tanto que disso tires alguma coisa. Antes, resseca de dor!

Responde a caçula:

– Certamente estou agastada que por nós duas lutem os homens probos que aqui estão. Bem pequena é a disputa, mas não a posso declarar encerrada, pois terei precisão de meu haver.

– Quem te respondesse seria bem tola e bem papalva! Que mau fogo e má chama me queimem se te dou algo para viver melhor. Antes se encontrariam as margens do Sena do que eu renunciar à batalha!

– Que Deus e o direito que é meu ajudem este que, por confiança e afeição, se ofereceu para meu serviço, mesmo não sabendo quem sou e não sendo conhecido por mim!

Aqui a conversa chega ao fim. Os dois cavaleiros são levados ao meio do pátio e eis que todo o povo se aproxima, pois uma multidão de gente quer ver os belos golpes de esgrima e a bela batalha.

Os dois cavaleiros que iam lutar preparavam-se há longo tempo, mas não se reconheceram mutuamente. Era porque não se amavam mais? Direi sim e não; e vos provarei uma cousa e outra, por boas razões que sei.

É certo que sire Gawain ama Ivain, que por toda parte chama de seu companheiro, e que sire Ivain faz o mesmo. Se reconhecesse o amigo, ele o acolheria em grande festa. Por ele arriscaria a cabeça, assim como o outro arriscaria a sua antes de lhe causar mal. Não é isso belo, fino e perfeito amor entre os dois homens? Entretanto o ódio ali está e é preciso vê-lo. Pois um gostaria de cortar a cabeça do outro, ou faz de sorte que ele não esteja em melhor caso.

Eis o que prova a maravilha. Amor e ódio podem estar juntos no mesmo vaso. E muito espantoso que dois sentimentos tão contrários possam ter a mesma morada. Não, isso não pode ser, pois seria fonte de rixa quando um sentimento reconhecesse o outro.

Mas pensemos que não há construção que não contenha vários andares, balcões e aposentos. A cousa maravilhosa é portanto possível. Amor não se teria retirado para um quartinho afastado? Ódio não se teria alojado nas galerias que abrem para a rua? Pois ódio deseja que o vejam. Ódio vai no encalço de Amor! Ódio esporeia com as duas esporas. Amor não se move. Onde então ele se escondeu? Amigo, volta e verás que hóspede estranho lançaram sobre ti os inimigos de teus amigos.

Realmente é preciso chamar de inimigos aqueles que se entreamam com santo amor. (Amor sem fingimento pode ser precioso e santo.) Amor é cego. Ódio também. Se não, Amor lhes teria proibido baterem-se ou se causarem o menor mal. Amor é logrado, e assim não reconhece esses que por direito são súditos seus. Ódio não poderia dizer as razões do ódio de ambos. Quer fazer de sorte que lutem entre si sem motivos. Assim se entreodeiam de morte.

Então sire Ivain quer matar sire Gawain, seu amigo? Sim, e Gawain gostaria de fazer o mesmo com sua mão, ou talvez fazer inda pior? Não, por minha fé. Um não gostaria de fazer ao outro desonra nem mal, nem por um império e todos os maiores bens do mundo.

Sou um mentiroso indigno, pois não é possível deixar de ver que um dos combatentes vai investir contra o outro sem o poupar, muito ao contrário.

Quem se lamentará mais? Aquele que mais tiver sofrido, quando houver um vencedor? Se eles se atacarem, temo que não interromperão o combate antes que um dos dois conquiste a

vitória. Se o afazer lhe sair mal, dirá sire Ivain que foi ultrajado por Gawain, ele que sempre o chamou seu companheiro e amigo? E se acontecer que seja Gawain o vencido, terá ele o direito de se queixar? Não, pois o vencedor não saberá o nome do vencido.

Os dois cavaleiros primeiro se afastam e depois investem; e já no primeiro choque quebram as lanças de freixo. Não trocam uma só palavra. Se o fizessem, teria havido diferente gênero de abraço! Jamais combateriam com lança nem com espada, mas se teriam entrebeijado e abraçado. Logo os elmos e os escudos estão amolgados, fendidos. Entreaplicam-se tão grandes golpes, de gume e não de prancha, e com os punhos de espada tais choques contra o nasal e o pescoço, na frente e nas faces, que estas se tornam verdes e azuis onde o sangue está à flor da pele. Por pouco quebrariam o crânio! Sob os supercílios os olhos faíscam. Ambos têm os punhos grossos e quadrados, fortes os nervos e rijos os ossos. Entreaplicam-se duros murros no rosto, enquanto mantêm empunhadas as espadas que lhes prestam grande ajuda quando talham com elas como com clavas.

Quando longamente já combateram, quando elmos e escudos já se fenderam, ambos afastam-se um pouco para deixar repousarem as veias e também para recuperar fôlego. Mas não permanecem muito tempo e logo investem um contra o outro. Todos afirmam que nunca viram dois cavaleiros mais corajosos.

– Eles não combatem por brincadeira! Combatem para valer mesmo! Jamais terão a recompensa que merecem!

Eles bem ouviram essas palavras, os dois amigos que mutuamente se ferem. Também ouvem que falam de reconciliar as duas irmãs, mas a primogênita não queria consentir na paz. Afirmava que acataria o que o rei dissesse. A primogênita era tão obstinada que a rainha Guinevere, os que conheciam bem suas leis, os cavaleiros e o rei se põem do lado da caçula. Suplicam ao rei que lhe dê a terça ou quarta parte das terras e dispense os dois cavaleiros. Ambos são de grande vassalagem, e seria dano demasiado se um deles ferisse gravemente o outro ou lhe fizesse afronta irreparável. Mas o rei responde que não quer interferir e fazer a paz, pois que a irmã mais velha é jovem mui maldosa.

Os dois cavaleiros tão longamente combatem que o dia vai se tornando noite. Ambos têm o braço lasso, o corpo dorido. O sangue quente e borbulhante lhes sai do corpo por muita ferida e corre sob a loriga. Ambos querem descansar.

Descansam então, e cada um pensa consigo mesmo que acaba de encontrar seu par. Não ousam retomar as armas. Não cuidam mais de batalha. A noite tornou-se escura. Muito se temem mutuamente. Essas duas razões os incitam a fazer a paz. Antes de deixar o campo cercado, ele se terão entreconhecido e reconfortado com bom júbilo e piedade.

Sire Ivain fala primeiro, mas seu bom amigo não o reconhece pelo falar, porque tem agora a voz rouca, fraca e alquebrada, a palavra baixa, e está ardendo de febre, pois recebeu tantos golpes!

– Sire – diz ele –, a noite está próxima. Não ouviremos censura nem exprobação se nos separarmos. Mas quero dizer que vos temo e prezo. Jamais em minha vida empreendi batalha tão áspera e dolorosa! Jamais vi cavaleiro que tanto quisesse conhecer! Vencido por vós me pensei ver. Sabeis bem vossos golpes assestar, e os sabeis empregar. Jamais devolvi tantos golpes a um cavaleiro. Jamais recebi tantos quantos hoje me emprestastes. Com vossos golpes muito me atordoastes!

– Por minha fé – respondeu Gawain –, não vos surpreendais: estou tão tonto quanto vós

ou mais! Se vos cedi algo meu, vós me devolvestes o total, juro e capital. Fostes mais generoso para dar do que eu para tomar! Mas, se quereis que vos diga por qual nome sou chamado, ele vos será revelado: sou Gawain, filho do rei Lot.

Ao ouvir esse nome, Ivain ficou pasmado, desorientado. Lança por terra a espada que estava toda ensanguentada, mais o escudo em pedaços. Desce do cavalo. Diz: – Ai de mim! Que desfortuna! E desconhecimento mui feio havermos travado batalha sem nos termos reconhecido! Senão, contra vós jamais me bateria; antes de combater me renderia, juro!

– Como – faz sire Gawain –, quem sois?

– Sou Ivain, que vos ama mais que a ninguém no mundo. Mas neste afazer quero fazer-vos reparação e honra tal que me declaro totalmente vencido.

– Faríeis isso por mim? Certamente eu seria presunçoso se aceitasse tal reparação! Deixai-vos essa honra.

– Ah! caro sire, não faleis mais isso! Tal não pode advir. Estou ferido, derrotado, vencido. Não posso mais ficar em pé.

– Não vos esforceis – brada-lhe o amigo e companheiro. – Eu é que estou esgotado e vencido. Não o digo por lisonja, pois não há no mundo ninguém a quem eu preferisse dizer isso, em vez de continuar a batalha.

Falando assim, desceram de suas montarias. Abraçaram-se e cada qual não cessa mais de se declarar vencido. Essa outra disputa dura tão longo tempo que o rei e os barões vêm correndo para junto deles. Vêm que se rejubilam e todos desejam saber por que os cavaleiros fazem tão grande júbilo.

– Senhores – diz o rei –, dissei-vos o que de chofre colocou entre vós essa amizade e essa conciliação, quando o dia todo vos vimos animados de tão grande ódio e discórdia!

– Sire – diz Gawain, sobrinho do rei –, diremos por qual desfortuna nos demos batalha. Eu, que sou vosso sobrinho, não reconheci meu companheiro, sire Ivain que aqui está, até que, com a graça de Deus, finalmente ele indagou meu nome. Dissemos nossos nomes e nos reconhecemos mutuamente após muito combatermos. Se nos tivéssemos entreatado inda um pouco mais, por minha cabeça, meu companheiro me teria matado, por sua valentia e pelo erro dessa que me trouxe a combater aqui. Prefiro que meu amigo me tenha derrotado e não me matado!

– Caro sire – faz Ivain –, estais muito errado de falar assim. Que o rei saiba que nessa batalha eu é que perdi e me declaro vencido.

– Não, eu! – faz Gawain.

– Não, eu! – responde o outro.

O rei fala finalmente. Diz:

– Senhores, há grande amor entre vós. Bem o mostrais quando cada um confessa que está vencido. Deixai que eu decida e vos conciliarei, bem creio, para honra de ambos, e todo o mundo me louvará por isso.

Os dois companheiros juram que farão segundo sua vontade.

Pergunta o rei:

– Onde está a damizela que expulsou a irmã de sua terra e a deserdou por força e má mercê?

– Sire – diz ela –, estou aqui.

– Vinde então! Há longo tempo eu sabia que a havíeis deserddado. Seu direito será reconhecido, pois que o haveis confessado. Tendes de a declarar quite.

– Ah, sire rei, dei-vos resposta leviana e louca. Quisestes pegar-me pela palavra. Por Deus, sire, não cometais erro! Sois rei e deveis guardar-vos de erro ou de equívoco.

– É justamente por isso – responde o rei – que desejo devolver o direito a vossa irmã. Não quero cometer erro. Ouvistes bem que à minha mercê se entregaram vosso cavaleiro e o dela. Cada um deles, para melhor honrar o outro, quer se declarar vencido. Pois que a mim se confiam, ou bem fareis segundo minha vontade tudo o que eu disser ou bem terei de declarar que meu sobrinho é o vencido. Isso causará dano a vosso defensor. Só a contragosto o direi.

O rei quer assim assustá-la e fazer que devolva a herança à irmã, por efeito do medo ao menos, pois é certo que ela nada devolveria por outro meio.

Porque teme o rei, a donzela diz:

– Caro sire, tenho então de fazer segundo vosso desejo, mas sinto o coração mui dorido. Assim farei, por mais que me custe. Minha irmã terá a parcela que lhe cabe. Sereis minha caução para que ela fique mais segura disso.

– Que ela assuma sua parte agora mesmo e se torne vossa mulher-lígia! Amai-a e que ela vos ame como sua senhora e irmã de sangue.

Enquanto tiravam as armaduras dos dois cavaleiros companheiros, eis que o leão vem lentamente rumo a seu senhor. Ao chegar diante dele, grande festa lhe faz. Em enfermaria ou quarto de doente é preciso levar os dois feridos, para que os médicos curem suas chagas. O rei manda-os levar ao cirurgião mais sábio, que cuidou mui bem de suas feridas. Depois que este curou a ambos, sire Ivain, que sem retorno havia posto seu coração em amor, via que não podia continuar vivo, mas de amor seguramente morreria se sua senhora não lhe tivesse compaixão. Pensou que partiria sozinho e iria atacar a fonte. Ali faria tanto cair raios e tanto ventar e chover que, por força e precisão, a obrigaria à paz ou então jamais cessaria de atormentar essa fonte, de fazer chover e ventar.

Portanto, assim que se viu curado e são, sire Ivain partiu sem ninguém saber. Mas levou consigo seu leão, que não queria abandonar pelo resto da vida. Tanto ambos caminharam que chegaram à fonte. Fizeram chover. Não penseis que vos minto, mas foi tão forte a tormenta que não vos poderia contar a décima parte desse prodígio. Parecia que toda a floresta fosse afundar em abismo. A senhora do castelo tinha grande medo que ele desmoronasse. Os muros caíam, a torre tremia. Pouco faltou para ir ao chão. O mais audaz dentre os turcos preferiria ser preso na Pérsia a estar encerrado dentro desses muros! Tal medo tinha toda a gente que maldiziam seus ancestrais. – Maldito seja o primeiro que levantou aqui uma casa, malditos aqueles que fundaram este castelo! Não conseguiriam encontrar lugar mais detestável, pois um único pode nos atormentar e invadir!

Lunete falava à sua senhora:

– Senhora, devo aconselhar-vos a pedir defensor. Não encontrareis alguém que interfira para vos prestar ajuda nesta precisão se não o buscardes mui longe. Jamais descansaremos neste castelo, nem ousaremos passar a porta e os muros. Se reunissem todos vossos cavaleiros para este afazer, os melhores não ousariam adiantar-se, bem sabeis. Se não tendes alguém para defender vossa fonte, sereis chamada louca e vilã. Será certamente mui bela honra quando esse que vos ataca partir sem batalha! Digo-vos: estais em má posição se não descobirdes outra forma.

Respondeu a dama a Lunete:

– Tu que tanto sabes, dize-me como devo fazer. Farei segundo tua opinião.

– Senhora, se soubesse, de bom grado vos aconselharia. Mas teríeis grande precisão de conselheiro mais razoável. Para isso não me ousou imiscuir. Com os outros suportarei o chover e o ventar, até ver em vossa corte, se aprouver a Deus, algum homem honrado que se encarregue de vossa defesa.

– Damizela, não faleis assim. Das pessoas de minha morada não espero que defendam a fonte nem a grande pedra.

– Minha senhora, quem pudesse encontrar aquele que matou o gigante e venceu os três cavaleiros faria bem de o procurar! Mas enquanto ele sofrer a guerra, a ira e o mau grado de sua senhora não há no mundo homem nem mulher a quem não sirva contanto que lhe prometam fazer tudo que puderem para lhe devolver a amizade de sua dama. Ela é tão grande que ele morre de dor.

Diz a dama:

– Estou pronta a vos empenhar minha palavra e a jurar que, se vier a mim sem astúcia nem fingimento, farei paz com ele à sua vontade, se puder.

– Senhora – respondeu Lunete –, permiti-me...

Diz a dama:

– Não fico agastada.

Prontamente Lunete manda trazerem um santuário mui precioso e a dama põe-se de joelhos. Lunete pegou-a no jogo da verdade. Mui cortesmente, faz com que preste juramento segundo as formas.

– Senhora – diz ela –, erguei a mão. Não quero que depois de amanhã me acuseis, pois prestais juramento não por mim mas por vós mesma. Se vos apraz, jurareis fazer todo esforço para que o Cavaleiro do Leão recupere a afeição de sua senhora, como a tinha outrora.

Então a senhora Laudine ergue a mão direita e fala assim:

– Conforme disseste eu digo. Com a ajuda de Deus e de todos os santos, farei sem esquivanja tudo o que puder para devolver ao Cavaleiro do Leão o amor e a graça que ele solicita de sua senhora.

Lunete conduziu bem o afazer! A dama fez como ela anelava. Tiram-lhe do estábulo um palafrém manso de montar. Ela monta, rosto sorridente e coração contente. Encontra sob o pinheiro quem não pensava achar a tão poucos passos. Reconhece-o assim que o vê, por causa do leão. Galopa em sua direção e apeia na terra dura. Sire Ivain a reconheceu assim que ao longe a avistou. Saúdam-se mutuamente. Diz ela:

– Sire, estou mui feliz de vos haver encontrado tão depressa.

– Como? Então estáveis à minha procura?

– Sim, em verdade. Jamais fiquei tão feliz, pois levei minha senhora, se não quiser ser perjura, a ser novamente vossa senhora e vós seu senhor, como outrora.

Sire Ivain rejubila da maravilha que ouve e acreditava nunca mais ouvir. Beija os olhos e o rosto de Lunete.

– Certamente – disse –, minha doce amiga, nunca vos poderei recompensar o bastante por esse serviço. Nunca vos poderei honrar como deveria.

– Sire – diz ela –, não vos preocupeis! Que isso não vos cause cuidado, pois tereis bastante tempo e poder para me conceder vossos benefícios sem esquecer outrem. Fiz o que devia. Não devo receber mais gratidão do que alguém que devolve ao outro o que este lhe emprestou.

– Doce amiga, Deus é testemunha, vós me devolvestes com juros. Partamos agora mesmo. Mas dissestes à senhora quem sou?

– Não, por minha fé. Ela não sabe qual é vosso nome, a não ser Cavaleiro do Leão.

Assim vão eles, o leão sempre atrás. Os três chegam ao castelo. A ninguém dizem palavra antes de estarem diante da dama.

A senhora Laudine rejubila vivamente ao saber que sua donzela trazia o leão e esse cavaleiro que ela tanto queria encontrar.

Todo armado, sire Ivain deixou-se cair a seus pés. Lunete, que estava junto, disse à dama:

– Senhora, erguei-o. Colocai cuidado e esforço em lhe dar paz e perdão, pois, a não ser vós, ninguém mais no mundo o poderia.

Então a dama faz que ele se levante e diz:

– Entrego-me a seu poder! Só quero fazer segundo sua vontade.

– Certamente, minha senhora – diz Lunete –, eu não o diria se não fosse verdade. Em vós está esse poder, muito mais ainda do que vos disse. Mas agora direi a verdade: Deus quer que com bom e duradouro amor vos ameis. Amigo tão bom como este jamais tivestes nem tereis. Minha senhora, deixai de lado o ressentimento. Não há outra além de vós. Este é sire Ivain, vosso esposo.

A essa palavra, a dama sobressalta. Diz:

– Que Deus me salve! Soubeste pegar-me no jogo! Este cavaleiro que não me ama nem me preza, farás que eu o ame mau grado meu? Preferia suportar ventos e tempestades durante a vida toda. Não fosse o perjúrio cousa mui feia e vil, jamais lhe concederia paz ou reconciliação! Sempre em meu corpo dormitaria, como fogo dormita sob a cinza, isso a que quero renunciar, pois com ele tenho de me conciliar.

Sire Ivain percebe então que seus afazeres vão muito bem.

– Senhora – diz ele –, misericórdia! Expiei minha loucura. Era justo que a pagasse. Foi loucura que me fez tardar, e dela me confesso culpado. É grande audácia de minha parte ousar vir diante de vós. Mas, se quiserdes conservar-me, não mais me tornarei culpado.

– Certamente – faz ela –, assim quero, porque seria perjura se não fizesse o que posso para estabelecer a paz entre vós e eu.

– Senhora – diz ele –, quinhentos obrigados! O Espírito Santo venha em minha ajuda! Neste mundo mortal, Deus nunca me fez tão feliz!

Sire Ivain finalmente encontrou a paz. Podeis crer que jamais sentiu tão grande júbilo, após haver sofrido tantas agruras. Ei-lo chegado a bom porto, amado e querido de sua senhora como ela o ama e quer. Não lembra de um só desgosto; esquece-os pelo deleite que tem de sua mui doce amiga.

Lunete tem tudo o que lhe é preciso. É cumulada de todas cousas, desde que fez a paz sem fim de sire Ivain com sua fina e perfeita amiga.

Chrétien termina aqui o romance do Cavaleiro do Leão, pois mais não ouviu contar.

Não queremos mentira acrescentar. Nada mais ouvireis contar.

Apêndice

Quadro dos séculos

Século VI

Uma grande parte das populações bretãs da Grã-Bretanha atravessa o mar e refugia-se na Bretanha armoricana, então pouco povoada. Nascem na Irlanda as narrativas heróicas da *Tain*. Compõem-se vidas de santos e de reis.

No País de Gales, o bardo Aneurin produz as primeiras grandes poesias de celebração e de louvor. Poemas de Taliesin.

Séculos VII e VIII

Os poetas irlandeses escrevem e recitam relatos de navegações maravilhosas (os “imrama”), visões, contos em que os romances bretões do século XII terão sua origem mais remota. A Irlanda é invadida pelos vikings. Os romances épicos reunidos sob o título de *Mabinogion* celebram as aventuras de heróis e heroínas mitológicos (Pwyll, Branwen, Manawyddan). O mundo da magia e o encantamento mágico continuam a desempenhar importante papel. Surge o personagem Artur.

Séculos IX e X

Apesar de os vikings continuarem a infligir novas provações à Irlanda, a literatura maravilhosa e de aventuras continua a se desenvolver. A saga escandinava e a saga islandesa, em plena expansão, confirmam sua influência sobre a saga celta.

Século XI

A literatura francesa apresenta suas *Vies des saints*, tais como a *Vie de Saint Alexis*, e as mais antigas canções de gesta. Desenvolve-se a lenda de Carlos Magno; um de seus episódios dará origem à *Chanson de Roland* no final do século XI.

Na ordem artística, é o século em que se constróem Saint-Philibert de Tournus (1010-1060), Jumièges (1036-1067), a nave da igreja do monte Saint-Michel (1058-1116) e Saint-Savin (1095-1115).

Século XII

A imaginação heróica cria o *Cycle de chansons de Guillaume d'Orange* (1100-1150). Geoffroy de Monmouth escreve uma *Histoire des rois de Bretagne* (por volta de 1137). Na mesma época, Guilherme de Malmesbury compõe uma *Histoire des rois d'Angleterre*. Com o *Cycle d'Alexandre* e o *Cycle latin* nasce o romance francês. Também por volta de 1150 surgem o *Roman de Troie*, o *Roman de Thebes*, depois *Tristan et Iseult* de Béroul. O *Roman de Brut*, do trovador normando Wace, é de

1154. Em meados do século XII a poesia “provençal” atinge o apogeu. Entre 1162 e 1182 Chrétien de Troyes compõe seus romances de aventuras e místicos, contemporâneos dos *Lais* de Marie de France (1160-1175). A Islândia inventa e difunde uma saga de *Tristram et Isvold*, bem como uma *Saga de Perceval*.

Na filosofia, o humanismo platônico triunfa por volta de 1170; em 1172, o poeta alemão Walter von der Vogelweide escreve *Parsifal*. O *Roman de renart*, muito realista e satírico, é de 1177. Em 1195 Robert de Boron compõe a *Histoire du Graal*, romance em prosa. No mesmo momento, Hartmann von Aue escreve na Alemanha um *Érec* e um *Iwein* baseado em Chrétien de Troyes. Em 1197 é representado o *Jeu de Saint Nicolas*, de Jean Bodel.

Na ordem artística:

- Arte românica clássica, 1110-1140.
- Primeiras abóbadas de ogivas em Beauvais, 1127.
- Primeira época da arte gótica, 1140-1200.
- Portal real de Chartres, 1144.
- Fachada de Notre-Dame-la-Grande de Angoulême, 1145.
- Em 1155, Léonin funda em Paris a escola polifônica.
- Em 1170, também em Paris, início da grande polifonia de Pérotin.
- Construção de Notre-Dame de Paris, 1162.
- Construção da catedral de Laon, 1180-1220.

Na ordem política:

- Reinado de Luís VI o Gordo, 1108-1137.
- Reinado de Luís VII o Jovem, 1137-1180.
- Reinado de Filipe Augusto, 1180-1223.
- Em 1152, Leonor da Aquitânia desposa em segundas núpcias Henrique II de Plantageneta, conde de Anjou, depois rei da Inglaterra, que em 1189 dominará mais da metade da França atual.
- Em 1146, São Bernardo prega em Vézelay a segunda cruzada.
- Assassinato de Thomas Becket, 1170.
- Reinado de Ricardo Coração de Leão, 1189-1199.

Início do século XIII

A *chanteuble Aucassin et Nicolette* data do último quarto do século XII ou da primeira metade do XIII.

Conquête de Constantinople, de Villehardouin, em 1213.

Por volta de 1215 é publicado o *Tristan* de Gottfried de Strasbourg.

Na ordem artística:

- Construção do coro de Saint-Etienne de Caen, 1200.

- Catedral de Reims, 1221-1315.
- Sainte-Chapelle de Paris, 1240-1248.

Na ordem política:

- Cruzada contra os albigenses, 1207-1213.
- Batalha de Bouvines, 1214.
- Reinado de São Luís, 1226-1270.

Alguns dos personagens principais

Artur – Filho de Uterpendragon e de sua amante Igraine, esposa em primeiras núpcias do duque de Tintagel. É o grande rei cujo reino abrange a Bretanha insular e a Bretanha armoricana. Sua corte é a mais ilustre. No reinado de Artur acontecem todas as aventuras cortesias e místicas que compõem a matéria dos *Romances da Távola Redonda*.

Ban de Benoic – Senhor de um reino da Bretanha armoricana. Esposo da rainha Helena e pai de Lancelot.

Enide – Filha de Enioul, conde da Cornualha. Esposa de Eric.

Eric – Filho do rei Lac. Os gauleses davam-lhe o nome de Ghereint.

Gawain – Filho de Lot, rei da Orcânia (reino das ilhas Orçadas). Narradas por diversos romancistas, suas aventuras constituiriam um *Romance de Gawain*.

Guinevere – Filha de Leodagan, rei da Carmélida. Esposa do rei Artur, amante de Lancelot.

Igraine – Amante de Uterpendragon enquanto era esposa do duque de Tintagel. Mãe de Artur.

Isolda – Filha do rei da Irlanda. Esposa do rei Marc da Cornualha. Amante de Tristão.

Ivain – Filho de Urien, rei de Reghed (atual Cumberland). Os gauleses davam-lhe o nome de Owein.

Kai – Filho de Antor, que criou também Artur como se ambos fossem irmãos. Primeiro companheiro de Artur e depois senescal da corte.

Lancelot – Com freqüência chamado especificamente de Lancelot do Lago. Filho do rei Ban de Benoic e da rainha Helena. Levado por Viviane para o reino do Lago, onde recebeu sua educação.

Marc – Rei da Cornualha, na Bretanha insular. Esposo de Isolda, tio de Tristão.

Meleagant – Filho do rei Bandemagus. Raptor da rainha Guinevere.

Morgana – Fada. Uma das três filhas de Igraine (esposa de Uterpendragon em segundas núpcias).

Noradin – Ocidentalização do nome de um sultão de Alepo que se tornou lendário (Nureddin Mahmud - 1146-1173).

Sagremor – Sobrinho do rei de Constantinopla. Fiel companheiro de Artur.

Tristão – Filho do rei de Loonois, Rivalen. Amante da rainha Isolda. Sobrinho do rei Marc.

Uterpendragon – Rei de Logres. Amante e depois esposo de Igraine. Pai de Artur.

Principais cavaleiros da ordem da Távola Redonda – Gawain, Eric, Lancelot do Lago, Gonnemant de Gort, o Belo Covarde, o Audaz, Meliant do Lis, Maud o Sensato, Dodin o Selvagem, Gandelu, Ivain o Bravo, Ivain o Abutre, Tristão, Blioberis, Caradec Braço Curto, Caverou de Roberdic, o filho do rei Kenedic, o Valete de Quintareus, Idier do Monte Doloroso, Gaherie, Kai de Estreus, Amauguin, Galoin o Calvo, Girflet, Taulas, Loholt, Sagremor, Beduier o Condestável, Lot, Galegantim o Gaulês, Gronosis o Perverso, Elit, Gaverin de Estrangot, o Cavaleiro da Trompa, o Valete do Círculo de Ouro, Gru o Irado, Lefèvre de Armas, Cavern de Robensac, Grain, Gornevain, Carahes, Tor, Calogrenant, Lucan, Hoel, Cadriolan.

Alguns lugares

Avalon – Local principal do mundo da magia (é uma ilha?). As tentativas de identificação geográfica na Grã-Bretanha e na Armórica resultaram em numerosas pesquisas. Segundo a tradição, o chefe bretão Artur foi transportado para Avalon após a batalha de Camelot (ver introdução), para que as fadas o curassem. Outra tradição afirma que nessa ilha está o túmulo de Artur.

Badon (monte) – Por volta de 510, esse monte assistiu à vitória do Artur histórico sobre os invasores saxões. A batalha é mencionada em 540 nos textos de Gildas. Parece tratar-se das redondezas da atual cidade de Salisbury, mais precisamente do local hoje conhecido como Badbury Rings, no condado de Dorset.

Broceliande – A “floresta de Brechelian” e sua famosa fonte de Barenton são mencionadas pela primeira vez no *Roman de Brut*, de Wace. Essa imensa floresta, que cobria boa parte da Bretanha interior, era um reino de fadas e de encantamentos. O que não foi devastado pelo homem constitui hoje a floresta de Paimpont (Ille-et-Vilaine). Em Broceliande estão a fonte de Barenton, a fonte de Juventa, o túmulo de Merlin. Ali é possível visitar a igreja celta de Trehorenteuc e perder-se no Vale-sem-Volta.

Camelot (batalha de) – Local da batalha vitoriosa em que foi ferido mortalmente o Artur histórico e logo lendário.

Carduel – Capital da terra dos siluros, no País de Gales meridional (atualmente condado de Monmouth). O rei Artur gostava de reunir ali sua corte.

Logres – Reino de Uterpendragon, pai do rei Artur. Às vezes identificado com a Inglaterra. O nome francês (que uma etimologia muito fantasista garante tratar-se do “país dos ogros”) é uma transcrição do gales Lloegyr.

Tintagel – Célebre castelo que se erguia na costa Norte da Cornualha insular. Nele nasceu o rei Artur.

Bibliografia

1. Obras gerais sobre a literatura medieval.
2. Obras gerais sobre os romances bretões ou romances arturianos.
3. Estudos sobre Chrétien de Troyes.
4. Obras sobre Marie de France e os lais bretões.
5. Sobre *Erec et Enide*.
6. Sobre *Cligès ou la fausse morte*.
7. Sobre *Lancelot, le chevalier a la charrette*.
8. Sobre *Yvain, le chevalier ou lion*.

1. Obras gerais sobre a literatura medieval

- Cohen, Gustave: *La grande clarté du Moyen Age*, Nova York, 1943. Nova edição: Gallimard, 1945, ed. col. "Idées", Gallimard, 1968.
- Cohen, Gustave: *La vie littéraire en France au Moyen Age*, Tallandier, 1949.
- Paris, Gaston: *La littérature française au Moyen Age*, Hachette, 1888.
- Réau, Louis e Cohen, Gustave: *L'art du Moyen Age et la civilisation française*, La Renaissance du Livre, 1935.

2. Obras gerais sobre os romances bretões ou arturianos

- Chambers, E. K.: *Arthur of Britain*, Londres, 1927.
- Faral, Edmond: *Les arts poétiques du XI^e et du XII^e siècle*, Champion, 1923.
- Faral, Edmond: *La legende arthurienne*, estudos e documentos, 3 vol., Champion, 1929.
- Fourrier, Anthime: *Le courant réaliste dans le roman courtois en France au Moyen Age*, t. I: *Les débuts du XI^e siècle*, Nizet, 1960.
- Frappier, Jean: "Vues sur les conceptions courtoises dans les littératures d'o'ïl et d'oc", em *Cahiers de civilisations médiévale*, Poitiers, 1959, 2^o ano, n^o 2.
- Frappier, Jean e Jodogne, Omer: "Les Influences antiques sur le roman courtois", em *L'humanisme medieval dans les littératures romanes du XI^e au XIV^e siècle*, Klincksieck, 1964.
- Jones, W. L.: *King Arthur in History and Legend*, Cambridge, 1912.
- Köhler, Erich: *L'aventure chevaleresque. Ideal et réalité dans le roman courtois*, traduzido do alemão por Eliane Kaufholz, prefácio de Jacques Le Goff, "Bibliothèque des Idées", Gallimard, 1974.
- Loomis, R. S.: *Celtic Myth and Arthurian Romance*, Londres, 1930.
- Lot, Ferdinand: "Nouvelles études sur la provenance du cycle arthurien", na revista *Romania*, t. XXVIII, 1899, pp. 1-48 e 321-347.
- Loth, Joseph: *Contribution a l'étude des romans de la Table Ronde*, Champion, 1912.
- Lyons, Faith: *Les éléments descriptifs dans le roman d'aventure au XII^e siècle*, Droz, 1965.

- Marx, Jean: *Nouvelles recherches sur la littérature arthurienne*, Klincksieck, 1965.
- Paris, Gaston: “Études sur les romans en vers de la Table Ronde”, em *Histoire littéraire de la France*, t. XXX, Imprimerie nationale, 1888.
- Paton, L. A.: *Studies in the Fairy Mythology of Arthurian Romance*, Boston, 1903.
- Payen, M.: *Les origines de la courtoisie dans la littérature française médiévale aux XI^e et XII^e siècles*, C. D. U., t. I: 1966; t. II: 1967.
- Rougemont, Denis de: “Tableau du phénomène courtois”, em *Revue de la Table Ronde*, n° 97, janeiro de 1956.
- Rougemont, Denis de: “Le sens du merveilleux à l’époque féodale”, na revista *Le Moyen Age*, Bruxelas, junho de 1956, n° 42.
- Vinaver, Eugène: “A la recherche d’une poétique médiévale”, em *Cahiers de civilisation médiévale*, Poitiers, 1959, 2º ano, n° 1.
- Bulletin bibliographique de la Société Internationale Arthurienne*, publicação anual a partir de 1949, Rennes, Charles Foulon. Publicação anual em inglês a partir de 1966: *Bibliographical Bulletin of the International Arthurian Society*, Oxford.

3. Estudos sobre Chrétien de Troyes

Edições:

- Christian von Troyes: *Sämtliche erhaltene Werke*, 4 vol. publicados por Wendelin Foerster, Niemeyer, Halle, 1884-1898.
- Romans de Chrétien de Troyes*, editados a partir da cópia de Guiot (Bibliothèque nationale, fr. 794), 4 vol., “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1952-1960.
- Guillaume d’Angleterre*, edição de Maurice Wilmotte, Champion, 1927. Tradução em francês moderno de Jean Troitin, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1974.
- Le roman de Perceval ou le conte du Graal*, edição de William Roach, Droz, 1956.
- Perceval le Gallois ou le conte du Graal*, tradução de Lucien Foulet, prefácio de Mario Roques, Stock, 1947. Nova edição: Nizet, 1970.
- Perceval ou le Roman du Graal*, prefácio de Armand Hoog, tradução e notas de Jean-Pierre Foucher e André Ortais, Gallimard, Folio n° 537, 1974.

Estudos:

- Bezzola, Reto R.: *Le sens de l’aventure et de l’amour (Chrétien de Troyes)*, Champion, 1968.
- Cohen, Gustave: *Un grand romancier d’amour et d’aventure au XI^e siècle: Chrétien de Troyes et son oeuvre*, Boivin, 1931.
- Frappier, Jean: *Le roman breton: les origines de la légende arthurienne: Chrétien de Troyes*, C. D. U., 1950.
- Frappier, Jean: *Chrétien de Troyes. L’homme et l’oeuvre*, Hatier, “Connaissance des lettres”, 1957. Nova edição revista e ampliada em 1968.

Lot-Borodine, Myrrha: *La femme et l'amour au XI^e siècle d'après les poèmes de Chrétien de Troyes*, Picard, 1909.

Micha, Alexandre: *La tradition manuscrite des romans de Chrétien de Troyes*, Droz, 1939.

4. Obras sobre Marie de France e os lais bretões

Edições:

Marie de France: Les lais, editado por Jean Rychner, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1971.

Quatro lais de Marie de France (*Guigemar*, *Lanval*, *Le Chèvrefeuille* e *Laostic*) foram publicados por Albert Pauphilet em *Poetes et romanciers du Moyen Age*, “Bibliothèque de la Pléiade”, Gallimard, 1939; edição ampliada em 1952 com novos textos apresentados por Régine Pernoud e Albert-Marie Schmidt.

Traduções:

Marie de France: *Les Lais*, tradução de Pierre Jonin, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1972.

Estudos:

Hoepffner, E.: “Les lais de Marie de France”, em *Revue des cours et conférences*, Paris, 1935.

Hoepffner, E.: *Les lais de Marie de France*, Nizet, 1959.

5. *Sobre Eric e Enide*

Edições:

Texto publicado por Wendelin Foerster, Niemeyer, Halle, 1ª edição: 1890.

Texto publicado por Mario Roques, “Classiques français Du Moyen Age”, Champion, 1952.

Traduções:

Tradução inglesa de W. W. Comfort, com bibliografia muito completa, Londres, 1913.

Versão em prosa moderna de André Mary, Boivin, 1923. Nova edição: Gallimard, 1944.

Tradução de Myrrha Lot-Borodine, “Poèmes et récits de la vieille France”, de Bocard, 1924.

Tradução de René Louis a partir da edição de Mario Roques, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1974.

6. *Sobre Cliges ou a falsa morta*

Edições:

Texto publicado por Wendelin Foerster, Niemeyer, Halle, 1ª edição: 1890.

Texto publicado por Alexandre Micha, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1957.

Traduções:

Tradução inglesa de L. J. Gardiner, Londres, 1912.

Adaptação parcial de André Mary: *La loge de feuillage*, Boivin, 1928. Nova edição: Gallimard, 1947.

Tradução de Alexandre Micha, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1969.

Estudos:

Frappier, Jean: *Cligès*, C. D. U., 1951.

Micha, Alexandre: “Prolégomènes à une édition de Cligès”, em *Annales de l'Université de Lyon*, 3ª série, fasc. 8, Belles Lettres, 1939.

Paris, Gaston: “Etudes sur Cligès”, em *Journal des savants*, 1902.

7. *Sobre Lancelot, o cavaleiro da charrete*

Edições:

Texto publicado por Wendelin Foerster, Niemeyer, Halle, 1ª edição: 1890. Texto publicado por Mario Roques, “Classiques français Du Moyen Age”, Champion, 1958.

Tradução:

Le Chevalier de la charrette (Lancelot), tradução de Jean Frappier, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1962.

Estudos:

Cross, T. P.: *Lancelot and Guenevere, a Study on the Origins of Courthy Love*, Chicago, 1930.

Lot-Borodine, Myrrha: *Trois essais sur le roman de Lancelot*, Champion, 1919.

Paris, Gaston: “Etudes sur les romans de Ia Table Ronde”, em *Romana*, t. X, 1881, pp. 22-29; t. XII, 1883, pp. 459-534; t. XVI, 1887, pp. 700-702.

Ribard, Jacques: *Chrétien de Troyes, le Chevalier de la charrette. Essai d'interprétation symbolique*, Nizet, 1972.

Roques, Mario: “Interprétation du Chevalier à la charrette”, em *Cahiers de civilisation médiévale*, Poitiers, 1958, 1º ano, nº 2.

8. *Sobre Ivain, o Cavaleiro do Leão*

Edições:

Texto publicado por Wendelin Foerster, Niemeyer, Halle, 1ª edição: 1891.

T. B. W. Reid reproduziu a edição de Wendelin Foerster em Manchester em 1943, com uma introdução, notas e glossário.

Texto publicado por Mario Roques, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1960.

Albert Pauphilet publicou uma parte de *Ivain* em *Poetes et romanciers du Moyen Age*, “Bibliothèque de la Pléiade”, Gallimard, 1939; edição ampliada em 1952 com novos textos apresentados por Régine Pernoud e Albert-Marie Schmidt.

Traduções:

Versão em prosa moderna por André Mary, Boivin, 1923. Nova edição: Gallimard, 1944.

Tradução de Claude Buridant e Jean Trotin, “Classiques français du Moyen Age”, Champion, 1972.

Estudos:

Bellamy, Fernand: *La forêt de Bréchéliant et Yvain*, 2 vol., Rennes, 1895.

Brugger, E.: “Yvain and his Lion”, em *Studies in Honor of W. A. Nitze*, Londres, 1941, pp. 267-297.

Frappier, Jean: *Etude sur Yvain ou le Chevalier au lion*, C. D. U., 1952. Nova edição: S. E. D. E. S., 1969.

Guyer, E. F.: “Some of the Latin Sources of Yvain”, em *Romania*, 1911, pp. 108 ss.

Lot, Ferdinand: “Le Chevalier au lion, comparaison avec une legende irlandaise”, em *Romania*, t. XXI, 1892, pp. 67-71.

[11](#) Vereis agora a Távola Redonda / Que gira como o mundo. (N. T.)

[12](#) Cervo acossado que de seda ofega / não deseja tanto a fonte / nem gavião retorna ao reclamo / de tão bom grado, quando tem fome / como (os amantes) desejam / se conhecer nus... (N. T.)

[13](#) Nesse querer meu coração me pôs / – E quem pôs o coração, mui doce amigo? / Meus olhos, senhora / – E quem pôs os olhos? / – A grande beleza que vi em vós. (N. T.)

[14](#) E a noite e o bosque lhe dão / muito desgosto, e inda mais a desgosta / a chuva que a noite e o bosque... (N. T.)